

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS MUDIÁTICOS E PRÁTICAS
SOCIOCULTURAIS

Tayane Aidar Abib

**O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS E O NOVO
PERCURSO NARRATIVO DE ELIANE BRUM: DIÁLOGOS E
TRANSFORMAÇÕES**

Bauru
2017

Tayane Aidar Abib

**O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS E O NOVO PERCURSO
NARRATIVO DE ELIANE BRUM: DIÁLOGOS E TRANSFORMAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru
2017

Abib, Tayane Aidar.

O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações / Tayane Aidar Abib, 2017
220 f.

Orientador: Mauro de Souza Ventura

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2017

1. Jornalismo de Desacontecimentos. 2. Epistemologia da Compreensão. 3. Colunas. 4. Ambiente Digital. 5. Eliane Brum. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de TAYANE AIDAR ABIB, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 31 dias do mês de outubro do ano de 2017, às 15:00 horas, no(a) Sala de Reunião dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MAURO DE SOUZA VENTURA - Orientador(a) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. ANGELA MARIA GROSSI do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP- campus de Bauru e Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Docente DIMAS ANTONIO KÜNSCH do(a) Pós-graduação / Faculdade Cásper Líbero, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de TAYANE AIDAR ABIB, intitulada **O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações** .. Após a exposição, a discente foi argüida o;)mente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros Comissão Examinadora.



Prof. Dr. MAURO DE SOUZA VENTURA



Profa. Dra. ANGELA MARIA GROSSI



Prof. Dr. DIMAS ANTONIO KÜNSCH

TAYANE AIDAR ABIB

O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS E O NOVO PERCURSO
NARRATIVO DE ELIANE BRUM: DIÁLOGOS E TRANSFORMAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Área de Concentração: Comunicação Midiática. Linha de Pesquisa: Processos midiáticos e práticas socioculturais.

Banca Examinadora:

Presidente/Orientador: Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP Bauru/SP

Membro: Prof^a. Dra. Angela Maria Grossi de Carvalho

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP Bauru/SP

Membro: Prof. Dr. Dimas Antônio Künsch

Instituição: Faculdade Cásper Líbero – São Paulo/SP

Bauru, 31 de outubro de 2017

*Aos meus sobrinhos José Francisco e Maria Lumena,
encanto dos meus dias nesses últimos dois anos*

AGRADECIMENTOS

Sou grata, sempre e em primeiro lugar, a Deus, pelos dons recebidos, e a Nossa Senhora, pela graça do seu amor maternal. Obrigada por preencherem a minha existência com o bem supremo da fé.

Aos meus pais Ricardo e Leila, pela doação incondicional à nossa família. Agradeço por sustentarem a minha vida e a de meus irmãos, ensinando-nos sobre os valores que dignificam o ser humano. Por vocês, tudo vale a pena.

Aos meus irmãos, Ricardo Augusto e Maria, por me mostrarem a delicadeza do amor manifesta nos pequenos gestos. Obrigada por serem calma numa vida que teima em apressar.

Aos meus avós Carim, Neide, Jorge (*in memoriam*) e Alice, por serem meu exemplo de zelo, fortaleza e humildade. Sou privilegiada por viver sob este terno amparo.

Ao meu companheiro Luã, por sempre caminhar ao meu lado. Nossos sonhos têm o mesmo valor.

Ao professor Mauro, meu orientador, pela parceria que já completa cinco anos. Obrigada por partilhar seus conhecimentos comigo e por inspirar em mim novas buscas.

A todos os mestres que se dedicam à construção do campo da Comunicação, em especial ao professor Dimas Künsch e à professora Angela Grossi, por gentilmente aceitarem contribuir com esse projeto.

Ao professor Jesús Miguel Flores Vivar e ao IML/UCM, pela acolhida e pelos aprendizados.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão das bolsas de Mestrado (Processo 2015/12073-8) e de Estágio de Pesquisa no Exterior (Processo 2016/13666-5), do qual resulta a presente dissertação, e pelos financiamentos de meus projetos também na Graduação.

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada. Clarice Lispector.1968.

ABIB, Tayane Aidar. **O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações**. 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Bauru, 2017.

RESUMO

Este projeto de pesquisa se dedica a fundamentar um universo de práticas alternativas aos processos jornalísticos difundidos pela cultura profissional, aqui denominado de Jornalismo de Desacontecimentos, a partir da dinâmica produtiva de Eliane Brum. Concentra-se, por isso, em investigar seu atual percurso narrativo como colunista, no ambiente digital, em interface com sua trajetória inicial de repórter, no meio impresso, de modo a evidenciar os aspectos que se preservam e aqueles que evoluem em sua abordagem noticiosa e na configuração de seus escritos. Considera, para tanto, seus textos ao portal *Época*, publicados no livro *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum* (2013), ao portal *El País Brasil*, delimitados entre 2014 e 2015, e sua experiência na cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014, a convite do jornal *Folha de São Paulo*, e organiza-os em função de dois expedientes discursivos: a narração-descrição e a argumentação. Pelo método da compreensão, analisa a manifestação da pauta jornalística de Brum em cada uma dessas vias, entrelaçando a matriz teórica dos Desacontecimentos à epistemologia Complexo-Compreensiva (KÜNSCH), assim integrando novos dispositivos narrativos a essa proposta. Em última instância, com essas articulações, espera promover reflexões de resistência ao agendamento e ao *newsmaking* tradicional, a partir de proposições que privilegiem o movimento ao Outro e o olhar aos contextos e demandas marginalizados pelo interesse público e midiático.

Palavras-chave: Jornalismo de Desacontecimentos. Epistemologia da Compreensão. Colunas. Ambiente digital. Eliane Brum.

ABIB, Tayane Aidar. **O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações**. 2017. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Bauru, 2017.

ABSTRACT

This research is dedicated to establishing a universe of alternative practices to the journalistic processes disseminated by the professional culture, here called Journalism of Unhappenings, from the narrative dynamics of Eliane Brum. It focuses, therefore, on investigating her current course as a columnist in the digital environment, in interface with her initial trajectory as reporter in the press, thus evidencing the aspects that are preserved and those that evolve in her news approach and in the configuration of her writings. The research considers her texts to the portal *Época*, published in the book *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum* (2013), her columns to the portal *El País* Brazil, delimited between 2014 and 2015, and her experience in the coverage of the World Cup of 2014, to the newspaper *Folha de São Paulo*, and organizes them according to two discursive expedientes: narration-description and argumentation. Through the method of comprehension, analyzes the manifestation of Brum's journalistic agenda in each of these ways, in order to associate the theoretical matrix of Unhappenings with the Complex-Comprehensive Epistemology (KÜNSCH) and to integrate new narrative devices into this proposal. Finally, with the articulations, this project hopes to promote alternative reflections to the traditional newsmaking, under proposals that privilege the movement to the Other and the look to the contexts and demands of those marginalized by the public and media interest.

Keywords: Journalism of Unhappenings. Comprehensive Epistemology of Communication. Column. Digital environment. Eliane Brum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Percorso de Investigação fundamentado no método compreensivo.....20

Ilustração 2 – Organização do novo percurso narrativo de Eliane Brum.....62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Copa do Mundo 2014; jornal Folha de São Paulo.....	175
Tabela 2 – A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum; revista Época.....	176
Tabela 3 – Colunas Eliane Brum 2014; <i>El País</i> Brasil.....	179
Tabela 4 – Colunas Eliane Brum 2015; <i>El País</i> Brasil.....	181

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
2. O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS.....	22
2.1 A produção noticiosa tradicional: cultura profissional e saberes específicos.....	22
2.2 O desacontecimento como notícia: o valor do cotidiano e a apuração pelos sentidos.....	29
3 O NOVO PERCURSO NARRATIVO DE ELIANE BRUM.....	43
3.1 O caos em cosmo: a narrativa como resposta.....	44
3.2 O convite à mediação plural: a resistência pela poética dos sentidos.....	48
3.3 A abertura ao Outro: novas configurações sob o mesmo movimento.....	54
4 DIÁLOGOS PELA VIA NARRATIVO-DESCRITIVA.....	63
4.1 O desacontecimento na Copa do Mundo de 2014.....	63
4.1.1 O futebol como caminho para a compreensão social.....	65
4.1.2 Outro olhar na cobertura de megaeventos esportivos.....	69
4.2 O desacontecimento às margens do rio Xingu.....	83
4.2.1 Encontro dialógico com os refugiados de Belo Monte.....	84
4.2.2 Histórias pequenas e uma obra gigante: marcas por escrito.....	94
4.3 O desacontecimento em tessituras de alteridade.....	105
4.3.1 Afeto e ternura nas travessias do comum.....	105
4.3.2 Vinculação na diversidade: arriscando-se ao Outro.....	111
5 TRANSFORMAÇÕES PELA VIA ARGUMENTATIVA.....	122
5.1 O desacontecimento em evolução.....	122
5.1.1 Nas pistas da complexidade e da compreensão.....	130
5.2 Narrativas que tecem e entretecem.....	135
5.2.1 Pelos significados: no quadro envolvente das múltiplas perspectivas.....	140
5.2.2 Pelas vozes: na mistura conciliadora das experiências.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
BIBLIOGRAFIA.....	164
APÊNDICE.....	174

INTRODUÇÃO

Desde o início de sua carreira profissional, em 1989, Eliane Brum experimenta diferentes contextos produtivos no cenário noticioso. Como repórter, atuou onze anos no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e dez anos na revista *Época*, em São Paulo. Desde 2010, trabalha como jornalista *freelance*, dedicando-se à escrita de colunas de opinião, inicialmente para o portal de *Época* e há quase quatro anos para a edição digital brasileira do diário *El País*. Durante a Copa do Mundo de 2014, realizada em julho, no Brasil, Brum também teve a oportunidade de cobrir a seleção brasileira de futebol a convite do jornal *Folha de São Paulo*.

Toda esta trajetória profissional tem sido acompanhada por nossa investigação. Em nível de Iniciação Científica – sob processo FAPESP 2013/06037-3 -, debruçamo-nos sobre o ciclo de atuação de Brum no jornalismo impresso e dedicamo-nos a evidenciar aspectos de divergência entre sua prática e o *modus operandi* dos meios tradicionais, isto é, a destacar elementos que permitem particularizar o seu fazer e distingui-lo da cultura noticiosa partilhada pela comunidade profissional, referenciada por Traquina (2008) como tribo jornalística.

De uma análise deste primeiro período de sua carreira, bem sintetizado nos seus livros-coletânea *A vida que ninguém vê* (2006) e *O olho da rua* (2008), depreendeu-se a delimitação de uma dinâmica jornalística com etapas produtivas próprias, que denominamos Jornalismo de Desacontecimentos. Tal concepção engloba um universo de práticas alternativas aos processos difundidos tradicionalmente, e enfatiza uma espécie de ruptura ou provocação ao agendamento midiático, a partir da escolha jornalística, e também política, de Brum de contar os que estão à margem da sociedade, tornando-os protagonistas de suas narrativas e, assim, privilegiando, em sua cobertura, a abordagem de fatos não-marcados, isto é, “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (SODRÉ, 2009, p.76).

Identificamos, então, no interesse de Brum pelo homem ordinário e pela vivência do comum, expresso sob dispositivos de apuração que mobilizam os cinco sentidos e entrevistas que refletem o diálogo dos afetos (MEDINA, 2006), os traços de um fazer jornalístico desvencilhado do “código de produção dos acontecimentos” (SODRÉ, 2009, p.98) e, nesse sentido, pautado pela anti-notícia ou pelo

desacontecimento, a saber, os protagonistas anônimos e os fatos não abordados pela noticiabilidade dos circuitos tradicionais.

No compasso da pergunta que sempre a motivou como repórter, “descobrir o que dá sentido à existência de cada um e compreender como cada pessoa – em geral com muito pouco – reinventa a sua história (...) o que busco é a poesia – singular, única e intransferível – que cada um arranca dos dias” (BRUM, 2013, p.197), evidenciamos como aspecto definidor das narrativas de Brum o seu “movimento da reportagem” - o despojamento de si para a apreensão dos significados de suas fontes:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008, p. 14).

Essa ideia de abertura encontra concordância teórica com o pensamento de Martin Buber (1982) a respeito da palavra-princípio Eu-Tu e do movimento básico dialógico, que, segundo o autor, consiste no “voltar-se-para-o-outro”, “sair-de-si-em-direção-ao-outro”, “permanecer-junto-ao-outro”, acolhendo-o em sua existência específica. A essa relação dialógica, que permite “tatear para fora dos contornos de si mesmo” (BUBER, 1982, p.55), o filósofo também se refere como encontro genuíno ou tomada de conhecimento íntimo: “significa, em geral, experienciar o Outro como uma totalidade e contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda sua concretude” (BUBER, 1982, p.146-147).

Nesta linha, podemos dizer também que a prática de reportagem de Brum alicerça-se no signo relacional abordado por Medina: a interação social criadora, que disfruta da possibilidade de “estar afeto a” e que “assume o compromisso ético, técnico e estético em relação à realidade”, “aceitando a experiência transformadora do contato com o mundo” (MEDINA, 2014, p.53). Em tais procedimentos, verificamos, assim, uma possibilidade de superação da herança positivista, cujas marcas epistemológicas ainda se fazem notar no jornalismo: “a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase no tom informativo; a busca obsessiva pela precisão dos dados; a fuga das abstrações” (MEDINA, 2008, p. 24).

Considerando a mais nova etapa profissional de Brum, iniciada em 2010 com sua inserção no ambiente digital, propusemos, em nível de Mestrado – sob processo FAPESP 2015/12073-8 -, aprofundar os estudos acerca de sua dinâmica jornalística, tendo como foco os seus trabalhos como colunista nos últimos anos. Isso porque avaliamos este novo percurso narrativo como um espaço fecundo para a coleta de novos subsídios teóricos e para o desenvolvimento de novas interpretações e hipóteses que complementem e aprofundem a concepção de Jornalismo de Desacontecimentos.

Concentra-se, neste sentido, o presente projeto a investigar a arquitetura dos escritos recentes de Brum, a partir da análise, pelo método da compreensão (KÜNSCH), de seus textos ao portal *Época*, reunidos no livro-coletânea *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum* (2013), à edição digital brasileira do *El País*, nos anos de 2014 e 2015, e à *Folha de São Paulo*, durante a Copa do Mundo de 2014. Interessa-nos, assim, compreender como o universo dos desacontecimentos se manifesta diante do novo cenário produtivo de Brum, isto é, identificar as permanências e as transformações, ou evoluções, dos dispositivos e procedimentos jornalísticos de Brum, de modo a evidenciar as possíveis interfaces entre essas configurações e a sua atuação como repórter do meio impresso.

Partimos da premissa de que, mesmo nas colunas, a essência dos desacontecimentos parece se preservar, tanto sob o movimento da reportagem quanto sob o interesse pela abordagem de fatos não-marcados, como indica a própria Eliane Brum no livro *A menina quebrada*: “e assim começou minha coluna, desde o início marcado pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião” (BRUM, 2013, p.14).

Meu pacto com quem me lê parte de algumas regras pessoais, e estas eu não transgriro: 1) tenho de estar tomada pelo assunto, porque essa é a primeira verdade que ofereço; 2) preciso acreditar ter algo a dizer que ainda não foi dito por outros articulistas, ou pelo menos não da forma como eu gostaria de dizer, evitando tomar o tempo das pessoas com um texto que elas poderiam ler em outro lugar; 3) tenho de ter estudado muito antes de escrever, porque o olhar e a ideia são apenas pontos de partida para a investigação que vai permitir a construção de um texto consistente, ainda que algumas vezes essa investigação seja uma trajetória acidentada pelos meus interiores ou memórias (BRUM, 2013, p.15).

No entanto, há que se evidenciar que um gênero jornalístico distinto e um novo ambiente narrativo impulsionam novas demandas analíticas e teóricas. Neste sentido, a esses traços definidores de suas produções, propusemos entrelaçar, ainda, um novo

escopo epistemológico, em conciliação com o próprio horizonte de experimentação proporcionado pelo formato coluna: a complexidade na narrativa.

É frequente eu ser abordada por leitores perplexos: “Nunca sei o que vou encontrar na sua coluna de segunda!”. É exatamente isso. Eu escrevo sobre a vida misturada, para além dos escaninhos das editoriais, e com mais de um estilo, porque cada história pede um ritmo diverso e palavras próprias. E acho que nunca me misturei tanto quanto ao escrever essa coluna, na qual pude incluir minha paixão por literatura e por cinema e também meu gosto por política. Se as divisões arbitrárias de cultura, comportamento, economia, política etc. – ou variações similares – servem para organizar a publicação, qualquer jornalista sabe que uma boa reportagem ou um bom ensaio ou uma boa coluna é misturada, porque a vida não se deixa compartimentar. Ao contrário, ela escapa das definições (BRUM, 2013, p.15).

Acreditamos que este novo contorno possibilitou aos seus textos explorarem uma escrita mais densa e articulada, em sintonia com a origem latina de *complexere*: abraçar. Tal qual pontua Morin (2002, p.06), o pensamento complexo “aspira ao conhecimento multidimensional”, buscando reconectar os domínios separados do conhecimento fragmentado ou disjuntivo. Resiste, portanto, à parcialização do pensamento simplificador e ao predomínio de uma visão mutiladora e unidimensional que, quanto aos fenômenos humanos, traduz-se na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária)” (MORIN, 2007, p.13).

No universo do jornalismo, essa reflexão em torno da epistemologia da complexidade alude às investigações de Dimas Künsch e ao seu trabalho de harmonizar diferentes saberes e pensadores em uma mesma chave teórica - na busca por incorporar, no campo da Comunicação, as ponderações de Morin sobre a necessidade de uma reforma do pensar. Neste sentido, propõe ainda associar o signo da compreensão a esta episteme, como um caminho para a promoção de teorias e narrativas abertas.

Quando se alia à compreensão, pontua Künsch, a complexidade passa a se manifestar como uma possibilidade de tecer enredos com menos conclusões ou explicações e com mais dúvidas e buscas, no sentido invocado pela incompletude e pela necessidade de diálogo. Narrativas, nas palavras de Künsch, com “menos portanto” e “mais talvez”:

O ponto de vista da complexidade convoca o viajante a se enfrontar pelas veredas da contextualização. Dos textos e de seus contextos. Do diálogo com diferentes perspectivas. Da conversa, ao mesmo tempo séria e respeitosa, com uma variedade de saberes. [...] Traz para a rede

de conversação as artes, filosofias, saberes comuns. Como traz também para a conversa o padeiro da esquina e o vendedor de frutas, a criança bem calçada e a de pés descalços...Tanta gente. Polifonia (KÜNSCH, 2010, p.17).

Defendemos, assim, que as produções de Brum neste novo percurso narrativo revelam pontos de encontro com o convite de Künsch à prática jornalística. Por isso, aos traços característicos da matriz conceitual dos Desacontecimentos, que remontam ao período inicial da carreira de Brum no meio impresso, propomos entrelaçar um universo epistemológico mais amplo, pautado na associação da Complexidade e da Compreensão, para a fundamentação de reflexões acerca das práticas alternativas empreendidas por Brum.

Entendemos que os registros de Brum agora se manifestam sob dois expedientes discursivos: a via narrativo-descritiva, que alude à configuração inaugural dos Desacontecimentos e corresponde aos procedimentos jornalísticos de sua atuação como repórter de impresso, e a via argumentativa, que responde à nova demanda da dinâmica produtiva de Brum e parece bem se associar às estratégias e dispositivos da Epistemologia Complexo-Compreensiva. Neste sentido, acreditamos que, muito mais do que dialogar com o campo da Comunicação, a perspectiva da complexidade pode enriquecer a *práxis* jornalística, “ao ajudar a construir uma narrativa que realmente dê conta da sociedade contemporânea”, “valorizar as probabilidades de conexões” e “perceber a realidade com suas diversas formas e múltiplos sentidos” (KÜNSCH, 2010, p.204).

METODOLOGIA

Considerando as obras-referência e o cerne propositivo que sustenta esta pesquisa – de refletir sobre modos alternativos e divergentes dos procedimentos jornalísticos tradicionais - destaca-se neste projeto o empenho em incorporar, também no que diz respeito ao percurso metodológico do conhecimento, uma abordagem pluralista e inclusiva do saber, no compasso das propostas de Morin, Medina e Künsch ao pensamento científico e comunicacional. Trata-se, em outros termos, de acolher como método o signo da compreensão: assumir a sua acepção de “abraçar”, fazer o movimento de abarcar outras disciplinas acadêmicas em nossos estudos, dialogar com formas de saber “para reconhecer tanto sua validade para a construção de conhecimento quanto a necessidade de se ouvir o que essas formas têm a dizer, dada a – irônica? – insuficiência do empirismo para lidar com os fenômenos naturais e sociais” (KÜNSCH et al., 2016, p.09).

Pensa-se, neste sentido, na possibilidade de se aliar, nesta investigação, múltiplas perspectivas, com o intuito de “descobrir novos caminhos de entendimento”, “torná-los mais fortes, mais significativos, mais humanos” (KÜNSCH, 2016, p.11). Do mesmo modo que buscaremos atrelar o sentido ético e intersubjetivo da compreensão à prática jornalística no decorrer deste projeto, esperamos, desde já, aludir também ao seu sentido cognitivo, que versa sobre a produção de conhecimentos a partir da dialogia – entre teorias, autores, saberes e experiências.

O campo da Comunicação, no Brasil, passa por um momento que poderíamos chamar de autoenclausuramento: a busca por uma delimitação o mais das vezes fechada de seu objeto, de seus métodos e referenciais teóricos, além de se tentar construir uma autoidentidade científica digna de um Augusto Comte, pai do Positivismo – daí decorrem tentativas de mimetizar as ciências naturais, duras, com certa sobrevalorização de estudos quantitativos e a rejeição de formas como o ensaio, a condenação da autonomia autoral, a ojeriza por linguagens simbólicas e outros vícios (KÜNSCH,2016, p.08).

Martino (2014, p.29) contribui com a reflexão ao ponderar que a compreensão como método leva em consideração a epistemologia “como espaço da alteridade com o qual se dialoga”, como abertura para reconhecer que, “diante da complexa unidade da realidade, conceitos podem dialogar – afinal, estão falando de recortes diferentes de um mesmo mundo”. O pensamento compreensivo, assim, “opera observando que os discursos teóricos só podem ser entendidos em suas articulações tensionais”: “o diálogo entre saberes implica o reconhecimento compreensivo da alteridade epistemológica”.

Caminhando por essas vias, esforçamo-nos por desenvolver nossa pesquisa sob a base conciliadora do método compreensivo, explorando pontos de conexão entre o jornalismo e diferentes áreas do saber. Nosso trabalho, desta forma, busca promover encontros entre a comunicação e a filosofia, a história oral, a psicologia, a física, a psiquiatria e a sociologia do esporte, arriscando-se a, também no plano da escrita, articular apontamentos teóricos e analíticos – entrecruzando fundamentação teórica e inferências.

Delineamos, neste sentido, um trajeto de pesquisa que responde à própria sequência discursiva do título – “O Jornalismo de Desacontecimentos e o novo percurso narrativo de Eliane Brum: diálogos e transformações” - e, assim, perpassa quatro etapas de estudo: O Jornalismo de Desacontecimentos, o novo percurso narrativo de Eliane Brum, diálogos pela via narrativo-descritiva e transformações pela via argumentativa. No primeiro capítulo, apresentamos introdutoriamente o universo conceitual inaugural do Jornalismo de Desacontecimentos e os valores e técnicas característicos à prática noticiosa de Brum em sua atuação no meio impresso, aludindo às formulações de Sodré e Traquina sobre a dinâmica produtiva tradicional, à Medina sobre a dimensão do sensível na profissão e à Certeau sobre o valor do cotidiano.

No capítulo seguinte, tratamos dos dispositivos reflexivos que acionaremos na busca por compreender o novo ciclo profissional de Brum – como colunista, no ambiente digital -, aprofundando as ideias, sinteticamente comentadas aqui, da reforma do pensar (MORIN), e estendendo este convite ao campo jornalístico. Integrada a essa discussão, abordamos a questão da alteridade e do movimento ao Outro (MARCONDES FILHO; MARTINO; KÜNSCH; MEDINA), evidenciando em tais articulações os elementos-chave e essenciais na narrativa de Brum. A partir deste primeiro momento de exposição dos conceitos e perspectivas-guia de nosso projeto, passamos às análises da atual configuração dos desacontecimentos nas produções mais recentes de Brum.

As definições dos capítulos 4 e 5, neste sentido, resultam de nossa interpretação acerca do novo momento profissional de Brum, e já indicam a nossa forma de mirar o *corpus*. Trata-se de uma organização que assinala os modos pelos quais compreendemos a manifestação do universo dos desacontecimentos nos atuais textos de Brum: a abordagem de fatos não-marcados que se expressa ora por caminhos de narração-descrição, ora por vias de argumentação. O capítulo 4, assim, reúne as produções de Brum que se tecem sob o expediente descritivo e que apresentam como

traço comum o interesse pelo cotidiano e pelo protagonismo dos anônimos, através da apuração sensível aos detalhes e da abertura dialógica às fontes. Preservam, por assim dizer, o contorno característico à ideia inaugural dos desacontecimentos e mantém um diálogo próximo com a atuação de Brum no jornalismo impresso.

De modo a enriquecer o estudo desses registros, e em observância à proposta do método compreensivo, recorre-se a outras áreas do conhecimento para o desenvolvimento das análises: as matérias de Brum sobre a Copa do Mundo de 2014, para o jornal *Folha de São Paulo*, são investigadas segundo a ótica da Sociologia do Esporte e dos apontamentos de autores como DaMatta, Barthes, Huizinga e Nelson Rodrigues; a cobertura sobre a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, às margens do Xingu – pauta cara ao jornalismo de Brum –, é pensada em consonância com a Filosofia do Encontro, em Buber, a relação com o Outro, em Lévinas, e o diálogo, em Bohm. Este capítulo ainda conjuga as narrativas de Brum, para o portal *Época* (no livro *A menina quebrada*) e para o *El País* Brasil, que se tecem sob a dimensão da ternura e do afeto; e, para tanto, fundamentando-nos nas abordagens de Goleman, Sodré, Medina e Restrepo.

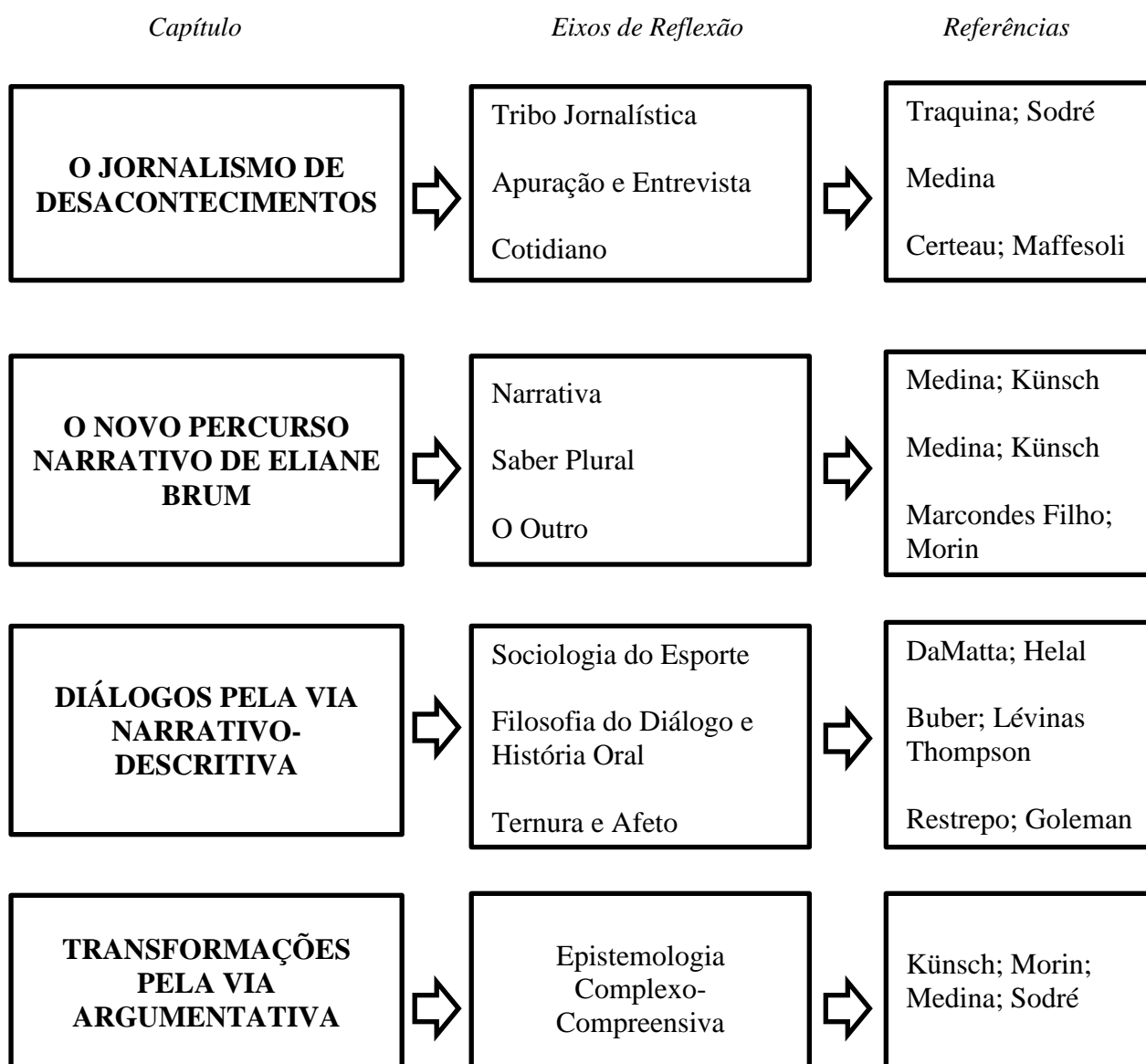
No capítulo 5, busca-se entrelaçar os textos do *corpus* nos quais se evidencia de maneira mais nítida os novos traços da escrita de Brum sob o formato coluna, isto é, a evolução ou o aprofundamento do universo dos desacontecimentos que se revela sob o expediente da argumentação e da mirada complexa (MORIN) às questões contemporâneas. Por isso, as análises dessas colunas são atravessadas pela proposta de epistemologia complexo-compreensiva ao jornalismo, de Dimas Künsch, e ramificam-se em duas vertentes: as produções que se constroem, ou são tecidas e entretecidas – aludindo ao sentido de *complexus* -, pelos significados, assim manifestando uma abordagem contextual ou indagativa de fatos políticos, culturais e sociais; e pelas vozes, indicando a mistura de tons narrativos assumidos por Brum para tratar determinados assuntos – produções que mesclam a experiência pessoal e profissional de Brum com a vida de seus interlocutores.

Por fim, destaca-se que as análises deste projeto também resultam de uma investigação de campo realizada em Madrid, na Espanha, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2017, como parte de um estágio de pesquisa desenvolvido na Universidad Complutense de Madrid, sob financiamento da FAPESP (processo BEPE 2016/13666-5), com a supervisão do prof. Dr. Jesús Miguel Flores Vivar, para coleta de dados e

entrevistas, junto a profissionais do *El País*, referentes à atuação de Eliane Brum nas edições digitais do diário no Brasil, na Espanha e na América Latina.

Todos os resultados dessa pesquisa são apresentados em três âmbitos principais, a saber: a) Identificação de novos elementos teóricos e interpretativos para continuidade da caracterização do Jornalismo de Desacontecimentos; b) Verificação da presença (ou não) de procedimentos constitutivos do Jornalismo de Desacontecimentos no novo percurso narrativo de Eliane Brum – suas colunas de opinião e suas reportagens esportivas; c) Observação das novas configurações narrativas de Eliane Brum e de suas divergências para com os valores e técnicas difundidos pelo jornalismo tradicional.

Ilustração 1 – Percurso de Investigação fundamentado no Método Compreensivo



Fonte: Tayane Abib

PROBLEMA

Diante do contexto em que esta pesquisa se insere, delimita-se como problema a seguinte questão-norte: como o Jornalismo de Desacontecimentos se manifesta, ou se transforma, no novo percurso narrativo de Eliane Brum?

OBJETIVO GERAL

Estudar e identificar, no novo percurso narrativo de Eliane Brum, aqueles elementos que permitem caracterizar e definir o que estamos denominando de Jornalismo de Desacontecimentos, aqui concebido como um modo de produção jornalística centrado na apropriação de fatos que costumam ser desconsiderados pelo cânone da cultura jornalística (SODRÉ, 2009; TRAQUINA, 2008).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Aprofundar o conceito de Jornalismo de Desacontecimentos buscando explorar novas hipóteses e subsídios teóricos para a compreensão do jornalismo praticado por Eliane Brum;

b) Verificar novas possibilidades de linguagem, valores e técnicas jornalísticas a partir do estudo das temáticas e dos personagens presentes nos textos que compõem o *corpus* da pesquisa, de modo a apontar possíveis permanências e transformações em seu fazer jornalístico;

c) Mostrar de que forma os novos formatos e dispositivos narrativos de Eliane Brum configuram uma prática jornalística que se diferencia dos procedimentos da mídia tradicional.

2 O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS

O primeiro capítulo desta dissertação dedica-se a apresentar a matriz teórica inaugural do Jornalismo de Desacontecimentos¹, explicitando os fundamentos constitutivos da prática jornalística de Eliane Brum enquanto repórter do meio impresso. Interessa-se, neste sentido, em caracterizar as técnicas e valores noticiosos assumidos por Brum no período inicial de sua carreira, no jornal *Zero Hora* e na revista *Época*, tratando de sublinhar aqueles elementos que permitem singularizar a sua dinâmica produtiva e contrastá-la com os procedimentos dos meios de comunicação tradicionais.

Empreende, por isso, um primeiro trajeto de estudos em torno do *modus operandi* convencional, de modo a destacar a cultura noticiosa compartilhada pela comunidade profissional. A partir de então, foca-se em compreender os princípios e dispositivos jornalísticos acionados por Brum no plano da narrativa, na busca por delinear um universo de práticas alternativas ao cenário tradicional – realçando, assim, o desacontecimento como uma espécie de resistência e contraponto ao agendamento e ao *newsmaking* da grande mídia.

Com essas bases lançadas, pode-se, então, explorar o novo percurso narrativo de Eliane Brum, refletindo sobre as possibilidades de diálogo e transformação entre os dois ciclos profissionais de sua carreira e, assim, aprofundando as interpretações e subsídios para a construção do repertório conceitual do Jornalismo de Desacontecimentos – o objetivo central da presente investigação.

2.1 A produção noticiosa tradicional: cultura profissional e saberes específicos

A configuração atual do jornalismo nas sociedades democráticas remete ao desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa, no século XIX. Com a intensa expansão dos jornais, a criação de novos empregos foi impulsionada e um número crescente de pessoas passou a se dedicar integralmente a atividade jornalística. Escreve Traquina (2005) que, a partir da *penny press*, consolidou-se a demarcação de fronteira entre informação e opinião, possibilitando o estabelecimento de um novo conceito de

¹ Elaborada em projeto de Iniciação Científica, com respaldo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e constante no processo 2013/06037-3.

notícia, constituído por valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a independência, a liberdade e a noção da prestação de serviço público.

Essa realidade permitiu aos jornalistas fortalecerem-se enquanto grupo social e à notícia definir-se enquanto um saber a ser aprendido e vendido. Com a comercialização da imprensa, a informação adquiriu o *status* de mercadoria – percepção essa facilmente evidenciada com o surgimento de uma imprensa mais sensacionalista – e o jornalismo passou a se inserir enquanto ofício remunerado, firmando-se, assim, no meio social, como profissão, impulsionado pela formação de clubes, associações e sindicatos. A título de curiosidade, nos Estados Unidos, um clube exclusivo, denominado *Washington's Correspondents Club*, foi organizado em 1867. Desta data em diante, outras cidades, na América do Norte e na Europa, presenciaram os indícios da formação de uma nova comunidade profissional.

Neste cenário, é importante ressaltar que, além da constituição de associações e de grupos, o desenvolvimento de instituições de ensino dos jornalistas exerceu influência fundamental na profissionalização da atividade. Já no início do século XX, Estados Unidos e França introduziram formalmente uma instrução jornalística no ensino superior, na qual antigos homens dos jornais eram os responsáveis por ministrarem as aulas. Evidencia-se, assim, a presença de um vínculo a atrelar a profissionalização do jornalismo ao desenvolvimento do capitalismo e aos consequentes processos de industrialização e educação em massa.

Todos esses fatores atravessam a formação da ideia do jornalista como portador de conhecimento e a existência de autointeresses próprios de um grupo, na consolidação de um *ethos* específico a orientar a partilha de procedimentos técnicos e valores-guia entre membros de uma comunidade a que Traquina (2005) se referiu como tribo jornalística. A formulação do investigador português alude às reflexões de Zelizer (2000) sobre as dimensões alternativas ao âmbito do profissionalismo. Ao analisar dois acontecimentos centrais à história do jornalismo americano – o *Watergate*² e o *Mccarthismo*³ -, a autora sugere que os jornalistas “não só usam o discurso para dar

² Um dos maiores escândalos de política interna na história dos Estados Unidos. A suspeita de espionagem política foi investigada pelos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal *Washington Post*, e culminou com a renúncia do presidente americano Richard Nixon, na década de 1970. A cobertura deste episódio é referenciada como um “momento de orgulho na história do jornalismo americano” (Broder, 1987 apud Zelizer, 2000).

³ Alude a um período de repressão política aos comunistas promovida pelo senador republicano Joseph McCarthy, do Wisconsin, na década de 1950. As acusações de subversão ou traição eram impostas sem respeito às evidências e com violação dos direitos individuais. O caso foi pouco evidenciado na cobertura

sentido à prática jornalística, mas o fazem de forma a assimilar elementos dessa prática negligenciados pelas interpretações formalizadas da profissão” (ZELIZER, 2000, p.33). Neste sentido, sua abordagem se lança a compreender:

De que modo os jornalistas atribuíram a si próprios o poder de interpretação, o que levou a que certos tipos privilegiados de narração tivessem sido adotados pelas organizações noticiosas, e de que forma a estrutura narrativa ajudou os jornalistas a neutralizar outras descrições menos fortes ou menos coerentes do mesmo acontecimento (ZELIZER, 2000, p.36).

Enfoca, neste sentido, na atribuição de significados que os jornalistas conferem a si mesmos, no estabelecimento daquelas convenções tácitas e negociáveis que fazem com que essa comunidade se defina por suas associações informais em torno de interpretações compartilhadas, e que produzem indicadores que ajudam a compreender como os jornalistas constroem – informalmente – narrativas e definições do que é considerada uma prática adequada.

Fundamentado nesses estudos, Traquina (2005) desenvolve uma análise comparativa de notícias sobre a problemática das AIDS em cinco jornais, de quatro países diferentes - Portugal, Espanha, Brasil e Estados Unidos –, e constata que os jornalistas, nos diferentes países, assumem um mesmo agendamento e uma cultura noticiosa comum. Da pesquisa realizada pelo autor, depreende-se que a unidade de análise privilegiada pelo jornalismo é o acontecimento, em concordância com o que indica Tuchman (1993, p.74): “o ritmo do trabalho jornalístico leva-os a privilegiar os acontecimentos porque estes são mais passíveis de serem integrados na teia da facticidade”.

Traquina (2005) identifica, assim, saberes específicos que caracterizam a cultura profissional da comunidade jornalística: as maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar de seus membros, aspectos que se constituem, respectivamente, nos saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração com relação a esses acontecimentos. Trata-se do “domínio de técnicas de recolha de informação, de elaboração de estruturas narrativas bem precisas, e de uma linguagem específica – o jornalês” (TRAQUINA, 2005, p.116).

O primeiro saber corresponde ao “faro jornalístico” do profissional, que o leva a enquadrar a notícia segundo os parâmetros dos critérios de noticiabilidade. O segundo

jornalística americana, constituindo-se como exemplo “do que não se deve fazer como repórter” (ZELIZER, 2000: 232).

se refere aos métodos empregados pelo jornalista na captação das notícias e dos fatores nelas envolvidos, como a apuração e a entrevista; enquanto o último versa sobre a etapa final desses processos, com a estruturação das informações segundo as técnicas de *lead* e pirâmide invertida, difundidas pelos manuais de redação dentro das organizações jornalísticas. Todo esse aparato de produção noticiosa, para Lage (2005), objetiva concentrar o foco do discurso no referente factual. Assim, os elementos subjetivos presentes no discurso informativo são reduzidos ao mínimo, de modo a reafirmar a tonalidade objetiva defendida como valor pela tribo jornalística.

Os dados coletados por Traquina (2005), neste sentido, ancorados na perspectiva histórica de consolidação do jornalismo enquanto profissão e na conseqüente formação de um *ethos* próprio, indicam a presença de uma cultura noticiosa comum a pautar os registros da grande mídia:

Antropologicamente falando, a comunidade jornalística é uma tribo, e as características e ideologia dessa tribo são um fator crucial na elaboração do produto jornalístico. Postulamos agora que esta comunidade interpretativa chamada jornalistas é uma comunidade transnacional, uma diáspora, espalhada pelo mundo (TRAQUINA, 2005, p. 190).

Seguindo a linha conceitual do jornalismo como comunidade interpretativa transnacional, Sousa (1999) apresenta um processo característico à rotina de um meio jornalístico: o de socialização. Para o autor, ao ingressar no universo corporativo, o profissional se envolve com processos que o levam a aculturar-se na organização, de maneira a ter suas atitudes, comportamentos e até mesmo sua identidade moldada segundo as diretrizes nela difundidas. No entanto, as ponderações de Sousa não são deterministas e também consideram a possibilidade de uma influência pessoal do jornalista em seu meio, de modo a relativizar os papéis organizacionais.

A socialização, desta forma, deve ser entendida como um processo de interação entre os próprios membros e entre esses e a comunidade jornalística. De acordo com o autor, a organização tem de ser pensada em dialogia com seu contexto, com grau de abertura relativo ao ambiente em que se insere.

Para mim, um dos perigos da socialização no jornalismo é o encerramento do sistema jornalístico-organizacional sobre si próprio, já que esse encerramento pode levar à manutenção indesejável de um sistema auto-referencial, que vai criando e retro-alimentando referências e que se revela nas práticas e nas rotinas, sem se abrir a referências externas que poderiam ser proveitosas, face às funções que as pessoas esperam (ou deveriam esperar) do jornalismo numa

sociedade aberta, plural e verdadeiramente democrática (SOUSA, 1999, p.91).

Evidencia-se, neste sentido, que da cultura profissional difundida entre a tribo resulta um conjunto de valores e procedimentos que compõe a identidade jornalística e que orienta a própria lógica produtiva das notícias. Tal qual observa Traquina (2005, p.206), “não é possível compreender a notícia sem uma prévia compreensão da cultura do campo jornalístico”. A configuração do conteúdo noticioso, portanto, advém dessa partilha de estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas entre os jornalistas e define-se segundo os critérios de noticiabilidade - as unidades essenciais da cultura jornalística e responsáveis por determinar se um acontecimento é susceptível ou não de se tornar notícia.

Nesta mesma linha, e complementando as análises anteriores, Sodré articula o conceito de notícia às dinâmicas partilhadas pela comunidade profissional:

A notícia constitui-se como o relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. [...] Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da ‘cultura’ jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa (SODRÉ, 2009, p.71).

Também Traquina (2005, p.180) descreve que o acontecimento, “um imenso universo de matéria-prima”, deve ser estratificado a partir da “seleção do que irá ser tratado, ou seja, da escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir existência pública de notícia, numa palavra – ter noticiabilidade”. As notícias, neste sentido, “são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (idem). O ponto central desta reflexão, por assim dizer, é precisamente compreender que há um conjunto de elementos e fatores a determinar a noticiabilidade dos acontecimentos.

Os valores-notícia, deste modo, nada mais são do que o resultado de um acordo tácito entre a tribo jornalística, a indicar o potencial informativo para publicação, ou não, dos fatos. Em consonância com Wolf (1987), pode-se compreender os valores-notícia como um conjunto de elementos acionados pela comunidade jornalística para selecionar quais acontecimentos serão veiculados. A noticiabilidade, assim, segundo Sousa (1999), resulta do encontro de vários condicionantes principais:

A seleção e a hierarquização informativa de acontecimentos e dados sobre esses acontecimentos passam por critérios que parecem partilhar (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional (como a inter-relação desta com os restantes *news media*), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e económico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio (SOUSA, 1999, p. 54).

Apesar de os valores-notícia não serem estruturas invariáveis, é possível verificar certa homogeneidade no cerne da cultura profissional. A seleção de notícias com base em tais critérios tende a tornar semelhante o conteúdo dos meios de comunicação e a padronizar a cobertura noticiosa, de modo a também marginalizar muitos assuntos – aqueles que não se enquadram nos critérios e nas formas rotineiras e convencionalizadas de fazer jornalismo. Com isso, nem toda a informação com interesse social e carga relevante chega, por consequência, ao conhecimento público através da pauta dos meios jornalísticos tradicionais.

A notícia acaba, então, conforme pontua Traquina (2005, p.30), por ser uma parte seletiva da realidade. Por isso, o mundo oferecido aos leitores nada mais é do que uma imagem refratada que passa através de um “prisma” – os valores-notícia da comunidade jornalística. Pierre Bourdieu (1997, p.19), ao discutir a questão, vale-se do termo “óculos”. Para o autor, o jornalismo é um microcosmo e os jornalistas partilham “estruturas invisíveis que organizam a percepção e determinam o que vemos e não vemos”. Escreve Bourdieu: “os jornalistas têm ‘lentes’ especiais através das quais veem certas coisas e não veem outras, e através das quais veem as coisas que veem da forma especial por que as veem”.

Como as notícias “refletem o *ethos* especializado da comunidade jornalística e são modeladas pelas suas estruturas e processos” (TRAQUINA, 2008, p.23), faz-se preciso, nas palavras do estudioso português, “estabelecer uma tipologia dos acontecimentos”, isto é, estabelecer “que tipo de acontecimento” alcança a noticiabilidade. Há muitos estudos que elencam os valores que tornam um acontecimento noticiável. Galtung e Ruge (1965) foram um dos primeiros autores a chamarem a atenção para a existência de critérios de noticiabilidade que se sobrepunham à ação pessoal do *gatekeeper*, embora sem a eliminar, e que determinariam as possibilidades de uma mensagem passar pelos vários *gates* numa organização noticiosa.

Nesta pesquisa, considera-se os valores formulados por Traquina (2005), com foco especificamente sobre os critérios de seleção, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia. A título de exemplificação, lista-os: morte, notoriedade (destaque ou visibilidade do ator principal), proximidade (geográfica ou cultural), relevância (impacto do acontecimento), novidade, tempo (atualidade), notabilidade, inesperado, conflito e infração. Todos esses critérios dizem respeito à capacidade que um acontecimento tem de irromper a realidade, isto é, de surpreender a expectativa da comunidade jornalística e do que ela acredita ser a expectativa de seus receptores.

É válido ressaltar ainda que, ao estudar a história do jornalismo, delimitando em três momentos distintos o recorte temporal acerca da produção da notícia, Traquina (2005) verifica uma semelhança na escolha dos critérios e procedimentos jornalísticos ao longo de quatro séculos. No primeiro período, as primeiras décadas de 1600, os valores-notícias são destacados das “folhas volantes” – como eram denominados os jornais da época, criados para satisfazer a curiosidade dos acontecimentos, noticiando assuntos referentes a assassinatos, celebridades e fatos insólitos. No século XIX, nos anos 30 e 40, surgem as raízes do jornalismo tal qual se conhece atualmente, com um modelo de produção que valoriza as notícias factuais, acessíveis e atrativas, com caráter mercadológico. Em uma terceira fase, nos anos 70 do século XX, o jornalismo expande-se e tem sua prática aprimorada, com a crescente utilização do *lead* e da entrevista, que passariam a gerar a padronização da notícia.

Diante de um cenário produtivo que demonstra pouca variação em termos de conteúdo noticioso, cabe reproduzir a provocação de Mitchell Stephens:

É surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter se dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado com ao atual, ao legal como ao ilegal, à paz com a guerra, ao bem-estar como à calamidade e à morte? (STEPHENS, 1993, p. 34).

Estimulada por esses questionamentos, e na busca por refletir sobre dinâmicas produtivas alternativas às práticas convencionais, desvencilhando-as de valores e técnicas partilhados pela tribo jornalística, o presente projeto se dedica a investigar o universo do Jornalismo de Desacontecimentos. No próximo subitem, assim, este

trabalho assume um caráter propositivo: a partir da análise das produções de Brum⁴ – delimitadas entre o ano de 1989 a 2008 – identifica procedimentos de reportagem e agendamento distintos da cultura noticiosa tradicional.

2.2 O desacontecimento como notícia: o valor do cotidiano e a apuração pelos sentidos

Para compreender o cerne propositivo do jornalismo de Eliane Brum, é preciso evidenciar as diferenças conceituais e práticas existentes entre os seus registros e os da grande mídia. Após uma breve primeira etapa de estudos acerca da comunidade profissional; espera-se, nesta fase da pesquisa, mostrar que Brum assume uma acepção alternativa de notícia, assim como mobiliza procedimentos técnicos e narrativos divergentes daqueles partilhados pela tribo, de modo a fundamentar valores de resistência e embate à cultura jornalística convencional.

Isso porque Brum centra sua narrativa jornalística na apropriação de desacontecimentos - como uma espécie de provocação à escolha dos grandes meios de comunicação em noticiar ‘o homem que morde o cachorro’⁵ -, assim incorporando outro código de produção, destoante daquele tradicional, explicitado por Sodré (2009) em suas *Notas para uma teoria do acontecimento*. Na obra em questão, o autor discute a especificidade da notícia enquanto “estratégia de constru o e comunica o do acontecimento” (p.15), abordando alguns pontos que merecem ser retomados a fim de complementar nossas análises.

Ao discorrer sobre o discurso do acontecimento, pontua Sodré (2009, p.62) que a matéria-prima jornalística   o fato bruto ou a ocorrência, isto  , a totalidade daquilo que   dado   intui o empírica.   ele o ponto de partida do acontecimento:

⁴ Conforme mencionado no início desta disserta o, o primeiro capítulo reserva-se a apresentar a caracteriza o do Jornalismo de Desacontecimentos sob um recorte temporal que abrange a carreira de Brum no jornalismo impreso, a partir de suas produ es para o jornal Zero Hora e a revista época, reunidos nos livros *A vida que ninguém v * (2006) e *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008) – corpus de análise de projeto de Inicia o Científica fomentado pela FAPESP entre 2013 e 2014. Os capítulos seguintes tratarão de novas abordagens a partir do novo percurso narrativo de Brum no ambiente digital.

⁵ Alusão   frase c ebre “se um cachorro morde um homem, não   notícia, mas, se um homem morde um cachorro,   notícia”, de Amus Cummings, ex-editor do The New York Sun, que se inscreveu na tradi o das reda es como uma fórmula a ser seguida, devido ao seu valor de ruptura ao padrão rotineiro de expectativas quanto aos fatos sociais.

Parte-se do ‘fato em bruto’ (ou ‘fato bruto’), isto é, das qualidades ainda indiferenciadas de uma ocorrência, para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidades de acesso argumentativo ao ‘fato social’. Um modelo mais esquemático dessa gênese: à emergência da ocorrência ou fato em bruto, segue-se a busca social de sentido para ela e, finalmente, a sua neutralização explicativa pela narrativa do acontecimento (SODRÉ, 2009, p.73).

Depreende-se, deste modo, que o acontecimento resulta de parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, de uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, “em função da cultura jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa” (SODRÉ, 2009, p.71). Podemos, então, dizer, já dialogando com os estudos de Traquina (2005) sobre tribo jornalística apresentados no item anterior, que o acontecimento resulta das interpretações partilhadas entre a comunidade jornalística, isto é, organiza-se e estrutura-se segundo os saberes de reconhecimento (valores-notícia), procedimento (apuração e entrevista) e narração (redação). Para se referir a essas operações, Sodré (2009, p.38) usa o termo ‘enquadre’, um sistema de referências e esquemas interpretativos que se afina com a cultura de um grupo específico e atribui sentido à ocorrência.

Por responder a um código de produção que decorre de um pacto implícito na comunidade profissional sobre a natureza da pauta jornalística, o acontecimento refere-se propriamente aos critérios de produção da notícia.

O que chamamos de acontecimento jornalístico é um fato marcado mais determinado para o sistema da informação pública do que outros existentes, tidos como não-marcados para a formação de um conhecimento sobre a cotidianidade urbana. A marcação define a noticiabilidade de um fato por critérios, concebidos como valores adequados ao acontecimento: os valores-notícia (*news values*). Estes se constituem como tais, não por serem únicos, incomparáveis ou irrepetíveis, mas por determinarem singularmente categorias de organização ou controle dos fluxos (econômicos, sociais, políticos) que atuam no espaço urbano (SODRÉ, 2009, p.75).

Assume-se como acontecimento, portanto, fatos semioticamente marcados, ou seja, que se moldam de acordo com os valores-notícia difundidos entre a comunidade profissional ou, como prefere Traquina (2005), entre a tribo jornalística. As especificações em torno desses dependem do autor adotado, conforme mencionado anteriormente, mas, na rotina das pautas profissionais, costumam ter destaque os valores

de imprevisibilidade, hierarquia social dos personagens implicados e o provável impacto sobre o público-leitor.

É por isso que, sob a ótica de Martini (2000, p.30), “o acontecimento significa uma ruptura em qualquer âmbito, privado ou público, que se destaca sobre um fundo uniforme e constitui uma diferença, definindo-se pelos efeitos no tempo e no espaço em que ocorre”. É essa a essência do conceito de notícia difundido pelo cânone jornalístico. E é também devido à partilha dessas interpretações pela cultura jornalística que se observa uma padronização da informação nos moldes de “um jornalismo em pacote”, tal qual afirma Traquina (2005, p.26), e parece concordar Sodré (2009, p.73): “a realidade é que grande parte dos acontecimentos transcorre em pautas ou roteiros já fortemente codificados pela produção midiática”.

É por não compartilhar com tais esquemas interpretativos (Zelizer, 2000) e com os saberes específicos da tribo (Traquina, 2005), ou, ainda, com o enquadre da cultura profissional (Sodré, 2009), que se afirma, nesta pesquisa, que Eliane Brum caminha na vertente oposta da mídia convencional. Ao narrar o cotidiano de pessoas anônimas, Brum define sua prática pela apropriação de fatos não-marcados, isto é, “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (SODRÉ, 2009, p.76). Ao se interessar por histórias rotineiras de gente comum, Brum rompe com o “código de produção dos acontecimentos” (SODRÉ, 2009, p.98) e desvincula-se do fazer midiático tradicional, centrando-se, assim, na noticiabilidade do desacontecimento.

A carne da minha reportagem são os ‘desacontecimentos’, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma repórter de desacontecimentos (BRUM, 2013, p.13).

Ao fugir da vala comum da pauta, de assuntos e personagens que estão nas agendas das redações, Eliane Brum ilumina um mundo recluso pela emergência da notícia ou pela máxima de que, no jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. Ser e fazer jornalismo, para Eliane Brum, é firmar uma trégua na correria do dia-a-dia e na competição por furo e por audiência para exercitar um olhar e uma escuta às vivências do outro. É humanizar a forma quase mecânica de fazer

notícia e se arriscar a assumir uma realidade que, de tão repetitiva, faz-se nova. É buscar sentido nas esquinas menos visíveis do cotidiano, que é onde a vida mais (des)acontece. Em síntese: “compreender o poder da narrativa é o primeiro passo para construir uma vida que vale a pena. É também a chave para alcançar a complexidade – ou as várias versões – da vida do outro” (BRUM, 2013, p.75).

Nesse cenário, os despercebidos⁶ são notícia: o mendigo que jamais pediu coisa alguma, o carregador de malas de aeroporto que nunca voou e até um macaco fugitivo de sua jaula. É a delicadeza em meio à brutalidade da rotina que desperta o faro jornalístico de Brum:

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal (BRUM, 2006, p.187).

É no dia-a-dia de cada ser humano, e no significado que cada um dá a sua vida, que o jornalismo de Eliane Brum reside. Por isso, para a jornalista, em qualquer lugar é possível se encontrar uma boa história para contar, basta que se olhe de verdade para as pessoas. E tal olhar deve esforçar-se para romper a lógica dos pensamentos e ideias pré-concebidos, buscando a mirada sensível à literatura da vida real, a acolhida ao gesto criativo, de reinvenção de cada indivíduo diante das adversidades de sua existência.

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se (BRUM, 2014, p.06).

A prática jornalística de Brum, neste sentido, ensina que há uma singularidade dentro das narrativas que precisa ser respeitada: cada personagem e cada história encerram em si uma unicidade que não pode ser submetida a modelos ou padrões. Em face dessas interpretações, é possível, assim, identificar um valor-notícia que parece reunir a proposta jornalística de Brum e conciliar a tessitura do singular e do comum partilhado por todos: o cotidiano.

Acredita-se que no desenrolar dos dias comuns encontra-se a chave para compreender, tal qual o interesse jornalístico de Brum, os detalhes que significam. É no

⁶ Os personagens citados figuram nas obras que reúnem textos produzidos ao longo da carreira de Eliane Brum para o jornal *Zero Hora* e para a Revista *Época*.

ordinário que se manifesta o extraordinário de cada vida, e esse é o valor-notícia destacado pelo Jornalismo de Desacontecimentos (VENTURA E ABIB, 2015). O cotidiano é o critério que permite apreender o individual e o coletivo presente em todos nós.

Nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana. Pode-se dizer que é a partir do ‘ordinário’ que é elaborado o conhecimento do social. É conveniente insistir nisso, pois, tal como um ponto cego, trata-se de um domínio que era até agora estranhamente ignorado (MAFFESOLI, 1995, p.65).

Nesses espaços de vivências, onde a vida se desenvolve e se expressa de maneira autêntica, evidencia-se encontros e desencontros, os percalços comuns. Um território que entrelaça pessoas e momentos, por entre o qual circula a dinâmica dos sentidos, ativada diante da delicadeza e do brutal, da ordem e do caos. Ao noticiar pessoas anônimas, Brum compreende, tal qual diz Certeau (1994, p.57), que o homem ordinário é o “herói comum”, o “murmúrio das sociedades de todo o tempo”, e que no cotidiano se apreendem “detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo” da sociedade.

Fazer um jornalismo de desacontecimentos, deste modo, é lançar-se à radicalidade da vida, permitindo-se envolver pelos pormenores que compõem o mosaico social. É buscar apreender, e narrar, as maneiras pelas quais o homem comum “escapa” às conformações prescritas pela denominada “razão técnica”, nas palavras de Certeau (1994, p.13). É reconhecer a criatividade ordinária, pela qual “cada um inventa para si mesmo uma maneira própria de caminhar pela floresta dos produtos impostos”.

O homem ordinário escapa silenciosamente a essa conformação. Ele inventa o cotidiano, graças às artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais ele altera os objetos e os códigos, se reapropria do espaço e do uso a seu jeito. Voltas e atalhos, maneiras de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades, histórias e jogos de palavras, mil práticas inventivas provam, a quem tem olhos para ver, que a multidão sem qualidades não é obediente e passiva, mas abre o próprio caminho no uso dos produtos impostos, numa ampla liberdade em que cada um procura viver do melhor modo possível a ordem social e a violência das coisas (CERTEAU, 1994, p.164).

A essa capacidade, sobretudo dos que estão à margem – da narrativa e da sociedade -, de ‘se virar’ e se arranjar com a vida, reinventando-se em situações emergentes, surpreendendo em meio aos caos, Medina (1998) se refere como ‘sevirol’:

Enquanto os estudiosos encaminham projetos e debates que se fundamentam em pesquisas e análises das sociedades contemporâneas, melhor, dizendo, uma reflexão por atacado, a vida, cujo combate se

trava no varejo, revela soluções que muitas vezes saem da esfera dos grupos formais da nomeada cidadania para se irradiarem em grupos informais, periféricos à organização social. Nos cotidianos há um sem-número de pautas, que complementam, com surpresas e espantos, os significados dos técnicos, dos especialistas ou das lideranças políticas. Só a reportagem perceptiva a tais comportamentos inusitados, ainda não legitimados pela argumentação iluminista, pode flagrar dinâmicas do caos histórico, o que costume chamar de sevirol humano (MEDINA,1998, p.218).

Uma análise das produções relativas ao primeiro momento da carreira de Brum, sua atuação no meio impresso, permitiu evidenciar que esse é o fio que conduz todas as suas narrativas, não importando o cenário. Nas florestas, em periferias, favelas, asilos, hospitais ou praças públicas, cada indivíduo assume uma singularidade em seu cotidiano que o une ao coletivo. Ao coletivo que é também a sociedade em busca de significar o seu ‘eu’, seu ambiente e seus dias.

A busca pelo extraordinário contido nas vidas supostamente comuns assinalou minhas andanças de repórter. [...] Para mim, as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano. A maior parte das histórias reais que conto vem dessa grandeza do pequeno, da delicadeza que anima cada vida humana, mesmo nas horas brutas (BRUM, 2014, p.105).

Neste sentido, o jornalismo de Eliane Brum interessa-se em ampliar o horizonte de compreensão acerca das relações e vozes que compõem a realidade social, de modo a configurar-se como uma narrativa de práticas humanas, capaz de resistir à objetivação dos fatos e “chamar a atenção da coletividade para o modo como tais práticas se organizam ou devem organizar-se dentro de uma delimitação temporal” (SODRÉ, 2009, p.69). Trata-se de uma possibilidade alternativa à lógica tradicional da corporação jornalística, que ‘marca’ o mundo apenas como o visível imediato, “quando dele faz parte, no entanto, o invisível que caracteriza os desejos e as esperanças” (p.99).

O que se sugere aqui é que o acontecimento deve ser compreendido, para além do registro simbólico, no registro afetivo do mundo. Quer dizer, não se põe em jogo apenas a lógica argumentativa das causas, mas principalmente o sensível de uma situação, com sua irradiação junto aos sujeitos e a revelação intuitiva do real que daí poderá advir. Assim, em vez de mera transmissão de um conteúdo factual, se trata da conformação socialmente estética de uma atitude. Por um lado, se pode sugerir que a vida acontece também, para além da dimensão discursiva, na movimentação dos corpos, nos embates coletivos e em signos indiciais, em que mais vigora a potência afetiva dos grupos do que a razão esclarecedora dos argumentos (SODRÉ, 2009, p.68).

O universo dos desacontecimentos parece abarcar, desta forma, uma constelação de valores jornalísticos que, harmonizados no texto, entrelaçam a noticiabilidade alternativa do fazer de Brum a métodos narrativos específicos, que transparecem as dimensões de sensibilidade e afeto sugeridas por Sodré (2006; 2009). Tais procedimentos remontam ao princípio que norteia o fazer de Brum - atravessar a rua de si mesmo para assumir a realidade do outro lado de sua visão de mundo – e fundamentam a natureza de sua reportagem, conforme indica Caco Barcellos, no prefácio de *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*: “um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (BRUM, 2008, p.10).

Seus valores e técnicas jornalísticos, assim, exemplificam práticas de conduta simples, porém simbolicamente resistentes por se oporem aos modelos jornalísticos tradicionais, vinculados à grande mídia.

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008, p.14).

O traço que define o *ethos* jornalístico de Eliane Brum, neste sentido, é o despojamento. Esvaziar-se de si mesma é o caminho que Brum percorre na busca por alcançar a realidade do outro, respeitando as suas maneiras de compreender e significar a vida. Ao assumir tal procedimento, Brum reconhece que, mesmo como repórter, carrega uma história, inscreve-se em uma cultura, e que suas subjetividades precisam ceder lugar ao conteúdo significativo do outro.

Apurar e entrevistar, sob o esforço de renunciar às certezas, é também compreender que cada narrativa de vida tem seu ritmo e que, ao invés de alterá-lo, o jornalismo deve buscar adentrá-lo; assim contribuindo para um trabalho noticioso mais honesto e ético.

É preciso ir para a rua aberto ao espanto, sem saber o que vai acontecer. O contrário do jornalismo é a tese. Arma-se tudo dentro da redação, como infelizmente acontece. É possível escrever todo o texto sem sair para rua e depois só procurar algumas pessoas para ouvir aquilo que é necessário para confirmar uma tese. Isso não é jornalismo. A graça está em sair para a rua disposto a se espantar e a

virar do avesso todas as noções. Sempre gostei muito mais de ir para a rua sem pauta, às vezes até sem ideia (BRUM, 2012, informação verbal⁷).

O despojamento e o espanto, elementos da dimensão produtiva dos desacontecimentos, constituem, assim, a base que respalda as técnicas de reportagem e entrevista de Brum, aqui denominadas como a arte de olhar e escutar - já que tão distante da cultura noticiosa convencional. Isso porque o esvaziamento do repórter, a máxima defendida por Brum, dá-se na medida em que o mesmo consegue se desfazer de seus juízos pré-definidos para se deixar tomar pelos pensamentos e sentidos do outro. Nesse percurso de despojamento e preenchimento, a arte de olhar e de escutar atua como dispositivo de acolhimento dos novos significados que passarão a compor as concepções do jornalista.

“Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais” (BRUM, 2013, p.13). Por esses termos, entende-se não somente o que se vê e o que se escuta, mas o que se obtém por todos os órgãos sensoriais. O contexto da experiência do mundo vivo – verdadeiro cenário do repórter – apresenta cheiros, nuances, silêncios e texturas que, ao serem apreendidos pelo jornalista, enriquecem a narrativa. Seguindo o que sugere Medina (2008, p.95) à prática noticiosa: “é necessário articular os cinco sentidos: perceber o real pela escuta, pelo tato, pelo paladar, pela visão e pelo olfato” (MEDINA, 2008, p.95).

Essa apreensão que mobiliza os sinais dos cinco sentidos e a despolição da consciência do repórter enriquece o plano descritivo das narrativas de Brum, ampliando também a possibilidade de compreensão do leitor para com a história do outro, como se evidencia em “A mulher que alimentava” (2008), reportagem que relata os últimos 115 dias de vida de Ailce de Oliveira Sousa, merendeira de escola, publicada no livro *O olho da rua*:

Essa memória olfativa feita de temperos, toicinho e doçura engendrada nas panelas de ferro da mãe acompanharam Ailce por toda a vida. Perto da morte tornam-se mais vivas. Quando as toxinas liberadas pelo tumor envenenam o corpo, e ela enjoa de tudo, Ailce lembra do feijão com carne de porco, do pão de queijo, dos biscoitos de polvilho. E sua boca castigada é afagada por uma saliva de

⁷ Entrevista de Eliane Brum concedida a Samir Oliveira. [abril 2012]. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/eliane-brum-%E2%80%9Cser-reporter-e-aprender-a-olhar-e-escutar%E2%80%9D/>>.

infância. Ailce, que já não consegue comer, delicia-se em baquetes de lembranças, lambuza-se com a comida da mãe, morta anos atrás (BRUM, 2008, p.390).

É a “observação-experiência” (MEDINA, 2008, p.95) a ferramenta responsável por ampliar a técnica burocrática da coleta de informações, possibilitando aos registros de Brum uma autoria solidária, rigorosa e criativa. O Jornalismo de Desacontecimentos aceita os riscos de se marcar por sinais intersubjetivos e incorpora a “sintonia dos silêncios, dos gestos, do despertar do interesse pelo outro por sinais sutis do corpo (o brilho úmido da pupila, o olfato, a partilha do café e do pão de queijo)” (idem).

Não é raro, assim, encontrar registros que se revestem, e às vezes só se fazem, da delicadeza dos sentidos: “Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pápulas da professora” (BRUM, 2006, p.23). Trata-se da “História de um olhar”, da apreensão da troca de olhares que, ao enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva. Eliane Vanti, a professora, e Israel Pires, o andarilho, sintetizam estigmas, mas também a transformação que pode advir de um encontro sincero, da aceitação do outro: “a professora, depois que se descobriu no olhar de Israel, ri sozinha e chora à toa. Parou de reclamar da vida e as aulas viraram uma cantoria. A redenção de Israel foi a revolução da professora” (p.25).

Eliane Brum, ao se inscrever no universo dos pequenos sinais, os diminutos e invisíveis, compartilha com o leitor a descoberta das sensibilidades. Permite-se encantar com as invenções e reinvenções de mundo particulares, como o de Oscar Kulemkamp, “O colecionador de almas sobradas” (2006). Ele é “o triângulo no meio da fileira de quadrados, o protesto bruto à sociedade de consumo, descartável e implacável” (BRUM, 2006, p.48), e apropria-se das vidas jogadoras fora, salvando-as do aterro sanitário do esquecimento. Ao recolher restos de existências alheias, tece sua própria vida, “com o refugio da vida dos outros” (p.49). Pelo movimento da reportagem, o despojamento e a mobilização dos sentidos, Eliane toma-se por aquelas razões, diversas e únicas, que carregamos para ordenar nosso caos, na busca por alinhar os dias e impulsionar os passos: “o número 81 da rua Bagé é o castelo de um homem que inventou um mundo sem sombras. Dando valor ao que não tinha, Oscar Kulekamp deu valor a si mesmo. Colecionando vidas jogadas fora, salvou a sua” (p.50).

Também em “Um país chamado Brasilândia”, Eliane busca alcançar o mundo de sutilezas presente no outro; dimensão essa que só pode ser conquistada no plano do

sensível, das apreensões de nuances subjetivas, do encontro com o Outro. Nesta narrativa, a repórter passa alguns dias nessa vila da zona norte de São Paulo, com o intento de “mostrar o que sempre esteve lá, encoberto pela violência. Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza” (BRUM, 2008, p.286).

E apresenta ao seu leitor uma Brasilândia na qual “se ama muito, com a intensidade de quem coloca o amor acima de todas as aspirações [...] ama-se desbragadamente. Vale para as pessoas – vale para os cães” (p.296). Ao retratar as relações dos habitantes da vila, e também de seus animais, Brum perfurou as camadas de concreto da Brasilândia e compreendeu que, para além da brutalidade do desemprego ou dos baixos salários, do crime e da contravenção, da falta de tanto, havia um universo de subjetividades que mantinham a vida apesar da violência. Para tanto, foi preciso um ato imersão da jornalista na realidade do outro, sem se esquivar da possibilidade do encontro transformador: “me lançava diretamente para dentro – eu, que como repórter sempre tive o conforto de me manter no lado de fora, olhando a vida dos outros pela janela” (p.306)

Nesse processo narrativo, é o aparato de observação e escuta que permite à repórter lançar-se à ação criativa e transformadora da comunicação social, tal qual indica Medina (2008). Dispositivos esses que também configuram um ato de resistência à verborragia, isto é, à excessiva valorização da palavra dita, em que o jornalista é reduzido a um mero compilador de monólogos, um aplicador de aspas em série:

A fórmula pergunta-resposta (PR) se repete à exaustão e pretende, por meio das declarações entre aspas nas mídias impressas ou enunciadas ao microfone nas mídias eletrônicas, atribuir significados aos acontecimentos contemporâneos. Quando o autor cria um narrador, desenvolve o contexto, cria sutilezas, inclui informações que dão às “declarações” da fonte entrevistada uma abertura polissêmica. No caso da pergunta e resposta, temos apenas declarações “autorizadas” pela persona que se quer fazer pública (MEDINA, 2008, p.96).

Brum empreende uma crítica direta às formulas disseminadas em manuais de redação quando afirma que tem “pena dos repórteres das teses prontas, que saem não com blocos, mas com planilhas para preencher aspas predeterminadas” (BRUM, 2006, p.192). São, em sua visão, “donos apenas da ilusão de que a vida pode ser domesticada, classificada e encaixotada em parágrafos seguros”. Propõe, por isso, um retorno ao jornalismo que enfia os dois pés na lama, “torcendo para atolar” (BRUM, 2008, p.75),

em busca de histórias reais – e não prontas – e que assume as possibilidades e os riscos que podem advir da apreensão sensorial, capaz de alcançar, inclusive, as sutilezas inscritas no silêncio.

Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um auto de silêncio (BRUM, 2008, p.191).

De um não-dito de Ailce de Oliveira – em “A mulher que alimentava”, já abordado anteriormente - Eliane compreendeu algo crucial da forma como a merendeira lidava com a doença que a mataria: “ela jamais usou a palavra ‘câncer’”. Eliane também nunca pronunciou a palavra câncer. “Se eu já sáísse perguntando, afobadamente, eu não saberia quanto tempo Ailce precisou para articular a palavra ‘morte’. Nem todas as implicações desse silêncio ruidoso. Não saberia também que ela só falava sobre vida” (BRUM, 2008, p.420). São detalhes como esse, que escapam às teses prontas e ao fazer verborrágico convencional, que distinguem o Jornalismo de Desacontecimentos de Eliane Brum à lógica noticiosa tradicional.

Nesse sentido, acredita-se que suas técnicas jornalísticas parecem assentar-se na proposta do diálogo dos afetos de Medina (2008, p.93): “o repórter precisa do silêncio subjetivo, dos sinais dos cinco sentidos e da despolição da consciência para a escuta da intuição criadora. Daí advêm gestos solidários que se consumam na interação social”. Mais adiante, ao investigar o novo percurso narrativo de Eliane Brum, este projeto aprofundará as análises em torno das obras de Medina (2006; 2008), buscando sublinhar os desdobramentos dessa sua proposta na construção teórica do Jornalismo de Desacontecimentos. Neste primeiro momento, importa reconhecer a contribuição da observação, do silêncio e da escuta na metodologia noticiosa de Brum.

Escutar, segundo Brum, é não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que se gostaria ou com a clareza que se desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que se pensava que diriam. Escutar, portanto, é deixar-se surpreender por ouvir algo que não se planeja. É tempo de espera, e também tempo de reflexão: “como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber escutara resposta [...] Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos” (BRUM, 2008, p.38).

Desta capacidade de colocar o silêncio à disposição das histórias do outro, fez-se *A floresta das parteiras* (2008), alicerçada em um trabalho de repórter de apenas “prestar atenção em cada gesto, ênfase, trejeito e passar isso tudo para o papel; foi quase uma psicografia de gente viva” (BRUM, 2008, p.38). Isso porque a reportagem emerge da riqueza da linguagem das parteiras do Amapá: “o dom é assim, nasce com a gente, e não se pode dizer não. Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo” (p.20). A literatura dessas mulheres uniu-se à sensibilidade de Brum em abarcar o ambiente; criando, assim, uma atmosfera narrativa permeada de detalhes descritivos que respeitam a relação das parteiras com a natureza: “muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu [...] esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil” (p.19).

Está-se diante, então, da possibilidade de renovação da produção jornalística a partir da colaboração mútua, na qual repórter e fonte aprendem da mesma experiência: “elas falavam tão bonito, com uma variedade e uma fundura tão impressionantes, que meu trabalho era mínimo. Bastava escutar e anotar cada suspiro para não perder nada” (BRUM, 2008, p.38). Essa atitude representa uma ruptura com a herança positivista que, de acordo com Medina (2008), deixou marcas que orientam a produção jornalística até os dias atuais.

Das ordens imediatas nas editorias dos meios de comunicação às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Augusto Comte: a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista (MEDINA, 2008, p.25).

Ao superar a rígida lógica de Augusto Comte e a tradição positivista das produções da contemporaneidade, Brum imprime sensibilidade e compreensão às relações com suas fontes e com o seu próprio texto, de modo a conferir protagonismo às cenas e pessoas comuns, rompendo o paradigma convencional de se atrelar às fontes oficiais. Suas narrativas, nesse sentido, parecem preencher a lacuna para a qual alerta Medina (2008, p.7): “o que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu [...] Estamos longe da rede de comunicação em que se resgate a presença da pessoa, se abram canais para os testemunhos anônimos”.

A coisificação e/ou tecnificação objetiva da entrevista esvai sua seiva criador. Em oposição, a humanização da oportunidade histórica estimula a fertilização. Qualquer encontro e qualquer pauta se expõem igualmente à degradação ou à interação social criador. Para tanto, o agente cultural deste processo não pode ser um porta-microfone ou office-boy das perguntas da redação (MEDINA, 1996, p.223).

Brum permite que sua técnica de entrevista ultrapasse a intimidade entre entrevistador e entrevistado, e que tanto um como o outro se modifiquem: “porque só tem graça ser repórter quando nos entregamos à reportagem e deixamos que ela nos transforme” (BRUM, 2008, p.38). Em sintonia com o método de Medina, a repórter deixa-se envolver pelo diálogo, reconhecendo o mundo e lhe conferindo o toque humano, desafiando o “status tecnológico com a inventividade das pequenas histórias de vida” (Medina, 2003, p.60), e associando uma postura dialógica ao fazer jornalístico contemporâneo: “acredito que, num país tão desigual como o Brasil, é missão da imprensa aproximar os mundos. E só o encontro honesto, verdadeiro, permite reconhecimento e transformação” (BRUM, 2008, p.243).

Assim, muito além de uma prática divergente do circuito noticioso da grande mídia, a produção de Brum permite compreender a essência de um jornalismo que assume a mediação social, interessando-se em insubordinar o olhar de seus leitores para o mundo, como um ato de liberdade e ousadia.

O jornalista, o comunicador como agente cultural, ocupa um lugar privilegiado na sociedade – não pode se contentar em exercer a função administrativa dos sentidos já estabelecidos em qualquer instância de poder. Para renovar e criar uma narrativa rigorosa, sutil e solidária, é preciso contato e o movimento: o corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora. E esse protagonismo humano a máquina ainda não superou (MEDINA, 2008, p.105).

Novas hipóteses e subsídios teóricos, a partir das discussões esboçadas até então, serão desenvolvidas no capítulo seguinte. Este primeiro momento da pesquisa empenhou-se em apresentar conceitos introdutórios que fomentaram a reflexão sobre o Jornalismo de Desacontecimentos. Tratou de inferências e interpretações sobre o estágio primeiro da carreira de Eliane Brum – sua atuação em *Zero Hora* e em *Época*, os nossos primeiros passos neste projeto, datado de 2013 e realizado também com o auxílio da FAPESP. A partir de agora, espera-se aprofundar as investigações em um caminho que permita o diálogo com outras áreas do saber.

Com isso, nosso objetivo, ressalta-se, é complexificar o pensamento sobre Comunicação e Jornalismo, à luz de novas propostas teóricas, de modo a apontar as contribuições que podem advir dessas relações – sempre com as produções jornalísticas de Eliane Brum como pano de fundo e inspiração para tais reflexões.

3 O NOVO PERCURSO NARRATIVO DE ELIANE BRUM

Pensa-se neste capítulo como um espaço-chave para a compreensão das perspectivas que norteiam a nossa mirada às novas atuações profissionais de Eliane Brum – delimitadas a partir de 2010. Nele, pretendemos evidenciar os sentidos que permanecem e os horizontes que se alargam, em termos de aparato teórico e de possibilidades de prática, ao Jornalismo de Desacontecimentos. E apresentar os marcos conceituais que, acreditamos, perpassam todo o ambiente reflexivo que dará o tom da análise do *corpus*: o saber e as mediações plurais e a questão do Outro.

Integramos, neste sentido, essas duas matrizes sob um mesmo denominador, na expectativa de conciliar proposições alternativas ao fazer noticioso a partir do diálogo entre conhecimentos e da discussão em torno da alteridade. Compartilhamos da acepção de Morin (2002) segundo a qual é preciso uma reforma no pensamento, e estendemos o convite, tal qual Medina e Künsch, ao jornalismo – identificando o signo da relação como o ponto nevrálgico de toda essa equação.

Assumimos, por isso, como norte a premissa de que é necessária “uma reviravolta no modo de se colocar diante do mundo, das pessoas, do outro” (KÜNSCH, 2000, p.290). Defendemos o resgate e a reafirmação da experiência de abertura, de reconhecimento e de encontro - entre campos de saber e entre sujeitos, no contato teórico e na vivência cotidiana. Contestamos os modelos reducionistas, no intuito de fomentar que as novas possibilidades extrapolem os limites do discurso e desacomodem as rotinas.

Visualizamos na prática de Brum a dimensão relacional - entre contextos e realidades, com fontes e leitores -, a contribuição de um mediador “capaz de acionar uma efetiva mudança no estado de coisas” (MEDINA, 1996, p.13), de superar a função “carreirista-burocrata, que apenas administra os sentidos oficiais” (MEDINA, 2008, p.119) e reivindicar para si o ato criativo, “que renova e transforma os sentidos”. Destacamos em suas produções marcas de interface entre o jornalismo e os valores da filosofia, da sociologia e da psicologia, que se entrelaçam na tessitura de narrativas “irrigadas tanto pelo afeto quanto pelo argumento, pela razão como pela emoção” (KÜNSCH, 2006, p.7), em que se estabelece um tempo-espaço onde “o caos funda um cosmos” (MEDINA, 2003, p.135).

Ao longo desta dissertação, buscaremos demonstrar como essas articulações se configuram na escrita de Brum, de que maneira preservam ou transformam traços

característicos da identidade noticiosa dos Desacontecimentos e quais podem ser os resultados de um diálogo entre saberes na reflexão sobre a prática jornalística. Por agora, dedicamo-nos a sublinhar os contornos que delineiam o percurso narrativo de Eliane Brum, discutindo sobre a poética dos sentidos como forma de resistência à crise do pensar e do fazer jornalístico contemporâneo e o movimento ao Outro como exercício constante da alteridade e do despojamento.

Em consonância com essas reflexões, interessa-nos ainda transitar pelos territórios da narrativa e da palavra escrita, com vista a compreender os significados que se lançam e se entrecruzam ao narrar o mundo para o outro e ao se ouvir a sua narrativa. Afinal, é sobre isso que versa a vida e o jornalismo:

Abraçar outras narrativas é compreender outros conhecimentos, outros modos de ver o mundo, como possibilidades para se ver também outros mundos. É entender as narrativas do outro como os seus modos de me apreender nessas narrativas, da mesma maneira como minhas narrativas sobre o mundo são contínuas apreensões desse mundo (KÜNSCH, 2014b, p.24).

A narrativa é a esquina em que mundos se encontram, vozes se misturam e diversidades se harmonizam. Pela tessitura narrativa, o jornalismo pode manifestar os princípios que, defendemos, ressaltam sua ética transformadora: vinculação, diálogo, escuta, afetos e compreensão – marcas relacionais que encontramos na prática de Eliane Brum (2014, p.33), “uma escutadeira que conta. E conta. Para contar”.

3.1 O caos em cosmos: a narrativa como resposta

Em um itinerário de dentro para dentro, Brum escreve *Meus desacontecimentos* (2014), um exemplar no qual reconstrói os sentidos da palavra escrita em sua vida. Pelo percurso das memórias de infância, conta como escolheu na linguagem o seu lugar simbólico de pertencimento. Do começo escuro à formação de seu corpo-letra, Brum fala da morte como um mundo sem palavras, de ausência e de sua pré-história: “eu antes da história, eu antes das palavras. Eu caos” (p.11). E de como, ao encarnar a palavra em seu corpo, arrancou-se do silêncio para virar narrativa – o sentido.

Lembra-se do apartamento, da cozinha minúscula em que a empregada, escutando a novela de rádio, chorava em prantos pelas desventuras de um casal. Vê a imagem de baixo para cima, por ainda ser muito pequena: “aquela moça, que tinha uma vida tão dura, soluçava por uma mulher que morava dentro do rádio” (p.25). Ali, com a

cena, pressentia “o que só racionalizaria muitos anos depois: o poder da história contada”. No lugar “mais iluminado da casa” (p.27), a novela era como um laço possível, a transformação das “prisioneiras da casa enlutada” (p.28). Ao escutar o rádio, os seus ouvidos foram “contaminados para sempre” (p.33).

Era o início da sua vida com as palavras, a apreensão das dimensões acionadas pela narrativa: “não posso dizer que compreendia o que se passava, mas entendia o suficiente para registrar que algo de extraordinário acontecia com as pessoas quando elas ouviam histórias” (p.28). Deu seus primeiros passos no terreno das possibilidades, transcendeu o concreto, transformou impotência em potência. E foi salva “em definitivo quando escrevi. E – importante – quando fui lida” (p.110).

Pela palavra escrita e pela escuta, Brum compreendeu que “é só como história contada que podemos existir. Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio” (p.111). Por essa acepção, a narrativa é uma experiência, fascinante e arriscada, de se “dar ao outro, já que é o corpo que ofereço” (p.135).

E se a vida é criação de sentidos onde não há nenhum, como propõe Brum (2013, p.411) – “tarefa que faz de todos nós ficcionistas” -, então a narrativa é, ainda, o reconhecimento e a tessitura desta vida, a captura da poesia que há nos dias. É, como define Cremilda Medina:

Uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o *sapiens* organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2006, p.67).

Em sintonia com essa compreensão, Brum (2013, p.53) pontua: “contar histórias ordena o caos da vida, me dá sentido e identidade”. Pelo exercício da narrativa, acrescenta Künsch (2006), aprofundam-se os tempos e espaços humanos, conciliam-se diferentes vozes, o jogo dos diferentes sentidos, negocia-se com os conflitos e as incertezas. Ao se lançar a tal experiência, o jornalismo “cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas”, “oxigena os impasses da entropia e das desesperanças”, pode “sonhar com um cosmos dinâmico, emancipatório” (MEDINA, 2006, p.67).

Por ser uma prática plural e aberta, o narrar vai de encontro às racionalizações técnicas e tecnológicas que, coercitivas – como descreve Medina (2006, p.114) -, “atrofiam a sensibilidade para ousar”. Na mesma linha, Künsch (2006, p.04) indica a necessidade de resistir aos tratamentos superficiais da informação para que o trabalho jornalístico se associe a “uma forma de organizar e simbolizar reflexões sobre o entendimento do mundo para nele sobreviver”.

Cabe, então, ao jornalista assumir produções que permitam se atravessar pelas texturas e significados, por incertezas, embates de visão de mundo – na configuração de registros que rompem com o reducionismo das rotinas que comandam a mídia tradicional, que resistam aos modelos estanques das técnicas convencionais: “o real pulsante não pode ser transposto para uma ata de ritmo previsível da primeira à última informação. São necessárias variáveis para atender ao momento vital a que nos referenciamos” (MEDINA, 1996, p.228).

A diferença reside na efetiva mediação, não uma asséptica mediação, mas a ação criativa do autor, sujeito profissional da comunicação. Essa autoria ocorre não nos juízos de valor individualizados, mas na competência profissional, na capacidade de mediar os múltiplos sentidos das coisas (polissemia), assim como as múltiplas vozes (polifonia) que expressam o conflito das versões (MEDINA, 2006, p.26).

Pela narrativa, o jornalista sai da condição de administrador dos lugares-comuns para atuar, conforme propõe a autora, com intuição solidária na produção simbólica. No desafio de conferir nexos ao caos da realidade, e para que acolha a essência humana da cosmovisão, é preciso que o jornalismo alargue os horizontes e se abra às sutilezas, que transforme “a descrição burocrática dos acontecimentos em uma narração viva, onde ação, emoção e reflexão se completem” (MEDINA, 1996, p.230). Sobretudo, que supere os facilitismos ressaltados pela autora: “certezas ideológicas, a simplificação das ideias prontas, a insensibilidade ou desrespeito perante a cifração do mundo e de seus diferentes protagonistas” (MEDINA, 2014, p.48).

Quando se abre ao múltiplo e à diversidade de cenários, o jornalista dispõe-se ao “gesto solidário, afetuoso, aos parceiros da contemporaneidade” (MEDINA, 2006, p.114). Assume, então, uma personalidade relacionadora, que valoriza o sensível em diferentes protagonistas e, por isso, interessa-se em colher também no dia-a-dia dos anônimos as “marcas humanas no caos da História” (MEDINA, 2006, p.60) – tal qual se

pôde evidenciar na prática dos desacontecimentos, caracterizada e exemplificada no capítulo anterior.

O exercício narrativo, neste sentido, resgata a centralidade do valor da relação, que deveria figurar como norteador da formação humana e dos saberes, mas que, pela mentalidade redutora e impositiva dominante, esvai-se nas rotinas sociais e produtivas. A reflexão sobre o signo relacional, por isso, perpassará todo este trabalho de pesquisa – e será muito aprofundada na fase de análise do *corpus* -, com o intuito de ressaltar a necessidade de se modificar a personalidade estratificada do conhecimento e, sobretudo e conseqüentemente, das práticas jornalísticas.

Em meio ao caos da realidade, ao mundo abundante de informação na atualidade, aludindo à Künsch (2006, p.09), “costurar histórias e nexos é preciso, é fundamental. Tecer e entretecer. Amarrar”. Nessa tarefa desafiadora, somente a atitude conciliadora pode atrelar os sentidos, enxergar o cosmos. O encantamento da narrativa, como lembra Medina (2014, p.86), “explode no encontro”, e somente pelo contato, com o Outro e com os sentidos plurais da realidade, pode-se ligar os fragmentos e preencher as lacunas.

O comunicador social relaciona, nas relações simbólicas, o universo das ideias; ao mesmo tempo, trabalha com o imaginário coletivo, emoções mitos, registros intuitivo-criativos; e, em terceiro lugar, com os comportamentos culturais, a ação sociocultural que se codifica em situações muito expressivas do jogo dialético – indivíduo – coletividade – universalidade. Assim, a linguagem da mediação social se informa de representações simbólicas lógico-analíticas (ideias, conceitos, argumentos), representações intuitivo-simbólicas (emoções, criações artísticas, mitos) e representações moto-operacionais (situações, modos de ação cultural). Na plenitude de um mediador, compareciam conteúdos complexos e não conteúdos simplificadores ou reducionistas (MEDINA, 1996, p.12).

Em todas essas articulações residem os fundamentos da proposta de uma epistemologia complexo-compreensiva à Comunicação (KÜNSCH), e também os princípios conceituais e narrativos que enxergamos na prática jornalística de Eliane Brum. Buscaremos identificar, ao longo de todo percurso desta investigação, os pontos de diálogo entre as matrizes teóricas aqui exploradas e os procedimentos narrativos acionados por Brum no universo significativo dos desacontecimentos.

A reflexão sobre o *corpus*, que toma lugar nos capítulos seguintes, sustenta-se nas dimensões de narrativa aqui descritas: o caos que se transforma em cosmos, a criação simbólica da vida pela palavra escrita, o contar e o ouvir histórias como necessidades vitais do ser humano. A partir destas acepções, pode-se entender a

importância de articular alguns valores centrais na produção da narrativa jornalística: a observação, a escuta, o despojamento e a alteridade se confirmam mutuamente com o auxílio do signo da relação.

Conforme elabora Künsch (2006, p.05), “a plenitude da comunicação só se torna viável, sob o ponto de vista teórico e prático, com a rejeição ao pensamento reducionista, à aridez emocional e às fórmulas técnicas consagradas da rotina”. É preciso, pois, que se discuta a construção do conhecimento e que essas indagações ao modo de pensar e fazer se estendam também ao trabalho jornalístico.

Neste sentido, dedicamo-nos a revisar, no item seguinte, os estudos de Medina e Künsch, a partir das provocações de Morin, sobre a crise do pensamento contemporâneo e sobre as perspectivas plurais do saber e da mediação. Impulsionados por esses, reivindicamos para o jornalismo a acolhida do Outro, na tessitura de narrativas que se revelem dialógicas e compreensivas, na descrição ou nas análises dos fatos. Evidenciamos no Jornalismo de Desacontecimentos os aspectos acima ressaltados: ora em registros narrativo-descritivos, ora na esfericidade dos argumentos, a “ação social”, de que fala Medina (2014, p.47), faz-se presente - polifonia e polissemia ritmam uma escrita plural e inclusiva que mobiliza a transformação do real. Suas produções pautam-se pelo movimento para o Outro e pelo pensamento dito complexo e, por isso, justifica-se o estudo que se apresenta adiante.

Uma vez mais, ressaltamos o valor da narrativa como o espaço-tempo a significar ambas as vias percorridas nesta prática. Sem os dispositivos narrativos, limitam-se os horizontes por entre os quais o jornalista pode se enveredar. E, para Eliane Brum (2013, p.130), a radicalidade vai além: sem a possibilidade de narrar-se, e de ser lido, o humano ser nunca se completa.

3.2 O convite à mediação plural: a resistência pela poética dos sentidos

Motivado por um ideal propositivo, o presente estudo intenta refletir sobre possibilidades de resistência e de renovação – seja no âmbito teórico, seja na dimensão analítica e pragmática do jornalismo. Interessa-nos, por isso, uma discussão inicial sobre a configuração do próprio pensar, na expectativa de inferir sobre os desdobramentos e as repercussões de uma mudança também na produção noticiosa.

Investigadores como Cremilda Medina e Dimas Künsch, para citar os autores recorrentemente referenciados neste trabalho, tem se dedicado a esse projeto de

reelaborar valores e métodos jornalísticos. Deste percurso, de teoria aliada à prática, resulta, em Medina, o convite ao saber plural, e em Künsch, o convite à epistemologia complexo-compreensiva. Ambas as acepções ambientam nossa pesquisa: agora, trataremos de diálogos e articulações no campo da ciência, e adiante, na fase de interpretação do *corpus*, aprofundar-nos-emos nas contribuições desta episteme ao cenário do jornalismo.

O paradigma clássico, centrado na primazia da ciência e da razão como base do conhecimento, exerce até hoje, conforme Künsch (2002, p.39), “uma tremenda influência sobre o modo de pensar ocidental”. Com ele, a ideia do controle do homem sobre o planeta e os seus problemas, o individualismo e o determinismo: em Newton, a figura da razão como instrumento de explicação, a decifração do mundo pelas leis fixas e invariáveis. A filosofia cartesiana, que moldou em partes, nos últimos séculos, a física clássica, tem levado o homem a igualar sua identidade apenas à mente, e não a todo o seu organismo. Em consequência dessa divisão cartesiana, pontua Künsch (2000, p.39), “os indivíduos, na sua maioria, tem consciência de si mesmos como egos isolados [...] cada indivíduo foi dividido num grande número de compartimentos isolados, de acordo com as atividades que exerce, seu talento, etc.”.

Com as descobertas da física moderna, no entanto, o modelo mecanicista da natureza passa a ser questionado. Alguns conceitos são reformulados, outros, descartados. “Denuncia-se os limites e consequências negativas de um modo de entender a ciência que fez e faz dela a detentora suprema da verdade, concedendo-lhe a hegemonia absoluta da explicação do mundo” (KÜNSCH, 2002, p.43). A física quântica, em Heisenberg, fala em impossibilidade de conhecer, com precisão absoluta, a posição e a velocidade de uma partícula. Admite-se, então, a ideia de probabilidade:

Resumindo algumas das contribuições mais importantes da nova física para a compreensão atual do mundo, Medina (1991, p.195) enumera um amplo conjunto de ‘passagens’: da noção de sujeito e objeto à de sujeitos intercondicionantes, num processo de reversibilidade; da noção de causa e efeito à de intercausalidade, uma rede de forças que interagem; da noção de universo sólido à de universo poroso; [...] da noção de substância e acidente à de relação complexa (KÜNSCH, 2000, p.48).

Identifica-se, por assim dizer, uma crise no modelo clássico de racionalidade científica, associada a outras crises na contemporaneidade, em múltiplos domínios: “é crise do pensar, explicar, tentar entender. É crise de práticas e estratégias de ação”

(KÜNSCH, 2002, p.50). Não se trata de uma crise de crescimento, marcada pela insatisfação perante métodos ou conceitos básicos de uma disciplina, mas de uma crise de degenerescência, na visão de Boaventura de Sousa Santos (1989, p.19), “que atravessa todas as disciplinas, ainda que de modo desigual, e que as atravessa a nível mais profundo”, de modo a estabelecer qual reflexão epistemológica deve ser privilegiada.

É, portanto, uma crise da ciência, mas também uma crise da epistemologia, que convida a refletir sobre novos caminhos:

Pode ser útil observar que a crise das grandes narrativas e dos paradigmas, por um lado, e as novas revelações e descobertas que emergem no território da Física contemporânea, por outro, sacodem as colunas do pensamento racionalista e mecanicista – essa base extremamente sólida sobre a qual se ergueram e ainda ergue as diferentes disciplinas científicas, o jornalismo incluído – e apontam para a possibilidade de reencantamento do ato humano de conhecer e contemplar as coisas, a vida, a sociedade e o mundo, a partir de uma visão complexa, que tece em conjunto, que soma. Visão que faz do signo da compreensão um imperativo (KÜNSCH, 2000, p.292).

Questiona-se, então, a cela-forte do pensamento monocausal, redutor e determinista, de respostas totalizantes e definitivas. Para Medina (2006, p.53), evidencia-se a incompletude do âmbito estrito das disciplinas científicas e dos saberes especializados, “os riscos que a fragmentação e a dogmatização de certas verdades, princípios e leis representam ao se considerar pragmaticamente o esforço da ciência no sentido de dar respostas às necessidades humanas”.

No pensamento em crise, o que se está de fato questionando é a racionalização, não a racionalidade em si. A racionalização, ou pseudoracionalidade, tendo se presumido “a única racionalidade” possível, atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão a longo prazo. Perversão da racionalidade, fechada e fonte poderosa de erros e ilusões, a racionalização se fez historicamente companheira fiel do modelo mecanicista e determinista de representação e explicação do mundo. Gerou a inteligência cega, parcelar, reducionista. A verdadeira racionalidade [...] promove espaços de interação fecunda e de negociação de sentidos entre ciências e humanidades, propõe e não impõe (KÜNSCH, 2014, p.46).

Diante desse diagnóstico, aponta-se para a “difícil caminhada inter e transdisciplinar”, pautada pela conciliação de diferentes áreas do conhecimento em torno das mediações sociais. “Essa dialogação, esse diálogo ou dialogia entre ciências, saberes humanos do cotidiano, saberes locais, arte e transcendência,” enfatiza Medina

(2008, p.100), “me parece necessária. Esses saberes não são passíveis de uma rígida hierarquia”.

Na circunstância contemporânea, é no mínimo arrogante determinada área do conhecimento científico pretender o topo da pirâmide das sabedorias humanas. Muito pelo contrário, o comportamento que se observa nos encontros inter e transdisciplinares revela a inquietude de cada especialista, artista ou cidadão da realidade local; todos se mostram disponíveis para construir (MEDINA, 2006, p.13).

Na crise da degenerescência, portanto, urge a necessidade de se construir criativas mediações do saber plural. O convite, aludindo a Morin (2002), recorda-nos a reforma do pensar, trata da abertura de espaço para pensamentos mais abrangentes e inclusivos, que busquem união e diálogo entre a cultura científica e a cultura humanística; resistindo, assim, à segmentação.

A história do mundo e do pensamento ocidentais foi comandada por um paradigma de disjunção, de separação. Separou-se o espírito da matéria, a filosofia da ciência; separou-se o conhecimento particular que vem da literatura e da música, do conhecimento que vem da pesquisa científica. Separaram-se as disciplinas, as ciências, as técnicas. Separou-se o sujeito do conhecimento do objeto do conhecimento (MORIN, 2002, p.17).

Desta reflexão, desenvolve-se a concepção de epistemologia complexo-compreensiva, o eixo teórico que irá perpassar toda a nossa investigação acerca do novo percurso de Brum. Por agora, trouxemos o contexto, mas optamos por aprofundá-lo no momento oportuno de estudo sobre o *corpus* – como uma espécie de recurso ou dispositivo analítico a nos auxiliar. O presente espaço convoca, antes, o jornalismo para um diálogo com essa dimensão pluralista de saber, compartilhando da visão de Medina (2006, p.15) segundo a qual “há, sim, demandas sociais que pressionam um outro perfil de profissional – muito mais complexo do que o perfil do jornalista liberal”.

O paradigma objetivista do século XX também está, em certa medida, integrado ao jornalismo. Explica Medina (2006, p.09) que “tanto as gramáticas científicas quanto as gramáticas jornalísticas se constituem fundamentadas na mesma visão de mundo e, por isso, também os conceitos operacionais e as técnicas de trabalho se conjugam”. Se Descartes, Bacon, Galileu e Newton são considerados os pais da ciência moderna, então também, ressalta Künsch (2006, p.02), “são de alguma forma pais legítimos do jornalismo”:

Participante mais ou menos digno da tradição do pensamento moderno, e dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos que marcaram a história ocidental e mundial nos últimos quatro a cinco

séculos, o jornalismo, ao se definir e disciplinar como campo do conhecimento, cuida de registrar em livros e manuais de consulta as ferramentas, regras e técnicas de abordagem e reprodução simbólica dos fatos, acontecimentos e situações da atualidade. Padronizam-se os procedimentos na indústria da produção da notícia, estabelecem-se rotinas operacionais, definem-se linhas editoriais. O jornalismo espelha-se na ciência. É signatário do cartesianismo (KÜNSCH, 2006, p.01).

Sua prática configura-se, neste sentido, a partir desse modelo de pensamento que eleva razão e lógica à categoria de instrumentos indispensáveis na produção de conhecimento. Não à toa, a racionalização do saber repercute em aspectos diversos do universo da informação: a delimitação conceitual de notícia, a linguagem jornalística, o critério de objetividade, enfim, a mentalidade predominante nas redações jornalísticas – ou a cultura partilhada pela comunidade profissional – segue operando com o aparato metodológico da gramática positivista. Em alusão à Künsch (2014, p.48), “Apolíneo, o jornalismo de caixa alta fez do signo da explicação, da racionalização do real, a sua maior e quase única verdade”.

Nas palavras de Sinval Medina (2014, p.13), “jornalistas e cientistas navegam no mesmo barco”. O trabalho investigativo de Cremilda Medina (2006, p.12) mostra que a crise do paradigma positivista coloca ambos diante de um mesmo desafio: “reencontrar os elos perdidos e as múltiplas sabedorias para, juntos, darem outras respostas aos impasses históricos”. Faz-se necessária, assim, a rearticulação perdida: ruptura e renovação pela chave de uma experiência inclusiva, que reestruture os instrumentos de contato com a atualidade e concilie os universos – ciência, sociedade e comunicação-, na “busca incessante de uma linguagem inovadora que promova a dialogia, rompa o vetor autoritário do difusionismo e construa a relação ou a efetiva comunicação social” (MEDINA, 2006, p.55).

Para uma mudança substantiva na leitura da realidade, os caminhos apontam para “talvez a maior carência nos jornalistas e comunicadores” (MEDINA, 2006, p.164): a transição da causalidade única para a multi e a intercausalidade nas abordagens e análises. “Desenha-se a aposta na contribuição do comunicador social especialista em articular os discursos da atualidade. A esse produtor cultural se atribui a responsabilidade de uma nova narrativa solidária” (MEDINA, 2006, p.56).

Nela, indica-se incorporar, tal qual como a ciência o deve fazer, o saber comum, cotidiano, popular ou tradicional, frequentemente rejeitado, “uma vez que não segue a regulação da objetividade e não se disciplina nas garantias da aferição submetidas às

lógicas da racionalidade” (MEDINA, 2006, p.10). Convida-se o jornalista a, deste modo, adentrar “no terreno pantanoso das intersubjetividades do mundo cotidiano” (idem), a fincar os pés na realidade humana e no meio ambiente humanizado - no “despertar de uma atitude que [...] faz reaflorescer a relação articuladora” (MEDINA, 2006, p.12).

Entrelaçado a esse procedimento, reivindica-se, por fim, o cultivo de uma relação sujeito-sujeito, em lugar da relação sujeito-objeto – o fundamento da teoria e da metodologia da objetividade -, de modo a abrir mão dos “princípios de busca da verdade ou da comprovação dos dados objetivos por meio de técnicas e instrumentos tecnológicos” (MEDINA, 2006, p.09), ainda imperativos na conduta jornalística, e descobrir os dispositivos acolhedores da polifonia e da polissemia na narrativa de nosso tempo.

Esses recursos, que ampliam as vozes e os significados do discurso jornalístico, conjugam-se no movimento dialógico de abertura e acolhimento do Outro. A escuta, o afeto, a ternura e a compreensão edificam o contato e bem consolidam uma via de prática alternativa à crise abordada anteriormente. Impulsionam uma forma destoante de se colocar diante do mundo e, por isso, também “dão uma contribuição histórica para os embates contemporâneos” (MEDINA, 2006, p.50).

Acredita-se que a prática jornalística de Eliane Brum materializa os valores propostos em termos teóricos: resistência aos modelos estratificados, articulação de discursos e poética dos sentidos na configuração narrativa, alteridade e reciprocidade no encontro com o Outro. Identifica-se na escrita dos desacontecimentos a presença dos dois dispositivos de ruptura acima abordados – a mudança de perspectiva da relação sujeito-objeto para a relação sujeito-sujeito e a apreensão multi e intercausal na mediação social.

Esses recursos sintonizam-se como valores interdependentes e imbricados no fazer jornalístico de Brum, mas destoam com maior evidência conforme a via narrativa percorrida por ela: nos textos narrativo-descritivos, sugere-se predominância do tom intersubjetivo e dialógico, enquanto nos textos argumentativos, destaca-se a imersão no âmbito pluricontextual.

A mediação nas narrativas da contemporaneidade traz à tona toda a bagagem de um processo de transformação do jornalista. No cerne dessa mudança está uma autoria consciente, aberta à inovação técnica e eticamente solidária. Uma autoria que se desprende da claustrofobia do ego, dos muros corporativos para se mover nas incertezas do diálogo possível. Ir à rua, como metáfora do coletivo, favorece o

encontro físico com o Outro e sua circunstância, mas também ameaça o desencontro entre dogmas do jornalista e a realidade viva disponível para quem observa o mundo, escuta as vozes plurais e ensaia reportar a complexa experiência. O caminho entre o desmonte dogmático e o esforço compreensivo traz espantos, impotências e encantamentos. A concretização do texto põe a nu esse esforço (MEDINA, 2016, p.270).

Estamos diante, deste modo, de uma mediação plural, que resiste ao dirigismo técnico das redações e busca acolher a multiplicidade de tons e nuances, “no desejo de perseguir a poética da veracidade, que nasce da entrega cúmplice à realidade, matriz do relato veraz fiel ao outro e ao mundo que cerca o autor da narrativa” (idem). O exercício assume, assim, a possibilidade de renovação e reestruturação do estado de coisas: “alçando voo na poética sem tirar os pés do chão real” (MEDINA, 2006, p.286), narra protagonistas sociais e aborda contextos complexos, expandido pormenores em painéis abrangentes.

Por tudo isso, considera-se, no novo percurso narrativo de Eliane Brum, a presença de traços que se preservam e se transformam na concepção dos desacontecimentos. Independente do expediente discursivo assumido na tessitura narrativa de Brum, permanece a sua edificação sob o movimento para o Outro - o gesto de abertura e de despojamento para acolher os sentidos do Outro - como marca identitária do Jornalismo de Desacontecimentos. Sobre essa compreensão, debruçamo-nos a seguir.

3.3 A abertura ao Outro: novas configurações sob o mesmo movimento

No território das possibilidades de resposta aos modelos estanques que conduzem a prática noticiosa convencional, a questão do Outro figura como reflexão central. Isso porque a reforma do pensamento versa, sobretudo, sobre a dimensão da relação: o modo como nos colocamos diante do Outro – e que acaba por interferir no modo como nos colocamos diante do mundo e de seus saberes; vertente já abordada anteriormente. Quando, deste modo, questionamos a atuação profissional da mídia, discutimos, antes, a representação do Outro em seu discurso: os valores e métodos empregados pelo jornalista na apreensão da realidade social. A partir do interesse em bem expressá-lo no plano da narrativa, alcança-se a importância de acionar recursos compreensivos e dialógicos como critérios jornalísticos.

Visualiza-se em Brum a intenção permanente de integrar o universo do Outro, de partilhar de uma intersubjetividade como condição de seu ofício e como compromisso

com seu leitor. Sua carreira profissional, neste sentido, desde suas primeiras experiências no meio impresso, foi marcada por uma atitude de acolhimento de realidades, vozes e significados, conforme se depreende da investigação de Ventura e Abib (2015) – sinteticamente apresentada no início deste projeto.

Em seu novo percurso narrativo, pretende-se mostrar – por análises interpretativas e inferências – que esta conduta se mantém como eixo norteador de sua escrita. Desde 2010, quando se tornou *freelancer* e inseriu-se no ambiente digital, seus textos assumiram configurações plurais, manifestando-se ora como reportagens propriamente ditas, ora como entrevistas, ensaios ou artigos de opinião. Seus registros passaram a transitar, assim, por diferentes formatos, combinando estilos narrativos conforme a demanda da pauta. Trata-se de uma arquitetura discursiva que resulta, por assim dizer, do encontro entre a guinada autoral de Brum e a liberdade criativa proporcionada pelo gênero coluna: ambientada no espaço sem limites da internet, faz emergir a poética dos sentidos, no exercício das narrativas da contemporaneidade.

Combinado ao território de possibilidades aberto pelo ambiente digital e pelo formato coluna, o jornalismo de Brum parece aflorar, deste modo, configurações textuais que permitem antever uma mediação autoral singular, diversa em suas formas narrativas, mas que, ainda assim, preserva a dimensão dos desacontecimentos como a base de sua prática. Pela “reconstituição de histórias de vida num cenário de diferenças culturais que se assinam nas múltiplas oraturas” (MEDINA, 2006, p.76), ou por “produções atravessadas por contradições, embates de visões de mundo, incertezas e interrogações” (MEDINA, 2006, p.82), é possível evidenciar a ideia do desacontecimento como cerne da dinâmica jornalística de Eliane Brum.

Propõe-se, neste sentido, identificar a presença dos desacontecimentos, isto é, a abordagem de “fatos não-marcados” (SODRÉ, 2009), nas produções do novo percurso de Brum em função dos dois expedientes discursivos por entre os quais seus textos se manifestam: a via da narração-descrição e a via da argumentação. A primeira transparece a dimensão inaugural do desacontecimento: recorda a arquitetura característica da atuação de Brum no meio impresso, com o critério do cotidiano e as técnicas de despojamento e apuração pelos sentidos, na tessitura de narrativas que descrevem o homem ordinário e as cenas comuns. A segunda inclui outros contornos, indicando uma evolução epistemológica do termo: incorpora novos dispositivos – complexo-compreensivos (KÜNSCH) -, na tessitura de narrativas que argumentam sobre realidades e contextos, edificando uma reflexão plural de nosso tempo histórico.

Por qualquer uma das vias assumidas, há que ressaltar, Brum reafirma sua escolha jornalística – e política – por aqueles que não contam com a visibilidade midiática. No relato de pessoas anônimas ou no relato de conjunturas nacionais e internacionais, permanece sua leitura sensível e dialógica sobre o que está ao redor. O Outro, deste modo, é ainda o aspecto central de sua escrita: sob esse eixo circundam reportagens e artigos, entrevistas e análises. Seus registros, por isso, apresentam-se ainda como o lugar de expressão do que está à margem da narrativa.

Acredita-se, desta forma, que a essência jornalística, isto é, o movimento da reportagem tão intrínseco à atividade de Brum, conserva-se, seja como repórter, seja como colunista, seja nos meios impressos ou nos digitais. Seus textos, para além das delimitações de gênero e dos escaninhos editoriais, dedicam-se a “tecer a oficina dos sentidos contemporâneos” (MEDINA, 2006, p.76) e, para tanto, acionam o movimento ao Outro – como um princípio inalterável do Jornalismo de Desacontecimentos e como a chave para se alcançar uma prática noticiosa de fôlego, resistente aos padrões convencionais. Entende, assim, que somente ao conferir centralidade narrativa ao gesto de alteridade é que pode desencadear, no leitor e no cenário social, mudanças de perspectiva.

Pelo sentido da relação, como recorda Medina (2006, p.162), no exercício de ir ao Outro e às situações cotidianas ainda não descobertas, “o sujeito vislumbra um horizonte que o transcende [...] comprova-se o ato emancipatório do Eu quando se encontra com o Tu”. Esse debate permite ao Jornalismo transitar por entre questões filosóficas por excelência e a buscar contribuições em autores cujas obras repercutem sobre o diálogo, a relação, a alteridade e, em níveis mais profundos, sobre a própria existência. Este projeto espera, em seus próximos passos, lançar mão de articulações com Martin Buber, Emmanuel Lévinas e David Bohm – a fim de identificar como os valores por eles abordados podem se revelar na prática jornalística. No atual momento, intenta-se lançar pensamentos iniciais sobre o Outro, partindo da acepção de que este aspecto fundamenta toda a experiência narrativa de Eliane Brum, independente da formatação de seus textos.

O Outro, conforme compreende Morin (2003, p.77), “se encontra no âmago do sujeito [...] é uma necessidade interna”. Por isso, a relação com o outro “está na origem”, “inscreve-se virtualmente na relação consigo mesmo” e “deve atualizar-se para que cada um se torne si mesmo” (p.78). Sob este viés, a necessidade do Outro é radical e “mostra a incompletude do Ego/Eu sem reconhecimento” (p.79). Na mesma linha,

coloca Groger (2010, p.67), é pelo encontro com o outro “que nos realizamos, nos compreendemos, nos construímos como seres humanos”. E ressalta que essa relação não se dá somente de forma direta, pessoal, mas também por meio do contato com histórias protagonizadas pelo outro: “sem entrar na questão da intensidade, o toque proporcionado no íntimo do ser pelas histórias extrai sons da lira da vida tão verdadeiramente quanto o faria a própria vivência”.

Ciente do alcance da narrativa – como tão logo descobriu Brum em sua história com a palavra escrita -, Medina (2014, p.52) defende a necessidade de “cultivar a fidelidade ao testemunho do Outro” e de, assim, assumir o compromisso ético com a experiência transformadora do contato com o seu mundo.

O jornalista é um leitor cultural. Cada encontro com o Outro é um aprendizado, uma leitura surpreendente do mundo que nos cerca. Mas também quem depara com esse leitor cultural que sente, observa e escuta se abre à autodescoberta, porque se entrega por inteiro, sem a máscara declaratória da tradicional fonte de informação. Realiza-se o ato dialógico. A experiência da vida substitui a encenação jornalística e o caos da condição humana se organiza numa narrativa de coautoria (MEDINA, 2006, p.77).

Quando o jornalista limita-se à tarefa utilitária de apenas divulgar, não assimila o aspecto humano e existencial que se revela na vinculação possível. Por essa dimensão, o outro apresenta-se unicamente como uma fonte de informação, “objeto indistinto da rotina profissional”, que “declara o inconveniente e aparente” e “oferece ao público a informação permitida pela razão instrumental” (MEDINA, 2006, p.76). Mas, ao assumir a relação sujeito-sujeito – e romper com o princípio do modelo objetivista explicitado no item anterior -, o jornalista arrisca-se à reciprocidade. Flagrando-se “desarmado de ferramentas para extrair declarações predeterminadas (p.77)”, inicia um processo de troca confiante em que ambos se alteram.

O plano da alteridade, como pontua Künsch, é demarcado pela diferença, “e a diferença muitas vezes espanta”:

O diferente, o estrangeiro, é visto em numerosos agrupamentos humanos como uma ameaça direta. Ele é o “outro”, o que “não pertence”, o diferente, e essa sua diferença pode ser discursivamente trabalhada em termos mais ou menos visíveis – narrar o outro é classificar o outro e a si mesmo nessa relação (KÜNSCH, 2014, p.30).

Discorre, ainda, Morin (2003, p.77) que a alteridade é como uma relação ambivalente – “estamos, diante de um desconhecido, hesitante entre simpatia e medo,

não sabendo se ele se mostrará amigo ou inimigo”. O sujeito é, neste sentido, por sua natureza, fechado e aberto:

Outro significa, ao mesmo tempo, o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. O outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. A qualidade de sujeito permite-nos percebê-lo na semelhança e dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático (MORIN, 2003, p.77).

Tudo se passa, explica Morin (2003, p.76), como se na subjetividade humana houvesse um “duplo programa”: “um comandando o ‘para o si’, outro comandando o ‘para outros’”. Por essa compreensão é que o pensador francês afirma que o indivíduo vive para si e também para o Outro – “o egocentrismo pode constranger o altruísmo, este pode superar o egocentrismo”.

Por essas veredas, Ciro Marcondes Filho também circula para fundamentar formulações para uma Nova Teoria da Comunicação⁸. A presente investigação não pretende aprofundar-se nesse estudo- a análise deste novo modelo por si só já encerraria a totalidade de um projeto de pesquisa -, mas considera relevante debruçar-se sobre suas articulações em torno dos fenômenos de relação com o Outro. Pode, por isso, recorrer às contribuições de seu pensamento ao longo da dissertação.

Cabe, agora, evidenciar que, para o autor, a Comunicação nada tem a ver com transmissão, transferência, transporte ou trânsito, mas com transformação: trata-se daquilo que questiona posições, faz repensar, considerar, avaliar, mudar de opinião. Adquire, assim, o significado de, antes de tudo, “sentir junto, participar da existência do outro, conhecê-lo, mesmo que ele não diga, mesmo em seu silêncio [...] o mais denso e profundo que se possa imaginar” (MARCONDES FILHO, 2002, p.88). “Comunicação é exatamente isso: o fato de eu receber o outro, a fala do outro, a presença do outro, o produto do outro e isso me transformar internamente” (MARCONDES FILHO, 2008, p.8).

No mundo, além do eu há o tu. Se eu pensar que só existe o eu, estarei fechado dentro de um mundo solipsista, egocêntrico, restrito a essa única pessoa que sou eu. É o mundo dito cartesiano [...] Mas o mundo

⁸ Segundo Marcondes Filho (2013), a Nova Teoria da Comunicação se interessa em investigar a comunicação no momento de sua realização. O metáforo pode ser considerado, assim, um quase-método, porque se define a partir do Acontecimento Comunicacional. É uma metodologia aberta, que tem como particularidade a “apreensão fenomenológica do fato no tempo específico de sua ocorrência [...] O pesquisador deverá instalar-se naquilo que muda, a fim de obter uma apreensão pela intuição sensível, isto é, de uma só vez e sem conceitos” (p.57).

não se constitui apenas em mim [...] O tu, portanto, é quem constitui o eu. A comunicação é apenas isso: a capacidade de romper a redoma de nós mesmos, o círculo fechado de nossa autossuficiência, e buscar o outro, reconhecer sua alteridade, sua especificidade, sua diferença em relação a mim, sua estranheza (MARCONDES FILHO, 2013, p.36).

Está-se diante, por assim dizer, do movimento de esvaziamento do eu-repórter identificado na prática dos desacontecimentos. Nele, encontra-se a centralidade conferida por Brum às suas fontes: um “desabitar-se de si para habitar o outro, o mundo que é o outro”, “despir-se de si para vestir o outro” (BRUM, 2017, p.364). Exercício semelhante é referenciado por Marcondes Filho quando caracteriza o evento comunicacional:

Eu me abro para ele, eu o recebo, eu crio um espaço em meu interior para que ele possa ocupar, eu me esvazio de mim mesmo, eu cedo minha própria identidade para que ele possa expandir-se dentro de mim. [...] Quando se trata de outra pessoa, eu me coloco diante dela, olho nos olhos, sinto sua respiração, seu cheiro, percebo o movimento de suas pupilas, o calor de sua expressão, a alma que emana de sua voz, de sua pulsação. Eu literalmente entro nela (MARCONDES FILHO, 2008, p.60).

Esse deslocamento de si mesmo, acrescenta Künsch (2014, p.33), é também um deslocamento das “posições de um observador absoluto para ver-se a si mesmo como um ponto de vista relativo, e, portanto, passível de ser informado pelas outras observações da alteridade”. Demanda o acolhimento que leva a “se tentar pensar como o outro e a partir do outro” (KÜNSCH, 2014, p.32), isto é, a buscar entender “suas concepções de mundo, os discursos que alimentam suas práticas, as maneiras que ele tem de se inventar como trama”.

Martino (2008, p.09), neste sentido, relembra a espécie de ‘ecologia da alteridade’, referenciada por Morin, que reconhece e identifica “o outro como parte de nós e a nós como parte do outro”:

Uma ética da alteridade pode até mesmo não aceitar as razões do outro, mas reconhece a validade dessas razões, isto é, atinge o espaço da compreensão desse ser-outro com quem se interage. É um exercício de ‘simpatia’, recordando do radical grego do *syn*, ‘junto’ e *pathos*, ‘emoção’, ‘sentimento’, a interação se torna plena no *syn pathos*, no ‘estar junto’ com o ‘sentimento’ do outro – ver o mundo a partir de seus olhos, entender o porquê de suas ações (MARTINO, 2008, p.09).

Quando Brum (2013, p.197) escreve que se tornou repórter para “descobrir o que dá sentido à existência de cada um e para compreender como cada pessoa – em

geral com muito pouco – reinventa sua história”, toda essa apreensão conceitual parece materializar-se no plano da narrativa: teoria e prática permitem se energizar no compartilhamento de valores comuns. A produção jornalística adquire novos contornos ao se deixar envolver pelo Outro: tece narrativas de singularidades que projetam o “humano universal” (MEDINA, 2014, p.162), visualiza em cada um o sentido do todo.

Nenhum outro indivíduo pode dizer Eu em meu lugar, mas todos os outros podem dizer Eu individualmente. Como cada indivíduo vive e experimenta-se como sujeito, essa unicidade singular é a coisa humana mais universalmente partilhada. Ser sujeito faz de nós seres únicos, mas essa unicidade é o aspecto mais em comum. O sujeito é egocêntrico, mas o egocentrismo não conduz somente ao egoísmo [...] mas favorece também o altruísmo, pois somos capazes de dedicar o nosso Eu a um Nós e a um Tu (MORIN, 2003, p.75).

Essa dimensão se faz presente no registro dos desacontecimentos, sob a configuração de uma escrita que transita da “particularidade humana à contextualização no espaço coletivo, à raiz histórico-cultural e à conceituação especializadas” – na apropriação das “velhas ferramentas da arte de tecer o presente”, propostas por Medina (2014, p.162).

No cerne da prática de Brum (2014, p.104), assim, há o reconhecimento do aspecto autoral singular que há em cada um: “o que deixarmos de criar será uma ausência no mundo. Uma existência perdida – ou desperdiçada – faz um rasgo no tecido invisível da história”. Por isso, sua percepção de que a poesia reside na brutalidade do cotidiano – “misturada, infectada e conspurcada, mas ainda assim íntegra” (BRUM, 2013, p.197) -, e sua narrativa como um espelho desses significados, “únicos e intransferíveis, que cada um arranca dos dias, da máquina de moer carne humana que é a vida, mesmo que às vezes não saiba” (idem).

Sutileza e complexidade na compreensão de mundo vão desaguar numa narrativa original. O autor abandona a pretensão arrogante de dono da verdade e desliza, humildemente, no pântano anônimo do cotidiano incerto e não sabido. Ao se relacionar com os parceiros da aventura contemporânea, experimenta a interação sujeito-sujeito, bem diferente do enquadramento do outro como objeto de seu relato (MEDINA, 2014, p.48).

A descoberta do Outro, sob tais perspectivas, oferece momentos de autodescoberta: “o encontro com o Outro que, no fundo, mergulha no Eu [...] - a narrativa nasce libertária, não atrelada a fórmulas de um catálogo preestabelecido” (MEDINA, 2014, p.91). Imersa no signo relacional, Brum (2014, p.106) complementa:

“acredito que só alcançamos o extraordinário do que somos ao sermos capazes de alcançar o extraordinário que é o outro”.

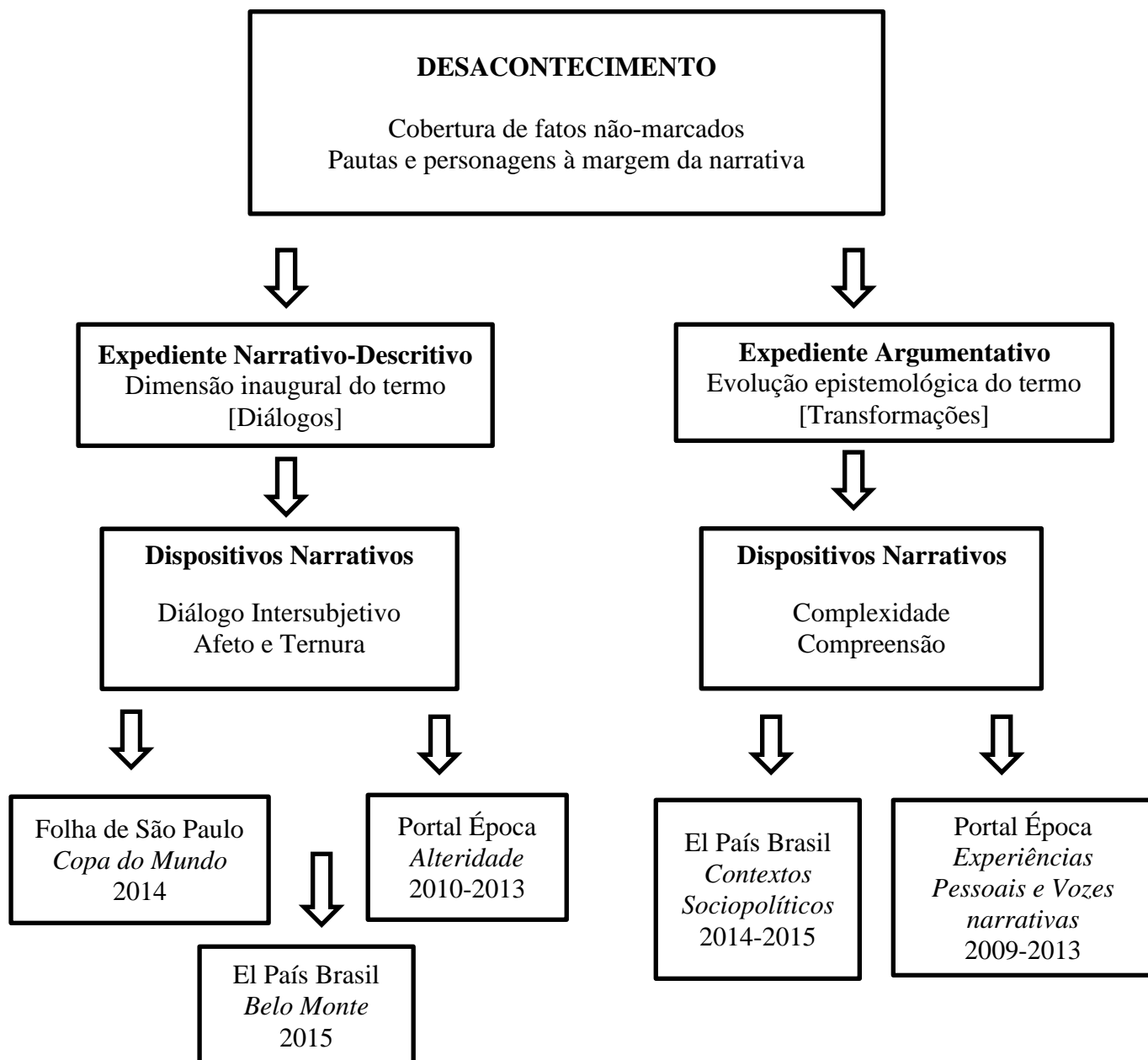
Na chave deste movimento, acredita-se, preserva-se a essência da concepção dos desacontecimentos. Sob o exercício de acolhimento do Outro, a prática jornalística de Eliane Brum continua a se ancorar, ainda que seu novo percurso narrativo revele novas dimensões conceituais e valorativas. Seus textos, desde 2010, a partir de sua inserção como colunista no ambiente digital, manifestam novos contornos e apresentam configurações que permitem evidenciar uma escrita que ora recorda os traços da reportagem, ora apresenta uma construção densa e complexa, que resulta em produções de entrelaçamento de discursos e contextos. É possível, no entanto, visualizar nelas o mesmo cerne propositivo de outrora, isto é, mesmo na tessitura de análises políticas, culturais ou sociais, o interesse por abordagens geralmente desconsideradas pela pauta da grande mídia permanece.

Por isso, defende-se que o trabalho jornalístico de Brum, neste recorte, continue a ser compreendido e a ser estudado pelo escopo significativo dos desacontecimentos. A essa matriz, conjuga-se um universo epistemológico mais amplo, que convida à complexidade e à compreensão e, assim, norteia a mirada ao novo percurso narrativo de Brum. Ao olhar insubordinado característico dos desacontecimentos, portanto, combinam-se novos dispositivos narrativos que, em conciliação, permitem desencadear uma cobertura jornalística plural e inclusiva, nos moldes do que se tem verificado nos registros de Brum: produções que, por vezes, realçam o exercício do diálogo, do afeto e da ternura, por outras, incorporam procedimentos complexo-compreensivos, no trato de pautas e personagens à margem, da sociedade e da cobertura jornalística.

Com este capítulo inaugural, quis-se pontuar as marcas centrais para a compreensão do fazer jornalístico de Eliane Brum em seu novo percurso profissional. Na dissertação que agora segue, com a análise interpretativa do *corpus*, espera-se estabelecer ainda mais conexões entre aspectos teóricos e práticos, assentados sempre na premissa de um saber plural que concilie chaves de conhecimento diversas.

Para melhor organizar os pensamentos esboçados até então, e de forma a poder avançar os estudos, apresenta-se, adiante, um esquema elaborado para ilustrar nosso caminho de investigação e interpretação do *corpus*. Com ele, buscamos evidenciar nosso modo de perceber e estruturar os registros de Brum em seu novo ciclo profissional.

Ilustração 2 – Organização do novo percurso narrativo de Eliane Brum



Fonte: Tayane Abib

4 DIÁLOGOS PELA VIA NARRATIVO-DESCRITIVA

Empenhando-se para trilhar as propostas apresentadas anteriormente, conjuga-se, neste e no próximo capítulo, as etapas de teoria e de interpretação – de modo a entrecruzar, também na escrita deste projeto, fundamentação e análise do *corpus*. Neste primeiro momento, a investigação dedica-se a analisar as produções jornalísticas de Eliane Brum que se tecem sob o expediente discursivo da narração-descrição e que, assim, manifestam como traço comum o interesse pelo cotidiano e pelo protagonismo dos anônimos, a apuração sensível aos detalhes e a escuta compreensiva às fontes. Trata-se, neste sentido, dos textos de seu novo percurso narrativo nos quais é possível evidenciar um diálogo ou uma correspondência para com os valores e as técnicas da configuração inaugural dos desacontecimentos, recordando a atuação de Brum como repórter do meio impresso.

Este capítulo integra, portanto, os registros de Brum sobre a Copa do Mundo ao jornal *Folha de São Paulo*, em 2014, suas colunas sobre a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte na região do rio Xingu, à revista *Época* e ao *El País* Brasil, e aqueles textos que se conjugam pelo gesto da alteridade. Entre eles, acredita-se haver uma conexão de escolha discursiva e uma mesma proposta narrativa para a expressão do universo dos desacontecimentos – o que justifica apresentá-los conjuntamente. Na análise de cada item, no entanto, há que se destacar que chaves teóricas distintas serão acionadas, na busca por sublinhar os traços mais marcantes de cada momento e, assim, expandir encontros e contributos entre apontamentos conceituais e inferências acerca do conteúdo das produções jornalísticas de Eliane Brum.

4.1 O desacontecimento na Copa do Mundo de 2014

A convite do jornal *Folha de São Paulo*, Eliane Brum estreou, como repórter, no futebol e na Copa do Mundo, em 2014, motivada pelo desafio de contar o Brasil e a seleção pelas margens. Ao todo, entre junho e julho, escreveu 19 textos, sendo 12 para o jornal impresso, na contracapa do Caderno da Copa, e outras sete para o site: cenas e momentos entre a Granja Comary, em Teresópolis (RJ), e as várias cidades em que o Brasil jogou – São Paulo, Fortaleza e Belo Horizonte. Esteve, ainda, conforme relatado em sua página oficial⁹, na partida final entre Argentina e Alemanha, no Maracanã, no

⁹ Eliane Brum disponibiliza sua produção jornalística no site <http://elianebrum.com/>.

Rio de Janeiro, e produziu dois artigos que integraram também o espaço de sua coluna quinzenal no *El País*.

Com narrativas que circulam na esfera dos desacontecimentos, o protagonismo dos anônimos é resgatado em meio aos holofotes midiáticos que pairam sobre os jogadores-celebridades de um megaevento esportivo. Uma nova possibilidade de cobertura esportiva assim se revela na apreensão sensível aos detalhes e ao comum: nas histórias de Vinicius Marcos Pinheiro Ferreira, na favela do Bom Jesus, em Fortaleza, de Cleto Pinto, preparador técnico das entrevistas, ou, ainda, da cigana Daiane Rocha, da cidade-satélite Santa Maria, identifica-se a opção de Brum em noticiar os que estão à margem – o exemplo daquilo que, acredita, deve “ser o papel de um jornalista, independentemente da área em que atua, produzir um documento histórico sobre a sua época”.

Dividi meu trabalho de reportagem em duas linhas narrativas. Chamo a primeira de “brasilidades”, na qual procuro compreender o futebol e o Brasil de 2014 a partir do olhar e das tensões de brasileiros menos visíveis. Na segunda, conto as relações da corte e da torcida no entorno da seleção. Meu foco, nesse caso, é a produção do espetáculo no futebol de mercado – e os momentos sublimes em que a vida escapa, reconvertendo o produto em homem, ou “denunciando-o” como homem. A grande perda de colocar o espetáculo no lugar da realidade, ou a publicidade no lugar do jornalismo, como aconteceu vezes demais, é que o espetáculo é imensamente inferior à realidade. A realidade foi espetacular, o espetáculo foi medíocre (BRUM, 2014).

Para a análise do conteúdo acima explicitado, e de forma a também trabalhar na linha de um saber plural, adentra-se o território reflexivo da sociologia do esporte, buscando contribuições em DaMatta, Barthes e outros pesquisadores da área. Com isso, espera-se evidenciar, tal qual Helal e Cabo (2014, p.9), que o “futebol, em tempos de Copa do Mundo, é um texto privilegiado para se entender o Brasil, suas questões e dilemas”, sendo, portanto, um fértil território para o desempenho da função do jornalismo, também na vertente propositiva dos desacontecimentos.

Em meio a “tantos sentidos ainda por serem decifrados, tantas histórias à espera de quem as conte” (BRUM, 2014), o trabalho narrativo desenvolvido por Brum desponta ainda como meio de reflexão sobre a cobertura jornalística no cenário esportivo. “A Copa é construída por nós, mas ela igualmente nos constrói” (DaMatta, 2006, p.100); por essa acepção, visualiza-se na perspectiva alternativa dos desacontecimentos uma rota que pode aprimorar a compreensão em torno dos significados culturais e sociais expressos pelo esporte. Ao emprendermos essa busca,

defendemos, conseguiremos nos inserir em um debate mais amplo, de modo a resistir à espetacularização da realidade denunciada por Brum.

4.1.1 O futebol como caminho para a compreensão social

Em sintonia com aspectos ressaltados anteriormente, dedica-se um espaço inicial a elucidar possíveis interações entre futebol e sociedade, segundo a chave de pensamento conciliadora proposta por Roberto DaMatta (1982, p.21) - nela, o futebol é analisado junto com a sociedade, e não em contraste: “parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira”.

Interessa, neste sentido, uma acepção de esporte que extrapole os limites de sua conceituação técnica e o assuma, na linha abordada por Helal (1990, p.14), como um fato social, isto é, “algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas”. Visto “como uma instituição capaz de juntar muitas esferas da vida social” (DAMATTA, 1982, p.26), o futebol insere-se como um modo específico, entre tantos outros, “pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (p.21). Nesse mesmo sentido, pontua também Helal (1990, p.61) que, no esporte, a sociedade tem a oportunidade de “revelar alguns de seus segredos mais profundos, fazendo uma representação de si para si mesma”.

Esse olhar ambiental, já em 1961, as reflexões de Roland Barthes, tecidas para o documentário “O esporte e os homens”, do canadense Hubert Aquin, e publicadas no Brasil décadas depois, em 2009, pela revista *Serrote*, do Instituto Moreira Salles. Instigado pelo questionamento sobre ‘o que é o esporte?’, o teórico francês circunda suas análises por entre as grandes competições – a tourada, o automobilismo, na Florida, o ciclismo, no Tour de France, o hóquei, no Canadá, e o futebol, na Inglaterra – e destaca, no esporte, a presença de uma espécie de dispositivo comunicacional a dinamizá-lo: “há no homem forças, conflitos, alegorias e angústias; o esporte os exprime, liberta, queima, sem nunca permitir que destruam alguma coisa” (2009, p.105).

O que é o esporte? O esporte responde com outra pergunta: quem é o melhor? Mas o esporte dá um novo sentido à questão dos antigos duelos: pois a excelência do homem só é buscada aqui em referência às coisas. Quem é o melhor para vencer a resistência das coisas, a imobilidade da natureza? Quem é o melhor para trabalhar o mundo e oferece-lo aos homens... a todos os homens? Eis o que diz o esporte (BARTHES, 2009, p.105).

A pergunta, então, demanda como desdobramento a discussão sobre o que, afinal de contas, os homens colocam no esporte, por que nele “dão tudo de si”. Sob a compreensão de Barthes, “eles mesmos, seu universo de homem” – numa reflexão que, por fim, conclui que “o esporte é feito para relatar o contrato humano” (idem). No centro de uma abordagem sociológica do esporte, reside, portanto, a premissa de que entre esses dois polos manifestam-se relações muito complexas.

Há nesta visão a ideia de que é possível ler o sistema social a partir do esporte e, especificamente no caso do Brasil, a partir do futebol. Esse, apesar de oriundo da Inglaterra, imbricou-se de tal forma na cultura brasileira que, como observa DaMatta (2006, p.143) em “A antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro” – uma homenagem a Nelson Rodrigues -, “muitos brasileiros pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada, o jogo do bicho, o cafuné, a sacanagem e a saudade, um produto brasileiro”.

Introduzido nessas terras, a princípio, como um jogo de elite, praticado por “jovens brancos estrangeirados, filhos de industriais que a ele se ligaram na Inglaterra, onde tinham ido a estudo ou negócios” (DAMATTA, 2006, p.136), o futebol foi logo difundido para as fábricas e clubes, como forma de disciplina e diversão, protegendo os trabalhadores de “ideologias subversivas e fazendo-os obedientes às regras” (p.139). Transformou-se, no entanto, sob o prisma de DaMatta, “no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e de igualdade” (p.143); contrariando, assim, àqueles que o tomam como um coadjuvante de uma ideologia de dominação.

Não seria exagero dizer que o futebol ajudou a consolidar a vida esportiva nacional que por meio dele popularizou-se, abrindo as portas da sociedade a uma série de atividades auto-referidas, marcadas por disputas igualitárias apaixonantes, paralelas ao universo duro e penalizante do trabalho que, entre nós, demarca a esfera da “obrigação”, do “castigo”, do “batente” e dos limites impostos pela chamada “dura realidade da vida” (DAMATTA, 2006, p.136).

Na chave desta compreensão, então, a popularização do futebol, no Brasil, eleva-o a dimensão de esporte nacional, encontrada em Barthes (2009, 103) como aquilo “que

brota da própria matéria da nação”, numa apropriação pelas massas e numa amostra, nas palavras de DaMatta (2006, p.139), de “ousadia em mudar, canabalizando”:

Intimidade que torna o futebol nativo e o redefine como uma instituição brasileira, contrariando as visões xenófobas cujo ponto de partida é a ideia de que o Brasil é uma sociedade tão débil e pronta a ser iludida que suas elites têm que protegê-la de tudo o que chega de fora (DAMATTA, 2006, p.139).

O futebol transcenderia, por isso, conforme Marques (2014, p.82), a mera esfera do entretenimento, e, uma vez incluído na órbita social, atuaria como uma espécie de “filtro” ou operador, através do qual a sociedade “se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa” (DAMATTA, 1982, p.24). Neste sentido, a abordagem sociológica do esporte orienta-se não para o discernimento das funções e utilidades do esporte num dado sistema:

Mas para a descoberta das implicações e consequências que este domínio do social que classificamos como "esportivo" permite vislumbrar. Ou seja, quando estamos implicados no universo do "esporte", que tipo de vivência a sociedade está abrindo e legitimando para nós e para ela própria como sistema? Que relações podemos desfrutar, renovar, estabelecer e esquecer neste domínio? [...] Que tipo, enfim, de roupagem é essa que a sociedade veste quando se manifesta totalizada por meio de sua dimensão esportiva? (DAMATTA, 1982, p.24).

E, a essas interrogações, acrescenta-se: como o jornalismo pode dialogar com essa perspectiva e quais contributos podem resultar dessas interações? Que tipo de desdobramento, enfim, pode advir, em termos de propostas produtivas, de uma cobertura interessada na dimensão social e cultural expressa a partir do esporte? Em consonância com o que indica Cremilda Medina a respeito do *ethos* profissional- muito referenciada no capítulo anterior -, Márcio Guerra (2012, p.205), ponderando sobre a prática do jornalismo nos megaeventos esportivos, afirma “a necessidade de profissionais de comunicação preparados para uma mudança de perfil. O jornalista precisa compreender a amplitude do setor, entender a notícia com possibilidade de novos desdobramentos”.

Em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, José Miguel Wisnik (2008, p.14) também situa o futebol como um esporte “que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo”. O exercício dos desacontecimentos parece convergir, assim,

com as expectativas de uma cobertura alternativa ao trabalho da mídia tradicional – também no âmbito esportivo.

As questões e o debate instigados por essa dimensão sociológica, acredita-se, permearam as narrativas de Eliane Brum sobre a Copa do Mundo de 2014 e podem ter sido, de alguma forma, elementos motivadores para sua estreia na editoria de esportes após mais de 25 anos de carreira. Sua proposta jornalística de compreender “como cada um inventa uma vida”, “como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco” (BRUM, 2014, p.06), encontrou ambiente narrativo propício nas pequenas cenas dos homens e mulheres que teceram o contexto de um evento como esse no Brasil.

O interesse de Brum, para além das quatro linhas do estádio de futebol, habitou nos (des)acontecimentos da Copa dos Meninos de Rua de Fortaleza, do campeonato da terceira divisão do Rio de Janeiro, da comunidade cigana de Brasília, de uma família da classe C de São Paulo, de manifestações políticas em Minas Gerais, entre outros temas que serão abordados em profundidade no item seguinte.

A pauta do Jornalismo de Desacontecimentos esteve, portanto, não nos treinamentos, estratégias técnicas e táticas de cada seleção, mas nas manifestações sociais e culturais reveladas pela vida dos indivíduos integrantes do mosaico significativo do futebol, em uma aproximação dialógica entre prática jornalística e a proposta sociológica do esporte. A escolha por este olhar parece concordar com o pensamento de DaMatta - expresso em uma de suas crônicas para o Jornal da Tarde, em junho de 1998 -, segundo o qual, o futebol, como atividade, não é nada:

Para ler o significado do esporte no mundo em que vivemos, é preciso uma certa sabedoria, uma certa sensibilidade para aquilo que faz as sociedades: os símbolos [...] Primeiro, temos que entender que não é o futebol, mas o que ele permite transportar que conta (DAMATTA, 2006, p.95).

Destaca-se, por assim dizer, a potencialidade do esporte de engendrar um universo rico em significados, e a possibilidade, para o jornalismo, de se inserir “nesse mistério de como o jogo de futebol tece em cada caso uma teia singular de eventos” (DAMATTA, 2006, p.105), para oferecer uma cobertura diferenciada para o seus leitores.

Talvez o futebol seja capaz de tudo isso porque é uma atividade dotada de uma notável multidimensionalidade: uma densidade semântica complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente por meio de muitos planos, realidades e pontos de vista. Embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago,

produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados parâmetros capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares (DAMATTA, 2006, p.145).

Pela apreensão dessas perspectivas múltiplas, as produções de Brum revelam o entrelaçamento de sentidos tão caro à compreensão contextual: cenas e momentos, experiências coletivas e intersubjetividades combinam-se com análises densas e complexas a respeito do modelo mercadológico que impera, e parece ofuscar a expressão poética - essência primeira - do futebol brasileiro. Com o estudo das produções de Brum, a ser desenvolvido a seguir, espera-se identificar a presença do critério do desacontecimento e os métodos fundantes de sua prática nos textos escritos a partir da narração-descrição.

4.1.2 Outro olhar na cobertura de megaeventos esportivos

A análise das narrativas esportivas de Brum durante a Copa do Mundo de 2014 empenha-se em observar os passos empreendidos até agora: pela articulação entre descrição e interpretação, busca-se conciliar apontamentos jornalísticos e sociológicos do esporte. As inferências a respeito do conteúdo noticiado por Brum intentam, neste sentido, evidenciar os diálogos e também indicar as implicações que despontam de uma cobertura interessada nas expressões sociais e culturais comunicadas pelo futebol no Brasil atual. Assim, o presente trabalho investigativo pretende demonstrar a configuração da proposta dos desacontecimentos no cenário esportivo e acolher outras hipóteses para ampliar o escopo compreensivo em torno desta prática.

No ano da realização da Copa do Mundo no Brasil, Ronaldo Helal e Álvaro Cabo organizaram um compilado de artigos escritos com a mesma finalidade: convidar o leitor a ter um olhar mais atento para os megaeventos esportivos. Na introdução, os autores discutem a carga simbólica da alcunha ‘a pátria das chuteiras’, de Nelson Rodrigues, e ‘o país do futebol’ como construções que aludem à intimidade entre o brasileiro e esse esporte. E pontuam que, apesar da perda de força desta equação ‘futebol-pátria’ ao longo do tempo, pelo menos a cada quatro anos, durante as Copas, os epítetos parecem retornar.

Para entender como o futebol atua na ‘construção’ da identidade nacional, afirmam, “nenhum período seria mais emblemático e singular de se estudar do que as Copas do Mundo” (HELAL E CABO, 2014, p.08). Isso porque, segundo os mesmos,

“se a cultura pode ser entendida como um ‘conjunto de textos’, conforme sentenciou o antropólogo Clifford Geertz ao estudar a briga de galos em Bali, o futebol, em tempos de Copa do Mundo, é um texto privilegiado para se entender o Brasil”. Assume-se, neste sentido, uma leitura dos textos de Brum balizada por essa abordagem, que supera a delimitação do evento como uma competição futebolística, e o encara como “metalinguagem”: “ao falarmos da seleção, de suas conquistas e derrotas, estamos falando também do Brasil e de seus dilemas” (HELAL E CABO, 2014, p.12).

Em um contexto de Copa do Mundo, o ato de torcer é uma medida que muito pode revelar sobre a relação de um povo com o futebol – e também com um “Brasil real”, na expressão de DaMatta (2006, p.113), “concretizado em time, personalizado em emblemas”, um Brasil que, finalmente, “nos ouve e por nós pode ser influenciado”. Assim, ao mesmo tempo em que a torcida é um elemento típico associado ao futebol, por outro lado, ela “representa a sociedade do time que a engloba e representa” (DAMATTA, 2006, p.62).

O verbo ultrapassa, então, “a mera ação intelectual, cognitiva ou estética” (p.113), contida no admirar e no assistir, e exprime-se como um “laço totalizante”, que promove uma “associação profunda, uma identidade absoluta e indiscutível”.

Eu admiro com os olhos e vejo com a mente, mas, para torcer, sou obrigado a usar meu corpo: minhas mãos, meus braços, minhas pernas, minha boca e todo o meu corpo que pula, abraça, soca e grita na dor da derrota, no espasmo impotente do empate ou na explosão gloriosa e feliz da vitória. É esse investimento absoluto e envolvente que faz do ‘torcer’ um autêntico ‘brasileirismo’, como um evento social caracterizado por ser capaz de mobilizar simultaneamente, na sua invocação, menção ou aplicação, dimensões religiosas, econômicas, políticas, morais, estéticas e ideológicas (DAMATTA, 2006, p.113).

É justamente a apreensão deste momento que dá o tom da reportagem¹⁰ “Comunidade de ciganos vence preconceito ao torcer pelo Brasil”. O pano de fundo é a cidade-satélite de Santa Maria, no Distrito Federal, especificamente o acampamento onde vive a cigana Daiane Rocha. O (des)acontecimento é o gesto que se deu entre a comunidade e os moradores durante o jogo de abertura da Copa do Mundo, quando o Brasil venceu a Croácia.

Os 65 ciganos comemoraram cada um dos três gols e dançaram na vitória. Do outro lado da rua, os moradores, que até então os haviam

¹⁰ As reportagens de Eliane Brum estão disponíveis no especial *Folha na Copa 2014* e podem ser acessadas através do link: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2013/folhanacopa/>

rechaçado, torceram com eles, riram com eles, levantaram os braços em sinal de vitória. Ao sentir-se reconhecida como igual, Daiane chorou. Era um milagre do futebol (BRUM, 2014).

E continua: “para alcançar o tamanho do gesto é preciso compreender a profundidade da rejeição. Quando montaram acampamento, seis meses atrás, as barracas eram apedrejadas à noite”. A narrativa toca o abismo cultural que marca o país em meio à diversidade que lhe é característica: os ciganos que lutam para resistir como cultura, mas que precisam esconder sua cultura para sobreviver no cotidiano. “Tiram as longas saias coloridas [...] botam jeans e camiseta, viram qualquer uma” - fantasiavam-se, então, na acepção contrária do termo. Um paradoxo, no qual “para tornarem-se visíveis, precisam tornar-se invisíveis”, como se identifica nos dizeres de Rosalina, de 28 anos: “se souberem que sou cigana, não vendo um pano de prato e ainda me humilham”.

E permeia-se, deste modo, numa alusão ao escopo semântico da proposta de Medina (2006), pelas marcas do signo relacional entre jornalista e fonte, evidenciadas na descrição de Wanderley da Rocha, de 48 anos, um dos líderes do grupo na região: “o sorriso dourado é garantido por oito dentes de ouro. Para quem é nômade, toda a riqueza é carregada na boca, junto com a fala”.

A partir dos sentidos desencadeados pelo esporte, a narrativa dos desacontecimentos alcança particularidades culturais e sociais que podem vir à tona durante uma Copa do Mundo. Na captura de um ato singular em meio a uma partida de futebol, Brum parece materializar, no plano jornalístico, a pergunta relacional que, conforme DaMatta (1982, p.29), o futebol permite formular: “se somos todos tão diferentes, como é que no momento do jogo podemos estar todos tão juntos e unidos?”.

Em Daiane Rocha, levada do acampamento aos 12 anos, por uma namorada do tio, e trazida de volta, 12 anos depois, com a ajuda de clientes de um salão de beleza no qual trabalhava em Recife, essa acepção do esporte como “uma máquina de socialização de pessoas” (DAMATTA, 2006, p.40), então se manifestou: “quando me olharam e fizeram aquele gesto de levantar os braços, torcendo, chorei. Era como se eles dissessem que eu era igual, que eu também era brasileira. Aquele movimento de torcer foi como uma ponte”.

A partir de sua busca pelos significados manifestos no plano do comum, Brum capturou, portanto, um dos papéis do futebol, o qual comenta DaMatta em uma crônica para o *Jornal da Tarde*, em junho de 1998:

Curioso e paradoxal essa energia que nos faz solidários no futebol e nos separa no decorrer dos tempos normais de trabalho e política. Como se o futebol tivesse essa capacidade mágica de permitir a nossa autoleitura um tanto otimista e esperançosa, quando em todo o resto do ano nos faz desanimar e nos fechar num mais profundo pessimismo. Com isso, aprendemos como o jogo civiliza e ordena. Como a incerteza dos resultados desperta uma imensa fé no Brasil. Aquela fé que tanto faz falta no cotidiano duro e cruel das cidades (DAMATTA, 2006, p.93).

Em um novo texto, “Fortaleza no pé: Garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua”, verifica-se a abordagem de Brum em torno de outro aspecto característico do esporte – a transformação em cenários de desigualdade social. No relato de Vinicius Marcos Pinheiro, um dos jogadores da Copa do Mundo das crianças de rua, realizada em abril de 2014, no Canindezinho - favela do Bom Jardim, em Fortaleza -, o esporte aparece como “possibilidade da expressão individualizada e livre”, conforme DaMatta (1982, p.39), “quando alguém pode revelar-se tal como é”, mesmo em um meio altamente hierarquizante, como é o caso da sociedade brasileira.

A narrativa, como descreve a própria Brum (2014), “é um mapa do Brasil inteiro”, em que se destaca um “outro conceito, o do Brasil dos meninos sem tempo”.

Quando pergunto a ele sobre o passado e o futuro, Vinicius diz: "Não conto o tempo". Por que não? "Não conto. Eu não conto a alegria e não conto a tristeza. Tenho o tempo que estou na vida". [...] Aos 15 anos, ele arranca cada dia do impossível, e o dia é tudo o que tem. Onde ele vive [...] a bala interrompe a existência num segundo. A seleção brasileira joga hoje na cidade de Vinicius para fazer gols e vencer. Vinicius também é da seleção brasileira [...] faz gol de placa todo dia. Seu golaço é acordar vivo (BRUM, 2014).

Ao tratar de uma outra Copa do Mundo, o desacontecimento expõe as fraturas sociais que fragilizam o Brasil. Numa realidade que não conjuga o futuro, o sonho é tudo o que se tem: "quero ter uma família. E três filhos: Rodrigo, Denise e Vicente". Poderia ser uma frase banal; no entanto, pelo movimento de alteridade, Brum amplia os contornos e permite visualizar o desejo de, no sonho, Vinicius resgatar os vínculos perdidos de sua vida:

Rodrigo, o nome do primogênito, é o mesmo do capitão da seleção brasileira de meninos de rua. Morreu em fevereiro, antes do campeonato. De tiro. [...] Denise, o nome que quer dar à filha, é o da mãe. "Ela é especial pra mim. A primeira vez que minha mãe usou crack acabou com a minha vida. O crack matou a minha mãe" [ainda viva]. [...] O terceiro é o nome do pai. Vicente. [...] Está completo o sonho de Vinicius. Se o sonho virar um dia futuro, tempo hoje improvável, ele recupera a família que perdeu e o amigo que jamais poderia ter morrido (BRUM, 2014).

O diálogo sobre Rodrigo faz com que a repórter, em uma atitude de reconhecimento, perceba que não consegue “alcançar a riqueza da língua” de Vinicius. Para explicar como se deu a morte do amigo, aos 14 anos, no dia do seu aniversário, ele usa o termo *catolé*. Brum pede tradução: “nesse momento, Vinicius interrompe a narrativa. ‘Você entende só um pouco de português, né?’ [...] porque o Brasil dos hotéis em que se hospedam a seleção e também a imprensa é estranho ao dele, no avesso de Fortaleza. Mas não só. ‘Você é muito branca, achei que era gringa’”.

E os contrastes deste Brasil, que parecerem se tornar mais nítidos em tempos de megaeventos, ainda se revelam em outras passagens: “nas conversas dos meninos dessa outra seleção brasileira também se fala em estratégia. Mas são outras, as de como driblar os traficantes. Vinicius tem ginga, seu futebol é poesia. Brutal, mas poesia”. E escancaram a desigualdade abissal que separa a realidade desses garotos e de outros: “eu brinco com o que não se pode brincar. Pergunto se não é cedo para formar uma família. Vinicius me fulmina com uma frase: ‘Nunca é cedo para ter família, cedo é ficar sem’”.

Em meio à dureza dos dias, o futebol é o fator que ressignifica a vida dessas crianças de rua: “Vinicius não chora. Ele ainda está no jogo. No presente. ‘Quando eu jogo futebol, esqueço tudo’”. Em face às adversidades, o futebol é o detalhe que permite a reinvenção do cotidiano, “acenando com a possibilidade que o jogo é instrumento de mudança de posição social e de perspectiva” (DAMATTA, 2006, p.69). Nisso, parece estar presente também a capacidade do jogo de instaurar um novo tempo e um novo espaço, bem como de criar uma ordem específica e absoluta, tal qual nos diz Huizinga (2008, p.14): “introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada”.

O futebol aparece, assim, tal qual pontuam Pereira e Lovisolo (2014, p.53) na obra sobre Copas do Mundo referenciada inicialmente, como “atividade que canaliza ou gera emoções significativas, referências identitárias, solidariedade, pertencimento e conflitos sob o ponto de vista coletivo. No plano individual, é uma máquina de sonhos e decepções”. Trata-se de um esforço, neste sentido, em evidenciar a capacidade que o futebol tem de acionar novos valores de mundo, de efetivar o lugar da esperança em meio a um Brasil de “ângulos impossíveis”, esse Brasil que, como Vinicius, “luta pra não morrer”.

Cenário parecido a esse é encontrado no estádio do Teresópolis Futebol Clube, em “Bem perto da Granja Comary, o Teresópolis FC luta pela vida”. O time não ganhava um jogo desde 2011 e disputava um campeonato da terceira divisão. Enquanto a seleção brasileira treinava na Granja Comary, o Teresópolis FC enfrentava a União Central, de São José do Rio Preto, bem próximo dali, para permanecer vivo na competição. A arquitetura textual se deixa envolver pela simbologia que marca o dia-a-dia desses jogadores, articulando-se com os elementos do mítico e de transformação social, suscitados a partir do futebol – como se pode identificar nas histórias de Pretão, Lennon e William.

Pretão, 34 anos, da favela carioca do Jacarezinho, é o capitão do time. “Era Wanderson dos Santos (com ‘W’, ele faz questão de informar, porque dois ‘Vs’ é mais do que um, e mais é sempre bom na vida que teima com menos)”. Em sua adolescência, desviou-se do caminho e virou avião do tráfico, “mas a bola o devolveu para o campo das possibilidades”. William do Canto Coelho, 21 anos, acredita ser um milagre de Deus e, por essa fé, “dá um sentido para o cotidiano de paredes descascadas que divide com outros quatro: ‘É porque Deus quer que a gente possa dar um testemunho depois da vitória’”. No relato de Lennon, 23 anos – apelido dado pela avó ‘dona Paixão’-, antes Gideon de Almeida, a presença do aspecto do sagrado também se faz notar. Quando estava desistindo do futebol, entrou numa igreja e escutou de uma mulher que Deus o via se mudando de Minas para o Rio de Janeiro: “quando Lennon recebeu o convite para o Teresópolis, chorou. Era a profecia realizada”.

Explica Helal (1998, p.37), em uma obra introdutória sobre a Sociologia do Esporte, que quanto mais o esporte se profissionaliza e se torna popular, mais próximo se coloca da esfera do sagrado: “estamos diante de um interessante paradoxo, pois ao adentrar o domínio do profissionalismo, reconhecidamente um domínio racional e técnico e, portanto, profano, o esporte tende a se sacrilizar”. E exemplifica: “o que dizer das superstições que envolvem atletas e torcedores antes e durante as partidas de futebol? Fazer o sinal-da-cruz e entrar com o pé direito no gramado são atos rotineiros dos jogadores de futebol”.

Pela observação-experiência, Brum inscreve, no plano da narrativa, traços e feições que ajudam a compreender esse fenômeno. No contato com o William, apreende suas reações quando fala das dificuldades e da superação em nome de Deus: “William abaixa a cabeça por um momento. Depois a levanta”. Nos momentos que antecedem o jogo, destaca o conteúdo das conversas motivadoras entre os jogadores: “William faz a

oração. Vai logo convocando Deus: ‘Vamos entregar ao Senhor esse jogo...’. Pouco antes, Pretão refletia: ‘Tem religioso nos dois times. Então, vamos correr’. [...] A bola está rolando. A vida pode mudar num segundo. Eles rezam agora com o pé”.

O texto de Brum permite verificar, assim, a relação muito próxima entre o futebol e os cultos sagrados, ainda que esse nunca tenha sido um fenômeno totalmente religioso, conforme demonstra Helal (1990, p.39), ao identificar a ocorrência de uma alternância entre períodos ora predominante sacros, ora predominantemente seculares nesse esporte.

Destaca-se, por fim, contornos críticos que delinearão outras reportagens esportivas de Brum: a Copa do Mundo como um evento em que apenas a menor parte da população brasileira pôde participar. Durante o jogo do Teresópolis FC, a arquibancada compôs-se “só de dirigentes e conhecidos do clube”. Desde 2009, o time joga sem torcida: “os comentários são de que o estádio está interditado. O presidente jura que esse problema já foi superado, só faltaria agora ‘policimento ostensivo’”. No grito de uma mulher, Brum identifica a primeira semelhança com a Granja Comary: “uma hora a favela vai descer! Todo mundo criado aqui neste campo e agora não pode entrar’. Meia dúzia assiste ao jogo do barranco do outro lado do muro. [...] O povo também fica de fora”.

O tom assume traços mais evidentes em “Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele”. A narrativa se inicia em Pantera, a cachorra vira-latas de Hustene Alves Pereira, mais conhecido pela vizinhança da periferia de Osasco como Pankinha – já retratado por Brum em 2002, na reportagem “O homem estatística”¹¹, do livro *O Olho da Rua* (2008), em 2004, em “Ao amigo presidente”, e em 2011, “Uma família no governo Lula”, ambas para a revista *Época* -: “olhando bem fundo nos olhos dela, castanho-escuros, quase pretos, não se adivinha nenhum complexo”. A partir da descrição do animal, Brum dá indícios da pauta em questão: o complexo de vira-latas, expressão cunhada por Nelson Rodrigues, em referência à derrota brasileira no Mundial de 1950, disputada no próprio país.

¹¹ À época, Eliane Brum escreveu um texto sobre a pobreza do novo século – “os pobres urbanos, que tinham entrado no mundo do consumo pela periferia, mas penetrado o suficiente para querer bem mais que feijão com arroz” (2008, p.149). Conta, nos bastidores da matéria, sobre o envolvimento entre repórter e fonte, o reconhecimento que advém do encontro: “para Pankinha e Estela era inconcebível eu ter feito parte da vida deles por semanas e depois simplesmente ir embora. [...] Nada disso. Minha foto aterrissou debaixo da imagem de Nossa Senhora de Fátima, onde está até hoje, seis anos depois” (p.152). “Eu deixei de ser repórter e ele deixou de ser personagem. Assumimos outros lugares no enredo de nossas vidas. E hoje quem escreve sobre mim é ele – num diário para São Francisco, a quem encarregou de me proteger” (p.153).

Editado na revista *Manchete* esportiva, em 1958, e republicado em “A sombra das chuteiras imortais – crônicas de futebol” (1993), o texto de Nelson Rodrigues antecede a estreia do Brasil na Copa do Mundo daquele ano – a primeira vencida pela seleção. Nele, o cronista fala do pudor do nosso futebol “de acreditar em si mesmo” (p.51), “da humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar”, frente aos 2x1 contra o Uruguai em 1950, e da permanência dessa frustração como negação do escrete de 58: “gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança” (idem).

Quando comenta sobre as habilidades do jogador brasileiro – “fantasia, improvisação e invenção”, os “dons em excesso”, o registro faz recordar, em certa medida, Gilberto Freyre e o “Foot-ball mulato”, para o *Diário dos Associados*, no qual se contrasta o estilo de jogar brasileiro com o do europeu “por um conjunto de qualidades de supreza, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de espontaneidade individual”. Neste sentido, enquanto o futebol europeu seria uma forma de expressão apolínea, “em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo”, o brasileiro é uma forma de dança, “em que a pessoa humana se destaca e brilha”. Ou ainda, valendo-se da análise de Pasolini, em artigo para a *Folha de São Paulo*, em 2005: o futebol europeu é futebol de prosa, “o do chamado sistema”, “baseia-se na sintaxe, isto é, no jogo coletivo e organizado, na execução racional do código (p.05)”, e o futebol brasileiro é de poesia – tendo no drible sua expressão por excelência.

Diante de tudo isso, para Nelson Rodrigues, apenas uma coisa “atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades” (1993, p.52): o que ele denomina de complexo de vira-latas.

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. [...] Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. [...] Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. (RODRIGUES, 1993, p.52).

Uma nova perspectiva para este conceito, no entanto, é trazida por Brum: “é a vantagem do vira-lata. Sem identidade gravada em pedra pela tradição, pode inventar-se e reinventar-se. Até mesmo como pantera”. A nova interpretação resulta do próprio entendimento de Pankinha sobre a Copa do Mundo, e é ele quem assume o papel de

conduzir a narrativa. Apesar do gosto pelo futebol – ele é corintiano e coleciona recortes sobre a vida do clube há 40 anos -, Pankinha é contra uma Copa no Brasil: “preferia saúde, saneamento e educação”. A dificuldade de Pankinha em aceitar uma Copa no Brasil é justamente o oposto de tudo isso: ele tem “orgulho de ser vira-lata”.

Por isso, para ele, esse é um termo muito complexo, que designa a capacidade do brasileiro de se refazer diante das adversidades. Nesse sentido, o brasileiro se assume como um vira-lata, “tão vira-lata quanto a Pantera”.

Como diz muito bem o meu filho Diego, o vira-lata é uma raça forte. Assim, ser vira-lata é um orgulho nosso. E não um complexo. Alguns anos atrás eu não tinha um dente na boca, agora eu tenho dentes. Porque minha raça vira-lata cai e levanta. É esse o problema dessa Copa no Brasil: ela não é para vira-latas. E nós, os vira-latas, sabemos disso. Nós não chegaremos perto dos estádios. Nós, os vira-latas, não estaremos lá. Esse futebol não é para nós. Isso faz com que eu deixe de torcer pela seleção brasileira? Não, mas eu torço sabendo que essa Copa não é pra mim (BRUM, 2014).

Verifica-se, como ambiência narrativa, inclusive, aspectos de teor político no debate sobre a realização dos jogos no Brasil. O contexto das manifestações é trazido por Brum quando a mesma afirma que ainda somos ‘impotentes’ para decifrar as reivindicações de junho de 2013, assim como a questão da legitimidade dos contratos e dos gastos com os estádios que sediaram o evento

Pankinha veste o Corinthians “como se fosse a sua pele”. Entretanto, desde que o Itaquerão começou a ser construído, vive um conflito:

Corintiano sempre foi vira-lata. Favelado, pobre. E fizemos um estádio despejando outros vira-latas de suas casas. Não importa se é um barraco. A casa de alguém é onde estão as suas recordações. É o que abriga aquela pessoa do frio, do sol, da chuva. É o seu lugar. É enorme mesmo sendo pequena. Como eu vou gritar gol nessa abertura da Copa sabendo que é sobre a casa de alguém como eu? (BRUM, 2014).

A apuração sensível às múltiplas dimensões engendradas por um megaevento esportivo manifesta-se, deste modo, a partir da busca pelos desacontecimentos. Na tessitura do cotidiano de homens e mulheres de diferentes cantos do país, verifica-se a possibilidade de documentar os sentidos que se lançam em tempos de Copa do Mundo e que também, em razão primeira, podem ampliar o horizonte de compreensão acerca da narrativa social brasileira. Na voz de Daiane Rocha, Vinicius Pereira, Lennon ou Pankinha, as relações, gestos e ideologias que se expressam pelo esporte, enquanto uma atividade da sociedade, tal qual DaMatta (1982, p.15), e que permitem visualizar nele a

presença de um “espaço social determinado”. E, para além desta acepção, permitem, ainda, identificar valores culturais e mesmo políticos que marcam a vida no Brasil.

Atenta a essas realidades, Brum, por isso, articula cenas e contextos em seus registros, como se pode notar na reportagem “Sem casa, na casa da seleção”. Nela, escreve sobre as 50 crianças e os 30 adultos que puderam assistir ao treino da seleção brasileira - selecionados dentre as quatro mil vítimas da tragédia das enchentes de 12 de janeiro de 2011, “em que as chuvas e o descaso do poder público mataram centenas” e deixaram mais de 20 desaparecidos.

Logo na chegada da seleção a Teresópolis, ainda antes do início da Copa, Flávio Antonio da Silva, 35 anos, da Associação das Vítimas das Chuvas de Teresópolis, fez um protesto na entrada da Granja: botou uma camisa da seleção e pintou o rosto e o corpo de lama: ‘Aqui não é só a casa da seleção. É também a casa das vítimas’. Nesta quarta-feira (25), as vítimas tiveram permissão para entrar na casa da seleção. Mas continuam sem casa (BRUM, 2014).

Em pauta, o (des)acontecimento que extrapola as quatro linhas do campo: a dor, na arquibancada, daqueles que tiveram seus sentidos esvaziados com a perda do lar¹², e cuja narrativa é resgatada por Brum como uma problematização em meio a realização da Copa. No movimento de escuta da jornalista aos envolvidos, a apreensão das marcas deixadas pela tragédia. Milena Cardoso, de 16 anos, perdeu sete primos, três tios, a bisavó, e ainda viu a melhor amiga morrer: “entrei em estado de choque, minha mãe me pegou no colo. Nos abrigamos na única casa que não foi levada. No terceiro andar, porque nos dois primeiros estavam os mortos”.

Uma tentativa de alcançar, por assim dizer, os sentimentos que se confundem: “não suporto Natal, não gosto de tirar férias porque na escola ainda me distraio. Fico desesperada quando chove. Choro debaixo do chuveiro pra minha mãe não ver”. Em Milena Almeida do Carmo, de 14 anos, a história se repete: “sonho sempre que chove. Sonho que tá caindo tudo e não dá tempo de sair da cama”.

No gesto que se disponibiliza ao Outro, Brum intenta enxergar as delicadezas que resistem à brutalidade, o percurso de reinvenção diante das adversidades, como expresso nas palavras de Manoel Antonio de Oliveira da Silva, de 57 anos, dono de uma escolinha de futebol, que perdeu três filhos e 50 crianças de sua escola, “meninos que

¹² Neste texto e no registro analisado anteriormente, especificamente na fala de Pankinha sobre a construção do estádio Arena Corinthians, destaca-se o conteúdo simbólico que reveste a reflexão narrativa de Brum em torno do conceito de lar – interesse esse que se revela ainda mais presente nos escritos de Brum sobre Belo Monte, que serão estudados de maneira mais aprofundada no tópico seguinte.

sonhavam em estar jogando naquele campo, mas não o alcançaram”: ““eu perdi meus filhos, mas gosto de poder falar deles. Falar deles me deixa feliz’. Reconstituir a sua escola, fazer a bola rolar em pés pequenos, é também o que o mantém vivo”.

À narrativa de dentro do campo, portanto, foco da abordagem esportiva tradicional, entrelaça-se outra perspectiva, de uma narrativa que, pelas particularidades da prática de Brum, configura-se para além dos gramados:

Enquanto meninos e meninas contam uma tragédia grande demais para tão pouca vida na arquibancada, os jogadores driblam sobre o gramado. De alguma forma isso se junta. Como quando Rian Andrade, 13 anos, cochicha no ouvido da jornalista: ‘Vou pedir uma bola para o Neymar’ [...] Ganhou. A bola e o autógrafo [...] Mas, quando se apresentam aos jornalistas, os meninos e meninas que se desesperam com a chuva assim se apresentam: ‘Eu sou da tragédia’. É uma identidade, assim como a camisa amarela da seleção. Quando a Copa acabar, ainda serão os da tragédia. Três anos e meio depois dela, ainda continuarão sem casa (BRUM, 2014).

O entorno dos estádios também foi ambiente narrativo para o Jornalismo de Desacontecimentos. Ora pelo viés social, ora pelo tom crítico à espetacularização do evento e do futebol, Brum apreendeu momentos que compõem a esfera maior dos jogos. Em “Comunidade pobre ao redor do Castelão assistiu à 'elite' desfilar”, a questão da restrição social da Copa retorna na figura daqueles - “a maioria pretos e pardos”- que, do lado de fora, observam “uma passarela em que torcedores, a maioria brancos, desfilam sua felicidade rumo ao estádio”.

Pela conversa com os torcedores, Brum reúne opiniões diversas sobre o que se passa, tecendo uma narrativa aberta à polifonia – em conjunção à polissemia característica do contexto e frequentemente identificada em sua construção textual. Em Vitor Hugo Batista de Araújo, de 33 anos, "dono de imobiliária, mas comecei como corretor", a recusa dessa classificação: “não pode dizer que todo mundo aqui dentro é filhinho de papai. Tem gente que trabalha dentro do estádio, não fica esperando o governo”. Na posição do advogado paulistano Marco Aurélio Purini, um pensamento totalmente distinto, a expressão de um retrato dos contrastes evidenciados pela Copa do Mundo, que dá o tom da produção de Brum:

Vim para cá de táxi e o taxista, que mora aqui perto do estádio, disse que queria muito poder entrar. Eu entrei, ele não. Passei por esse corredor inteiro pensando que toda a população brasileira queria estar aqui, mas só eu e muito poucos conseguem entrar. O Castelão reflete o Brasil: uma arena moderna, de última geração, convivendo com uma das partes mais pobres de Fortaleza (BRUM, 2014).

De modo a complexificar o tema, Brum escuta os que estão “explicitamente fora”, no movimento que reconhece o protagonismo dos que estão à margem do interesse midiático – o cerne propositivo dos desacontecimentos. No diálogo com o decorador de gesso Jurandir Fernandes da Silva, de 45 anos, a realidade dos que tiveram que se conformar com o lugar de plateia: “a gente fica triste de mais uma vez ficar de fora, mas a vida toda foi assim, não podemos fazer nada. Só ver eles entrar e sair”. Compartilhado pelo motoboy desempregado, que tenta vender latinhas de cerveja, Robson Tavares Galvão, de 32 anos: “não adianta protestar por ficar sempre do lado de fora. Isso é reserva de classe social”.

Outro registro que se tece nos arredores do Castelão é sobre o seu Juvenal Ribeiro dos Santos, de 70 anos, em “Neymar, o carneiro”. O texto, que recorda a configuração temática e narrativa dos escritos de Brum em *A vida que ninguém vê* (2006), destaca o dia-a-dia de seu Juvenal e de seu carneiro Neymar Jr. nos jogos da Copa em Fortaleza. Logo pela manhã, conforme conta seu Juvenal na ocasião do confronto entre Brasil e Colômbia, prepara seu carneiro para um dia de gala, dá banho nele “‘com xampu, o mesmo que o meu’. Qual? ‘O mais baratinho’”. Veste-o com a camisa 10 da seleção brasileira e vem “trotando, em boa forma, ao lado da carrocinha do seu Juvenal”.

A descrição característica da apuração jornalística de Brum demonstra o seu cuidado em valorizar, também no plano da linguagem, todos os aspectos que significam para suas fontes, em uma relação que reflete reciprocidade: o entrevistado que confia a repórter os fatos que lhe importam e a repórter que retribui essa entrega com o despojamento que confere centralidade a eles na narrativa.

Com o carneiro “trunfo”, “craque de quatro patas”, seu Juvenal busca, assim como as centenas de moradores tentando vender alguma coisa, destacar-se na multidão. Oferece fotos para os torcedores por “2 real”: “‘é pra ração, ele só come balanceada’, explica, pra não acharem que é ganancioso”. Além da *selfie*, vende churrasquinho de frango ou porco: “‘é três real, mas se o cabra só tiver 2, vendo por 2 mesmo, não vou deixar ninguém com fome’”, complementa. Na conversa, identifica-se o gesto afetivo que se abre – e mobiliza todos os órgãos do sentido – ao contar do Outro:

Neymar Jr. fica ali, sentindo o cheiro da carne assando. Mas não do perigo. Antes dele, havia o carneiro Ceará. Virou churrasquinho no aniversário de 70 anos do seu Juvenal, em fevereiro. “Coisa boa demais”, relembra seu Juvenal. Até o fim, Ceará não decepcionou.

Neymar Junior estava com destino parecido programado para o Natal, mas Seu Juvenal andou se afeiçoando um bocadinho mais. "Acho que vou deixar ele viver mais uns anos", avalia. "Em casa somos só nós dois, eu na rede, ele no chão." É dura a luta pela sobrevivência no lado de fora do Castelão (BRUM, 2014).

O interesse pelo comum, na chave de uma escrita permeada pelos detalhes, em que o diálogo, a observação e a escuta disponibilizam-se às singularidades do Outro, mesmo na abordagem esportiva, marca também a reportagem “Cleto Pinto é o 'dono' do microfone até a seleção começar coletiva na Granja”. Nela, a história de Cleto Pinto, de 60 anos, o preparador técnico das entrevistas, aquele que ajeita o microfone para a coletiva dos jogadores da seleção.

Durante pelo menos 30 minutos, Cleto se posta diante do microfone, no palco, e fala, para que todos possam testar se o áudio está perfeito. Poderia repetir apenas "alô, alô, testando" ou "um, dois, três, quatro, cinco". Mas não. Cleto se prepara. Planeja. Estuda. Investiga. Entra no palco como um homem imbuído de um papel histórico. Ainda que ninguém grave ou transmita o que ele diz, ainda que ele seja um antes (BRUM, 2014).

Em foco, a coletiva de imprensa não pela via das respostas e comentários dos jogadores da seleção, mas pelo olhar daquele que está sempre ali, dedicado a um trabalho que passa quase despercebido. Na abordagem de Brum, a escolha em registrar o comum, na configuração de um relato que subverte os padrões noticiosos convencionais. No caminho oposto do faro tradicional, a sensibilidade do desacomodamento que encontra significado nos redutos não iluminados pelos holofotes midiáticos:

Lá dentro Cleto executa sua coreografia. Abaixo da franja, o rosto inteiro é expectativa. Passa dias matutando os melhores termos para expressar o momento da seleção. "Galera", descobriu, rima com quase tudo. "Atenção, galera, a expectativa passou e a Copa já começou. Galera, chegou a hora da guerra." A galera não escuta, a maioria está grudada nos computadores, tendo que abastecer a internet minuto a minuto, achar notícia onde nem sempre tem. Mas tem de ter. Desespero, desespero (BRUM, 2014).

A repórter que se interessa em permanecer no tempo e no espaço em que não há “quase ninguém, porque nesse momento a maioria dos jornalistas está no lado de fora da sala, fazendo fila diante de ‘JB Telles, como o uísque’”, “o dono das senhas”, “no mundo da imprensa da CBF”. Uma narrativa que se constrói pelos gestos e atitudes de um anônimo em meio a um megaevento esportivo: “Cleto disfarça, empoleira os óculos,

tira um papel bem dobrado do bolso. Escreveu lá um, dois, três, quatro, cinco em outras seis línguas além do japonês: inglês, espanhol, holandês, francês, alemão e chinês”.

"Bom dia a todos. Estamos iniciando mais uma entrevista coletiva diretamente da Granja Comary, para toda a imprensa nacional." E, caprichando no vocabulário: "E também para a hipernacional" [...] "Bonjour! One, two, three, four, five, six, seven..." E Cleto termina, bem animado: "Eitiiiiiiii". Só não encontrou um jeito ainda de se expressar em Libras, a Língua Brasileira de Sinais (BRUM, 2014).

Em destaque, uma pauta que concilia e contrasta o ordinário e a grandeza de um Mundial de futebol: “no dia seguinte, tudo se repetirá. Ele voltará ao microfone. Mas o espetáculo, de fato, só começa quando o homem comum deixa o palco”. Brum articula, deste modo, uma arquitetura textual que contempla as diversas nuances do futebol, e do esporte, em tempos de megaevento e de midiaticização, a transgressão que rompe o espetáculo e como tudo isso se funde e se expressa também dentro de campo. Seguindo a linha de pensamento manifesta nas narrativas de Brum, a Copa de 2014 atravessou-se pelo contínuo embate entre realidade e espetáculo, ora com o domínio da agenda do mercado e do controle discursivo do marketing, ora com o escapismo da vida real.

Com o encerramento do Mundial, o registro último de Brum para a *Folha de São Paulo* – “O insustentável peso da camisa” - sintetiza aspectos retratados ao longo de toda a cobertura dos desacontecimentos. O texto versa sobre os dilemas que permearam a Copa, desde a escolha do país como sede do evento - “a um custo alto demais para uma parcela significativa de brasileiros”, com “o rastro de dezenas de milhares de desabrigados” e com “estádios caríssimos”, conforme relatado na narrativa de Pankinha e das vítimas da chuva de Teresópolis -, as expressões da torcida – demonstradas anteriormente na figura de Marco Aurélio, Jurandir, Antonio, Juvenal e seu carneiro, Carlos, Edson, Juliane, Maurício, Daiane Rocha e os ciganos -, a influência da lógica mercadológica do espetáculo – nas estratégias imagéticas e de marketing, quando o “futebol brasileiro desfez-se” -, até as manifestações políticas de 2013 e seus desdobramentos no Mundial.

De modo concomitante à abordagem das ‘Brasilidades’, portanto, o retrato do cotidiano integrou-se ao quadro maior a que pertence a Copa do Mundo – política, cultura e sociedade -, pelo tom de densidade crítica e multicausal que marcou os últimos textos publicados. O desacontecimento manifestou-se, neste sentido, ora pelo interesse em histórias de vida – o homem ordinário na Copa do Mundo de 2014 -, nos gestos de

abertura da repórter ao encontro com o Outro, ora pelo entrelaçamento de contextos não tradicionalmente abordados pela mídia esportiva convencional.

4.2 O desacontecimento às margens do rio Xingu

A pauta ambiental, pelo reconhecimento do protagonismo da população indígena e ribeirinha do Brasil, sempre foi cara à Eliane Brum. E de tal forma presente que, orientado pela lógica dos desacontecimentos, seu jornalismo deslocou a Amazônia para o centro das reflexões sobre o país. Desde os princípios da carreira, neste sentido, - e de modo mais recorrente a partir dos trabalhos especiais para a revista *Época* -, Brum empreende o movimento de narrar este povo – em suas contradições, dilemas, conflitos e, sobretudo, nos significados que constroem seus dias.

Pela escuta das histórias de vida, registra o testemunho daqueles que, ao sustentarem a floresta, preservam também as raízes do Brasil. Nessa entrega à Amazônia – não a uma, mas a muitas, já que segundo a própria Eliane, “uma vida não basta para conhecê-las” (BRUM, 2013, p.211) -, o encantamento da repórter com os múltiplos sentidos manifestos e sua abertura àqueles ainda por serem descobertos na região. Pelas palavras, já tocou as realidades das parteiras do Amapá, dos habitantes e grupos indígenas de Roraima, e, desde 2011, dedica-se a documentar os ribeirinhos do Pará que, à beira do rio Xingu, vivem como “refugiados dentro de seu próprio país”.

Por um gesto inédito, sua prática jornalística extrapolou o campo da escrita e alcançou a esfera da intervenção e do cuidado, com a idealização de um projeto de saúde mental para os atingidos pela usina hidrelétrica de Belo Monte, articulado juntamente com os psicanalistas Christian Dunker e Ilana Katz. Com o apoio de 1305 pessoas, sua campanha de financiamento público superou em 14% a meta de arrecadar R\$124.000 para o envio de uma equipe de quinze profissionais para a atuação da Clínica de Cuidado no local. No projeto, a busca por conciliar a promoção da saúde dos atingidos e a documentação e transmissão de suas memórias, conforme explicitado por Brum em seu site:

Construir um modelo de intervenção clínica, baseado na escuta e testemunho de sujeitos em situação de vulnerabilidade social. Investigar o conceito de vulnerabilidade social e sua possível aplicação à psicanálise. Examinar as condições de exequibilidade da escuta do sofrimento em sua relação com práticas de testemunho e narração da experiência. Formular operadores clínicos e éticos necessários para uma prática de cuidado especificamente orientada

para um caso modelo: a população ribeirinha atingida pela construção da UHE Belo Monte no Rio Xingu, na região de Altamira, no estado do Pará (BRUM, 2016).

Devido à importância desta cobertura, em meio a um cenário midiático que pouco se atém ao contexto das vítimas, destaca-se nesta pesquisa uma análise específica sobre a configuração da prática dos desalojamentos na tessitura de narrativas sobre o povo amazônico. O foco, considerando-se o recorte temporal definido para o *corpus*, é a guerra amazônica que resulta da construção da usina hidrelétrica e, sobretudo e como interesse primeiro, a vida e a cultura dos que habitam essa região.

Por isso, além dos quatro textos que versam especificamente sobre os refugiados de Belo Monte, inclui-se no estudo outros registros que tocam a questão dos direitos indígenas e da floresta Amazônica. Ressalta-se também que suas colunas mais recentes para o *El País* Brasil, ainda que não integrem o objeto da pesquisa, assim como os dados do projeto Clínica de Cuidado, em fase de execução, podem ser aqui retomados e referenciados como um complemento à compreensão desta prática e uma amostra da relação de reciprocidade e acompanhamento entre Brum e suas fontes.

Por fim, o presente item convida à reflexão a Filosofia do Diálogo, de Martin Buber, na expectativa de consolidar articulações entre seus princípios norteadores e o jornalismo. A partir de uma revisão introdutória, busca-se realçar os conceitos teóricos na dimensão da prática noticiosa, de modo a evidenciar os momentos em que tais conciliações tornam-se mais nítidas.

4.2.1 Encontro dialógico com os refugiados de Belo Monte

Na região de Altamira, no estado do Pará, no Norte do Brasil, uma série de conflitos amazônicos coloca em evidência a anatomia de um etnocídio em pleno regime democrático. Nas margens do rio Xingu, um dos mais ricos em biodiversidade da Amazônia, a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte é um exemplo contundente da violação sistemática de direitos no Brasil. Esse projeto, que surgiu durante o período da ditadura militar brasileira, sintetiza o dilema histórico de um país ainda submerso no passado e assinala a perigosa simbiose entre o público e o privado, símbolo do momento político recente do país.

O engendramento desta operação política e econômica deflagra um processo de morte da cultura e do modo de vida das populações locais, com a omissão do Estado – nele incluso sua população – na desestruturação social promovida pela construção da

usina hidrelétrica de Belo Monte. O empreendimento, o maior do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) dos governos Lula e Dilma Rousseff, que já consumiu R\$30 bilhões e cujos custos foram financiados em cerca de 80% pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), revela, de início, o descompasso entre as obrigações socioambientais do licenciamento e o cronograma das obras.

Diante de um cenário de descumprimento das medidas de mitigação e compensação por parte da empresa concessionária Norte Energia, conhecidas como as condicionantes socioambientais de viabilidade da usina, estabelecida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) em 2010, Belo Monte pode ser descrito como uma operação em que a Lei foi suspensa. A licença de instalação da usina foi concedida apesar do atraso na implementação do conjunto de ações antecipatórias – de saúde, educação e saneamento básico –, que deveria preparar a região para receber a obra, e até hoje não foi completamente atendido.

Da mesma forma, uma parte considerável dos planos e programas do Projeto Básico Ambiental (PBA) e do Projeto Básico Ambiental do Componente Indígena (PBA-CI), para prevenir e compensar os impactos da hidrelétrica, inclusive em relação aos povos indígenas, com a regularização fundiária e a proteção das Terras Indígenas e Unidades de Conservação, ainda não saiu do papel. Com isso, Belo Monte foi instalado ao mesmo tempo em que se concretizavam os impactos que deveriam ter sido evitados pelas ações antecipatórias: a degradação ambiental da região, os prejuízos na qualidade de vida das populações locais e a perda de recursos naturais essenciais à manutenção das formas de vida dos povos indígenas e comunidades tradicionais locais.

Neste sentido, os desdobramentos e consequências da construção da usina, para além da questão ambiental, afetam sobremaneira o jeito de ser e de estar no mundo dos que vivem na região. Trata-se de um monumento à violência, uma ausência de reconhecimento e de legitimação da cultura indígena e ribeirinha, revelada nos critérios de aplicação do Plano emergencial indígena e da remoção e reassentamento dos “beira de rios”. No caso dos recursos da Norte Energia destinados aos índios, a alegação do Ministério Público Federal é de que houve a cooptação de lideranças através da distribuição indiscriminada de bens materiais; uma ação que, segundo o órgão, configurou-se como política de pacificação e silenciamento similar à colonização do território brasileiro.

Em vez de investir, de forma estruturada, na compensação de danos causados pelo empreendimento, a empresa acionou uma espécie de lógica clientelista no

relacionamento para com esses povos, fornecendo, dentre outros itens de consumo, motores, barcos e voadeiras, gasolina, caminhonetes, TVs de plasma e refrigerantes – os espelinhos deste milênio, para usar a expressão da jornalista Eliane Brum. O Plano emergencial, assim, desviou-se de seu objetivo de fortalecer os indígenas frente a Belo Monte e de promover serviços públicos a essas comunidades. Seu legado aponta para a desestruturação social e o enfraquecimento dos sistemas de produção alimentar nas aldeias, de modo a colocar em risco a autonomia desses povos, seus processos de organização e resistência, além de sua própria saúde e segurança.

Um levantamento realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA) indica que, durante o período de fornecimento de mesada no valor de R\$ 30 mil por aldeia, pelo Plano emergencial (2010- 2012), houve um aumento de 2000% nos atendimentos de saúde a indígenas na cidade. A isso, soma-se a falta de escolas, a degradação e o desmatamento nas Terras Indígenas. Nesse rastro, há ainda a brutalidade na remoção de cerca de 40.000 pessoas, expulsas do lugar onde sempre viveram e construíram laços de memória e cotidiano. O modo de vida ribeirinho, dos moradores de ilhas locais que dependem do uso do rio para sua sobrevivência física e cultural, não tem sido respeitado no processo de realocação das populações. O Projeto Básico Ambiental não considerou as especificidades socioeconômicas e culturais dos beiradeiros, suas formas particulares de ocupação e uso do território, às margens do Xingu, onde pescam e plantam, e na cidade de Altamira, onde vendem o peixe e usufruem dos serviços urbanos.

Com isso, a população, que possui duas moradias de fato, tem sido impelida a escolher se se considera urbana ou rural, o que implica renunciar a uma parte de sua própria identidade. Devido à ausência de informação e assistência jurídica, a maior parte das famílias afetadas, 75%, segundo dados do ISA, escolheu a indenização em dinheiro, incompatível com o valor das terras e imóveis da região, especulados pelo *boom* econômico da obra. Essa lógica de realocação, que não assegura a dupla opção de reassentamento a quem possuía dupla moradia, inviabiliza o exercício da atividade pesqueira dos ribeirinhos, converte essas comunidades em populações exclusivamente urbanas e pode resultar na extinção desse modo de vida tradicional.

Diante desta aniquilação simbólica e real e do desinteresse de uma parcela significativa da imprensa brasileira por essa cobertura, a jornalista Eliane Brum realiza uma abordagem contundente e bastante singular do tema. Desde 2011, dedica-se à tessitura de narrativas sobre os homens e as mulheres imbricados neste cenário, empenhando-se em desvelar os meandros políticos e econômicos do projeto Belo Monte

e em transparecer para o leitor a crise humanitária daqueles que perderam seus lares e se sentem exilados em seu próprio país. Trata-se, por isso, de um trabalho que é também uma documentação histórica: ao contar a vida das comunidades do Xingu frente a uma operação de destruição ambiental e morte cultural, registra o testemunho dos povos e as nuances de uma realidade que representa o atual momento vivido pelo Brasil.

Com textos que se constroem a partir da relação de reconhecimento e reciprocidade entre Brum e essas famílias, propõe-se analisar interpretativamente essas produções à luz das matrizes teóricas do encontro dialógico, de Martin Buber, na busca por sublinhar aspectos desta conexão e evidenciar a possibilidade de incorporação desses valores no campo do jornalismo. Alude-se a Buber, pois se acredita, assim como von Zuber, no prefácio de *Eu e Tu* (1979, p.7), que sua voz faz ecoar, exatamente em uma época que se deixa tomar por um esquecimento sistemático, “aquilo que é mais característico no homem: sua humanidade”. Ao refletir sobre o diálogo, Buber assume, na atitude existencial do face-a-face, a primazia da relação – aspecto esse, aqui se defende, que deve ser constantemente lembrado e reafirmado na cultura jornalística.

Em *Eu e Tu* (1979), o filósofo designa o lugar do outro como indispensável para a realização existencial. Isso porque o homem não é visto enquanto indivíduo, mas como um ente de relação entre o eu e o tu: “o tu se apresenta ao Eu como sua condição de existência, já que não há Eu em si, independente; em outros termos o si-mesmo não é substância, mas relação. O Eu se torna Eu em virtude do Tu” (p.48).

Trata-se, por isso, de uma “ontologia da relação” (p.16), em que essa se revela como fato primitivo, como fundamento da existência humana. Diante do mundo ou diante do ser, postula Buber (1979), o homem pode assumir duas atitudes, que se traduzem pela palavra princípio Eu-Tu e pela palavra princípio Eu-Isso:

O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir. [...] Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso. [...] Deste modo, o EU do homem é também duplo. Pois, o EU da palavra-princípio EU-TU é diferente daquele da palavra-princípio EU-ISSO (BUBER, 1979, p.09).

Pontua von Zuber que “a primeira é um ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. A segunda é a experiência e a utilização, atitude objetivante (BUBER, 1979, p.44). Ao proferir uma palavra princípio, o homem nela penetra e aí permanece. Neste sentido, Buber afirma que o “o homem é tanto mais uma pessoa quanto mais intenso é o Eu da palavra-

princípio Eu-Tu, na dualidade humana de seu Eu (p.79). Isso devido à reciprocidade que marca definitivamente o fenômeno da relação:

O Eu da palavra-princípio EU-TU é diferente do Eu da palavra princípio Eu-Isso. O Eu da palavra-princípio Eu-Isso aparece como egótico e toma consciência de si como sujeito (de experiência e utilização). O Eu da palavra-princípio Eu-Tu aparece como pessoa e se conscientiza como subjetividade. O egótico aparece na medida em que se distingue de outros egóticos. A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas (BUBER, 1979, p.76).

Assim, enquanto o meu Tu atua sobre mim, eu também atuo sobre ele. Pelo face-a-face, o homem aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam, e é nesta alternância, segundo Buber (1979, p.38), que “a consciência do Eu se esclarece e aumenta cada vez mais”. O tu, apesar de exercer e receber a ação, simultaneamente, não se insere numa cadeia de causalidades, já que, na sua ação recíproca com o Eu, ele é o princípio e o fim do evento relacional: “entre ele e ti existe a reciprocidade da doação; tu lhe dizes Tu, e te entregas a ele; ele te diz Tu e se entrega a ti” (BUBER, 1979, p.43). Está-se diante, portanto, de um fluxo torrencial de reciprocidade universal, no qual se vive irremediavelmente encerrado.

Buber acrescenta, ainda, em outra obra – *Do diálogo e do dialógico* (1982, p.55), que é na relação dialógica que se colocam presentes o Eu como pessoa e o Tu como outro. O autor confere, assim, ao encontro dialógico ou inter-humano “a relação de maior valor existencial”, onde a inovação encontra sua verdadeira e plena resposta:

Se EU E TU nos revela o diálogo como fundamento da existência humana, se a questão antropológica deverá ser abordada como um ato vital de procura do sentido da existência humana, então trata-se de perscrutar o dialógico no ser humano. O “entre” permitirá, como chave epistemológica, abordar o homem na sua dialogicidade; e só no encontro dialógico é que se revela a totalidade do homem (BUBER, 1982, p.51).

Depreende-se, então, que para realizar plenamente o seu Eu, o homem precisa entrar em relação dialógica com o mundo: “ele precisa dizer Tu ao outro, e este dizer Tu só se fez com a totalidade do ser. É preciso perceber e aceitar o outro na sua totalidade, na sua unidade e sua unicidade. É preciso que ele se torne presença para mim” (BUBER, 1982, p.08). Numa situação dialógica, sustentada pela palavra princípio Eu-Tu, o outro nunca pode ser o meu objeto: “eu devo apenas estar presente, estar aí, atento, abrindo meu ser em toda sua totalidade para perceber a palavra que me é dirigida” (BUBER, 1982, p.09).

A dialógica é, assim, um “verdadeiro sair-de-si-em-direção-ao-outro, alcançar-o-outro, permanecer-junto-ao-outro”.

O movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro. Aparentemente trata-se de algo que acontece toda hora, algo banal; quando olhamos para alguém, quando lhe dirigimos a palavra, é com um movimento natural do corpo que a ele nos voltamos; porém, na medida do necessário, quando a ele dirigimos a nossa atenção, fazemo-lo também com a alma. Mas qual é, em tudo isto, a ação essencial, realizada com a essência do ser? Da incapacidade de apreendermos totalmente o que nos cerca, emerge esta pessoa singular e transforma-se numa presença; e eis que, na nossa percepção, o mundo cessa de ser uma multiplicidade indiferente de pontos; mas é um movimento de ondas sem limites [...] recebeu uma forma, liberou-se de sua própria indiferença! (BUBER, 1982, p.56-57)

Pensa-se, desta forma, no ato de voltar-se-ao-outro como uma capacidade de tornar o outro presente, respeitando sua existência específica. Destaca-se a sensibilidade que me leva a abarcar o outro de forma a experienciar situações comuns também do seu lado. A conversação genuína percebe o parceiro como o homem que precisamente é, considera o fato de que ele é outro, “essencialmente outro do que eu e essencialmente outro do que eu desta maneira determinada, única, que lhe é própria” (BUBER, 1982, p.146). Somente ao reconhecer e assumir tais significados é que o homem pode, então, dirigir ao outro a palavra com toda seriedade:

Aquele que fala não somente percebe a pessoa que lhe está assim presente, ele a aceita como seu parceiro, e isto significa: ele confirma este outro ser na medida em que lhe cabe confirmar. O verdadeiro voltar do seu ser para o outro ser inclui esta confirmação e esta aceitação. Onde a conversação se realiza em sua essência, entre parceiros que verdadeiramente voltaram-se um-para-o-outro, que se expressam com franqueza e que estão livres de toda vontade de parecer, produz-se uma memorável e comum fecundidade que não é encontrada em nenhum outro lugar (BUBER, 1982, p.154-155).

Quando essa forma elementar de relação se concretiza, quando permito que o outro se torne presença para mim, alcança-se o sentido especial daquilo a que Buber (1982, p.147) se refere como “tomada de conhecimento íntimo” – identificada em Morin (2002), Sodré (2006) e Kunsch (2002) como o sentido da compreensão intersubjetiva, conforme abordaremos no próximo capítulo. Na tomada de conhecimento íntimo, há o desejo de encontrar no âmago do outro aquilo que em si mesmo reconheceu-se como certo: abre-se à potencialidade do encontro. É por isso que o movimento básico monológico é caracterizado por Buber não como um desviar-se-do-

outro, mas como um dobrar-se-em-si-mesmo. Nele, lida-se com a frieza do significado único; renuncia-se ao espanto advindo da polifonia que apenas o contato genuíno pode criar.

E é o encontro, para Buber (1979, p.42), que “te garante o vínculo com o mundo”. A Filosofia do Diálogo desdobra-se, assim, na reflexão sobre a intersubjetividade, abordada como o “inter-humano” em sua literatura. A esfera do inter-humano é a esfera do um-ao-outro e seu fundamento reside no interior da reciprocidade, na confirmação da existência.

O homem é antropologicamente existente não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana. Para isto, para a existência do inter-humano, é necessário, como foi mostrado, que a aparência não intervenha perniciosamente na relação entre um ser pessoal e outro ser pessoal; é, outrossim necessário, como foi também mostrado, que cada um tenha o outro em mente e que o torne presente no seu ser pessoal. Que nenhum dos parceiros queira impor-se ao outro é o terceiro pressuposto básico do inter-humano (BUBER, 1982, p.152).

Em *Humanismo de outro homem* (2009, p.49), Emmanuel Lévinas fala em “desejo” para se referir ao movimento fundamental que um homem faz em relação ao outro, “o elã puro, a orientação absoluta, o sentido”: “a relação com o Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas. Não me sabia tão rico, mas não tenho mais o direito de guardar coisa alguma”. O pensador, que em algumas reflexões inspirou-se em Buber, propõe a ética da alteridade como um abrir-se ao outro, na experiência de sentir no Eu a infinitude do outro. O verdadeiro sentido do ser encontra-se, deste modo, na relação que não reduz o outro ao mesmo, mas que assume o risco das diferenças e se responsabiliza por ele.

A explicitação do sentido que um outro eu, que não eu, tem para mim – eu primordial – descreve o modo pelo qual Outrem me arranca da minha hipóstase, do aqui, do coração do ser ou do centro do mundo onde, privilegiado e, neste sentido, primordial, eu me coloco. Mas, neste arranchamento revela-se o sentido último de minha ‘minheidade’. Na colação do sentido de ‘eu’ ao outro e também na minha alteridade a mim-mesmo, pela qual eu posso conferir ao outro o sentido de eu – o aqui e o lá invertem-se um no outro. Não é a homogeneização do espaço, que, assim, se constitui; sou eu que passo ao segundo plano: eu me vejo a partir do outro, exponho-me a outrem, tenho contas a prestar (LÉVINAS, 1997, p.123).

Na filosofia de Lévinas, portanto, a alteridade se revela como um despojar-se de si próprio na busca por reconhecer o Rosto¹³ do Outro, na qual a compreensão se traduz no acolhimento do outro, na responsabilidade por esse outro; responsabilidade essa, afirma o autor, incondicional e anterior ao estar presente em si mesmo, não assumida pelo ser em nenhum momento, aquela que guarda o segredo da socialidade: “o encontro com Outrem é imediatamente minha responsabilidade por ele. A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo, amor em que o momento ético domina o momento passional” (LÉVINAS, 1997, p.143).

O que me importa está na responsabilidade por outrem como um engajamento mais antigo que toda deliberação memorável constitutiva do humano. É evidente que há no homem a possibilidade de não despertar para o outro; há a possibilidade do mal. O mal é a ordem do ser simplesmente – e, ao contrário, ir na direção do outro é a abertura do humano no ser, um ‘outramente que ser’ (LÉVINAS, 1997, p.156).

Está-se diante, assim, nas próprias palavras do pensador, de uma “fenomenologia da socialidade” (1997, p.217), de uma ordem de responder pela vida do outro homem, no risco, inclusive, de dele se fazer cúmplice. Trata-se de uma radicalidade ética em que o “eu, enquanto sujeito da ética, é responsável por tudo em relação a todos, sua responsabilidade é infinita. Ela não é o que se chama de agradável, certamente não é divertida, mas ela é o bem” (p.270).

Apesar das especificidades¹⁴ nas reflexões de cada autor, buscou-se evidenciar aqui aspectos que podem ser considerados e incorporados nos estudos em Comunicação: a relação e o diálogo – cerne do pensamento de Buber – e a responsabilidade pelo o Outro e a alteridade – ponto nevrálgico em Lévinas. Em concordância com o que alerta Medina (2008, p.6) - “se os meios são de comunicação, que se encare então o que é comunicar, interligar” -, é preciso que se discuta o lugar, e a ausência de lugar, do Outro, do diálogo e da intersubjetividade (ou inter-humano) nos conteúdos jornalísticos e na cultura dos profissionais. Neste sentido, propõe-se um espaço, adiante, para o estudo de autores interessados em pensar a renovação da mediação jornalística.

¹³ Para Lévinas (1997, p.296), o rosto é a representação da alteridade: é como o outro se manifesta a mim, em sua infinita transcendência. No Rosto do outro homem “a minha responsabilidade é lembrada”.

¹⁴ A presente investigação não pretende ser um estudo sobre filosofia – e nem tem gabarito para isso -, mas quer fazer dialogar as diferentes áreas do saber. Sobre as diferenças entre os dois pensamentos, cabe dizer que o Eu-Tu Buberiano é formal, recíproco e espiritualista, enquanto para Lévinas, essa relação é assimétrica (Strasser, 2004).

Com análises que interiorizam uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, conforme já destacado no capítulo anterior, Cremilda Medina, ao longo de sua trajetória profissional, dedica-se a refletir, e a socializar experiências em laboratório, sobre os sentidos renovadores que a Comunicação Social pode promover. Pensa o jornalismo a partir da possibilidade de ampliar seus horizontes para a mudança de visão de mundo. Articulando teoria e prática, faz dialogar os saberes e contesta o tom autoritário de um conhecimento científico pretender-se único. Inscreve o pensamento comunicacional em ambiente de fecundo encontro com outras áreas, de modo a revelar os desdobramentos de uma prática jornalística aberta à ação relacionadora.

Crítica das técnicas jornalísticas que se fixaram sob a égide do paradigma positivo-funcionalista, Medina denuncia a tendência de se estratificar a narrativa numa mentalidade reducionista, com coberturas inertes e esquemáticas, que atrofiam a sua vitalidade enquanto processo. E vai além, ao sugerir aos profissionais que se valham de uma inquieta e criativa metodologia de investigação, ensaiada sob várias redes de significados: “melhor seria abandonar a ambição das suntuosas hipóteses ou das fáceis bandeiras e recolher, no contato complexo com a situação contemporânea, interrogações para um projeto de compreensão cuja construção é plural e sem garantias conclusivas” (MEDINA, 2006, p.62).

Em obra clássica, *Entrevista, o diálogo possível* (2008), Medina põe em discussão a necessidade de se romper com o dirigismo com que se executam as tarefas de comunicação social. Especificamente, questiona a entrevista como uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Encarada assim, afirma a autora, faz-se fria nas relações entrevistado e entrevistador e “não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo” (MEDINA, 2006, p.5).

Inspirada na dialógica Buberiana, personificada na palavra princípio Eu-Tu, Medina reflete sobre a entrevista jornalística na chave de uma humanização do contato interativo, quando “ambos saem ‘alterados do encontro’, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o Eu e o Tu [...] elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Realizou-se o Diálogo Possível” (2008, p.7). Trata-se de uma contestação às técnicas que se difundem na cultura profissional: ao ritmo de pauta que é imposto pelo jornalista, à condução das respostas do entrevistado pelo entrevistador, ao interesse em cumprir, a todo custo, o que foi predeterminado na redação. Com isso, perde-se a interação humana criadora que somente o diálogo pode atingir, distancia-se

da rede de comunicação capaz de resgatar a presença da pessoa, de abrir canais para os testemunhos anônimos.

Sob o prisma de Medina, deste modo, a entrevista deve se interessar pelo modo de ser e o modo de dizer das pessoas, deslocando a centralidade do momento para o entrevistado. Somente assim torna-se possível alcançar a autenticidade entre interlocutores, culminando na “entrega do Eu ao Tu, um Tu-pessoa e não um Tu-isto” (p.11):

À medida que EU busco a TI, me projeto por inteiro, me perco e me acho, me revelo no ENTRE o EU e o TU. O processo é de aprendizado, educativo: eu, entrevistador, lanço esses desafios para que o outro se revele no plano mais imediato de minha pauta, mas matizado, pelo estímulo à abertura, por claro-escuros de sua subjetividade, que não estariam na pauta, mas a enriquecem (MEDINA, 2008, p.44).

O *modus operandi* jornalístico deve se dar, por isso, sobretudo no nível da sensibilidade. É preciso que a prática profissional, tal qual diz Medina (2008, p.47), origine-se e consuma-se na “ética solidária, na técnica da partilha e na poética da afetividade”. Isso porque o signo, conforme dito anteriormente, acontece na cultura da relação, alicerçado na capacidade de ‘estar afeto a’, e não se esgota na racionalidade instrumental ou na ilusão da eficiência fria das máquinas. A epistemologia relacional implica intersubjetividade, dialogia: neles, “afloresce o tão misterioso quanto real sentimento coletivo” (p.62).

Também no pensamento de David Bohm evidenciam-se estudos sobre as relações entre indivíduos, particularmente no livro *Diálogo: comunicação e redes de convivência* (2005). Na obra em questão, o autor coloca o diálogo como lugar de compartilhamento. Por intermédio do encontro, escreve, um fluxo de novas perspectivas pode emergir, criando “um significado que é de todos, o que quer dizer tanto ‘compartilhar’ como ‘fazer parte de’. Isso significa que surgiria uma consciência comum dessa participação, que nem por isso excluiria as consciências individuais” (BOHM, 2005, p.66).

Bohm fala, assim, em ‘significados compartilhados’ ou ‘significados coletivos’, na mesma vertente daquilo que Medina denomina de sentimento coletivo, como a ‘cola’ ou a ‘amalgama’ que mantém juntas as pessoas e as sociedades.

Num certo sentido, esse contato estabelece um ‘corpo único’. Além disso, se formos capazes de ouvir as opiniões uns dos outros e suspende-las sem julgá-las, e se os outros fizerem o mesmo com

nossas opiniões, teremos uma ‘mente única’. Nesse momento, a diferença é secundária. Essa condição não oprime as individualidades. O ponto central é que estabeleceríamos, em outro plano, uma espécie de ligação chamada companheirismo difuso [...] a conexão estreita, a cumplicidade, a participação mútua. Penso que sentimos falta disso em nossa sociedade, que costuma glorificar o indivíduo isolado. [...] Afirmo que essa é uma razão para o diálogo. (BOHM, 2005, p.73-74).

Quando pensa na ampliação de horizontes que pode se dar a partir do diálogo e da consciência comum, o autor enxerga a possibilidade de sair das dificuldades coletivas. Há que se valorizar, portanto, os caminhos que afloram das relações, bem como se resgatar os sentidos que podem advir do encontro cotidiano. Abrir-se ao outro, suspendendo os seus próprios pressupostos e filtros, que agem como “bloqueios” (BOHM, 2005, p.32) e mantém o indivíduo longe de tudo aquilo que o pode perturbar, isto é, o diferente.

Por tudo isso é que se defende, tal qual Dimas Künsch (2000, p.98), que o jornalista assuma uma “mentalidade relacionadora”, articulando diferentes sentidos, sobretudo na entrevista, em que se pode apreender emoções e experimentar sensações.

O processo de produção jornalística ganhará nova configuração, à medida que o jornalista perceber que a comunicação se faz através das relações. Da mesma forma que Buber sugeriu uma reviravolta nas atitudes do homem com a sociedade, a natureza e a divindade, em uma medida mais focada nas narrativas da contemporaneidade, Medina propõe que o jornalista precisa reavaliar suas posturas, a começar pela maneira com que se relaciona com a própria profissão, enquanto produtor de sentidos (KÜNSCH, 2010, p.81).

Para o autor, o diálogo deve ser aberto, buscar compreensão e aprofundamento. É, por isso, também, que se coloca como uma prática de justiça, igualdade e de respeito ao outro. Considerando a possibilidade de conciliar apontamentos teóricos com o universo da prática, propõe-se evidenciar os elementos acima mencionados nas produções de Brum, especificamente as que versam sobre a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, uma vez que, acredita-se, tais narrativas manifestam traços do contorno característico e inaugural dos desacontecimentos, isto é, o interesse pelo cotidiano e por protagonistas anônimos.

4.2.2 Histórias pequenas e uma obra gigante: marcas por escrito

Em face a um cenário de conflitos diversos, a atividade jornalística de Eliane Brum empenha-se em registrar os impactos da controversa construção da usina hidrelétrica de Belo Monte na cultura e no modo de vida dos habitantes das ilhas do rio Xingu, em Altamira., buscando “alcançar as populações ribeirinhas, aqueles homens e mulheres que definem seu corpo, seu contorno e sua linguagem na relação com o rio” (BRUM, 2017, p.365). Para tanto, seu trabalho de reportagem envolve o convívio *in loco* com os afetados pelas barragens, expresso a partir de um mergulho imersivo na realidade e pela observação arguta e atenta ao Outro da repórter, fazendo emergir uma voz autoral que não se sobrepõe à atmosfera de sentidos instaurada pelos narradores e pelo que está sendo contado.

Pela articulação de mecanismos discursivos da ordem do real e do simbólico, suas narrativas, por um lado, buscam garantir a permanência da “multiplicidade de experiências vividas ao longo da construção da hidrelétrica, assim como a diversidade de nomeações e de sentidos dados a essas vivências”; por outro, “a documentação e a elaboração do vivido cumprem o papel de colaborar com a reconstituição da vida de cada um, assim como do tecido comunitário” (BRUM, 2016).

Em 2011, a coluna “Quem tem medo de Dilma Dinamite”, publicada inicialmente no portal da *Época* e depois no livro *A menina quebrada* (2013), registra os primeiros passos da cobertura jornalística de Brum sobre o assunto a partir da figura de Antonia Melo, uma das lideranças do Xingu: “o Brasil não sabe, porque ela vive bem longe do poder central, mas todos nós temos uma dívida histórica com Antonia, que há décadas luta pelos direitos humanos em uma das regiões mais conflagradas da Amazônia” (BRUM, 2013, p.233).

No texto, Brum problematiza a construção da usina, que tem sido imposta “não só aos povos da floresta, mas a todos nós, ameaçando uma das mais ricas biodiversidades e condenando a cultura e a vida de indígenas, ribeirinhos e pequenos agricultores” (BRUM, 2013, p.237). Sua abordagem, desde esta fase inicial, já identifica a proximidade da “truculência no trato de Belo Monte” com as “práticas do velho mundo”, em uma alusão aos projetos da ditadura militar para a Amazônia.

Sua compreensão do contexto no qual a hidrelétrica tem sido implantada advém de suas experiências com os protagonistas sociais da região, os anônimos do Xingu. Pelo movimento de ir ao encontro do Outro, Brum passa, então, a se aproximar da realidade local e contar as relações deste povo com a terra, o rio, e também com o governo federal. Especificamente nesta coluna, descreve uma entrevista que fez com

Antonia, em Altamira, e a conversa delas sobre a viagem da líder a Brasília, para tratar da viabilidade da construção de Belo Monte, com a então ministra Dilma Rousseff.

Os olhos de Antonia se encheram de lágrimas e sua voz embargou. Fiquei pensando no que poderia causar tanta dor àquela mulher que enfrentava grileiros de peito aberto, já havia sido ameaçada de morte e perdera vários companheiros assassinados por pistoleiros. Só depois de ouvir o relato que compreendi que, para alguém com a dignidade de Antonia Melo, o sentimento de ser traída poderia ser devastador [...] compreendi que sua emoção se devia à lembrança de humilhação e à descoberta de autoritarismo do governo que ela tinha apoiado (BRUM, 2013, p.234).

As políticas do governo do Partido dos Trabalhadores são, assim, enfocadas a partir da perspectiva dos homens e mulheres que estão sendo ameaçados por essa obra monumental, “imposta de maneira autoritária à população brasileira e aos povos diretamente atingidos” (BRUM, 2013, p.237). O posicionamento de Dilma frente às necessidades da região é ainda evidenciado com o relato de Ana Alice Santos, principal liderança feminina de Cobra Choca, comunidade de agricultores da Volta Grande do Xingu, “que tem colaborado para transformar o Brasil num dos maiores produtores de cacau do mundo – e fazem isso mantendo boa parte da floresta em pé”: “ela me contou sua experiência com Dilma Rousseff comendo um cacau diante de sua casa cercada por floresta. Em nenhum momento foi possível esquecer que, se as comunidades não forem ouvidas, toda a vida ali será afogada em breve por Belo Monte” (idem).

Pelas escuta às palavras de Ana Alice, e de Antonia Melo, o jornalismo de Brum expressa as vozes que não foram acolhidas pelo governo vigente: “eu votei na Dilma. E a maior decepção que tive foi o diálogo que ela não teve com a gente. Em março, fomos até Brasília, 1.800 pessoas. Ela não nos recebeu. Mostrou que não dá importância nenhuma para as mulheres da Amazônia” (BRUM, 2013, p.238). A narrativa, deste modo, é a tentativa da jornalista de “dar uma contribuição para que essas vozes que tentam alcançar Dilma, mas que por ela têm sido repelidas, pudessem ser escutadas – se não pela presidente, pelo menos pela sociedade” (BRUM, 2013, p.238). Ao reconhecer que o que ocorre na floresta repercute em todo Brasil, Brum imbrica-se à rotina deste povo, que se esvai com a barragem do rio, e compartilha da “angústia dessas mulheres do Xingu” (idem).

Em 2015, como colunista do *El País* Brasil, Brum voltou a retratar Antonia Melo e os seus descontentamentos com o avançar da hidrelétrica na região. A coluna “O dia em que a casa foi expulsa da casa” assume configurações de reportagem ao narrar a

vida “arrancada do seu lugar por Belo Monte, a obra mais brutal – e ainda impune – da redemocratização do Brasil”. A abertura descreve o drama dessa personagem:

Antonia Melo foi encurralada. Por seis meses o tempo da sua vida esteve marcado pelo som das máquinas botando abaixo a vizinhança da Sete de Setembro, o nome da rua só mais uma ironia. Ela estava ali, sitiada, testemunhando o mundo que ajudou a construir ser violado e convertido num cenário de Faixa de Gaza. Ela, seus filhos, seus netos. E o barulho da destruição avançando, cercado, soterrando também as conversas, ficando seus braços robóticos nas palavras, matando frases inteiras (BRUM, 2015).

O impacto da construção das barragens, além das consequências ambientais, é apreendido por Brum em seus desdobramentos culturais e sociais, mas, principalmente, em seus aspectos intersubjetivos. Com as remoções dos povos de suas casas, e as ações irrisórias da Norte Energia S.A. nas medidas compensatórias e no reassentamento das famílias, os sentidos de pertencimento manifestos pela ideia de lar tornam-se definidores das produções de Brum sobre Belo Monte. No registro em questão, o relato se constrói sob as memórias e vivências de Antonia em sua casa, comparada às raízes de uma árvore: “Antonia Melo é uma mulher-casa”, escreve Brum (2015). Sensível ao simbólico que tão concretamente atravessa o real, Brum compreende o valor da pergunta que tanto escuta pelas ruas de Altamira, na boca de gente que já não encontra o destino dos pés: “O que é uma casa minha senhora?” (BRUM, 2015).

O gesto de voltar-se-ao-outro, indicado por Buber, aliado à prática do estar afeto a, proposta por Medina, resultam, no jornalismo, em narrativas que se abrem à compreensão e se permitem tocar pelos detalhes significativos que tecem os dias, tal qual dá mostras o trecho a seguir, representado pelo discurso direto:

Eu plantei com as minhas mãos todas as belezas que estão aqui e que hoje me dão frutos e me dão forças pra resistir ao barulho dos tratores derrubando tudo. Uma dessas árvores é o açazeiro. Aprendi a amar o açai, o vinho, o suco mais saboroso que já tomei dentro e fora do Brasil. Mas tem o cupuaçuzeiro, de cupuaçu, e a mangueira, que dava tantas mangas e tão saborosas que eu botava na calçada para os vizinhos e quem passasse pegar. Uma casa é isso, é onde a gente se sente feliz, mesmo sem ter dinheiro. Estar dentro da sua casa é ser grande (BRUM, 2015).

Do signo da relação aflorado pelo contato com tantos Outros, Brum percebe a literalidade que o sentido de lar assume na vida de Antonia: ela e sua casa se tornaram o abrigo dos vizinhos, um lugar de acolhida em meio aos vazios deixados pela nova paisagem. Diante das perdas materiais e, sobretudo, dos sonhos e vínculos de tantos, o

jornalismo de Brum documenta o caminhar das pequenas histórias diante de uma obra gigante:

Antonia foi sendo asfixiada aos poucos, menos ar a cada dia. Mas ainda assim o povo banido das ilhas da Volta Grande do Xingu, dos baixões de Altamira, continuava entrando pelo seu portão sempre aberto, desviando das crateras, saltando sobre os destroços com as havaianas que parecem ter nascido já gastas naqueles pés. Essas milhares de famílias cuspidas de seus lares pela hidrelétrica de Belo Monte fizeram de Antonia Melo o seu endereço. Lá, até o fim, encontravam uma cadeira, um copo de água entre árvores de sombra, e os ouvidos de Antonia, um par de orelhas que ela fez braços e abraço ao escutar os que ninguém mais escutava (BRUM, 2015).

Através da escrita descritiva e profunda, pela via dos desacontecimentos, quase sempre desprezado pela noticiabilidade da grande mídia, em que emerge o drama dos anônimos, evidencia-se ainda a documentação de uma parte da história do país, “o desencontro entre Brasis que se tornou trágico no processo de expulsão das famílias por Belo Monte”. As marcas da fronteira que separa um governo do povo que o elegeu, apreendidas pela apuração atenta de Brum inclusive à escolha dos termos empregados nos discursos - “remoção, vocabulário neutro de onde o conteúdo violento é esvaziado”. Para Eliane Brum, “nas grandes obras do governo na Amazônia, recusar a lavagem das palavras é um ato de resistência. Antonia Melo sabe disso como poucos. Belo Monte arrancou a maior árvore do Xingu, mas ainda assim não conseguiu tombá-la” (BRUM, 2015).

Trata-se, assim, de uma produção textual que busca entrelaçar a cobertura dos fatos e a história pessoal. Uma prática que incorpora valores fundamentais de diálogo, alteridade, escuta e registro das histórias orais dos homens e mulheres que vivem às margens do Xingu. A reportagem de Eliane Brum busca o registro das memórias, de um antes e de um depois para as famílias que construíram suas vidas junto ao rio, entre as árvores, e que agora se sentem silenciadas. É o que se vê no desabafo de Antonia Melo:

Estão me arrancando daqui, tentando apagar a memória, a vida. Belo Monte é isso, é arrancar todas as formas de vida, até que mesmo a memória seja apagada para sempre, até que não exista nenhuma raiz. O governo é um mata-memórias (BRUM, 2015).

Em “O pescador sem rio e sem letras” (2015), Eliane Brum conta mais “uma história pequena numa obra gigante”. Os narradores são Otávio das Chagas e seu filho Francisco. As vivências de um pescador que não pesca, sem remos e sem canoa, são contadas a partir da perspectiva de um analfabeto às voltas com os papéis que poderão

comprovar que viveu, que poderão atestar que sua vida era pescar e qua habitava em uma pequena casinha de palha.

Ao narrar o cotidiano de uma família, que outrotora tinha uma vida sustentável na ilha, e, agora, com a construção da usina, sente-se à deriva, com documentos que não conseguem decifrar e em cujo conteúdo, imaginam, está o sentido de uma vida agora feita de memórias. Pela criação de imagens fortes, aproximamo-nos da perda, sobretudo de identidade, de um pai que agora se viu transformado em um não ser. “A hidrelétrica o reduziu a um pescador sem rio, um pescador que não pesca [...]. A ilha onde cresceu, amou Maria e teve nove filhos não existe mais. Entre ele e o peixe não há mais nada” (BRUM, 2015).

A abertura do texto, descritiva, caracteriza o drama de Otávio e a violência que sobreveio àqueles que sequer conseguem ler o próprio nome. Em seguida, o fio narrativo é transferido para Francisco, o filho que mostra os papéis guardados na boroca (bolsa). São esses papéis que precisam dar conta dos surubins, dos tucunarés e curimatãs, “que o rio lhe deu para encher a barriga de seus meninos”. São esses papéis que servirão agora para “comprovar até que tinha uma casa de palha onde a mulher atava as redes embaixo de pés de jaca”.

Não tenho leitura – ele avisa, oferecendo a mim os hieróglifos que dizem dele para que eu os desvende. Há algo de violento naquilo que se escreve sobre os que não se leem em papéis, naqueles que até o nome é escrito por outros. Recuso por enquanto aquela porta. Peço ao pescador que já não pesca que se documente em seus próprios termos. Otávio então busca marcas que não são letras (BRUM, 2015).

As palavras de Otávio se misturam às do filho Francisco, que sustenta a família em Altamira. Um drama que se materializa pela oralidade, “que tem menos valor no Brasil dos letrados, no universo dos cartórios, em que a justiça legitima o documento escrito”. E é desse lugar “dos que não tem mais mundo” que fala Francisco - “em torrente, porque é mais rio do que terra. E não é papel” -, sobre a remoção da família de sua casa no Xingu:

Nós vamo ser expulso que nem uns bicho bruto no meio do mundo? Nós não somo que nem cachorro, somo filho de gente. E nós nascemo e se criemo, tudo filho do lugar. O que fizeram com nós foi assim... Eu não posso nem lhe dizer, porque eu não entendo desse negócio. Eu não entendo. Isso aí foi assim: eu pego um saco de bagulho e boto fora. Foi o que fizeram com nós. Eu não tenho nem o que dizer. Sou um homem sem voz (BRUM, 2015).

Diante da nova realidade, na parte da frente de uma casa alugada em um dos bairros mais violentos da periferia de Altamira, no “baixão”, eles tentam viver com o que resta dos 12 mil que receberam da Norte Energia, pagando 500 reais de aluguel por mês e tendo gasto a maior parte com a doença do coração de uma das filhas— uma vida que agora depende muito mais dos bens que o dinheiro pode comprar. No olhar sensível aos detalhes, que se abre numa dialogia à realidade do Outro, Brum apreende o contraste violento entre a vida que eles têm agora e a rotina dos dias que já se foram:

Não há cadeira para todos. Então, o lugar sentado é para o pai, que “sofre da próstata”, e para o filho, que sustenta a família. A mãe, Maria, fica em pé. A tarde já avança, mas eles ainda não almoçaram. No fogão, um pouco de feijão chia na panela de pressão. Só feijão, comprado fiado. Maria chora. Um choro bem quieto, de quem tem pudor de se mostrar, encostada na porta, querendo sumir. [...] Minhas criança não passava fome lá. Eu toda vida gostei de planta, de criação. Aqui não tenho terrinha pra trabalhar. E os filho pede comida pra mãe, não pro pai. A pequena diz: “Mamãe, quero comer”. Eu não tenho de onde tirar. Quando a gente come bem, assim, a gente dorme de noite. Mas, se a gente não come nada, não dorme (BRUM, 2015).

A ruptura deste vínculo legítimo, entre indivíduo e seu meio, faz lembrar a obra *Sobre Comunidade* (1987, p.104), de Buber, especificamente na abordagem sobre a separação de um indivíduo de seu todo social. A essa experiência, o autor se refere como “grande angústia”: “a história de um homem que foi excluído de um contexto social que lhe era familiar, evidente, quase tão evidente como um organismo ao qual o órgão está vinculado, e agora, sobrevém à dúvida de tal existência em descobrir o caminho certo sem voltar-se para trás”.

Estamos diante de uma narrativa que resiste ao dirigismo que dita a lógica das redações, tal qual alerta Medina (2008), e que se lança à atitude relacionadora que se despoja e se deixa preencher pelas razões do Outro, interessando-se em ouvir o que esse tem a dizer: “reconhecê-lo, experiência-lo (...) na interação que aprende a conhecer o outro não como soma de propriedades, mas como esta pessoa determinada, chamá-la pelo nome, endereçar-lhe o ‘Tu’” (BUBER, 1987, p.93).

A narrativa de Brum permite uma reflexão sobre nossa incapacidade, e do jornalismo praticado segundo os modelos da grande mídia, de realizar o movimento em direção ao Outro: “nessa saga de gigantismos, a de Otávio, o pescador que se perdeu dos peixes, pode ser vista como apenas uma pequena história. O sacrifício do outro é sempre possível, porque é do outro” (BRUM, 2015).

Quem olha para as casas dos ribeirinhos, com os conceitos do seu próprio umbigo, pode não compreender o que é uma casa para quem vive no mato, à beira de um rio, ou numa ilha, onde a comida está por toda parte, e só o que se precisa é um teto de palha pra dia de chuva e uns palanques pra atar a rede. Para alguns, isso é pobreza. Só pobreza. Mas corre o risco de a pobreza estar mais no jeito de olhar para o outro, o que pode revelar um outro tipo de analfabetismo. Para Maria, a casa dela era a casa dela. A dimensão de uma casa só a pessoa que vive nela saber dizer (BRUM, 2015).

Na edição ampliada e revista do livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, lançada em 2017, Brum trata, no posfácio, sobre os limites da palavra, recordando as “tantas e tantas vezes que comunidades inteiras perderam seu lugar de pertencimento porque a palavra oral não tinha valor para o Estado e para aqueles que tinham poder sobre o seu destino” (BRUM, 2017, p.366). Relata, então, sua experiência com Otávio, Maria e Francisco, e sua percepção da escrita como instrumento de dominação no contexto de negociações dos ribeirinhos com a empresa Norte Energia.

Na cena em que Francisco aponta, em desespero, para as cicatrizes do próprio corpo, Brum se dá conta de que esta é “a perversão maior de Belo Monte”: “a perversão consumada pelas letras do papel em que botaram o dedo ou desenharam o nome” (BRUM, 2017, p.368). Nos dedos que agora apontavam para os “acidentes geográficos produzidos pelo viver da vida na ilha afogada”, Brum compreende que Otávio das Chagas e os seus haviam sido reduzidos ao território do próprio corpo. Subverte, no entanto, essa lógica de aprisionamento pela palavra ao apreender o poder transformador que emana do encontro:

Entre os dedos dele que apontavam a escrita do corpo, as palavras encarnadas que dele diziam, e os meus dedos, que as traduziam em alfabeto diverso, havia um possível. Se eu a ele emprestasse o meu corpo, haveria encontro e não violência. Passei então a compreender minha escrita como uma linha que costura feridas. Não para apagá-las, o que eu tanto temia. Mas para eternizá-las em letras-cicatrizes neste outro corpo que nos une, o da experiência coletiva – ou a trama que atravessa a própria linguagem para fazer o diálogo dos mundos. E também resistência (BRUM, 2017, p.368).

A história contada em “Vítimas de uma guerra amazônica”, também de 2015, é outro exemplo desta práxis jornalística tão peculiar e tão necessária nos dias de hoje. É o que se vê na história de João e Raimunda, dois “refugiados em seu próprio país”. Nesse texto, Brum expõe novamente a violência e a perversão de “viver numa

democracia formal, mas submetido a forças acima da lei. O não reconhecimento da violência sofrida inflige a suas vítimas uma dor ainda maior, e uma sensação de irreabilidade que as violenta uma segunda vez” (BRUM, 2015).

Nessa extensa reportagem, Eliane Brum resgata aquilo que faz a diferença no jornalismo por ela praticado: a reportagem que consegue abrir-se em direção ao Outro, conferindo, assim, protagonismo aos personagens. Deste modo, percorremos, com João e Raimunda, as lembranças de suas vidas, desde os oito anos de idade, atenta aos detalhes que significam suas trajetórias. Enriquece, com isso, a sensibilidade de seus leitores para o sentido de perda a que foram submetidos: “João repete a interrogação ‘entendeu’ muitas vezes. Depois de escutá-lo por algum tempo percebe-se que não é uma bengala de linguagem, como se poderia supor, mas sua certeza de não ser compreendido”.

Ao se autodefinir como uma “escutadeira”, (BRUM, 2013, p.13), a jornalista brasileira mergulha, como explica Medina (2008, p.18), “no Outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, históricos de vida”. Ela é, assim, a escutadeira dos sentimentos de Raimunda, aquela que viu sua casa ser queimada, em setembro de 2015, mesmo depois que a empresa concessionária prometera esperar a retirada de seus pertences.

A Norte Energia não considerava a casa de Raimunda uma casa. Disseram a ela que era um tapiri. Raimunda retrucou: “Na sua linguagem ela pode ser tudo isso aí. Mas, na minha, é minha casa. E eu me sentia bem nela, viu?”. Quando encontrou a casa em cinzas, Raimunda sentou-se na beira do rio.- Eu nunca imaginei que eles iam tocar fogo. Se eu for tocar fogo no escritório deles, fico presa pro resto da vida. Eles botam fogo na minha casa e não acontece nada. É a profecia do fim do mundo que o meu pai falava, a roda grande passando por dentro da pequena (BRUM, 2015).

E registra os testemunhos e memórias da vida local: “esse pinhão era meu amigo principal. Porque eu acreditava assim. Se eu chegasse de manhã cedo, e ele tivesse com as folhinhas moles, bem coladinhas, naquele dia eu não saía pro rio”. A fala de Raimunda expõe toda a violência de que foi vítima:

Deixa eu lhe mostrar aqui...As plantas que foram queimadas. As que eram mais próximas da casa eles queimaram, acabaram com tudo. Aqui é no inverno. Ó, a gente planta e colhe durante a cheia, por conta que a cheia, ela vem, mas ela tem a data certa. Olhe o meu canteiro, as cebolinhas...Cheiro verde... Eu tirando o tomate, o gengibre, que é pra dor de cabeça, dor de barriga e bucho inchado. Remédio caseiro. E aqui eu, dentro d’água, que eu adoro água, também (BRUM, 2015).

Em outro trecho, o depoimento de Raimunda é revelador do modo como ela se situa e se relaciona com o ambiente, com a geografia, com a natureza:

É muito difícil você ver o que é seu ser queimado. A única maneira pra me expressar é cantando. Pra que a minhas plantas saibam que eu jamais queria que elas fossem queimadas, ou fossem lesionadas. Pra que elas sintam que eu tou aqui. Como elas não sabem falar, e eu não sei a linguagem das plantas, eu canto pra elas. Digo pra elas que o mundo não acaba aqui porque minha casa tá sendo queimada. O mundo ainda tá de pé. Enquanto Deus me der a vida, eu vou levar comigo isso, esperança e fé. Que um dia a Justiça seja verdadeira. Porque agora a Justiça é uma visagem, uma lenda. Dizem que existe, mas os pobres nunca veem (BRUM, 2015).

Por meio de uma postura compreensiva e dialógica, as reportagens de Eliane Brum acolhem, assim, o registro testemunhal daqueles que foram retirados de sua cultura e de seu meio, devolvendo-lhes um lugar de fala que jamais tiveram. Transmitem e preservam as múltiplas vozes, buscando tornar visível o não reconhecimento das violações sofridas por esses povos, fazendo com que a produção jornalística possa contribuir para a diminuição da opressão e da violência de que são vítimas os protagonistas desses outros Brasis, que possa dialogar com a diferença, fazendo emergir as dissonâncias sociais.

Com a abertura que permite experienciar o Outro, Brum também se envereda por percursos internos, assumindo a reciprocidade que aflora no “entre” (BUBER, 1982), a partilha dos sentidos manifesta na relação de um Eu com um Tu:

Em setembro de 2015, percorri um trecho do Xingu ao lado de Raimunda Gomes da Silva, refugiada de Belo Monte. A remo, numa canoa, por dias. Ela recriava os sentidos de sua vida depois de testemunhar sua ilha queimando, e eu recriava os sentidos da minha reportagem. Era o mesmo rio que navegávamos, mas também era outro (BRUM, 2017, p.369).

Às margens do Xingu, Eliane Brum traça caminhos inovadores na mediação social. Aposta, tal qual propõe Medina (2016, p.23), no tríplice potencial da reportagem em aliar razão analítica, ação solidária e intuição sintético-afetiva. Pela experiência de imersão *in loco*, empreende o movimento da interação criadora – aquele que, segundo a autora, “ilumina o mistério do encontro/desencontro com o Outro e com a realidade invisível”, desestabilizando a estratificada gramática jornalística e tecendo a narrativa que “preenche de carne e osso a luta pela vida, pela sobrevivência, pela alegria e felicidade” (MEDINA, 2016, p.267).

Com sua entrega cúmplice à realidade dos povos ribeirinhos e indígenas, Brum oferece ao leitor um relato fiel ao Outro e à cultura que o cerca, conjugando recursos narrativos para uma dialogia que mira o complexo do real, disposta a ir a campo, na metodologia da observação-experiência. É possível evidenciar neste percurso de reportagem, ainda, pontos de encontro entre a prática jornalística de Brum e a dinâmica da História Oral, sobretudo pelo interesse, de ambas, em registrar a oralidade de fontes não-oficiais, convocado, assim, tal qual diz Thompson (1992, p.26), testemunhas “de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados”.

Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações [...] Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história (THOMPSON, 1992, p.44).

Ressalta-se, neste sentido, a ampliação e o enriquecimento proporcionados a esses campos de ação pelas vias empreendidas por esses caminhos alternativos, ao “recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis na documentação convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência” (Thomson et al.,2002, p.75). Ao acolherem tal polifonia, legitimam os pontos de vista expressos por setores historicamente explorados, no caso em questão, das comunidades ribeirinhas, levando a sério, tal qual coloca Cruiskshank (2002, p.150), as tradições orais “como visões legítimas da história”.

Conforme ponderado anteriormente, a cobertura de Brum continua a acompanhar os desdobramentos desta nova realidade que se impõe aos habitantes do Xingu – a partir de reportagens, análises complexas e, mais recentemente, intervenções junto à população local – e a repercutir internacionalmente, atraindo o interesse de profissionais e leitores do *El País*¹⁵ e contribuindo com a documentação do tempo

¹⁵ A reportagem “Vítimas de uma guerra amazônica” foi publicada com o título “Refugiados en su próprio país” na edição de 13 de março de 2016 da revista *El País Semanal*, na Espanha. Segundo Quino Petit, chefe de seção da revista, o estilo de Brum conjuga todos os ingredientes considerados relevantes para publicação, na linha editorial buscada pelo *El País*: “Es una mirada en torno a una realidad que es de alto contenido periodístico por el propio drama que se pone para las personas afectadas. Eso siempre conecta con cualquier persona con sensibilidad. Yo creo que teniendo en cuenta también, insisto, los intereses que hay entre ambos países y la manera de intentar intersección política, económicos o culturales y, por supuesto, sociológicos, además del dialogo de culturas que hay entre informaciones e economías de ambas”.

De acordo com Álvaro Corcuera, responsável pela web e redes sociais do *El País Semanal*, a coluna de Brum sobre os refugiados de Belo Monte teve uma audiência de mais de cinco mil navegadores únicos.

presente: “acredito na reportagem como documento da história cotidiana, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento” (BRUM, 2017, p.14).

4.3 O desacontecimento em tessituras de alteridade

Ainda sob a via narrativo-descritiva, é possível integrar produções de Brum, tanto à *Época*, no livro *A menina quebrada*, quanto ao *El País Brasil*, que apresentam como traço comum e definidor o gesto de alteridade e de acolhimento do Outro. Interessam-se, tal qual propõe Medina (2000, p.21), em “extrair do cotidiano e do ordinário a seiva da palavra expressiva na reencenação da vida”, arriscando-se a partilhar da intersubjetividade e da experiência comum com o diferente.

Trata-se de registros que se permeiam pelas marcas de afeto e de ternura, expressas na relação de Brum com suas fontes e os seus contextos, e que mergulham, como diz Sinval Medina (2008, p.12), “no cotidiano, no protagonismo dos atores anônimos, na rica e quase sempre invisível trama da vida comum”. Manifestam, neste sentido, “o envolvimento emocional com a narrativa e o relacionamento sujeito-sujeito entre os seres humanos nela envolvidos”, configurando-se como uma “nova fronteira na representação da atualidade ou da arte de tecer o presente” (idem).

Por isso, as análises que seguem refletem sobre a dimensão do afeto e da ternura, incorporando contribuições teóricas do campo da psicologia e da psiquiatria ao jornalismo, e fundamentam-se no intuito de evidenciar essas articulações nos textos de Brum – contrastando-os com o cenário produtivo tradicional.

4.3.1 Afeto e ternura nas travessias do comum

Pensando na conexão propositiva existente entre as produções de Eliane Brum, considera-se aqui aquelas colunas que, manifestando o desacontecimento por caminhos narrativo-descritivos, favorecem a emergência da sensibilidade e das afeições, assentadas no pressuposto de aproximação delicada à realidade do Outro. Em sintonia com o que busca Medina (2008, p.64), quer-se reexaminar o método defendido por Descartes e relido por Comte para “novas práticas do signo da relação, da intersubjetividade e da dialogia”.

Entrelaça-se, deste modo, com tudo o que já foi abordado anteriormente, os sentidos advindos de gestos solidários, da empatia que abraça textos e contextos: “o jornalismo engessado pela ditadura da objetividade e dos esquematismos técnicos carece de alma” (KÜNSCH, 2010, p.72).

Por mais que não pretendam ou hesitem em pensar nisso os gurus do objetivismo e papas do experimentalismo científico, o chamado do real não está aí unicamente para ser conhecido, medido, quantificado, transformado. A objetivação das coisas, pelos que rezam pela cartilha da ortodoxia científica ocidental, pode ter trazido e continuar trazendo à sociedade progressos e avanços tecnológicos indizíveis, mas não esgota, substitui ou dispensa a nobreza do gesto poético, da contemplação gratuita, de uma vivência (KÜNSCH, 2000, p.94).

Em concordância com o que reivindica Sodré (2006, p.12-13), em *Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, defende-se que o campo da comunicação assuma uma nova posição, capaz de liberar o agir comunicacional “das concepções que o limitam ao nível da interação entre forças puramente mecânicas”, para “abarcam a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto”. O autor fala em “ditadura lógica da razão” (SODRÉ, 2006, p.14) – no compasso do que Medina (2008) chama de ‘herança positivista’ -, como o “domínio universal” da tradição jornalística, à contramão do afeto. Nesse sentido, indica a necessidade de uma atitude epistemológica ou interpretativa “mais compreensiva, menos intelectual-racionalista, capaz de apreender os fenômenos fora da medida universal” (p.14):

Está-se relativizando, senão se desconfiando, de todo um paradigma que, transformado em mito, vem ocupando o centro das atenções práticas e teóricas desde a segunda metade do século XX: o da comunicação. Pelo menos, a comunicação entendida como transferência de sentido ou de dados, portanto como processo de informação, a tal ponto intensificada pela materialidade tecnológica, que a superabundância informacional e a racionalidade funcional tende a dominar toda dinâmica interativa (SODRÉ, 2006, p.67).

A crítica incisiva ao racionalismo se faz acompanhar, assim, pela insistência no resgate à dimensão do sensível, onde coabitam o poder do afeto e da compreensão: “o sentimento é a emoção lúcida. Pelo sentimento passamos da dissociação entre sujeito e objeto a uma unidade, mesmo que provisória, entre o um e o ‘alter’” (SODRÉ, 2006, p.52). Nesse plano, visa-se, portanto, à relação entre duas subjetividades, entre os interlocutores.

Em termos mais práticos, a questão pode ser resumida assim: quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa? Esta é a situação enunciativa da qual não dão conta por inteiro a racionalidade linguística, nem as muitas lógicas argumentativas da comunicação. Aqui têm lugar o que nos permitimos designar como estratégias sensíveis, para nos referirmos aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem (SODRÉ, 2006, p.10).

Por reconhecer a importância do componente afetivo nas relações interpessoais, e também no pensamento e na cognição, é que Daniel Goleman (1995, p.07) propõe, em *Inteligência Emocional*, um modelo ampliado do que significa ser inteligente, indicando a inteligência emocional como uma nova forma de interagir com o mundo: “esta é um tipo de competência que pressupõe o cultivo de aptidões que são próprias do coração humano”. Na obra em questão, o psicólogo alerta para a miopia de um ponto de vista que desconsidera o poder das emoções na natureza humana, questionando a própria denominação *Homo Sapiens*, a ‘espécie pensante’: “quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto, e às vezes muito mais, quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional na vida humana” (GOLEMAN, 1995, p.18).

O autor esforça-se em enfatizar a necessidade de equilíbrio entre as duas mentes, a emocional e a racional, “entrelaçando seus modos de conhecimento para que nos orientemos no mundo” (GOLEMAN, 1995, p.23). Estando em harmonia, a emoção alimenta e informa as operações da mente racional, e a mente racional refina e, às vezes, veta a entrada das emoções: “em muitos ou na maioria dos momentos, essas mentes se coordenam de forma bela e delicada; os sentimentos são essenciais para o pensamento e vice-versa” (idem):

As emoções, portanto, são importantes para a racionalidade. Na dança entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando – ou incapacitando – o próprio pensamento. Isso subverte a antiga concepção de antagonismo entre razão e sentimento: não é que queiramos eliminar a emoção e por a razão em seu lugar, como queria Erasmo, mas ao contrário precisamos encontrar o equilíbrio inteligente entre as duas. O antigo paradigma defendia um ideal de razão livre do peso da emoção. O novo paradigma nos exorta a harmonizar cabeça e coração (GOLEMAN, 1995, p.42).

Com isso, credita-se às emoções a capacidade de enriquecer o modelo mental, uma vez que “nossa humanidade é mais evidente em nossos sentimentos” (p.54). Na

linha do que sugere Goleman como remédio para debelar os sintomas de doença social, o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo (1998) fala em direito à ternura como via de resistência ao analfabetismo afetivo, presente de forma visível na herança cultural do ocidente. Seu pensamento quebra a lógica excludente do público e do privado e insere-se na dimensão fundante do afetivo, no qual se estabelecem as relações na intimidade, no cotidiano:

Estamos acostumados a opinar sobre os grandes direitos públicos, aqueles que figuram em códigos e constituições, fazendo parte de discursos políticos e promessas eleitorais. Fala-se do direito ao emprego, do direito à habitação, do direito à educação, ao sufrágio, enfim, de todos aqueles direitos que podem figurar como reivindicações sociais de transparência inquestionável. Mas parece suspeito e até ridículo falar daqueles direitos da vida cotidiana que permanecem confinados à esfera do íntimo. A esta categoria de direitos domésticos, relegados e vergonhosos, pertence o direito à ternura (RESTREPO, 1998, p.09).

Sua intenção, com essa proposta, é superar os macrodiscursos ordenadores do Estado e da nação, considerando aspectos das pequenas rotinas da vida diária, assinaladas pela dinâmica afetiva, como o espaço em que o público também se manifesta. “Entendendo o direito não como concessão de governantes dadivosos, mas como poder que regulamenta as relações humanas, podemos falar do poder da ternura [...] para a construção do sujeito social e de sua estrutura ideológica e valorativa” (p.11). O que enseja Restrepo é a abertura a uma cultura da interpessoalidade, pensada sob o âmbito privilegiado da proximidade.

A ternura é um paradigma de convivência que deve ser adquirido no terreno do amoroso, do produtivo e do político, arrebatando, palmo a palmo, territórios em que dominam há séculos os valores da vingança, da sujeição e da conquista. [...] A ternura parece dar-se sempre no presente, como acontecimento que se vive, se entrega ou se recebe, resistente a qualquer promessa ou temporalização que busque colocá-la numa instância além do corpo e do tato, compartilhados na vida diária (RESTREPO, 1998, p.13-14).

O autor adverte, assim, que são os sentidos, todos eles, que nos promovem a seres humanos em relação. A atrofia desses caracteriza o impedimento à plena prática do direito à ternura, tornando-nos, em conjunto, uma cultura com um “grau alarmante de analfabetismo afetivo” (p.75). Falta-nos, escreve o psiquiatra, a capacidade de “emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam” (p.18), e é apenas isso, alerta, que nos diferencia da inteligência artificial. Sua crítica visa nossa dificuldade de conceitualizar o importante papel da

afetividade na vida cotidiana e em outras dimensões, como a ciência – e aqui reivindicamos o jornalismo.

Nós, cidadãos ocidentais, sofremos uma terrível deformação, um pavoroso empobrecimento histórico que nos levou a um nível jamais conhecido de analfabetismo afetivo. Sabemos do A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros (RESTREPO, 1998, p.19).

O autor atribui a isso a presença de uma espécie de “ideologia guerreira” (p.21) em nossas experiências, que, ao articular valores da cultura ocidental, opõe-se com insistência à enunciação de um discurso sobre a ternura: “acompanhando, por exemplo, a ambição de liberdade, fazemos uma defesa exagerada da autonomia, entendida como não depender de outro para não ver cortadas as nossas possibilidades de crescimento”. Nega-se, com isso, em diferentes segmentos profissionais e sociais, a possibilidade do sentimento: “herdeiros de Alexandre e Abraão, continuamos destruindo a possibilidade da ternura para ver realizadas as nossas ambições” (p.22).

A ternura exige uma descentração, o estar aberto ao outro para “deixar-se assaltar pelas intensidades ambientais que chegam ao nosso corpo” (p.24); por isso, explica Restrepo, ela só pode manifestar-se a partir da fratura, de um ser “atravessado pelo mundo”, que não se fecha para a experiência. A ternura reside, assim, em uma perspectiva inversa à ideologia do conquistador:

Enquanto este aspira perpetuar-se no tempo, homogeneizando ao som de seus caprichos os espaços que caem sob seu domínio, quem se aninha na ternura é fraturado pela pluralidade e tensionado pela diferença. A unidade do eu se rompe como um espelho que se converte em prisma e a carcaça da identidade cede, fendida sob a pressão de forças que, do interior do indivíduo, tentam entender o estranho, o diferente, o outro (RESTREPO, 1998, p.24).

No cerne deste pensamento está a ideia de que a “economia guerreira” adentrou a vida familiar, escolar e produtiva, dissociando cognição e sensibilidade e tornando esse um de seus axiomas filosóficos. Está-se diante do “ser funcional” (p.29), que estabelece com pessoas e meios relações que se operam sob a dinâmica do mercado. Trata-se de uma razão universal, incapaz de perceber a singularidade e de entender que “aprender é sempre aprender com outros, pois as estruturas de pensamento não são mais do que relações entre corpos que se interiorizam, afeições que, ao se tornarem estáveis, nos impõe um certo modelo de fechamento ou de abertura diante do mundo” (p.33).

É por isso que o autor reclama que a afetividade não continue confinada ao quarto de santo Aleixo – um cubículo debaixo da escada -, mas que se compreenda que há “sempre na emoção algo de razão e na razão um tanto de emoção, embora se tente, a partir de diferentes óticas, afirmar o contrário” (p.37). O que se defende não é um novo sentimentalismo contra os excessos da razão, mas a certeza de que os sentimentos “não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas” (idem).

A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares. Dado que nossas cognições são determinadas por fenômenos de dependência e interdependência, por cruzamento de gestos e corpos, é impossível continuar excluindo a afetividade do terreno epistemológico, pois com isso o que fazemos é entronizar como única e definitiva uma certa forma plana e defendida de dar e receber afeto que se apresenta como natural e eterna (RESTREPO, 1998, p.37).

É preciso, deste modo, articular sensibilidade e afeto na interação com a singularidade dos seres e dos entornos, já que é “no plano do sensível que residem nossas mais radicais diferenças” (p.39). Sem a matriz afetiva, indica o psiquiatra, o cérebro não pode alcançar o que o cerca. Neste sentido, a crítica é para o racionalismo instrumental que reduz significativamente as possibilidades cognitivas do ser humano. Exige-se, então, uma inversão sensorial para ressignificar a vida diária, “acedendo a uma alteração do estado de consciência que nos obrigue a deslocar os limites em que se enjaoulou nosso sistema de conhecimento” (p.49). A partir disso, torna-se possível realizar o movimento da ternura, que se assemelha “ao vaivém, à deriva, ao acaso compartilhado” (p.52).

A distância entre violência e ternura tem sua raiz nessa disposição do ser terno para aceitar o diferente, para aprender dele e respeitar seu caráter singular sem querer dominá-lo a partir da lógica homogênea da guerra. Podemos falar de ternura na política, de ternura na pesquisa e de ternura na academia, se em cada um desses campos estivermos abertos a uma lógica da imanência, como sujeitos em fuga que deslizam sobre espaços topológicos onde o jogo de forças, de atrações e repulsões, aparece como a matéria-prima da conceitualização. Podemos falar de ternura se nos aceitarmos como sujeitos fraturados, para os quais a única modalidade de relação válida é a co-gestão. Sujeitos jogadores, abertos ao intercâmbio gratuito com a ignorância e o acaso que, ao reconhecer a necessidade que têm da seiva afetiva, se

mostram dispostos a apostar todo o seu saber por degustar o terno calor dos instantes (RESTREPO, 1998, p.53).

Compõe a discussão sobre a sensibilidade, o afeto e a ternura, portanto, a capacidade de reconhecer que o eixo central das relações é a “coexistência da dependência e da singularidade” (p.72), que a vida cotidiana é o lugar de encontro, onde “se expressa o conflito, assim como nós, em nossa intimidade, o lugar da não coincidência, espaço de cruzamentos caóticos onde somos assaltados por rajadas de tato, linguagem e visão” (p.97).

A ternura é o resultado de nos aceitarmos como ruptura e fragmentação. Só um sujeito fraturado e uma autonomia questionada permitem a aparição de lógicas da dependência e da sensorialidade que são imprescindíveis para adentrar-nos num mundo inter-humano sem ânsia de conquista (RESTREPO, 1998, p.53).

Identificam-se, nesta reflexão, aspectos que podem ser incorporados à prática jornalística. Para além da discussão sobre a necessidade de ruptura com as marcas do positivismo, ou do discurso guerreiro, pensa-se na possibilidade de as narrativas apreenderem ternamente a singularidade do Outro, alcançando seus sentidos e a construção de seus dias. Quando Restrepo (p.39) afirma que é “na maneira de perceber os aromas, as carícias ou o tato, em nossos ascos e alergias, nos pequenos prazeres e nas exaltações emocionais que fica mais claramente marcada nossa irreduzível singularidade” (p.39), evidencia-se a possibilidade de o repórter também atentar-se a esses elementos que, manifestos pela dimensão do sensível, abrem-se à captação das diferenças: “esses vaivéns afetivos que dão conta de nossos toques e nossos encontros” (idem).

Defende-se, assim, ao jornalismo, narrativas que se deixem impregnar pela ternura e pelo afeto, na configuração de uma escrita que se permeie pela expressão calorosa e acariciadora, mas também de uma prática que se revele disponível ao encontro: na apuração aberta aos sinais advindos dos cinco sentidos, no diálogo que priorize a escuta e harmonize razão e emoção, no discurso que aceite a fragilidade do Outro. Em síntese: uma *práxis* que ultrapasse circuitos autolegimativos, convencionais, e arrisque-se à empatia na interação social.

4.3.2 Vinculação na diversidade: arriscando-se ao Outro

Mesmo diante de um novo percurso narrativo, na esfera do colunismo e da internet, acredita-se que é possível identificar produções de Brum que se pautam pelos elementos citados acima: expressam contornos característicos à narração e à descrição da vida do Outro, o reconhecimento terno de seu lugar enquanto sujeito-autor de sentidos, e a experiência do envolvimento intersubjetivo. Destacam-se, neste sentido, os textos de Brum à *Época* (*A menina quebrada*) e ao *El País* Brasil que, assim se analisa, podem ser reunidos sob esta chave de interpretação. Espera-se, com isso, indicar que, mesmo em contextos profissionais distintos e diante de realidades diversas às suas, Brum continua a empreender o movimento da reportagem e a escutar as demandas dos que estão à margem.

Em “Uma história de luz” (2010), coluna que toma lugar no livro *A menina quebrada*, Brum aborda o jornalismo como “reconhecedor de vidas, em palavras” (2013, p.129), a partir da narrativa de Luciano Felipe da Luz – jornalista e jornalista do “Boca de Rua”, um projeto da ONG Alice, de Porto Alegre, iniciado em 2000, de produção e venda de um jornal por moradores de rua -, falando sobre seu mundo, até então invisível. A trajetória de Luciano é resgatada pelo interesse jornalístico de Brum e contada desde quando ele ainda era Mercedez, um menino que cresceu nas ruas sem nunca ser percebido:

Há varias formas de não ver um outro. Infelizmente exercitamos todas elas e sempre inventamos uma nova. Deixamos de reconhecer um homem – no homem - quando pensamos que sua dor não nos diz respeito. E só ao desconhecer o outro como um igual que a desigualdade de condições de vida se torna aceitável, comum, banal e, principalmente, alheia a nós (BRUM, 2013, p.131).

Escreve Brum que Mercedez, quando era visto, era “sempre pelo olhar da violência” e que, por isso, tudo o que conhecia era ser “marcado por um olhar que não via. Porque entre as piores formas de não ver alguém está aquela que só enxerga seu estereótipo”. Sua vida, porém, foi ressignificada quando se tornou Luciano, “jornalista e jornalista”, através do projeto da ONG: “devagar, bem aos poucos, ele foi se agarrando a esse fio que permitia a vida [...] a essa maternidade narrativa que dava a luz e não a morte” (p.131). Pelo contato sensível, Brum reconhece as sutilezas em meio à brutalidade de cada vida: “parecia pouco, era tudo. O suficiente para cuidar do seu corpo, agora que ele era constituído também por palavras, essas cicatrizes da alma” (p.132). Também no modo como Luciano se descrevia – “jornalista e jornalista” – Brum apreende os sentidos das palavras e da identidade por ele tecida: “ao colocar no

mesmo patamar o jornalista e o jornaleiro, ele intuiu que escrever e ser lido eram partes do mesmo mistério. Como jornalista ele escrevia, como jornaleiro ele se fazia ler.” (p.130).

Apesar da morte precoce, pela Aids que já o devastava há tempo demais, completa Brum que ele morreu na luz, com sua vida registrada por escrito no jornal. “O que nos faz o que somos? A narrativa, a capacidade de nos contarmos. Mas não só. O tornar-se homem só se completa na possibilidade de ser lido, no reconhecimento (...) porque só somos no outro. E o outro só é em nós”. Na centralidade das palavras de Luciano, Brum retoma a questão da alteridade para encerrar a coluna: “a minha vida é sempre a sua. Se liga gente boa” (p.133).

Em outro texto, “Pedófilo é gente?” (2010), Brum se dedica a temas densos, de abusos e violações contra crianças, na busca por adentrar a superfície: “quando nos dispusermos a enxergar além da primeira camada de obviedade, os sentimentos fáceis desaparecem. E começam os conflitos. Acredito que são os conflitos que nos levam além” (BRUM, 2013, p.90). A jornalista retoma uma grande reportagem que fez no Rio Grande do Sul, em 1997, sobre abuso sexual infantil. “Eu não queria entrevistar apenas as vítimas, queria escutar também os abusadores. Alguns na cadeia, outros seguindo a vida nas ruas” (p.88). Decidiu escrever sobre o tema, explica, porque “parece que um aspecto foi esquecido – ou quase. O sofrimento. Pedófilos não são monstros, como a maioria de nós preferiria. São gente. E muitos deles – não todos – sofrem pelos atos que cometeram. E preferiam não ser o que são” (p.87).

A narrativa resgata a humanidade do Outro, difícil de reconhecer e apreender nesses casos extremos: “é bem difícil olhar com compaixão para um homem ou mulher que usou de sua autoridade e poder para abusar sexualmente de uma criança [...] mas acho que precisamos tentar” (BRUM, 2013, p.89):

Lembro-me de ter ficado em conflito com meus sentimentos. Porque, nos casos em que foi possível, eu escutava a dor de ambos – da vítima e de quem a violou. Em alguns casos, ambos sofriam de forma atroz. Não se trata de relativizar a responsabilidade de quem abusa. Estou apenas apontando que pode existir sofrimento nesse percurso – e não apenas bestialidade, ainda que a bestialidade seja sempre humana (BRUM, 2013, p.89).

Brum conta, então, os encontros com dois abusadores que a marcaram mais, no exercício de se voltar a contextos tão estranhos ao seu – com uma mulher que havia violado o filho de 14 anos e com um adolescente, de 15, que havia molestado sua meia-

irmã, de três: “eu não queria machucar”, ele repetia. E talvez não quisesse mesmo. Não sei. Enquanto entrevistava, familiares o chamavam de monstro. Poucas vezes vi alguém tão só no mundo” (p.89). Empreende, a partir dos relatos e da experiência com o Outro, a mirada que abarca e que busca tatear para além dos contornos mais visíveis:

É difícil ter compaixão, eu sei. Mas há algo na história desses dois que pode nos ajudar a ampliar nosso olhar. A mulher que violou o filho havia sido estuprada pelo próprio pai, aos setes anos. E, depois da violência, foi retirada de casa e passou a vida trabalhando como doméstica na casa de estranhos. O adolescente que abusou da meia-irmã fora violado aos dois anos. No caso dele, o mesmo pai que o chamava de monstro havia abusado dele quando era pouco mais que um bebê. [...] Os dois abusadores que acabamos de odiar, portanto, teriam nossa compaixão se voltássemos alguns anos no tempo (BRUM, 2013, p.90).

E nos conduz a resistir à divisão do mundo entre bons e maus, característicos de uma simplicidade falsa que só obstrui a verdadeira compreensão: “nunca me recuperei dessa reportagem [...] principalmente por causa da quantidade e da intensidade da dor. Eu esperava o sofrimento das vítimas. Nada me preparou para o sofrimento dos ‘monstros’. Não de todos, é preciso dizer [...] mesmo estes, continuam humanos” (p.88).

Em “Na pele do outro” (2011), também é possível evidenciar a mobilização da sensorialidade e a vinculação terna que aproxima Brum de seus narrados. Trata-se de um registro que resulta do olhar que se arrisca ao Outro: “o cotidiano parece se repetir conforme o previsto até que você é empalado por uma cena. Eu saía da loja de um shopping de São Paulo, na tarde de sábado, quando ele passou por mim” (BRUM, 2013, p.175). A jornalista conta, então, detalhes apreendidos não por uma aproximação física, mas afetiva com esse homem velho. “Mas mais do que velho, era um homem doente. Cada um dos seus passos se dava por uma coragem tão grande, porque até o pé aterrissar no chão me parecia que ele poderia cair”.

Somado a isso, Brum descreve aquilo que pôde ver, porque ele avançava na sua frente, e “que outras partes de mim já haviam percebido antes”: a presença de uma peruca malfeita, que “doía, porque havia uma vaidade nele, a preocupação de ocultar a nudez da cabeça”, e de uma fralda geriátrica, exposta a cada um de seus passos: “ele avançava como uma denúncia claudicante da fragilidade de todos nós” (idem).

Nos risos das pessoas que se cutucavam ao olhá-lo, Brum (2013, p.176) desvela “as pequenas maldades do cotidiano”, “os pequenos massacres de todo dia”, o reflexo que aquele homem desconhecido - que deixara sua casa e atravessava o shopping com

“seus melhores esforços”– enxergaria no olhar que o outro lhe devolve, a aniquilação, “porque tudo o que veem nele não é um homem tentando viver, mas uma chance de garantir superioridade e diferença”.

Ao afirmar que “a vida doeria um pouco menos, se cada um se esforçasse para vestir a pele do outro antes de rir, apontar e cutucar o colega para que não perca a chance de desprezar um outro, em geral mais vulnerável” (p.177), Brum defende um jeito de estar no mundo e de se relacionar com o outro “disposto a se deixar tocar e assumir os riscos de se deixar tocar” (p.178). A narrativa incorpora, assim, a consciência da fratura, abordada por Restrepo (1998), capaz de desprender nossas ações da lógica da ideologia guerreira.

Abre-se, portanto, ao “deixar transtornar e transformar pelo outro” (BRUM, 2013, p.178), acolhendo os sinais de confirmação mútua - “a fragilidade dele também é a delas (das pessoas que riram), a de cada um e a de todos nós”:

Precisaram rir, cutucar e apontar para ter a certeza – momentânea e ilusória – de que ele não era elas. Não seria nunca. Só apontamos para o outro, para o diferente, para aquele que não somos nós. E quando apontamos para alguém é justamente para denunciar que ela não é como nós. [...] É apenas minha tentativa de entender – de pensar e de escrever, em vez de responder com violência à violência que presenciei. E que me aniquila tanto quanto um massacre reconhecido no noticiário como massacre (BRUM, 2013, p.179).

No compasso da reflexão de Restrepo (1998) sobre o exercício da ternura, atravessado pela aceitação do Outro como sujeito fraturado, Brum assume o seu ofício como possibilidade de encontrar delicadeza nas horas brutas. Escolhe como farol, assim, o olhar que “reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo” (BRUM, 2017, p.13). Nos registros de alteridade, a jornalista transparece o empenho em tocar as marcas, tecidas, ao mesmo tempo, a partir de nossa singularidade e percursos comuns. Na coluna que dá nome a um de seus livros – “A menina quebrada” (2013) –, Brum trata sobre os sinais de uma vida vivida, as quebras que carregamos conosco, em um texto que aprofunda o pensar sobre as relações humanas e também sobre a nossa capacidade de reinvenção - simbólica e concreta.

A coluna descreve uma experiência de Brum com a afilhada, Catarina Zandonadi, então com quase dois anos, e relata o seu espanto ao perceber uma garota, Gabriela Longo, com a perna engessada. Narra o esforço dos familiares, e da própria Eliane, em explicar para ela que a menina não estava quebrada, e que logo voltaria a ser

como era antes. “Era a primeira vez que eu mentia para ela”, reconhece Brum. E acrescenta: “o que eu poderia dizer a você, Catarina? A verdade? A verdade você já sabia, você tinha acabado de descobrir. As pessoas quebram [...] você também pode quebrar” (BRUM, 2013, p.426).

Em uma espécie de carta aberta, à Catarina e aos seus leitores, Brum imerge no emaranhado subjetivo que nos tece e reconhece as fragilidades que nos levam a ser quem somos:

Membros invisíveis podem fraturar em tantos pedaços [...] e doer muito mais. E doem mais quando são outros que quebram você [...] gente cheia de medo, Catarina, que tem tanto pavor de quebrar, que quebram os outros para manter a ilusão de que são indestrutíveis e podem controlar o curso da vida. [...] Depois de quebrar, nunca mais voltamos a ser como era antes. [...] Existe gente, Catarina, que não consegue dar sentido, ou acha que os farelos de sentido que consegue escavar das pedras são insuficientes para justificar uma vida humana, e quebra. Quebra por inteiro. Estes você precisa respeitar, porque sofrem de delicadeza. [...] Ser forte, Catarina, não é quebrar os outros, mas saber-se quebrado. É ser capaz de cuidar dos seus barcos de papel – e também do barco de outros (BRUM, 2013, p.426-427).

Evidencia-se, assim, neste registro, a compreensão de Brum quanto ao valor de nossa interdependência, e o reconhecimento devido ao significado singular encontrado por cada um para rearranjar seus pedaços, novos e velhos. “Vai chegar um momento, em que você vai olhar para todos nós [...] e vai perceber que nós todos vivemos em cacos. E eu espero que você possa nos amar mais por isso” (BRUM, 2013, p.427).

A ternura manifesta em seu discurso narrativo é materializada no relato que encerra essa coluna. O encontro de Brum, na fila de um supermercado, com um homem vestido com roupas velhas e sujas, parte delas quase farrapos. “Ficamos com medo de que tentassem tirá-lo dali [...] ou que o tratassem com rispidez [...] como sabemos que acontece e jamais poderia acontecer” (idem). Descreve, então, a partir da apreensão afetuosa, o momento em que o homem, “com toda educação, mas com os olhos dolorosamente baixos”, pediu para passar a sua frente na fila, já que estava com pouca coisa:

Quando lhe demos passagem, vimos que o homem não tinha pouca coisa. Ele só tinha uma. Sabe o que era, Catarina? Um sabonete. [...] Aquele homem, que parecia ter perdido quase tudo, aquele homem talvez ainda mais quebrado que a maioria, porque tinha perdido também a possibilidade de esconder suas fraturas, o que ele fez? Quando conseguiu juntar uns trocados, escolheu comprar um sabonete. [...] E talvez você me pergunte como continuar ou porque

continuar, mesmo quebrada. E eu vou poder lhe dizer, Catarina, pelo menos uma verdade: por causa do sabonete (BRUM, 2013, p.428).

Por acreditar na vida como “primeira ficção” (2013, p.162), Brum se dispõe a olhar e se encantar com as pequenas sutilezas que formam e sustentam vidas. “Cada um encontra seu caminho [...] pode não ser o seu caminho, mas isso não o impede de olhar para a saída encontrada pelo outro com o profundo respeito que ele merece” (2013, p.121). Ao harmonizar encontros, assim, Brum envolve seus interlocutores em suas perspectivas e faz fluir o intercâmbio entre as pequenas cenas do cotidiano.

Alguns dos registros de Brum ao *El País* Brasil também assumem, pela via narrativo-descritiva, traços e valores característicos ao desacontecimento quando manifesto em narrativas tecidas a partir da alteridade. Em 2014, é possível notar a dinâmica de reportagem que consagrou a trajetória profissional de Brum: sua relação de abertura e afeto com as fontes, a centralidade conferida ao olhar e à escuta, a apuração atenta aos significados manifestos pelos pormenores.

A coluna “Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve” conta o encontro de Brum com a italiana Romana Blasotti Pavesi, em 2012, para abordar a luta das vítimas do amianto com a fábrica da Eternit, e o processo contra o bilionário Stephan Schmidheiny, herdeiro da família que fundou a Eternit suíça e estabeleceu fábricas de amianto por vários países ao longo do século XX, inclusive no Brasil. A partir da história da presidente da Associação de Familiares e Vítimas do Amianto, de Casale Monferrato, a jornalista relata a realidade que enfrenta a população desta região há décadas, contextualizando também este cenário nos estados brasileiros onde a fibra não está proibida.

Os apontamentos teóricos que versam sobre o signo da relação e a intersubjetividade parecem se materializar na prática jornalística de Brum, no entrelaçar das palavras que descrevem os detalhes que ambientam a vida da cidade e da entrevistada:

É difícil acreditar à primeira vista que na pequena cidade do Piemonte a tragédia respira entre ruas e paisagens de cinema italiano, nas vitrines das confeitarias onde os krumiris, o delicioso biscoito de Casale, se oferecem a quem passa. Então pessoas como Romana começam a falar. E quando falam enumeram seus mortos. E a narrativa mais uma vez desafina com o cenário do apartamento em que sua solidão é acompanhada por uma população de bibelôs bem ordenados e coloridos, por uma coleção de pequenos elefantes de todas as formatos, origens e texturas – a maioria deles com a tromba para cima, que é como ela gosta. Pergunto a ela se é por significar boa sorte, ela responde que assim parecem felizes (BRUM, 2014).

Integrada ao relato desse encontro com Romana, há uma arquitetura narrativa que remonta ao ano de 1906, quando a fábrica da Eternit foi instalada no local, para discorrer sobre a contaminação ambiental que foi se consumando e atravessando as décadas seguintes: não somente os operários começaram a tombar pelas doenças, mas também os próprios moradores, que nunca haviam pisado no chão da fábrica, foram afetados pelo material conhecido também com asbesto. Novos casos de mesotelioma, o câncer fatal provocado pelo amianto, e de *asbestosis* ou “pulmão de pedra” surgem a cada ano na cidade.

No texto de Brum, os fatos se entrecruzam às memórias de Romana, e as vozes do presente, do passado e do futuro se misturam quando fala de sua filha, Maria Rosa, e de seu marido, Mario Pavesi, ambos mortos por mesotelioma. Pela abertura sensível, a jornalista busca compreender os sentidos contidos nos pequenos gestos:

Mario era um homem calado, guardava seu mundo dentro de si, e por meses manteve segredo sobre a ferroadada persistente. [...] Um dia, de repente, Mario deixou escapar um gemido. E Romana soube que a atmosfera da casa se alterava de forma inexorável, porque aquele homem não gemia. [...] Pouco antes de morrer, Mario saiu da sua inconsciência e estendeu a mão para Romana. Ela a segurou por um silêncio longo. Depois de uma vida, despediram-se assim. Romana não poderia adivinhar naquele momento que sua trajetória mudaria radicalmente de curso e o homem que amava seria apenas o primeiro da sua família sepultado pelo amianto. Nesse tempo, Romana ainda chorava (BRUM, 2014).

Enquanto se dedica ao relato do que se passou na vida das vítimas do amianto, e que na Justiça batalharam pela condenação de Stephan Schmidheiny no tribunal, Brum também alude à situação da fibra no Brasil, o terceiro produtor e exportador mundial e o quarto usuário de amianto. E alerta para essa realidade, que vai desaparecendo dos bairros mais nobres das grandes cidades do centro-sul, mas que segue “perigosamente farta nas favelas e periferias, assim como nas casas de quilombolas, ribeirinhos, pequenos agricultores e indígenas”.

Neste sentido, também trata dos desdobramentos dessa questão no país, a morte de trabalhadores e de familiares que tiveram contato com o amianto, as ações na Justiça, as buscas por indenização às vítimas e a influência do lobby de indústrias poderosas frente ao governo, ao Congresso e ao Poder Judicial.

As mortes de centenas de brasileiros, a maioria deles operários, e a tragédia de saúde pública que se avizinha com a contaminação ambiental têm muito menos visibilidade do que o bom senso e a

responsabilidade pública permitiriam, o que torna a persistência do amianto no Brasil uma caixa-preta ainda por ser totalmente desvendada (BRUM, 2014).

O desfecho da narrativa é a decisão da corte italiana de anular a condenação de Stephan Schmidheiny porque o delito havia prescrito, já que era uma acusação de delito ambiental, e não de homicídio. Diante disso, o foco volta à figura de Romana: aos 85 anos, “descobriu-se vencida. Sua batalha contra Stephan Schmidheiny não foi a mais importante de sua existência. A morte de quem se ama é sempre a maior batalha perdida numa vida humana”. E a descrição aprofunda-se “do extraordinário azul dos olhos da velha mulher” para os interiores de Romana, “para o lugar das suas memórias” – ela diz: “não tenho rancor contra o responsável por toda essa tragédia, mas se ele tivesse a possibilidade de acompanhar um doente que lhe fosse caro, do princípio ao fim, talvez ele pudesse entender alguma coisa”.

No último trecho, Brum resgata a captura de um detalhe narrado ainda no início da coluna, de modo a contrastar as diferenças de emoções e sentidos expressos por Romana com o desenrolar do tempo: “Os anos se encurtam diante dela. Mas Romana sabe que, enquanto há vida, a escrita da História ainda pode ser disputada. Deixou a corte amparada pelo único filho que lhe restou, Ottavio. E não chorou”.

É possível citar, ainda, mais um exemplo de texto cuja marca é esta mirada singular de Brum aos cantos e pessoas menos visíveis, empreendida a partir de seus movimentos de vinculação e reconhecimento da história do Outro. A coluna “Como se fabricam crianças loucas” (2014), relata, ao longo de mais de 4.200 palavras, a forte presença dos manicômios no presente, com base em uma pesquisa realizada no hospital psiquiátrico Pinel, em São Paulo, que mostra que, mesmo depois das novas diretrizes da política de saúde mental no Brasil, “crianças e adolescentes continuaram a ser trancados por longos períodos, muitas vezes sem diagnóstico que justificasse a internação, a mando da Justiça”.

A narrativa parte da reação da psicóloga Flávia Blikstein, que, diante de uma garota de 14 anos, chamada na coluna de Maria, que havia lhe perguntado por que seria internada no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil, descobriu que não tinha resposta.

Não tinha resposta porque, ao contrário do que costuma acontecer quando crianças e adolescentes nos mostram a face do abismo, ela tinha escutado as perguntas. Escutado mesmo. A “menina louca” tinha indagado sobre a estrutura do Estado e da sociedade que a obrigava a

dar o primeiro passo para dentro de uma instituição psiquiátrica. Talvez Maria intuisse que esse passo poderia ser longo. Talvez Maria adivinhasse que os dentes do sistema estavam à sua espera, logo ali. Flávia abraçou Maria. E pediu desculpas por não saber responder. Maria entrou, carregando olhos molhados e pontos de interrogação (BRUM, 2014).

Às buscas de Flávia por respostas, Brum acrescenta questionamentos que envolvem toda sociedade na realidade da psiquiatria brasileira. Trata-se da capacidade de perceber o espaço que todos compartilham, como indicado pelos autores revisitados anteriormente. Assim, a história de Flávia, Maria e de outros dois jovens, José e Raquel, movem-se segundo a pergunta principal:

Por que, no século 21, crianças e adolescentes brasileiros, a maioria filhos de famílias pobres, continuam a ter suas vidas mastigadas num hospital psiquiátrico. A “criança louca” fez aos normais a pergunta mais lúcida: por que a condenavam a uma existência de manicômio. A habitar um mundo de dor, vagando entre paredes, desvestindo a si mesma para vestir um uniforme, sem direito ao desejo. Por que lhe negavam a humanidade tão cedo (BRUM, 2014).

Brum percorre, então, o caminho de pesquisa de Flávia junto ao arquivo do Núcleo da Infância e da Adolescência (NIA), do hospital Pinel, e acompanha os resultados de suas análises de 451 casos, correspondentes a 611 internações ocorridas entre janeiro de 2005 e dezembro de 2009, com o alerta: “é preciso prestar muita atenção às respostas que Flávia encontrou”. Alude, assim, à contextualização característica de sua prática jornalística, voltando à luta anti-manicômios do final dos anos 1970, para indicar que, apesar dos avanços significativos conquistados durante este século, mesmo “instituições e profissionais que tentam fazer diferente são seguidamente vencidos pelas engrenagens e pela escassez de serviços públicos de base”.

Pautada por essas reflexões, toca a narrativa de vida de Raquel, uma criança descrita como “agressiva”, pela avó “pobre demais para dar conta dela”, e cuja mãe foi presa por vender uma pequena quantidade de drogas para sustentar seu próprio vício – “destino comum nos presídios do país, gerador de órfãos de mães vivas”. Diante do confinamento de 1.807 dias de Raquel, Brum apreende os sentidos perdidos, para além do isolamento do convívio social: “o direito à história é o primeiro a ser arrancado das ‘crianças loucas’. Ela já tinha quase tantos rótulos quanto anos de vida: filha de presidiária, abandonada, agressiva, não dá certo... Raquel só era vista por estigmas e fragmentos”.

Circunstâncias parecidas ambientam a internação de 1.271 dias de José, cujas idas e vindas do manicômio também indicam que o ingresso por ordem judicial propõe uma resposta “única a todas as situações, sem considerar diferenças, singularidades e contextos. Reduz crianças e adolescentes ao status de paciente psiquiátrico perigoso, produzindo sua cronificação. É assim que se fabricam crianças loucas”.

O interesse de Brum aos desacontecimentos, entrelaçado a seus gestos de afeto na relação com o Outro, desdobra-se em registros abertos e inclusivos, imbricados no tecido social. Narrativas dispostas a acolher vozes e realidades nem sempre abordadas:

José, Raquel e Maria nos mostram que não há desamparo maior do que o de uma criança num manicômio. Ninguém está mais sozinho nesse mundo do que José, Raquel e Maria. Expostos a uma sociedade que, além de não protegê-los, os enlouquece. Eles fogem, como José, eles quebram tudo, como Raquel, eles fazem perguntas, como Maria. Mas estão sozinhos. E cada um de seus atos de resistência é mais um carimbo de sua suposta loucura num arquivo morto (BRUM, 2014).

Nas tessituras de alteridade, portanto, o desacontecimento manifesta traços de resistência à lógica da ideologia guerreira e do analfabetismo afetivo, resgatando a dimensão do sensível e da ternura nas experiências interpessoais. Arrisca-se a tocar o lugar do Outro e a reconhecer os sentidos das histórias de cada vida, partilhando, assim, das travessias do comum.

5 TRANSFORMAÇÕES PELA VIA ARGUMENTATIVA

Conforme explicitado no plano metodológico, o presente capítulo se dedica a fundamentar um estudo em torno da configuração narrativa daquelas produções de Eliane Brum que se tecem sob o expediente da argumentação. Nele, busca-se evidenciar os novos elementos que emergem ao universo dos desacontecimentos como parte das transformações impulsionadas pelo estilo opinativo de algumas de suas colunas, à *Época* e ao *El País*, em seu novo percurso profissional.

Organiza-se, neste sentido, um momento inicial a apresentar uma proposta de mirada ao conceito de desacontecimento frente às novas disposições dos textos de Brum, de forma a abrir caminhos para a análise dessas produções segundo as matrizes complexo-compreensivas (KÜNSCH). Com isso, espera-se entrelaçar à dimensão inaugural dos desacontecimentos novas perspectivas e procedimentos narrativos, com o intuito de alargar e aprofundar valores alternativos à dinâmica produtiva tradicional – abrangendo, assim, um escopo de práticas de resistência, sob o estilo narrativo-descritivo e também argumentativo, ao jornalismo.

5.1 O desacontecimento em evolução

Ao se inscrever em um novo processo produtivo, depois de mais de 15 anos de atuação como repórter na mídia impressa, Brum também assumiu novas possibilidades discursivas, conferindo aos seus textos novas dimensões narrativas, que permitem pensar no continente teórico e prático do desacontecimento em vias de evolução. Tal qual discutido ao longo desta dissertação, a experiência de Brum como colunista digital ainda manifesta momentos de interface e correspondência com a reportagem; não à toa, foi possível reunir produções suas, com diferentes datações, sob a chave conciliadora da narração-descrição. No entanto, a análise prévia do *corpus* também identificou arquiteturas textuais distintas às comumente observadas no repertório produtivo de Brum.

Nesses registros, tecidos a partir do estilo argumentativo, evidencia-se a presença de aspectos que, ainda que ancorados na matriz essencial dos desacontecimentos, isto é, na cobertura de fatos e personagens com pouca visibilidade midiática, dão mostras de novos contornos epistemológicos ao termo. Esses traços

passaram a aflorar, em grande medida, devido aos caminhos abertos pela internet e pela experimentação do formato coluna, acentuando o caráter autoral, complexo e reflexivo do jornalismo de Brum. Ao transitar no terreno mais livre do colunismo digital, portanto, a escrita de Brum diversificou-se, hibridizando gêneros, pautas e vozes.

Configurada como “una arte y una técnica que se adapta a la personalidad del articulista” (ESPINOSA, 2010, p.106), a coluna responde bem à liberdade de estilo narrativo de seus autores. Sob o expediente argumentativo, em teoria, o jornalista tem autonomia para escrever o que considera oportuno e escolher o melhor formato para fazê-lo. Deste modo, explica a autora, os colunistas podem “introducir en mayor grado sus sentimientos y expresiones personales que en formas más rígidos” (ESPINOSA, 2010, p.106), e sua própria opinião pode ser distinta do ponto de vista da linha editorial do jornal ou da empresa de comunicação.

Las columnas ayudan a introducir en los lectores un cambio respecto al estilo más encorsetado que pueda existir en la redacción de los géneros periodísticos, ya que proporcionan colorido, diversidad y opinión al diario. Por tanto, la estructura de la columna no puede ajustarse a un modelo preestablecido, porque es el género periodístico más personal y libre de todos; cada columnista adapta su redacción a como más conviene a la información con que cuenta y al objetivo de sus opiniones (ESPINOSA, 2010, p.107).

Também Marques de Melo (1985, p.105) identifica na coluna uma correspondência “à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator”. Nas obras em que se dedica a analisar o gênero opinativo no jornalismo, o autor descreve a coluna “como espaço de entrecruzamento de várias formas de expressão noticiosa” (p.104), destacando que este formato “tem na sua identidade esse hibridismo que advém da convivência com os gêneros mais próximos” (p.110).

Pensando na inserção dos gêneros na web, Ureta (2015, p.159) percebe a internet como um “paradigma basado en la experimentación constante”, isto é, um caminho rico para “ensayos con distintas fórmulas de presentación de los contenidos que se distinguen por su originalidad temática y estética”. Neste sentido, o autor destaca como potencial digital uma característica da web nem sempre abordada pela bibliografia especializada:

Internet concede así nuevas oportunidades para el tratamiento en profundidad y, en general, para la renovación del paradigma tradicional, aunque exige en contrapartida habilidades específicas por parte de los periodistas. En concreto, requiere un elevado

conocimiento del código escrito y del código audiovisual, esto es, saber cuándo una información reclama el protagonismo del texto, de una imagen o un sonido, conjugando los sistemas expresivos tradicionales con otros propios, como los formatos gráficos interactivos (URETA, 2015, p.160).

Também Eliane Brum identifica na internet a possibilidade de aprofundar a experiência jornalística. Em entrevista (2014, informação verbal), ela explicou: “a internet foi aquilo que a gente não sonhou, nem mesmo os grandes escritores de ficção científica do século XX foram capazes de sonhar com algo tão transformador e criar algo como a internet”. Para ela, essas mudanças se manifestam em duas vias principais: a ampliação de vozes e a complexidade da narrativa.

A possibilidade de reunir diversos pontos de vista representa, segundo ela, uma resistência à imprensa convencional como narradora hegemônica de sua época, o século XX: “o que a mídia tradicional não conta é contado de outras maneiras. [...] O que é acontecimento e o que não é acontecimento se tornou hoje algo muito mais complexo, porque as disputas estão muito mais acirradas, se ampliaram os narradores” (BRUM, 2014, informação verbal). Trata-se, sob este prisma, de mirar a web como um instrumento de expansão de mundos, de fazer uma espécie de horizontalização para que a história que está sendo contada tenha cada vez mais matrizes e contradições.

A essa ampliação de narradores, acrescenta-se a possibilidade de romper limitações espaciais. Na introdução do livro *A menina quebrada*, Brum comenta sobre a mudança de ambiente narrativo, quando passou a escrever para a edição digital de *Época*, e seu desejo de criar novas vozes para si:

De fato, e só percebi bem mais tarde, eu estava me desinventando, para poder manter o que é essencial e irredutível para mim, a reportagem, e ao mesmo tempo eliminar as fronteiras - não só na minha expressão externa no mundo, mas também internamente. Nesse sentido, a coluna ganhou uma importância muito maior do que eu poderia supor a princípio. Em grande parte porque ela me permitiu atravessar para o mundo fluído e sem fronteiras da internet. Meu corpo com limites cada vez mais indefinidos se encontrou no não corpo que é a rede (BRUM, 2013, p.14).

Neste sentido, a internet, para Brum, é um meio propício à escrita de textos complexos, à exposição dos diferentes ângulos e perspectivas dos fatos, sem a preocupação com a extensão ou com as limitações espaciais da imprensa: “a internet mudou o mundo – e também o meu mundo. Realizou aspirações que eu tinha e outras que nem sabia ter. Eu não precisava mais de páginas-livro. Os textos agora podem ter o

tamanho que exigirem” (BRUM, 2013, p.16). Sua atuação jornalística na web, portanto, caracteriza-se por uma apropriação do espaço digital como caminho para explorar os meandros dos temas e questões contemporâneas, instigar indagações, enriquecer análises:

O que é importante, e é uma coisa que eu tento marcar não só falando, mas fazendo, especialmente nesses últimos anos pela minha coluna, seja na *Época* ou no *El País*, é que, no momento em que a gente não precisa mais passar pela disputa do espelho no jornal ou na revista, – aquilo que vai ou não entrar e com que tamanho ou destaque vai entrar – a internet nos permite resgatar os textos de profundidade. Não tem limite de tamanho, em cada texto faz parte descobrir que tamanho ela vai ter. A internet nos permite resgatar as grandes entrevistas, onde o entrevistado pode desenvolver todo o seu pensamento. A internet resgata os ensaios. Tem espaço para tudo (BRUM, 2014, informação verbal).

Esta acepção aborda uma potencialidade pouco comentada pela literatura do webjornalismo. Muito se discute sobre a utilização de recursos hipermídia e a criação de novas estruturas narrativas; mas, nos textos de Brum, o que se evidencia é uma escrita densa e extensa, envolvendo contextos, resgates históricos e grandes entrevistas. Tal qual mencionado por Óscar Curros, tradutor das colunas de Brum ao espanhol, para o *El País* Espanha e América, os registros costumam ter, em média, três mil palavras, mas já se estenderam a 11 mil, como na coluna “Um negro em eterno exílio”.

Este aspecto chama a atenção ao debate que se faz sobre as configurações textuais e sobre o próprio consumo do usuário na internet. Em entrevista, Brum recordou que essa questão sempre foi recorrente em sua carreira, isto é, que sempre lhe disseram que seus textos são muito extensos e que este estilo narrativo não atrai o leitor:

Eu passei quase vinte anos da minha vida ouvindo que leitor não gosta de texto longo, e eu sempre escrevi textos longos e sofri muito com a perda de espaço, de páginas, porque eu sabia que essas páginas faziam diferença na história que eu estava contando, eu sabia que cada página que eu perdia, no caso da revista, ou cada coluna de texto no jornal, eu estava calando vozes da história, silenciando parte da história, deixando de contar. E qual é a pesquisa para se afirmar que leitor não gosta de texto longo? Não tinha pesquisa, isso era um dogma (BRUM, 2014, informação verbal).

E essa máxima volta a aparecer nas discussões sobre linguagem webjornalística. Segundo Roberto Herrscher (2017, informação verbal), professor na Universitat de Barcelona e investigador de jornalismo narrativo, o meio digital não muda a arte da narração, já que “la duración de los textos tiene que ver con el camino a que uno, como

escritor o como periodista o como director de cine, invita al lector. Siempre ha habido caminos cortos y caminos largos”. Também nesta linha de pensamento, Brum identifica na internet a possibilidade de escolha por parte do jornalista – na defesa de que a maior vantagem do novo ambiente é o resgate da profundidade:

Apareceram então os arautos de sempre, defendendo que a internet foi feita para textos curtos e notícias instantâneas. Só se fôssemos doidos de perder essa chance. Na internet cabem todos os formatos, mas, para jornalistas e para leitores, talvez a maior conquista seja a ampliação da possibilidade de escrever – e de ler – textos de profundidade, analíticos, que respeitam a complexidade dos temas. E, assim, ficar menos dependente da disputa por espaço e por páginas, que, se é importante quando traduz um debate movido pela relevância, é também uma afirmação de poder e de hegemonia de uma visão de mundo sobre outras (BRUM, 2013, p.16).

Neste sentido, para Herrscher (2017, informação verbal), a leitura na tela de um computador ou de um celular continua a depender dos mesmos fatores que influem a leitura em outros suportes, isto é, a relevância do assunto tratado e a forma de abordá-lo, “el trabajo de investigación y de escritura”: “si tú piensas en los libros largos mejores que ha leído, no parecían demasiado largos, porque no podría dejarlos”. A isso, Eliane Brum se refere como o respeito à inteligência do leitor, sob uma construção jornalística que valorize o tempo dispensado por cada um na leitura do texto.

Agora, com a internet, tu prova que leitor gosta sim de textos longos, tu sabe qual é a audiência que tu tem, quantas pessoas leram teu texto e quanto tempo elas ficaram no teu texto. Então, agora a gente pode responder essa pergunta. E a resposta é que sim, o leitor gosta de texto longo desde que respeite sua inteligência, que ecoe, que faça a diferença e valorize seu tempo. A gente precisa trabalhar melhor para esse leitor, que agora é muito mais exigente e que agora tem muito mais voz do que antes tinha. Então minha coluna também foi uma provocação a isso, porque parecia um contrassenso do que os arautos determinavam que era para a internet. Eu acho esse um grande equívoco, porque se o jornalismo ficar disputando banalidades, ele vai perder a importância e aquilo que faz a diferença. E no jornalismo o que faz a diferença é a profundidade, é a capacidade de fazer o movimento da reportagem (BRUM, 2014, informação verbal).

Antonio Jiménez Barca, diretor do *El País* no Brasil, apontou a profundidade e a complexidade das narrativas como características marcantes da escrita de Brum, considerando seu estilo narrativo como um argumento ante os debates sobre redação jornalística na web:

A Eliane Brum é uma boa razão para refutar as pessoas que dizem que em internet você não lê muito, não lê textos longos. O que eu quero

dizer é que a Eliane consegue demonstrar que as pessoas não só leem textos curtos na internet. Isso é um mito, eu acho que não é verdadeiro. As pessoas, na internet, leem artigos longos e artigos curtos, depende do interesse, do que aquilo desperta. Ela demonstrou que, aparentemente, esse contrassenso não é um contrassenso, é diretamente uma mentira, não é assim (BARCA, 2017, informação verbal).

Para Pedro Sorela (2017, informação verbal), professor da Universidad Complutense de Madrid e repórter por mais de dez anos do *El País* Espanha, é importante que se discuta os gêneros e, sobretudo, a coluna como um espaço de experimentação: “yo creo que las viejas formas están caducas y hay que renovarlas [...] La gente quiere carne, quiere densidad, no lo quiere tonterías. Creo que hay que apostar por eso”.

A atuação de Brum sob o expediente argumentativo, no meio digital, parece caminhar por esta via propositiva. Para ela, a questão-chave está no aprofundamento da essência do jornalismo, isto é, do “movimento da reportagem” (VENTURA E ABIB, 2015): um processo de despojamento de si, de abertura ao Outro para se preencher por seus sentidos, razões, histórias, enfim, por seu modo de ver e de interpretar o mundo.

Durante seus trabalhos como repórter na imprensa, no jornal *Zero Hora* e na revista *Época*, esta dinâmica era muito evidente e manifesta, sobretudo, por uma apuração sensível aos detalhes do cotidiano e por um diálogo aberto e afetivo com suas fontes (VENTURA E ABIB, 2016) – os valores e técnicas da prática inaugural dos desacontecimentos. Como colunista, essa essência parece preservar-se: sua prática na web ainda se marca por um interesse de envolver-se – com pessoas ou questões, com anônimos ou com os assuntos pouco discutidos pelos meios tradicionais.

Seu *modus operandi* ainda se baseia em uma abertura de si para aprofundar-se em novos sentidos e contextos distintos, para aproximar-se aos detalhes, às esquinas pouco visíveis – mas, agora, também, dos temas que marcam nosso momento histórico e nossa vida em sociedade. Sua escrita, neste sentido, seja de reportagem ou de coluna, nasce de uma entrega profunda da jornalista, isto é, de um processo de vinculação ao cenário em que está implicada.

Uso parte do processo de reportagem para escrevê-la: parto de um espanto e inicio uma investigação movida pelas dúvidas. Minha busca é por iluminar os cantos escuros dos acontecimentos e, principalmente, acrescentar novos questionamentos ao cotidiano dos leitores. Penso que qualificar as questões sobre nosso tempo histórico é mais importante do que concordar ou discordar de uma ideia Tudo

isso é o que me move a escrever a coluna (BRUM, 2013, informação verbal¹⁶).

Sua intenção, ao escrever, é lançar questionamentos a seus leitores, impulsioná-los a refletir sob novos e diferentes horizontes, desacomodá-los de maneira que possam buscar novos ângulos para olhar. Essa é uma atitude que a própria jornalista faz consigo mesma, para que possa adentrar universos estranhos ao seu, pouco explorados. Como colunista, Brum (2013, p.15) assume-se, então, como uma “desidentidade”. A cada texto, faz uma rota de saída de si, um caminho que parte de seu olhar sobre um assunto, ou mesmo de sua realidade íntima, para alcançar as perspectivas dos demais. Trata-se, assim, de primeiro deslocar-se a si mesma, e extrapolar as investigações para fora de seus contornos pessoais.

Suas pautas, portanto, movem-se sempre pelas dúvidas, seja para desenvolver uma reportagem ou uma análise. E retratam uma mirada a momentos históricos específicos, buscando tatear além das camadas óbvias e superficiais. Nesta linha, o recurso espacial da internet converge com o seu interesse de aprofundar questões e pensamentos. Sem as limitações da imprensa, Brum pode expor grandes entrevistas, análises de livros ou filmes, expandir as conexões entre suas experiências pessoais e os fatos, isto é, buscar diferentes formas para tratar diferentes contextos.

Diante desse cenário que conjuga novas possibilidades e valores constantes de produção, há que se refletir acerca da prática jornalística de Eliane Brum no ambiente digital, com um especial interesse em buscar compreender a configuração narrativa de seus escritos. Como indicado pela própria jornalista, seu estilo baseia-se na demanda de cada pauta e caracteriza-se por envolver distintos universos em um mesmo pensamento, tornando complicada e, talvez desnecessária, a tarefa de delimitar fronteiras à sua narrativa.

Nesta linha, as entrevistas com os profissionais do *El País* parecem também corroborar com a hipótese de que as produções de Eliane Brum na web não se restringem a um formato ou gênero específico. Para Óscar Curros, tradutor das colunas de Brum, que acompanha o trabalho da jornalista há mais de três anos, pensar em coluna, no caso de seus registros, é quase como pensar em romance.

¹⁶ Entrevista de Eliane Brum concedida a Edson Caldas. [setembro 2013]. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/61368/foi+uma+decisao+dificil+mas+necessaria+diz+eliane+brum+sobre+fim+de+coluna+na+epoca>

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Então coluna, nesse caso, é quase como dizer romance. O romance é um gênero que cabe tudo, e muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora (CURROS, 2017, informação verbal).

Curros exemplifica com a coluna “Um negro em eterno exílio” (2015), um texto que, ao longo de quase doze mil palavras, aborda a travessia de Carlos Moore, um ativista e intelectual que denunciou o racismo em Cuba, foi perseguido na Guerra Fria, e hoje vive no Brasil. Trata-se de uma grande entrevista, feita durante seis horas, em dois dias consecutivos, que entrelaça as impressões de Brum à voz do protagonista. Neste texto, Brum explora apenas o recurso espacial da web: não há vídeo ou áudio, tampouco hiperlink. Imagem, há somente uma, na entrada do texto. A coluna, portanto, preenchida pelas palavras de Moore, é um espaço de discussão sobre questões históricas: o ser negro, a reprodução racista do sistema cubano, o poder branco no Brasil, a realidade africana e, em última instância, a busca do próprio Moore por uma identidade.

O que se evidencia, assim, é que a escrita de Brum conecta diferentes âmbitos de cultura e de política da vida em sociedade, tensionando as implicações e o debate acerca dos dilemas de nosso tempo. Sua abordagem também busca iluminar aspectos pouco visíveis ou nem sempre discutidos pelas produções midiáticas convencionais, percebendo a articulação dos fatos e os significados manifestos nos detalhes do comum.

Mais adiante, aprofundaremos a investigação qualitativa das colunas de Brum ao *El País*, de modo a verificar os valores constantes de sua prática jornalística. Por agora, cabe destacar que as produções de Brum conjugam distintas configurações textuais e expressam a dialogia entre diferentes contextos – aspectos também apontados pelo diretor do *El País* Brasil, Antonio Jiménez Barca (2017, informação verbal), ao se referir à escrita de Brum: “ela tem um jeito de fazer artigo muito original. Porque não é uma coluna de opinião, não é uma reportagem, não é uma crônica, e sim é tudo isso junto. Sua maneira de escrever é muito pessoal. Ela chegou a ter um estilo próprio”.

Sobre essas colunas, que ora tratam de vivências universais, ora tratam de questões históricas, políticas e culturais, Barca (2017, informação verbal) ainda comenta: “o gênero é Eliane Brum. Ela escreve uma coluna que é Eliane Brum”. Em nossa investigação, esse *modus operandi* muito singular, manifesto pelos valores,

técnicas e pelo estilo narrativo de Brum, tem sido denominado como Jornalismo de Desacontecimentos. Em convergência com as considerações aqui apresentadas, podemos também falar em um gênero dos “desacontecimentos”.

Diante dessas novas demandas interpretativas, e na busca por evidenciar os novos dispositivos narrativos que emergem do estilo argumentativo de algumas das colunas digitais de Brum, propõe-se refletir sobre a matriz conceitual dos desacontecimentos sob um universo epistemológico que vamos denominar, seguindo os estudos de Künsch, de Complexo-Compreensivo. Consideramos, neste sentido, que tais registros apresentam contornos que permitem pensar na incorporação da complexidade no plano da narrativa, conciliando-a, assim, com os fundamentos essenciais da prática dos desacontecimentos. Sobre estes pontos, vamos dedicar-nos adiante.

5.1.1 Nas pistas da complexidade e da compreensão

A polifonia e a polissemia, a relação, as interrogações, o múltiplo, a pluralidade, as perspectivas. Sob as investigações teóricas de Dimas Künsch, fundamentadas nos estudos de autores como Martin Buber, Edgar Morin, Muniz Sodré, Cremilda Medina, para mencionar alguns, todos esses conceitos se articulam e se harmonizam em uma mesma chave de pensamento. Trata-se da possibilidade de encontro entre diferentes campos do saber, como a filosofia, a psicologia, a física, as artes, e mesmo os saberes míticos e populares. E da proposta de conciliar esses elementos com a prática comunicacional. Especificamente, neste projeto, com o fazer jornalístico.

Esses intercâmbios entre saberes são possíveis porque, tal qual assinala Künsch (2016, p.08), esta dinâmica opera segundo o método compreensivo, isto é, sustenta-se na ideia de “abraço”, de integração e de envolvimento: os sentidos evocados, em essência, pelos conceitos de complexidade e compreensão. E se originam da necessidade de uma reviravolta no modo de se colocar diante do mundo, indicando a possibilidade de superação dos modelos reducionista e tecnicistas que se impõem ao conhecimento. É preciso, deste modo, de acordo com a ótica de Künsch, avançar o paradigma clássico que atesta o primado da ciência e da razão, a supremacia do homem e do seu controle através de leis fixas e invariáveis.

Isso porque essa estrutura conceitual dominou não somente a física, mas toda a visão coletiva do mundo até o início do século XX, com uma influência que se sente, até hoje, no modo de pensar ocidental, estando o jornalismo incluso neste cenário.

Diante da crise do pensar e do tentar entender – a crise de degenerescência, assinalada por Boaventura de Sousa Santos (1989) e já discutida anteriormente neste projeto -, Künsch faz um convite, que também se estende ao jornalismo, para se buscar novas formas de olhar.

Sua proposta, neste sentido, fundamenta-se na possibilidade de associar complexidade e compreensão sob um mesmo estatuto epistemológico, conjugando-os como elementos estruturais do ato de conhecer. Suas investigações se baseiam, sobretudo, nas contribuições¹⁷ de Cremilda Medina à área da Comunicação, e na Teoria da Complexidade, de Edgar Morin. Considera-se interessante, por isso, revisitar estes conceitos e apresentar as considerações de autores referências acerca do tema.

A noção de complexidade, já desde a segunda metade do século XX, é abordada pelo pensador francês sob o intuito de “sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento, tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento” (MORIN, 2007, p.15). Na visão do sociólogo, a causa desta patologia da mente reside na “hipersimplificação” que não permite ver a complexidade do real:

A doença da teoria está no doutrinário e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e enrijecem. A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável (MORIN, 2007, p.15).

Sua crítica é dirigida ao pensamento ocidental que, durante a História, obedeceu aos comandos de um paradigma de disjunção, de separação. Por isso, o autor afirma que vivemos sob o império dos princípios de redução e abstração, o que ele denomina de “paradigma da simplificação” – uma fragmentação do tecido complexo das realidades.

O pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unitat multiplex*). Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade. Assim, chega-se à inteligência cega. A inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada (MORIN, 2007, p.12).

¹⁷ Medina (2014) tem mais de quarenta anos de experiência de investigação em jornalismo e de prática em laboratório. Nos anos 1990, desenvolveu na Universidade de São Paulo o Projeto Plural, um foro interdisciplinar de discussão sobre os rumos da ciência e da sociedade contemporânea. Sua trajetória acadêmica e profissional é norteadas por reflexões sobre novos caminhos à prática comunicacional, baseados no diálogo e na compreensão entre sujeitos.

As consequências desta simplificação, indica o autor, são o predomínio de uma visão mutiladora e unidimensional que, quanto aos fenômenos humanos, traduz-se na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária)” (MORIN, 2007, p.13). Passando pelos estudos de pensadores como Popper, Lakatos e Thomas Kuhn, Morin (1984, p.18) pondera que a ciência é também sinônimo de incerteza e fiabilismo - “quando se mergulha na investigação do que é cientificidade, veem-se surgir muitos temas não-científicos”.

Tudo isso dá mostras da dificuldade que as teorias têm de se comunicar umas com as outras, nos mais distintos campos. Pensar a complexidade, portanto, é reconhecer que o conhecimento é incerto, frágil, e que é preciso fomentar a busca por novas fronteiras:

É neste sentido, creio, que podemos colocar-nos o problema da complexidade, isto é, da dificuldade de permanecermos no interior de conceitos claros, distintos, fáceis, para concebermos a ciência, para concebermos o conhecimento, para concebermos o mundo em que estamos, para nos concebermos a nós na nossa relação com os outros e para nos concebermos a nós na nossa relação com nós mesmos, que é, afinal, a mais difícil (MORIN, 1984, p.34).

O conceito de complexidade, assim, caminha ao lado da necessidade de promoção de uma teoria aberta, que faça articulações entre os campos disciplinares desmembrados pelo pensamento disjuntivo. Tal qual expressa Morin (2002, p.06), “o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional”, buscando reconectar os domínios separados pelo conhecimento fragmentado:

É um pensamento da solidariedade entre tudo o que constitui nossa realidade; que tenta dar conta do que significa originariamente o termo *complexus*: ‘o que tece em conjunto’, e responde ao apelo do verbo latino *complexere*: ‘abraçar’. O pensamento complexo é um pensamento que pratica o abraço. Ele se prolonga na ética da solidariedade (MORIN, 2002, p.07).

Trata-se de uma teoria que valoriza a mirada aos laços e interações dos fenômenos, à percepção do *complexus*, isto é, do tecido que junta o todo, que concebe o sistema e a organização, e não somente os elementos isolados. Assim como Künsch, a presente pesquisa acredita que é possível ao jornalismo também mover-se de acordo com esses valores, buscando construir narrativas que resistam à cegueira parcelar e que façam o exercício de entrelaçar característico ao pensamento complexo.

Ao universo do jornalismo, a complexidade se manifesta como um caminho para a tessitura de narrativas abertas às múltiplas vozes e sentidos, um estímulo à “escuta e dialogia, à sensibilidade cultural e das identidades, à ação social interativa” (MEDINA, 2016, p.21). Registra, neste sentido, a travessia das “técnicas do jornalista de rotina para a assinatura de um autor compreensivo da complexidade social e das particularidades culturais no exercício das mediações coletivas” (MEDINA, 2016, p.23).

Todo esse universo conceitual, então, reveste-se com ainda mais significado ao se atrelar ao signo da compreensão. Compartilhando do pensamento de Maffesoli (2010, p.17), ao dedicar seu livro *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva* a Edgar Morin, “em vez de cortar com brutalidade este nó górdio chamado realidade social, mais vale saber desembaraçar, com paciência, seus múltiplos fio entrelaçados”. E o método compreensivo, avalia o sociólogo, é o mais apto a apreender as nuances de um cenário complexo.

Fora dos limites de um circuito conceitual totalitário e irrefreável, o conhecimento compreensivo prefere, a reduzir ao menor denominador comum, colocar-se frente “aos entrecruzamentos de paixões e razões, de sentimentos e cálculos, de devaneios e ações, aos quais se dá o nome de sociedade” (MAFFESOLI, 2010, p.148). Lança-se, portanto, à experiência do Outro, e é essa ‘orientação-para-o-Tu’, “a experiência do seu vivido através do meu, que funda a compreensão de diferentes ‘mundos’ constitutivos de um dado período” (MAFFESOLI, 2010, p.225). Reconhece-se, neste sentido, que é o voltar-se-para-o-outro que condiciona a forma pura da compreensão.

A ideia de compreensão, como se evidencia, está intimamente entrelaçada a um gesto de vinculação:

Compreender significa agarrar as coisas com as mãos, abarcar com os braços (do latim *cum-prehendere*), isto é, dela não se separar. No entendimento explicativo, um fenômeno particular fica subsumido a uma lei geral, enquanto na compreensão o fenômeno guarda a sua singularidade, isto é, a sua unicidade incomparável e irrepetível. O requisito essencial da compreensão é, assim, o vínculo com a coisa que se aborda, com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo (SODRÉ, 2006, p.68).

Morin (2002, p.94) chama a atenção ao significado intersubjetivo da compreensão, distinto da tipologia intelectual ou objetiva, que passa pelos comandos da explicação e da inteligibilidade, a que se está acostumado. Tal dimensão considera os aspectos humanos e os seus contextos: “a compreensão intersubjetiva vai além da

explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas. É insuficiente para a compreensão humana. Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito”. É a ela que a educação do futuro deve se dedicar, uma vez que nela encerra-se a “missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2002, p.93).

A partir dela, espera-se que o indivíduo se coloque diante do Outro não de modo objetivo, mas que seja capaz de percebê-lo como um sujeito com o qual se identifica – e que se identifica nele: “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (MORIN, 2002, p.95). Aspira-se, assim, como diz Morin (idem), a que o *ego alter* torne-se *alter ego*; na tentativa de romper com os obstáculos intrínsecos à experiência da compreensão:

São não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum se situarem no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante. [...] A incompreensão de si é fonte muito importante da incompreensão de outro. Mascaram-se as próprias carências e fraquezas, o que nos torna implacáveis com as carências e fraquezas dos outros (MORIN, 2002, p.96-7).

Explicita-se, por isso, os dois exercícios apontados por Morin (2002, p.100) para facilitar a compreensão: o bem pensar e a introspecção. No primeiro, o autor retoma a ideia de pensamento complexo – estudado anteriormente – ao abordar a necessidade de apreensão do conjunto - o ser e seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional. É o bem pensar que permite compreender igualmente as condições objetivas e subjetivas do comportamento humano. Já a introspecção diz respeito à prática mental permanente do autoexame; às avaliações de nossas fraquezas e faltas como via para a compreensão das do outro.

Para Martino, o reconhecimento do Outro como igual é o primeiro passo no sentido de procurar compreendê-lo:

Esse movimento exige que se busque algo além das pretensões de validade e justificação de um discurso específico sobre o mundo. É preciso buscar, no interior dos sujeitos, os critérios e concepções de formulação desse discurso. Por que esse e não outro? Por que meu interlocutor enquadra a realidade dessa maneira e não de outra? O que há de fascinante nessa visão que não é minha e, ao mesmo tempo, na qual estou enquanto interlocutor? (MARTINO, 2010, p.8).

As estradas da compreensão, deste modo, conduzem “aos ambientes onde florescem a admiração e o espanto, atitudes essas que desde sempre foram vistas como filosóficas por excelência” (KÜNSCH, 2010, p.20). Elas abrem caminhos para a “sensibilidade, os sentimentos da alma, abraçando novos saberes e novos conhecimentos” (idem). Trata-se da atitude simbólica de arriscar-se ao outro, e, neste gesto, reconhecer-se incompleto, necessitado do signo relacional:

O pensamento compreensivo, operacionalizado em termos metodológicos, pauta-se na abertura para tentar ver o que o outro está vendo, conhecer o mundo pelo conhecimento do outro – não apenas no resultado de entender os meandros de uma “visão de mundo” no sentido estritamente weberiano, mas de compreender o modo como se chega a uma determinada visão, de entender os andaimes do pensamento, ao mesmo tempo em que se revelam os fatores de construção do próprio pensamento (KÜNSCH, 2014, p.24).

Identifica-se, assim, a articulação entre os dois conceitos norteadores da epistemologia apresentada por Künsch, e bem sintetizadas nos escritos de Morin (2002, p.101): “a compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana, a abertura subjetiva (simpática) em relação ao outro”.

Compreender o outro, nesse sentido, é tentar ver nele a mesma complexidade que reivindicamos para nós, e suportar a mesma falta de lógica, de coerência e de sentido da qual damos mostra. Não deixa de ser paradoxal: no cotidiano, muitas vezes exige-se da alteridade uma coerência linear que o eu é incapaz de oferecer – o outro deve ser racional, coerente, claro, linear e bem resolvido; o eu pode ser fragmentário, afetivo, passional, não linear. Essa assimetria da relação entre um “eu” que tudo pode e um ‘outro’ que tudo deve é questionada pelo pensamento compreensivo (KÜNSCH, 2014, p.31).

Adiante, traz-se para a reflexão o arcabouço teórico e interpretativo construído por Dimas Künsch, alinhado a outros autores, sobre o projeto de uma epistemologia complexo-compreensiva ao jornalismo. Espera-se, à luz dessas discussões, consolidar uma fundamentação que permita a essa pesquisa desenvolver hipóteses e inferências sobre o Jornalismo de Desacontecimentos, tecendo e entretecendo valores para uma *práxis* alternativa, baseada na dinâmica produtiva de Eliane Brum.

5.2 Narrativas que tecem e entretecem

A proposta de reflexão sobre uma teoria do conhecimento que une a noção de complexidade à de compreensão, desdobrando-a no jornalismo, consiste, segundo

Künsch, em reforçar os traços comuns que existem entre elas e, a partir daí, renovar o universo da comunicação e das linguagens. O autor, que há pelos 15 anos publica livros e artigos nessa área, além de liderar e coordenar grupos de pesquisa na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, dedica-se a pensar teoria e epistemologia da Comunicação sob a chave da autocrítica de um pensamento complexo-compreensivo que, “ao apontar para o lado onde identifica muito sérias lacunas na tarefa humana do conhecimento, não consegue não olhar para si mesmo com o sentimento da busca e da própria ignorância” (KÜNSCH, 2006, p.07).

Sua trajetória, portanto, marca-se pelo interesse em discutir, e difundir, a configuração de um saber plural, tal qual diz Medina, que promove a interação de sentidos, é aprendiz do diálogo com o diferente, quer abraçar, e não mutilar as virtualidades humanas. Ao se ancorar na ética da compreensão, no campo amplo da complexidade, sua defesa é de que essa refaz a aposta no futuro da humanidade. No cerne de seu argumento, reside a ideia de que a compreensão possui um estatuto epistemológico:

Isso quer dizer que a compreensão, tanto no sentido que a torna parceira da complexidade quanto no da intercompreensão e da intersubjetividade, se faz conhecimento e se faz comunicação. A compreensão é, pois, uma episteme, um elemento fundante do ato de conhecer (KÜNSCH, 2007, p.59).

Pensa-se na compreensão, neste sentido, não apenas como gesto humano e humanizante, mas como a abertura ao outro e ao mundo que permite melhor conhecer. Indo de encontro ao pensamento de tipo mecânico e redutor, “se anuncia companheira das buscas por uma *práxis* inovadora” (KÜNSCH, 2014, p.46). É, por isso, simultaneamente pragmática, sob o ponto de vista da produção do conhecimento e também da humanização, “num mundo este nosso tão ávido de respostas para as grandes questões que levanta quanto carente de ternura, de amor e de solidariedade” (idem).

Sob este prisma, enseja-se a possibilidade de construção de um pensamento democrático: complexo, ao exercitar a escuta e se fortalecer na interface com o contraditório e o antagônico, com o desequilíbrio, e compreensivo, ao reforçar os sentidos dialógicos, de não-arrogância e de não violência – aludindo às acepções de Restrepo (1998). Inscrito, desta forma, “numa epistemologia que não se contenta em se dizer e praticar complexa: quer ser também, intelectual e humanamente, compreensiva” (KÜNSCH, 2014, p.47).

Escreve Medina (2000, p.18), na introdução do livro *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*, de Künsch, que, diante de um real complexo, somente o cultivo de uma atitude compreensiva pode tornar o sujeito “eticamente responsável [...] solidário com a busca de soluções e caminhos para os dramas humanos e da natureza” (MEDINA, 2000, p.19).

Uma epistemologia complexo-compreensiva valoriza probabilidades de conexões. Percebe a realidade com suas diversas formas e múltiplos sentidos. Entende que o pensamento das monocausalidades não ajuda a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea (KÜNSCH, 2010, p.204).

A profundidade deste debate instiga Künsch (2014, p.54) a, inclusive, discutir a possibilidade de se reverter o famoso *cogito, ergo sum* para *compreendo, ergo sum*: “sou humano, existo, como sujeito do conhecimento, enquanto ser que compreende, compreensivamente. Compreender abraçar, pegar junto, no sentido de tecer em conjunto, complexamente”. Isso por identificar na complexidade e na compreensão o resgate dos sentidos mais humanos e positivos, a restauração do vínculo entre sujeitos e comunidade.

A epistemologia complexo-compreensiva estende-se ao saber comunicacional, fundamentada em uma ética cognitiva capaz de valorizar o múltiplo e fomentar o signo da relação interpessoal. Quando o comunicador rompe com a objetividade e a racionalidade positivista, atesta sua renúncia ao discurso doutrinário que sufoca as ideias: abre-se à pluralidade, às multicausas e dimensões do humano. Com uma postura complexo-compreensiva, abandona a visão estreita, a tendência à explicação, o condicionamento à padronização: lança-se ao risco de ligar diferentes abordagens de mundo para consolidar um fazer transformador.

A articulação entre tal proposta teórica e o jornalismo revela a expectativa de testemunhar, e fazer parte, de narrativas alicerçadas sob a integração do singular e do coletivo, da inteligência e da emoção, das experiências em dialogia e da poesia dos detalhes:

O ordinário e rotineiro, a vida no varejo, os gestos e olhares trocados entre as pessoas, os sentidos partilhados, as emoções, os signos que acontecem ou deixam de acontecer nessa vida nossa de cada dia foram durante muito tempo estranhamente afastados do universo da observação *hard*, da convivência e pesquisa científicas. Partidário fervoroso de uma lógica violenta, ou de guerra, o ‘homem ocidental’, todo olhos e ouvidos, e todo razão, fez dos demais sentidos, principalmente do tato, companheiros jamais desejáveis das horas

sérias, endurecendo a pele e só admitindo a ternura em algum canto escondido da vida privada. Castrou-se, com isso, a inteligibilidade do real que os sentidos, a afetividade e as emoções proporcionam (MEDINA, 2000, p.19).

Na linha do que defende Martino (2010, p.07), é preciso “dar vida à comunicação na forma de narrativas nas quais se compreende – isto é, se abraça, se entende – o espaço intersubjetivo no qual todos estamos”. Faz-se, assim, necessário assumir o gesto de sair do espaço de interlocução e observar o tempo seguinte, da alterlocação: “falar o outro, narrar o outro a partir de mim, é um dos desafios da narrativa jornalística” (MARTINO, 2010, p.08). Como mediador social e produtor de sentidos, cabe ao jornalista promover o pensar que “não dispensa, antes, integra a humildade e o respeito perante o mundo, pessoas, fatos e fenômenos” (KÜNSCH, 2000, p.95), assim maravilhando-se com o “alto grau de indizibilidade e complexidade disso que se chama real” (idem).

A prática noticiosa convencional, baseada na cultura partilhada pela tribo, vem dando indícios, cada vez mais incontestáveis, de que já não se sustenta mais; em termos de modelo de negócio e, sobretudo, de perspectiva narrativa. O alerta - “nós, jornalistas, estamos demorando muito a oxigenar nossa mentalidade” (MEDINA, 1991, p.195) - manifesta a atrofia de vitalidade de nossa visão acerca de nosso processo produtivo. Os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração – a saber, o enquadramento esquemático do real, a representação em *lead* sumário e pirâmide invertida -, não respondem à demanda do social: “este pretende, através dos meios de comunicação, se identificar, compreender e participar do presente histórico em toda a sua dinâmica e complexidade” (MEDINA, 1991, p.196).

Diante da crise do pensamento contemporâneo, o novo modo de compreender a ciência e o conhecimento humano aqui apresentado abre caminhos para a emergência de produções jornalísticas que, “juntando e tecendo vozes e sentidos plurais, tentando perseguir as múltiplas causas e forças que regem os fatos da contemporaneidade”, contribuem para uma compreensão “mais humana e complexa do mundo, da sociedade e da história” (KÜNSCH, 2010, p.24).

Sob a epistemologia complexo-compreensiva, portanto, evidencia-se os limites e entraves de um *modus operandi* jornalístico do tipo reducionista. Está-se a defender o poder da narrativa, à luz da aceção assumida no início desta pesquisa, “de reinventar os sentidos que reconstroem o cosmos em meio ao caos eterno da existência” (KÜNSCH, 2010, p.27). Quer-se lançar ao cenário das possibilidades textos de tipo cósmico –

polifônicos e polissêmicos -, e, principalmente, de renúncia ao legado racionalizador da modernidade.

Para o jovem jornalista, segundo Medina, fica em geral valendo a alternativa de se integrar – entregar – à padronização das práticas viciadas, das racionalizações fáceis e dos manuais autoritários, ou de se transformar num cínico infeliz. É possível, porém, fugir à rotina, preservando a rebeldia e cultivando uma ‘sensibilidade que não desiste nem deserta’, na direção de uma narrativa dialógica, de comunicação-comunhão entre o jornalista-mediador e sua gente, de ‘ousadia solidária’ (KÜNSCH, 2000, p.100).

As narrativas complexo-compreensivas, neste sentido, parecem bem conciliar os valores esmiuçados ao longo desta investigação: buscam o encontro genuíno com histórias de gente, tocam com sensibilidade e afeto os contextos diferentes dos seus, têm interesse em adentrar ao nível da intersubjetividade e aprofundar reflexões a questões nem sempre visíveis. Pelo gesto dialógico, rejeitam respostas definitivas ou juízos fechados, “vão ao encontro das vivências cotidianas não para colhê-las com metodologia explicativa, no atacado, e sim, com os afetos e simpatias da compreensão” (KÜNSCH, 2014, p.49).

Quando abraça as duas noções, de renúncia à parcelização e de interação com diferentes sujeitos, “situa o saber jornalístico no fértil terreno das noções de cidadania, ética, ecologia, respeito à diversidade e aos outros” (KÜNSCH, 2014, p.53), fazendo-se portadora de “sentidos de esperança e utopia, ainda que em meio aos conflitos, à miséria humana” (idem). Ao assumir esse desafio, o profissional incorpora em seu trabalho a possibilidade de criar diferentes tessituras, novas conexões.

E então – pergunta-se -, nessa viagem arriscada pelos territórios que levam da conceitualização/explicação a noções mais arejadas e aptas ao ato compreensivo; do determinismo de causas e efeitos mecanicistas, de fórmulas padronizadas de aprisionamento do real, à ideia de uma multiplicidade de causas na configuração de fatos e fenômenos avessos a uma reprodução objetiva de si mesmo no nível da linguagem escrita e falar; do pensamento redutor ao pensamento complexo; do racionalismo científico ao pluralismo de formas de conhecimento e sabedoria (saberes plurais), *quo vadis*, jornalismo? (KÜNSCH, 2000, p.96).

Instigada por tal questionamento, o presente projeto buscará mostrar, a partir de uma investigação qualitativa das produções de Brum selecionadas como *corpus*, que a dinâmica produtiva do Jornalismo de Desacontecimentos apresenta interfaces com o exercício complexo-compreensivo, de modo evidente nos textos tecidos sob o estilo

argumentativo, através de atitudes que privilegiam uma abordagem questionadora, contextual e densa dos fatos.

Neste sentido, propõe-se estruturar dois caminhos para a análise de tais colunas de Brum, ao *El País* Brasil (2014-2015) e ao portal de *Época* (livro *A menina quebrada*), agrupando-as de acordo com as características que, acredita-se, sobressaltam-se nesses registros: a) pelos significados: produções que se configuram sob o entrecruzamento de múltiplas perspectivas e uma postura indagadora, e manifestam como traço o aprofundamento na abordagem sociopolítica; b) pelas vozes: produções que se configuram sob o entrecruzamento de vozes narrativas, e manifestam como traço a mistura conciliadora de experiências - de Eliane Brum e de seus interlocutores.

Aqui, no pedaço de caminho onde está o repórter, como um artista, perde a vergonha de 'ir aonde o povo está', ou o medo de se desvencilhar dos encantos e pressões dos poderosos, talvez reside o lado mais produtivo de uma visão de mundo que não é apenas complexa, mas também pragmática: une o que está desunido, integra o que está separado, dá vez e voz a quem não as tem, democratiza palavras e sentidos, transforma, reconstrói (MEDINA, 2000, p.22).

Tal qual já mencionado anteriormente, os textos deste novo percurso de Brum dão mostras de uma escrita complexa, isto é, tratam de diferentes nuances e assuntos sob formatos que se mesclam em um mesmo plano de abordagem. Por isso, a proposta de buscar diferenciá-los a partir de seus aspectos mais evidentes é também um desafio: há que se ressaltar que essa identificação nem sempre é nítida e que as fronteiras entre cada conjunto são tênues. No entanto, convém desenvolver esse exercício analítico como um caminho para a interpretação de suas produções e para a compreensão da configuração dos desacontecimentos nesta sua nova etapa profissional.

5.2.1 Pelos significados: no quadro envolvente das múltiplas perspectivas

Este primeiro eixo analítico responde ao convite da epistemologia complexo-compreensiva à prática jornalística:

Aprender a pensar no quadro envolvente de multicausalidades, múltiplos ângulos e perspectivas, de uma busca (às vezes sofrida) de conhecimento que sabe tecer e entretecer sentidos, lembrando o significado etimológico de *complexus*, em latim. Eis aí um desafio audacioso para mentes tradicionalmente viciadas a alcançar rapidamente respostas pela via fácil da explicação, da simplificação e da redução de sentidos (KÜNSCH, 2010, p.17).

Reúne, portanto, as colunas de Brum que assumem um tom indagativo ante fatos e fenômenos, que se interessam em ampliar os horizontes para a compreensão de cenários político-sociais, a partir de um aprofundamento reflexivo de contextos. Nelas, é importante novamente dizer, o desacontecimento continua a se expressar pelo movimento da reportagem e pela escolha em cobrir as parcelas não-marcadas do real. No entanto, por tomarem como via de abordagem o expediente da argumentação, articulam-se com o universo mais amplo da complexidade.

O texto “Quando a periferia será o lugar certo, na hora certa?”, publicado em agosto de 2015, no *El País* Brasil, exemplifica os aspectos por ora destacados. Brum empreende uma travessia pelo concreto e pelo simbólico da maior chacina daquele ano, em São Paulo, e pelos sentidos manifestos pelas palavras dos envolvidos, que “matam lentamente, como balas em câmera lenta, que perfuram os corpos, se espatifam por dentro e vão corroendo os órgãos. Dia após dia, dia após dia, dia após dia”. Decide mirar, assim, o ocorrido a partir da perspectiva das mães, familiares e amigos das vítimas – retratando que, na periferia, “mata-se e morre também na linguagem. As palavras silenciam os mortos para além da morte. E calam os vivos, mesmo quando eles pensam gritar”.

Na repetição discursiva dos envolvidos - “estava na hora errada, no lugar errado”, “ele era trabalhador”, “foi parecido com os outros crimes, por que não considerar?” (no caso de Sandro Araújo, cuja morte não foi relacionada, pelo Governo, com a chacina) -, Brum identifica indícios de uma lógica que criminaliza a ocupação do espaço público pelos pobres - “para não estar na hora errada, no lugar errado, é preciso ficar trancado dentro de casa”. Apreende a violência sistemática que assinala os que vivem do outro lado, mediante a escuta sensível às vozes dos que estão à margem, da sociedade e da narrativa jornalística: “nenhum dos homens e mulheres de classe média e alta que lotaram os bares da Vila Madalena, na mesma noite e hora, jamais precisou pensar sobre a possibilidade de que encapuzados pudessem entrar e executá-los”.

Entrelaçado à complexidade argumentativa de sua escrita, o relato de suas memórias e experiências profissionais evidencia momentos de interferência e envolvimento da jornalista com a realidade e as pessoas narradas:

Como repórter, uma das cenas que mais me dilacera e que se repete quase toda vez que piso pela primeira vez na casa de alguém que mora na periferia é quando me estendem sua carteira de trabalho para provar que não são bandidos. Homens e mulheres sofridos, assinalados pela vida dura, que sabem que já nasceram sob suspeição

porque são pobres, e mais suspeitos tornam-se se ainda por cima forem também negros. E eu, branca e jornalista, sou decodificada como uma autoridade a quem também é preciso estender a carteira de trabalho. Recuso, digo que não precisa, repito que não devem. Insistem. Eu pego, morro um pouco. Neste gesto, toda a falência do Brasil é consumada (BRUM, 2015).

E o desdobramento dos fatos na discussão sobre os excessos e desvios de conduta da Polícia Militar e sobre o silêncio de manifestantes que, três dias após a chacina, ocuparam a Avenida Paulista para protestar contra a corrupção e, contraditoriamente, tirar *selfies* com os policiais:

Era como se não existissem 18 corpos furados à bala e chorados por dezenas nos cemitérios das periferias da Grande São Paulo. Os cadáveres não foram lembrados nem por compaixão, nem por decência. Nem mesmo por vergonha. A suspeita de que o massacre tenha sido cometido por policiais não parece ter abalado os manifestantes. A maioria sequer parecia perceber a obscenidade do seu gesto ao pedir um *selfie*, esquecendo-se ou fingindo esquecer-se de que cada policial ali representa não a si mesmo, mas a instituição marcada por uma letalidade criminosa (BRUM, 2015).

Finalmente, ao olhar insubordinado de Brum, associa-se a sequência de questionamentos que parece sustentar a arquitetura narrativa de seu registro: “qual é o número de assassinados que a sociedade paulista e também a brasileira considera motivo de alarme?”; “qual é o número de pobres e de pretos executados que atinge nossa sensibilidade seletiva?”; “De quantos corpos é preciso para fazer uma manchete?”. Na periferia, ela depreende, “é preciso muitos”.

O interesse em iluminar os múltiplos ângulos do real e assumir como perspectiva o lado de um Outro, convencionalmente não retratado pela grande mídia, também pauta a coluna “O morto que denunciou o repórter”, veiculada no *El País* Brasil, em 2015. No texto, Brum escreve sobre “o não valor da vida daqueles que um tipo de jornalismo se autoriza a desumanizar”, alertando para a necessidade de se “fazer cotidianamente a disputa dos fatos, a disputa do que é notícia, em todas as ruas deste país”.

Em foco, uma cena do programa “Tolerância Zero”, da TV Atalaia, uma afiliada da TV Record, em Sergipe, que foi noticiada por portais como a “gafe” ou o “mico” de um repórter que tentou “entrevistar um morto”. O repórter, ao entrar ao vivo, fazia perguntas, um a um, aos garotos que, segundo relatos, haviam participado de uma perseguição policial após assaltar uma mercearia. Ao se deparar com o silêncio de um dos jovens, cutuca suas costas e diz ao âncora: “Esse aqui parece que tá ferido. Esse aqui, Baretta, (risadinha) por incrível que pareça fui entrevistar um cara que já tá morto

(risadinha). Tá aqui, esse morreu. Tá aqui, morreu aqui agora. A gente não tem ainda a documentação dele pra saber se é menor ou maior”.

A partir do recorte, Brum lança as indagações que guiarão sua abordagem reflexiva:

A primeira: por que a seriedade da morte de alguém é ignorada e o que é identificado como “fato”, passível de virar “notícia”, é apenas o “mico” do repórter? A segunda: por que, entre tantas perguntas possíveis, inclusive sobre como tudo aconteceu, o repórter escolhe só fazer três perguntas aos garotos imobilizados no chão: “Você é maior ou menor?”; “Qual é a sua idade?”; “Onde você mora?”. O repórter escolhe perguntar sobre idade e sobre território. Por quê? (BRUM, 2015).

Ao discorrer sobre essas questões, Brum perpassa o debate sobre a responsabilidade da radiodifusão como uma concessão pública e sobre a legitimação do discurso policial como fonte oficial e única ouvida. Integra esses pontos ao contexto mais amplo vivido pelo Brasil à época, a discussão do projeto de redução da maioria penal no legislativo. E evidencia a presença de uma “alquimia social e política para que a morte de alguns vire entretenimento”.

Este morto não é tratado nem pela notícia, nem pela notícia sobre a notícia, como um homem. A ele não cabe nenhuma interrogação humanizadora, nem na notícia nem na notícia sobre a notícia. O morto não tem nome nem história. O morto só tem corpo. É o corpo a única barreira encontrada pelo microfone colocado na sua cara. Sua morte é o não fato (BRUM, 2015).

No corpo do morto, a mirada complexa de Brum identifica a barreira concreta e simbólica que obstrui as relações sociais; no ato de contorná-lo, a escolha – social e jornalística – de mantê-lo “invisível”: “há um morto na cena do crime. Mas, esvaziado de humanidade, ninguém parece reconhecê-lo” (BRUM, 2015).

A atuação da imprensa figura como centro do debate em outra coluna de Brum, “A imprensa que estupra”, publicada na coletânea *A menina quebrada*, em 2012. O texto complexifica o uso do microfone e da caneta, no Brasil e em outros países, para cometer violência, “uma violência sem contato físico, sem marcas visíveis” (BRUM, 2013, p.333). A pauta em questão focaliza, novamente, os abusos e desvios do jornalismo, manifestos nas palavras da repórter do programa “Brasil Urgente” (Band-Bahia), Mirella Cunha, “não estuprou, mas queria estuprar!”, a um jovem de 18 anos, que confessa ter roubado o celular e a corrente de ouro de uma mulher, mas alega inocência quanto à denúncia de estupro.

Brum inicia, a partir de então, a problematização característica ao seu processo de trabalho, buscando evidenciar as implicações e as relações presentes no assunto em questão. A repórter e o apresentador, afirma, “são apenas a parte mais visível da rede de violações. Estão longe de serem os únicos responsáveis” (idem). Empenha, assim, o exercício complexo de refletir sobre o papel do Estado, da sociedade e das próprias empresas de publicidade a patrocinar esses programas, desvelando a estrutura que abre espaço para que matérias como essa existam e para que os maus profissionais violem as leis – perpetuando a ideia de condenação sem julgamento no Brasil.

Basta ligar a televisão para ter certeza de que nem essa jornalista, nem esse apresentador, nem essa rede de TV são os únicos a violar direitos previstos em lei, especialmente contra presos e contra favelados e moradores das periferias do Brasil. Especialmente, portanto, contra os mais frágeis e com menos acesso à Justiça (BRUM, 2013, p.334).

Desse episódio de linchamento público, via TV, Brum desdobra a apuração sobre os “capítulos não contados, ou poucos contados, ou ainda mal contados” de parte do jornalismo dito policial com a polícia. Remonta ao período da ditadura militar, em que parte dos jornalistas policiais foi conivente com a tortura dos presos políticos, para assinalar que hoje, depois do fim da ditadura, uma parte ainda “continua a ser conivente com a tortura largamente praticada nas cadeias do país” (BRUM, 2013, p.335). Discorre, por fim, sobre a cultura de violência nos treinamentos e na formação de profissionais de segurança pública, sob a compreensão de que “a realidade a que assistimos hoje é parte de um processo histórico (...) que estabelece no país a tolerância à violação dos direitos dos presos e dos pobres, mesmo na democracia” (p.338).

Sob o expediente argumentativo, assim, a prática dos desacontecimentos manifesta a atitude articuladora característica ao *complexus*: busca encontrar conexões entre realidades a partir do exercício indagativo e inclusivo do método compreensivo – conforme se pode perceber também na coluna “Kaique e os rolezinhos: o lugar de cada um”, de 2014. Nela, Brum retoma a discussão sobre a tensão racial que perdura no Brasil – uma pauta constante em sua cobertura – a partir do entrelaçamento de dois acontecimentos em São Paulo: a morte do adolescente Kaique Augusto Batista dos Santos e os rolezinhos. Ao refletir sobre as aproximações entre esses dois fatos, a jornalista adentra no território, nada abstrato, do significado de lugar na sociedade brasileira – “onde é ‘natural’ encontrar um jovem negro e pobre, onde não é ‘natural’ encontrá-lo”.

O texto começa apresentando Kaique e o cenário de sua morte: foi encontrado com os dentes e os dedos quebrados e um ferimento numa perna, próximo a uma ponte na região central da cidade. Enquanto à família isso poderia indicar um assassinato, uma barra atravessada que depois teria sido retirada, para os policiais representava uma fratura exposta, sinal de suicídio. Brum, então, vai mais além ao expandir o contexto: “tinha 16 anos – e são os jovens os que mais morrem por assassinato no Brasil. Era homossexual – as mortes por homofobia cresceram 11% em 2012. Era negro, como mais de 70% das vítimas de homicídio no país”.

Diante das circunstâncias, Brum pondera sobre o registro de ‘suicídio’ no boletim de ocorrência da polícia: “não há, neste momento, como afirmar se Kaique foi assassinado ou se suicidou. Para afirmar, tanto um homicídio quanto um suicídio, é preciso uma investigação. E séria”. Questiona, portanto, “por que foi registrada como suicídio uma morte que até hoje, mais de uma semana depois, não foi esclarecida?”. A jornalista indica que há várias hipóteses que podem ajudar a responder tal pergunta, mas destaca um caminho possível de compreensão através da ligação entre tal fato e os rolezinhos: “há uma explicação que pode nos ajudar a refletir sobre esse momento agudo que o Brasil vive e que é marcado pelos rolezinhos, o fenômeno mais interessante do momento, pela riqueza (inclusive contraditória) de seus significados”:

É nesta esquina simbólica, na indagação sobre o território de cada um, que o caso Kaique e os rolezinhos se encontram. Ao se deparar com um jovem negro e homossexual morto, o corpo flagelado, perto de um viaduto, a polícia tem, sem qualquer investigação, a convicção de que não houve um crime. Ao encontrar um grupo de jovens da periferia, a maioria negros, bem vivos dentro de um shopping, a polícia tem a certeza de que, sim, é um crime. Se ainda não cometeram furtos, roubos e arrastões, certamente o farão. Do crime, não são vítimas, mas autores (BRUM, 2014).

Sua abordagem atenta à complexidade do real evidencia que há uma mesma lógica na criminalização prévia dos rolezinhos e na não criminalização prévia da morte de Kaique, e busca demonstrar os territórios e as leis não escritas reveladas por ela. Reconhece que “as respostas são muitas e não tenho a menor chance de esgotá-las aqui”; no entanto, aproveita o espaço da coluna para debater a “naturalização do lugar de cada um numa sociedade cindida, como continua a ser a brasileira”.

Para os *rolezeiros*, o crime era estar dentro, quando se esperava que continuassem no lado de fora. Para Kaique, não havia suspeita de crime, porque, para uma parcela da polícia e da sociedade que a legítima, ele estava no lugar previsto (embaixo de um viaduto) e na

condição prevista (morto). Para Kaique e para os *rolezeiros* há um lugar naturalizado para a morte, há um lugar naturalizado para a vida (BRUM, 2014).

Está-se diante, por assim dizer, de uma linha narrativa que privilegia o pensamento multidimensional e confere centralidade a sujeitos e questões nem sempre visados pela cobertura jornalística tradicional. O Outro, como se pode notar, continua a figurar nas produções de Brum – quando não pela tessitura de histórias de vida ou relato dos anônimos, pela reflexão acerca de contextos e demandas das minorias. À noticiabilidade alternativa de Brum, portanto, acrescenta-se o aprofundamento analítico e o tom crítico ressaltados pela proposta argumentativa.

O interesse de Brum por caminhos de interpretação diferenciados e complexos, que buscam aclarar significados pouco percebidos e que partem de um reconhecimento do Outro enquanto sujeito, presentifica-se como fio condutor da coluna “Nós, os humanos verdadeiros” (2014). A pauta agora resulta do seu intento em compreender “quem estava nu além do menino negro acorrentado a um poste por justiceiros?” e problematiza o discurso daqueles que “evocam o direito de acorrentar adolescentes negros em postes, cortar a sua orelha e arrancar suas roupas”, aludindo ao que ocorreu no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, “porque se anunciam como homens e mulheres de bem”.

A jornalista fala da presença dessas pessoas ao seu redor: “eu os encontro na padaria, os cumprimento no elevador, agradeço a eles quando me permitem atravessar na faixa de segurança”. E, ainda que não concorde com a postura assumida por elas, coloca-se sob o movimento da alterlocação, referenciado anteriormente, em Martino (2010): “mas o que eles dizem que é preciso escutar?”. Neste momento, o texto trata da omissão do Estado, das falhas da Justiça e da polícia desmoralizada, e destaca aspectos da naturalização do discurso de ódio nas redes sociais e a distinção entre aqueles que se autodenominam ‘cidadãos de bem’ ou ‘humanos verdadeiros’ e os outros – negros, bandidos:

É uma guerra, descubro, entre humanos verdadeiros e humanos falsos. Neste ponto, tenho uma dúvida. Talvez eu não seja uma humana verdadeira – ou uma verdadeira humana –, porque além dessa dúvida sobre a veracidade de minha humanidade, eu ainda tenho outra. O que os humanos verdadeiros – ou verdadeiros humanos – viram ao arrancar a roupa do menino negro? O que eles enxergaram ao se deparar com sua nudez? Será que foi por isso que arrancaram suas roupas, para provar que ele não era humano? O que aconteceu quando descobriram que seu corpo era igual ao deles? Que perturbadora pode

ter sido a nudez do menino, ao se tornar espelho dos justiceiros e os deixar nus, enquanto batiam nele com seus capacetes. (BRUM, 2014).

Brum se refere, ainda, à prática jornalística que legitima esses tipos de pensamentos: os jornalistas que não fazem investigação da realidade, que não vão às ruas, que não mostram que quem mais morre por violência, no Brasil, são os jovens negros e pobres, como o que foi acorrentado a um poste pelo pescoço. E adverte à necessidade de “esmiuçar o contexto em que o fato foi produzido, explicar as raízes históricas que fazem com que as maiores vítimas de violência sejam os negros e os pobres, a começar pela abolição da escravatura que não se completou”. Sua busca, com essa coluna, é revelar “a complexidade de uma cena que remete à escravidão se repetir mais de 125 anos depois da Lei Áurea”, analisar a violência como uma “marca de identidade nacional, presente ao longo da constituição da sociedade brasileira – e que aquele que diz punir, de fato se vingá”.

Trata-se, por fim, de um gesto de alteridade, de ir ao encontro do Outro e imbricar-se em sua realidade; de uma mirada não somente a essa imagem extrema e hiper-real do poste, mas a todos os que convivem, dia após dia, com “a abolição incompleta da escravidão que está em todas as horas do Brasil”.

Difícil seria compreender não a diferença, mas a igualdade. Difícil não é me diferenciar, mas me igualar, perceber em que esquinas minha humanidade se encontra com a do menino negro preso ao poste e também com a humanidade dos jovens brancos que acorrentaram o jovem negro ao poste. Para isso, eu preciso perceber que aqueles que arrancaram as roupas do menino ficaram nus, sim, mas também me deixaram nua. Nos deixaram nus. Nós, que não compactuamos com quem acorrenta jovens negros em postes, somos aqueles que estavam na cena, mas não aparecem na imagem. E por isso podem se esconder melhor (BRUM, 2014).

O racismo, conforme se busca fazer notar nesta investigação, é pauta recorrente na cobertura jornalística de Brum – uma abordagem que se empenha a mostrá-lo não como passado, “mas vida cotidiana conjugada no presente” (BRUM, 2015). Na coluna “O vírus letal da xenofobia”, publicada no *El País*, em 2015, Brum trata não da peste que está fora, mas daquela dentro de nós, “que levou à violação dos direitos mais básicos do homem sobre o qual pesava uma suspeita de ebola”: a exposição de seu nome, de seu rosto, do documento em que pedia refúgio que acaba, por fim, a revelar toda a doença de uma sociedade.

Brum interessa-se, assim, pela outra deformação causada pelo vírus, a da xenofobia, que apresenta o outro como estrangeiro e ameaça – no caso do homem com suspeita de ter contraído a doença, um africano da Guiné, “exacerbada por uma herança escravocrata jamais superada” (BRUM, 2015). A reflexão crítica que toma lugar na coluna alinha-se, assim, ao movimento que tenta alcançar o que viveu o homem desconhecido:

Não sei se há desamparo maior do que alcançar a fronteira de um país distante, nessa solidão abissal. E pedir refúgio, essa palavra-conceito tão nobre, ao mesmo tempo tão delicada. E então se sentir mal, e cada um há de saber como a fragilidade da carne nos escava. Ele, desabitado da língua, era desterrado também do corpo. [...] Para alcançá-lo é preciso vestir o homem. Mas só um humano pode vestir um humano (BRUM, 2015).

Na hostilização aos inúmeros imigrantes, de diversos países da África, Brum enxerga a incapacidade, ou resistência, de reconhecer o outro como humano - de dirigir-lhe o Tu na relação, conforme propõe Buber (1982). Empenha-se, neste sentido, em desvelar, tal qual suas palavras, “o rato que respira em nós”, a partir da discussão que versa, conjuntamente, sobre o continente africano, o escravagismo brasileiro e as epidemias mundiais, encerrando o texto com um pedido de desculpas: “devemos reparação, ainda que saibamos que a reparação total é uma impossibilidade, e que essa marca pública já o assinala. Não é uma oportunidade para ele, é para nós” (BRUM, 2015).

Quando expresso pelos contornos do estilo argumentativo, deste modo, conforme se buscou evidenciar com estas exemplificações, o desacomodamento se tece por uma escrita complexa. Nos casos discutidos anteriormente, identifica-se o destaque narrativo aos múltiplos significados e perspectivas de fatos e questões contemporâneas, sublinhando a rede de relações como pano de fundo das reflexões. Em outros momentos, a escrita complexa revela como contorno característico a mistura de vozes narrativas, que concilia as experiências de Brum às de suas fontes, ficcionais ou não, e de seus leitores – é o que pretendemos mostrar no estudo a seguir.

5.3.1 Pelas vozes: na mistura conciliadora das experiências

O presente item integra as produções de Brum que, assim interpretamos, tecem e entretecem a partir de uma mistura de vozes narrativas, isto é, que articulam as

vivências de Brum às travessias ou situações de seus interlocutores. Isso porque a análise prévia do *corpus* indicou que alguns textos de Brum, sobretudo referentes à sua atuação como colunista da *Época*, tratam não apenas da história de outros, mas também a sua própria: “acredito que nós, repórteres, que pedimos aos outros a generosidade de compartilhar suas histórias mais íntimas e dolorosas com o mundo, temos de ter a grandeza de nos expor” (BRUM, 2013, p.95). Entrecruzam, assim, trajetórias distintas em um compasso comum, lembrando-nos de que somos todos parte de uma teia inseparável de relações.

Como fio condutor, preservam o olhar atento ao escopo dos desacontecimentos, mas se permitem experimentar construções narrativas diversas, que conectam enredos e personagens – da realidade ou da ficção. Em “A delicadeza dos dias” (2015), publicado no *El País* Brasil, Brum parece caminhar por essa via. O texto se constrói, novamente, da experiência de Brum com a afilhada Catarina, agora com três anos e oito meses, e se inicia com o anúncio da menina à mãe: “sabia que, quando a gente cresce, pode voltar a brincar com os brinquedos de criança? A gente precisa dos brinquedos para ir na faculdade. Eu vou ser escritora [...] aquela pessoa que escreve para ler”. A partir de então, Brum passa a discorrer sobre a brutalidade neurótica dos dias, nossa redução “a consumidores de acontecimentos presos no pesadelo da repetição”.

Coloca em diálogo cenas e filmes que parecem se encaixar com as atitudes de Catarina e o que ela tem a dizer: “passou a virada do ano vestida de Alice, a do País das Maravilhas. Percebo que, para ela, somos todos o coelho branco. ‘Ai, ai, meu Deus, alô, adeus, é tarde, tarde é tarde. Não, não, não, eu tenho pressa, pressa...’”. E Brum acrescenta: “de tanto nos observar, percebeu que precisamos muito de nossos brinquedos na vida adulta. E nos autorizou. Por isso nos mandou brincar”. Retoma também outro personagem, agora de um filme de Ritesh Batra, para aproximar os sentidos dos dizeres da afilhada às realidades compartilhadas por todos:

Catarina já se conta, passa os dias se contando, em longas narrativas. Ela sabe o que Fernandes, o personagem do filme indiano “Lunchbox”, descobriu quando já começava a envelhecer: “Acho que esquecemos das coisas se não tivermos a quem contá-las”. Um dia, por engano, Fernandes recebeu no seu escritório uma marmita que não era para ele, mas era para ele. A partir desse desacerto tão acertado, iniciou-se uma correspondência entre a mulher que cozinha e o homem que come. Fernandes, que se limitava a repetir os dias, passou a enxergar os dias quando começou a escrever para ela. A cor, o cheiro, o sabor da comida onde ela escondia as palavras despertaram seus sentidos, até então embrutecidos pela repetição. Ele era um

contador – um contador de números que não contava os sentimentos. Ao se contar, finalmente contou, em mais de um sentido. Contou para ela, contou para si mesmo (BRUM, 2015).

Traz, ainda, à narrativa, a contribuição da literatura, para mostrar que o olhar, “bem de perto”, consegue apreender o novo, mesmo em face à repetição: “o dia dele só é o mesmo se ele não for capaz de enxergar as infinitas pequenas mudanças, a eterna novidade do mundo de que falava Fernando Pessoa, aquele que precisou de pelo menos três heterônimos para dar conta de si”. E aciona, uma vez mais, as vozes da ficção para exemplificar os momentos de ruptura às automatizações da rotina, revisitando o filme “Cortina de Fumaça”, dirigido por Wayne Wang e Paul Auster.

No diálogo entre os personagens Auggie Wren, dono de uma tabacaria que há anos tira fotos da mesma esquina do Brooklin, e Paul Benjamin, seu freguês e escritor de romances, Brum identifica laços para com a visão de Catarina: ao mostrar o álbum ao cliente, Auggie sabe que “se olhar bem Paul, vai reconhecer a esquina. O homem diante dele é um escritor, mas Auggie, como Catarina, é um escrivista”.

Então, Paul finalmente descobre. Ele vê Ellen, a mulher que amou e que morreu, numa das fotos. Ela está lá, na mesma esquina que agora já não poderia ser a mesma. Ao ver a foto, Paul reencontra a si mesmo num outro tempo, porque, quando perdemos alguém que amamos, nosso luto também se dá por aquele que éramos com aquela pessoa. E que, sem ela, já não podemos ser. Um luto pelo outro é sempre também um luto de si. E lá ficou Paul, em lágrimas, diante da esquina que finalmente enxergou, com saudades dela e dele com ela. O álbum, agora, já não tinha a mesma foto repetida centenas de vezes, mas centenas de fotos de esquinas diferentes (BRUM, 2015).

Encerra, então, estabelecendo a conversa com o leitor, indagando-o: diante de nossa vivência nesse mundo, “intoxicados por acontecimentos, entupidos por imagens”, “o que é preciso para, de fato, se mover?”. E propõe uma resposta, agora como uma interface à sua própria busca enquanto jornalista e narradora de vidas: “é preciso perceber o pequeno, o quase invisível de nossa realidade externa e interna. É pelos detalhes que enxergamos a trama maior, é na soma das sutilezas que a vida se desenrola. É preciso desacontecer um pouco para ser capaz de alcançar a delicadeza dos dias”.

Esses momentos de interlocução direta com o leitor manifestam-se como traço recorrente da escrita complexa de Brum, sobretudo nas colunas que se fazem a partir da mistura de experiências. No texto “A grande aventura”, publicado no portal *Época* em 2009, Brum inicia o percurso narrativo com o filme “Up – Altas aventuras”, uma

animação da Pixar em que o personagem principal, Carl Fredricksen, viúvo e cheio de dores, sai voando em sua casa suspensa por balões, quando vêm buscá-lo para levá-lo para um asilo: “ele voa com toda a sua vida [...] descobre que não há aventura maior – e mais arriscada – que a vida compartilhada com quem se ama” (BRUM, 2013, p.47). E pontua seu interesse ao trazer o enredo para sua coluna: “não, eu não contei o fim do filme. Só a vida de todos nós. Uma fábula que, de tão banal que é, nem sempre alcançamos”.

Ao discorrer sobre as cenas da ficção, aborda a vida com sua cota de desistências, perdas e covardias, “seja a de um astro de Hollywood, que ganha milhões por filme, seja a do mendigo, que carrega a casa nas costas, seja a de qualquer um de nós” (BRUM, 2013, p.48). Busca, então, ressaltar as semelhanças avassaladoras entre todos nós. E em uma frase de Russel, o menino que acompanha Fredricksen nesta aventura, Brum encontra o gancho para estabelecer um diálogo com seus leitores. O garoto, ao lembrar que costumava observar as cores dos carros que passavam com seu pai, diz ao velhinho: “eu sei que é chato, mas são as coisas chatas as que eu mais me lembro”. Na busca por empreender o olhar generoso à vida, Brum faz o convite: “do que você se lembra, o que você guardou por todos esses anos?” (BRUM, 2013, p.49).

E o desenrolar do texto conta sobre esse exercício a partir das vivências pessoais da autora, com a descrição de uma cena, repetida em muitos domingos de sua infância, em que ela, os irmãos e os pais, passeavam no fusca-verde para o programa ‘ver as casas bonitas’, de Ijuí, a cidade em que nasceu. Das recordações do passado, Brum volta ao presente para falar da “maior aventura de todas, amar alguém que escolhemos – e que nos escolhe”, discorrendo sobre sua própria relação com o marido: “o homem que eu amo tem esses olhos que me veem boa e bela. E quando ele olha nos meus olhos também se vê bom e belo” (BRUM, 2013, p.50).

Ao compartilhar sua vivência no espaço da coluna, Brum ainda considera aquelas relações que não assumem o olhar amoroso: “quando crescemos, alguns de nós, que receberam na infância um olhar pouco generoso ou mesmo ausente, reincidentem ao buscar um companheiro para a vida que repete esse olhar aniquilador [...] é uma tragédia” (idem). A narrativa, por fim, ainda realiza um último percurso por entre os desenhos de Carla Caffé, no livro “Av. Paulista”, ressaltando na desenhista o movimento de ilustrar a cidade “com o olhar de quem ama. A Paulista de Carla é aquela que pode vir a ser. É a Paulista, mas a Paulista depois de se descobrir amada” (BRUM, 2013, p.51).

A trajetória de Brum como colunista do portal de *Época*, e os textos selecionados pela jornalista para a coletânea *A menina quebrada*, ajuda a elucidar essa compreensão, dando mostra de uma mirada que atrela o desacontecimento à complexidade que envolve as vozes narrativas. Enquanto sua atuação no *El País* permite perceber, majoritariamente, uma cobertura interessada na teia de relações entre problemáticas políticas, sociais e culturais, no livro em questão o que se nota com maior frequência é a abordagem de Brum mais livre a misturar o lado pessoal e o lado social. Há que se ressaltar, é importante mais uma vez dizer, que mesmo em tais pautas, ainda é possível notar o movimento de Brum ao Outro, o seu interesse pelo comum, pelo não sempre visível ou destacado na mídia.

O registro “As mães não deveriam morrer”, datado de 2010, exemplifica a configuração narrativa a que temos nos referido: o tema da morte, e de nossa relação com esse, emerge com uma espécie de carta aberta, escrita por Brum a uma amiga, que se entrelaça às experiências do marido e à vida de Brum: “sei que as mães não deveriam morrer e, ao me conectar com o desamparo desta amiga, sonhei com meus mortos”:

Meu avô sentava-se com minha avó ao redor da mesa da cozinha como antes e como nunca, porque meu avô sabia que minha avó tinha morrido, e eu sabia que meu avô tinha morrido uns 20 anos depois dela. E uma quarta pessoa, desconhecida de todos nós reunidos naquela cozinha, sabia que eu também já tinha morrido, numa outra época que ainda não chegou para mim. Mas comíamos bolinhos de chuva naquela mesa porque compreendíamos que, no curto espaço de existência, nem os sonhos devem ser desperdiçados. E ali, enquanto eu dormia num quarto de hotel, éramos uma impossibilidade lógica que conversava e que ria (BRUM, 2013, p.139).

O recurso narrativo de relatar suas próprias memórias permite a Brum inserir-se e partilhar da dor da amiga, e de tantos, em face ao luto: “neste longo momento depois da perda, sabemos mais dos buracos negros do que os astrônomos, porque carregamos um dentro de nós” (p.140). Ao se sentir implicada neste contexto, passa a tratar da possibilidade de transformar saudade, a partir do que vive com João, seu marido, de luto por sua própria mãe, “que a carrega nos olhos quando se maravilha com a novidade do mundo”. Brum recorda, assim, a poesia de Carlos Drummond de Andrade à poeta Ana Cristina Cesar, que se suicidou aos 31 anos, atirando-se pela janela do 13º andar, reproduzindo o trecho: “por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim” (BRUM, 2013, p.141).

Antes de encerrar a coluna e dirigir as palavras finais à amiga que perdeu a mãe, Brum ainda fala do filme “Hanami – Cerejeiras em Flor” e do lugar dos mortos em nós: “se você o encontrar, feche as cortinas, desligue o celular, prepare-se para algo especial [...] É um filme sobre a morte que nos leva ao único lugar onde vale a pena chegar: à vida” (BRUM, 2013, p.142). O recado ao leitor, que se faz nos dizeres públicos à amiga, trata, assim, do movimento de nascer e morrer, muitas vezes, até o fim da vida: “é pouco, talvez. É tudo o que temos” (BRUM, 2013, p.143).

A relação entre pais e filhos pauta muitas das colunas de Brum, sobretudo à *Época*. Nelas, é possível perceber, para além das reflexões sociais, um percurso de recordações, empreendido pela própria jornalista, por sua infância, adolescência, e mesmo por sua vida adulta. Pelas sutilezas apreendidas de pequenos momentos ou dizeres, em filmes, livros e em seu cotidiano, Brum desdobra narrativas que versam sobre questões permanentes, conjugando em sua escrita discussões atemporais. “A dor dos filhos” (2012) entrecruza o livro *Os enamoramentos*, de Javier Marías, aos dias de Brum e sua filha Maíra, quando ela ainda tinha três ou quatro anos.

Na coluna, Brum reproduz trechos da obra nos quais o autor fala sobre o olhar dos pais à longa caminhada que os filhos precisarão trilhar, os aprendizados e decepções, desgostos e decepções que todos, e cada um, terão de passar, mais ou menos eternamente. E trata da dificuldade de, enquanto pai e mãe, ocupar esse lugar de espera. Intercala, assim, na arquitetura narrativa, cenas que provém de sua memória: o momento silencioso em que chorou ao ver o esforço e o fracasso da filha tentando brincar, “tão pequena, tão frágil [...], debatendo-se com a vida” (BRUM, 2013, p.408), e em que se deu conta de que protegê-la seria uma missão desde sempre fracassada:

Eu soube ali que jamais poderia tapar aquele buraco, que teria de testemunhar para sempre aquela luta íntima na qual cada um de nós está só. Sempre só [...] Penso que este é o momento crucial da maternidade e da paternidade. Cada um de nós, que se sabe faltante, diante da falta que grita no filho. Quando me vi diante desse abismo, como a personagem de *Enamoramentos*, lembro-me de me sentir envolta em melancolia (BRUM, 2013, p.409).

Dialoga, ainda, com outro livro, *Noites azuis*, uma autobiografia de Joan Didion, para se aprofundar neste embate que cada sujeito trava com o seu vazio, na tarefa humana de criar sentido onde não há nenhum: “saber aguentar e escutar a dor de um filho [...] um momento sem palavras em que nosso silêncio diz apenas que a tarefa de criar uma vida que faça sentido é dele, pessoal e intransferível” (BRUM, 2013, p.411).

Deixa transparecer, assim, o movimento que sempre busca realizar como repórter, em um texto-defesa de que tal exercício se estenda também aos outros âmbitos da vida e das relações humanas.

Nos registros complexo-compreensivos que conciliam experiências, Brum assume, por vezes, tal qual procuramos dar mostra, uma escrita mais pessoal, que se envereda pela intimidade da própria autora e revela devaneios e transições, sob um estilo que aproxima a jornalista de seus interlocutores e permite aflorar suas subjetividades. Em outros momentos, de maneira mais perceptível em seus textos para o *El País* Brasil, a mistura das vozes continua a se manifestar, considerando menos a intimidade de Brum e mais a possibilidade de discussão acerca de temas político-culturais, conforme a própria linha editorial do jornal.

Em 2015, o legado das memórias e das recordações protagoniza a coluna “O que lembraremos antes de esquecer”, do *El País*, no qual Brum entrelaça as vozes do real e do ficcional, das viagens concretas e simbólicas daqueles acometidos pelo Alzheimer. Na campanha *Dementia Adventure – The Long Cycle Around*, empreendida pelo ex-militar Chris Graham, à época com 39 anos, casado e pai de três filhos, parra arrecadar fundos para a pesquisa de uma cura para a doença, Brum busca, para além da aventura de bicicleta de 26.000 quilômetros, pela costa do Canadá e dos Estados Unidos, a travessia mais profunda de Chris, “e o que ela diz sobre essa época” (BRUM, 2015).

A jornalista concilia a escolha de Chris frente ao Alzheimer, uma doença que até então se mostrava irredutível aos heróis, ao enredo do filme *Para Sempre Alice*, tratando da questão que se coloca quando a doença aparece em pessoas com entre 30 e 50 anos: a ameaça não de se esquecer de quem são, de suas realizações e daquilo que os constituiu, mas de criar uma memória, ou uma memória para legar – “ mais importante do que aquilo que ele não se lembrará parece ser a possibilidade de que não se lembrem dele da forma como ele gostaria de ser lembrado”.

Jamais subestimo os sentidos criados por um outro para a sua vida. Mais ainda num momento tão limite. Chris Graham tenta algo admirável com o pouco que tem. Cada um arranca sentido da forma que pode e, como já disse antes, mas não custa repetir, é preciso manter profundo respeito pelos significados que o outro conseguiu criar diante da brutalidade da doença e da morte. A vida nada mais é do que criação e recriação de sentidos (BRUM, 2015).

Brum considera, no entanto, em sua narrativa, “os anti-heróis”, que escolhem usar o tempo que lhes resta não lutando contra a doença, mas em casa, sem alarde, sem

virar notícia. “Da vida só sabe quem a vive”, pontua, “e do final da vida também”. O texto ainda alude, dessa vez não à ficção, mas ao documentário *Alive Inside: a Story of Music and Memory*, que conta a trajetória real do assistente social americano Dan Cohen, que trabalhou a maior parte da vida com computadores. O protagonista pediu ao diretor do filme, Michael Rossato-Bennett, que gravasse suas experiências por um dia, mas o testemunho acabou resultando em um registro de três anos – retratando o que acontece quando Dan coloca fones de ouvido e escuta músicas marcantes de sua vida: “descobrimos então que aquelas pessoas estão ‘vivas por dentro’ [...]. A doença e a morte podem assustar. E assustam. Mas elas também lembram os vivos de não se esquecer de viver” (BRUM, 2015).

Para encerrar o conjunto de análises proposto para este item, exemplificamos o estilo argumentativo de Brum com a coluna “Mãe, onde dormem as pessoas marrons?”, publicada no *El País*, em 2015. Nela, a mistura de vozes reflete não aquelas pautas universais, no contorno característico dos textos de Brum que aqui agrupamos, mas sim recordam, em certa medida, a cobertura de Brum às questões políticas e culturais de nosso tempo histórico. Torna-se interessante trazer o registro neste momento porque, no plano da narrativa, esse parece bem sintetizar os aspectos a que nos dedicamos em evidenciar: a escrita complexa de Brum que entrelaça dispositivos discursivos, formatos, contextos e experiências – iluminando questões caras às relações humanas e ao Brasil.

O texto parte, assim, dos comentários de duas amigas de Brum sobre o cotidiano dos filhos. Nos dizeres da primeira, sobre uma viagem a Paris, com a família, a percepção de que, só quando estava lá, a filha andou, literalmente, na rua pela primeira vez. Com quatro anos e moradora de um condomínio fechado, em São Paulo, a menina deslocou-se sempre apenas de carro: “de muro em muro, a criança passou os primeiros quatro anos de vida sem pisar na rua, a não ser por breves e arriscados instantes. E apenas quando a rua não pôde ser evitada. E apenas como percurso rápido, temeroso, entre um muro e outro” (BRUM, 2015).

O Outro, na coluna de Brum, volta a ser retratado como um exterior, uma ameaça – “aquele com quem ela não pode conviver [...] o diferente, e ela só pode estar segura entre seus iguais, no lado de dentro” (BRUM, 2015). A denúncia à essa vida entre muros se expressa, com uma faceta ainda mais reveladora do atual momento do Brasil, nos dizer de outra mãe, que ficou sem respostas diante de duas perguntas sequenciais do filho pequeno, referindo-se à empregada da casa - “por que ela é

marrom? Onde dormem as pessoas marrons?” – que deixava os muros do condomínio ao final do dia.

Podem parecer acontecimentos banais para alguns, afinal, os tempos são assim. Podem parecer histórias de terror, para outros, afinal, os tempos são assim. Para mim as crianças denunciam a brutalidade do país que criamos para elas, fazendo as perguntas que os adultos preferem não fazer a si mesmos. Não sabemos que pessoas serão estas que crescem entre muros e que aprendem a escanear o outro, o diferente, como ameaça (BRUM, 2015).

À construção textual, Brum soma o livro *Mal-estar, sofrimento e sintoma – uma psicopatologia do Brasil entre muros*, do psicanalista Christian Dunker, a fim de alargar o horizonte de compreensão em torno do estágio atual da vida em sociedade, atestando para a necessidade “não de erguer muros cada vez mais altos, mas derrubá-los e nos misturarmos nas ruas da cidade”. Quando aborda os que estão fora dos muros, recorda os episódios dos ‘rolezinhos’, ocorridos entre o final de 2013 e os primeiros meses de 2014, entrelaçando as cenas: “o momento em que jovens da periferia, a maioria deles negros, decidiram entrar [...] e foram humilhados, reprimidos e criminalizados”.

Trata, neste ponto, então, da violência cotidiana praticada pelo Estado contra os mais pobres, a partir das lutas e demandas do grupo de mulheres “Mães de Maio”, que perderam seus filhos assassinados – suspeita-se que em muitos casos, em execução pela polícia nas ruas do estado de São Paulo. Com isso, Brum faz conversar a voz das mães de classe média com a voz das mães da periferia: “hoje, é urgente estar de fato com o outro e se arriscar ao que isso significa. Arriscar-se, portanto, à rebelião” (BRUM, 2015).

Sob o estilo complexo-compreensivo da narrativa, deste modo, que tece e entretece a partir da mistura das múltiplas perspectivas e das múltiplas vozes, Brum desvela, em última instância, “o muro mais bem guardado que, afinal, é o de nossa Alphaville interna”, lembrando de que, “para deixar o outro entrar, vai ser preciso perder alguma coisa”. O risco aos encontros, às diferenças para combater a desigualdade, pela imersão no signo relacional, preserva-se, assim, como princípio da prática e da pauta jornalística dos desacontecimentos de Eliane Brum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2015, quando este projeto de pesquisa começou a ser estruturado, algumas questões circundavam o nosso imaginário. Havíamos finalizado uma primeira etapa de investigação, durante minha Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, e trazíamos um conjunto de considerações iniciais acerca do trabalho jornalístico de Eliane Brum. Interpretações que derivaram de nossas análises sobre o seu ciclo profissional no meio impresso, como repórter do jornal Zero Hora (RS) e da revista Época (SP). Naquele momento, evidenciamos técnicas e valores correspondentes ao fazer noticioso de Brum, a que passamos a nos referir como Jornalismo de Desacontecimentos.

Interessava-nos, assim, compreender a dinâmica jornalística de Eliane Brum, no contexto da reportagem impressa, e, a partir do engendramento de seus movimentos e recursos narrativos, delimitar um universo de práticas de resistência aos processos tradicionais da grande mídia. O desacontecimento, então, despontou como esse escopo de condutas e procedimentos jornalísticos que, fundamentados na atuação de Brum, versa sobre agendamento e *newsmaking* alternativos aos modelos difundidos pela cultura profissional. O cerne de nosso trabalho teórico-analítico, assim, desde 2013, situa-se no território das Teorias do Jornalismo e considera a possibilidade de se empreender coberturas e dispositivos divergentes daqueles convencionalmente partilhados entre a tribo jornalística.

Tomando as produções jornalísticas de Eliane Brum como eixo condutor de nossas reflexões, decidimos continuar nossos estudos sobre a ideia-chave do Jornalismo de Desacontecimentos, no âmbito do Mestrado, mantendo o mesmo objetivo geral que sempre nos motivou a desenvolver nossa pesquisa e aprofundando os subsídios teóricos e interpretativos em torno dela. Para tanto, passamos a nos dedicar ao novo espaço-tempo que ambienta os textos de Brum, acompanhando cronologicamente as etapas de sua carreira, de modo a poder tecer apontamentos que considerem os passos atuais de Brum em interface com seu contexto profissional.

Situamo-nos, assim, na fração que contempla a transição de Brum do meio impresso ao digital, do posto de repórter ao de colunista, abarcando os anos de 2010 a 2015. Trazemos, no entanto, todo o arcabouço investigativo construído em projetos anteriores, acionando a matriz teórica essencial e inaugural dos desacontecimentos para articulações, diálogos e comparações com esse seu novo percurso narrativo. Deixamo-

nos tomar por interrogações acerca do conteúdo e das configurações narrativas desses escritos, com vista a compreender as permanências e transformações na trajetória jornalística de Brum, isto é, os contornos que se preservam e aqueles que evoluem no que diz respeito à prática dos desacontecimentos.

Em foco, portanto, ao nos debruçarmos sobre os registros de Brum para a Folha de São Paulo, o portal *Época* e *El País*, está o interesse em analisar sua pauta noticiosa e os caminhos narrativos por ela escolhidos para expressá-la. Importa-nos identificar, neste sentido, de que maneira o universo dos desacontecimentos se manifesta, tanto em termos de cobertura, quanto de arquitetura textual e recursos narrativos nas produções recentes de sua carreira. A leitura preliminar desse *corpus*, ainda na fase de preparação do projeto, já sinalizava para o desafio que seria tentar especificar cada abordagem ou delimitar fronteiras entre cada momento de Brum nesses veículos de comunicação.

Nossos primeiros contatos com este vasto e diverso material colocou-nos diante de uma mistura – em termos de assuntos noticiados e gêneros empreendidos. Alguns textos recordavam a formatação clássica que consagrou a primeira fase da carreira de Brum, outros revelavam novas nuances, sem, no entanto, perderem o caráter propositivo de outrora. A voz noticiosa de Brum continuava a ressoar com clareza em cada uma de suas peças, dando evidências do estilo autoral que a tornou uma das jornalistas mais premiadas do Brasil. Mas era como se novos tons passassem a fazer parte dessa composição, harmonizando traços complexos.

Complexidade tornou-se a palavra para tentar traduzir as dimensões que agora também se aliavam à dinâmica originária dos desacontecimentos. Seguindo por essas pistas, enveredamo-nos nas vias abertas pelas reflexões em torno deste conceito e de seus desdobramentos no campo da Comunicação. Concentramo-nos em obras e autores que, à luz da iniciativa epistemológica de Cremilda Medina e Dimas Künsch, discorrem sobre as nossas formas de conhecer, de pensar e, acreditamos, o mais importante, sobre as nossas formas de nos relacionar. O signo a que esses estudiosos referenciados tem se dedicado implica, para além do debate científico, na questão da alteridade e em sua presença em nosso dia-a-dia. Fala sobre trans e interdisciplinaridade, mas, sobretudo, fala sobre o que mobilizamos na experiência de contato com o Outro, com ideias, cenários, culturas – de forma geral, com a polissemia e com a polifonia do mundo.

Por isso, visualizamos um vínculo a atrelar este debate à *práxis* jornalística, uma conexão a interligar o signo da relação e da complexidade-compreensão ao exercício da narrativa. Especificamente, ao Jornalismo de Desacontecimentos de Eliane Brum. Nas

considerações de Medina, Künsch, Morin, Buber, Restrepo, Sodré, Bohm enxergamos possibilidades de conciliação para com as acepções e práticas de Brum. E, para além da reflexão acerca das divergências entre os desacontecimentos e a mídia tradicional, verificamos que as travessias expressas pela epistemologia complexo-compreensiva sugerem que o ponto nevrálgico de toda esta equação é a relação e o movimento ao Outro. Nesta linha, assim como este continente teórico permite explorar novos elementos e discutir o uso de diferentes recursos no novo percurso narrativo de Brum, também enriquece o entendimento sobre os princípios norteadores e essenciais do desacontecimento, alargando e aprofundando interpretações para a construção de tal matriz e para a consolidação de diálogos entre as experiências profissionais de Brum.

Agregamos, deste modo, a ideia inaugural dos desacontecimentos à epistemologia complexo-compreensiva, acionando a compreensão como método para o desenvolvimento de nossa investigação. Empreendemos um esforço para “compreender a compreensão” (KÜNSCH, 2016) e mobiliza-la em seus sentidos cognitivo e intersubjetivo, isto é, em termos da construção teórico-metodológica deste projeto e de seu entrelaçamento com a dinâmica jornalística. Deste modo, pensamos em uma organização da pesquisa e do objeto de estudo que pudesse corresponder ao convite de se abraçar um amplo universo dos saberes, reconhecendo a validade das contribuições entre cada campo e resguardando sua autonomia.

Empenhamo-nos em exercitar tal mirada ao conhecimento científico e à prática jornalística e, assim, estruturamos nossos estudos para que pudessem refletir esse desejo de se buscar, e resgatar, o sentido da relação. Pensamos em cada capítulo como eixos teórico-analíticos interdependentes e diretamente associados ao título da dissertação: cada um deles intentou ser fundamento para o seguinte e colaborar com os objetivos visados e a proposta metodológica escolhida.

Em um primeiro momento, nos dois primeiros capítulos, buscamos discorrer sobre o arcabouço inaugural dos desacontecimentos, que alude ao ciclo de Brum como repórter no meio impresso, e os subsídios motivadores e fundamentais para a compreensão de nossa forma de mirar o seu novo percurso narrativo, como colunista no meio digital, o que abriu as duas frentes para os capítulos seguintes. Diante da configuração dos escritos selecionados como *corpus*, optamos não por dividi-los cronologicamente ou em função dos meios de comunicação nos quais Brum atuou, mas por mostrar esses momentos em relação uns com os outros, como parte de um universo profissional no qual as fronteiras são tênues, permissivas e dialógicas – complexas -,

reunindo-os segundo chaves interpretativas que querem evidenciar as correspondências e evoluções na interface dessas duas etapas.

Considerando nosso interesse em investigar a presença dos desacontecimentos na dimensão produtiva de Brum, o que envolve também procedimentos e dispositivos narrativos singulares, distintos da prática midiática convencional, passamos a identificar sua manifestação em seu novo percurso profissional de acordo com dois expedientes discursivos: a via narrativo-descritiva e a via argumentativa. Isso porque acreditamos que cada uma dessas arquiteturas textuais conjuga recursos e valores próprios, que se expressam em maior ou menor grau conforme o caminho de relato empreendido por Brum.

Nos textos que se contam pela via da narração-descrição, é possível recordar aquela configuração do período de Brum no impresso, uma abordagem que versa sobre o cotidiano e as figuras anônimas, em uma escrita que se tece pelo diálogo, afeto, sensibilidade e ternura para pautar o Outro – à margem da sociedade e da narrativa. Nos registros que se contam pela via da argumentação, o que se verifica é uma configuração de contornos híbridos, uma abordagem que versa sobre contextos sociopolíticos e experiências intersubjetivas, em uma escrita que se tece pela complexidade e compreensão.

É preciso ainda ressaltar que, apesar de serem publicadas sob a alcunha de colunas, Brum continua a se assumir como repórter e a sublinhar, em sua prática, mesmo nos textos argumentativos, aqueles traços que remetem ao escopo fundamental dos desacontecimentos: o movimento radical da reportagem, que exige alteridade para atravessar a rua de si mesmo. Esse exercício de duvidar de suas próprias certezas e resistir às simplificações e julgamentos fáceis sempre acompanhou Brum em suas andanças externas, pelas ruas e florestas do Brasil, e continua a ser realizado em suas coberturas para peças mais reflexivas e subjetivas.

O despojamento, assim, ou a saída de si e o voltar-se-para, de que fala Buber, vigora como aspecto essencial do narrar de Brum, e permite à jornalista sustentar uma escrita singular, de resistência e de embate aos modelos tradicionais, pois a instiga a transitar pelas margens e pelos meandros, a se atentar aos detalhes, reconhecer as sutilezas, lançar as interrogações e promover a relação, entre pessoas e contextos, complexificando o agir jornalístico contemporâneo. É componente indissociável, portanto, do universo dos desacontecimentos, e acompanha o seu agendamento, desdobrando o *newsmaking* de Brum nos dispositivos narrativos outrora mencionados e

confluindo para sua busca jornalística de apreender a poesia dos dias e desacomodar o leitor.

Os processos produtivos do desacontecimento, neste sentido, interessam-se menos por questões estruturais e mais pela ordem da pauta; quer dizer, priorizam a abordagem a personagens e assuntos que contam com pouca projeção midiática, de modo a permitir a mistura de formatos e gêneros jornalísticos, sobretudo no espaço sem critérios fixos e sem limites físicos da coluna digital. Por isso, resistimos a delimitações específicas entre os registros de Brum e optamos por conciliá-los sob dois expedientes, ressaltando o caráter de narração-descrição e argumentação, bem como as técnicas jornalísticas envolvidas em cada um deles, e mostrando como a pauta dos desacontecimentos continua se revelando. Com isso, acreditamos, também reforçamos o vínculo que entrelaça este novo percurso narrativo de Brum à epistemologia complexo-compreensiva.

Dito isso, também podemos considerar outros pontos interessantes para se refletir, e que podem nos ajudar a elucidar um panorama mais completo sobre a investigação aqui desenvolvida, a título de considerações finais. Em relação às vias discursivas tomadas por Brum, é possível identificar qual expediente predominou em cada uma de suas passagens pelos três veículos de comunicação abarcados nesta dissertação: no jornal Folha de São Paulo, o caminho da narração-descrição; no portal da revista Época, o caminho da argumentação pelas vozes; no portal *El País* Brasil, o caminho da argumentação pelos significados.

Esses dados indicam a livre circulação de Brum por entre os formatos textuais e a autonomia de seu estilo autoral, que ora prefere transitar pela reportagem e pelo relato do Outro, ora prefere partilhar experiências, ora prefere a postura indagadora sobre fatos e fenômenos. Opções que convergem com sua proposta jornalística e que se mostram como uma resposta diante do caos – narrativa -, leitura da realidade, “esse tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios. Ruínas” (BRUM, 2017, p.14).

Em relação às problemáticas apreendidas por Brum em seus textos, a despeito de sua escrita misturada e de difícil especificação, é possível evidenciar que versam, majoritariamente e, em grande parte dos registros, concomitantemente, sobre as demandas socioculturais das minorias, negros, indígenas e mulheres, circundando por questões de preconceito (racismo, xenofobia e homofobia), meio ambiente (história e

direito de índios e ribeirinhos, modelos desenvolvimentistas), do feminino (maternidade, aborto, machismo, abusos), periferia (violências e violações, atuação da Polícia Militar, atuação da grande mídia), morte (o luto, o envelhecer e a memória), e também assuntos-macro de política, projetos de governo e relações sociais na contemporaneidade.

Podemos, assim, identificar que o interesse de Brum em empreender um agendamento alternativo ao tradicional permanece em sua cobertura jornalística. Seu faro para noticiar o que não costuma ser pautado como primeira página na grande mídia continua a nortear seu trabalho profissional, seja tratando especificamente das histórias de vida dos que estão à margem da sociedade, seja subvertendo a periferia em centro, partindo de acontecimentos para alcançar a versão dos desacontecimentos. Tecidos a partir de procedimentos narrativos diversos, orientados pelo movimento da reportagem, as produções do novo percurso de Brum continuam a projetar, portanto, as acepções do desacontecimento.

É, ainda, importante mencionar a perspectiva de internacionalização que passou a despontar para Brum a partir de sua inserção como colunista do *El País*, em novembro de 2013, com a tradução de seus textos ao espanhol e publicação nas versões espanhola e latina do diário. Entre 2015 e 2016, a jornalista também assinou quatro artigos para o portal britânico *The Guardian*: o primeiro, em outubro, *In Brazil's political drama, all the players are villains*, tratou do cenário político brasileiro durante o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Os outros três foram publicados consecutivamente, mês a mês, a partir de fevereiro de 2016, e também versaram sobre o contexto sociopolítico do país diante das crises - *The Zika virus mosquito is unmasking Brazil's inequality and indifference*; *Brazil is in danger of turning the clock back on democracy*; e *Brazil is going through an identity crisis, not just an impeachment*.

A projeção internacional de seus registros, conforme evidenciaram as considerações dos profissionais do *El País* Espanha e América, em entrevistas realizadas na sede do jornal, em Madrid, Espanha, estão atreladas justamente ao estilo autoral de Brum e à configuração singular de seus escritos. Em 2016, por exemplo, segundo dados informados pelo diretor de *El País* América, Luis Padros de la Escosura, os dez textos de Brum mais acessados na edição latina do diário alcançaram, somados, a marca de mais de cento e quinze mil navegadores únicos. No Brasil, esse número sobe para mais de um milhão e quatrocentos mil acessos.

Seus valores jornalísticos, assim, acionados por uma dinâmica narrativa particular, tornaram-na uma voz informativa e crítica legítima de nosso tempo histórico, e a lograram um espaço e autonomia raros na atual realidade jornalística. Com quase 30 anos de carreira e mais de 40 prêmios nacionais e internacionais, Brum, disfruta da visibilidade e do reconhecimento, junto ao público e aos profissionais de mídia, que permitem às suas produções repercutirem Brasil afora e consolidarem, cada vez mais, uma proposta jornalística alternativa ao jogo de interesses que condiciona a atuação dos meios tradicionais.

Movendo-se horizontalmente, como teia, sob o desejo não de produzir, mas de “fazer marcas” (BRUM, 2017, p.369), Eliane Brum empreende um fazer jornalístico que, hoje, contempla as múltiplas dimensões do ofício de narrar, experienciando diferentes vias para produzir sentido e organizar o caos em cosmo, como ponderou Medina. Pelo expediente da narração-descrição e da argumentação, o Jornalismo de Desacontecimentos continua a se manifestar como o universo de práticas de resistência ao agendamento e ao *newsmaking* convencional, traduzindo-se em condutas e procedimentos que privilegiam o movimento ao Outro e aos contextos e demandas daqueles marginalizados pelo interesse público e midiático.

O escopo dos desacontecimentos envolve, neste sentido, considerando agora os dois percursos narrativos de Brum, recursos dialógico-afetivos e complexo-compreensivos que se mobilizam, conforme o expediente acionado, para pautar fatos não-marcados pela noticiabilidade dos manuais de redação. Mesmo quando implicada na esfera da opinião, Brum exercita o faro repórter que a leva a apurar e alcançar outros lados e protagonistas, permanecendo, desta forma, no território alternativo dos desacontecimentos.

Ainda que vinculado à trajetória profissional de Eliane Brum, uma figura-referência para sua fundamentação, destacamos que o Desacontecimento, uma vez inscrito no âmbito de estudos da Teoria do Jornalismo, busca se projetar como arcabouço teórico possível a outras investigações, instigando novas análises e expandindo seus horizontes a outros projetos, interessando-se, assim, em enriquecer as reflexões sobre as narrativas da contemporaneidade – afinal, é essa a razão de ser do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **O que é o esporte?** Revista Serrote, n.3, Sao Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009.

BOHM, David. **Diálogo:** comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão.** Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

_____. **A vida que ninguém vê.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **Meus desacontencimentos:** a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

_____. **O olho da rua:** uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **O olho da rua:** uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

_____. Comunidade de ciganos vence preconceito ao torcer pelo Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 junho 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1474719-comunidade-de-ciganos-vence-preconceito-no-gesto-de-torcer-pelo-brasil.shtml>> Acesso em: 15 março 2016.

_____. Fortaleza no pé: Garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 junho 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1471524-vinicius-atleta-da-selecao-de-meninos-de-rua-salta-para-escapar-da-morte.shtml>>. Acesso em: 15 março 2016.

_____. Bem perto da Granja Comary, o Teresópolis FC luta pela vida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 junho 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1467195-bem-perto-da-granja-comary-o-teresopolis-fc-luta-pela-vida.shtml>> Acesso em: 15 março 2016.

_____. Membro da Classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 junho 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1468969-vizinho-do-itaqueroa-torce-pelo-brasil-mesmo-sabendo-que-a-copa-nao-e-dele.shtml>> Acesso em: 15 março 2016.

_____. Sem casa, na casa da seleção. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 junho 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1476208-sem-casa-na-casa-da-selecao.shtml>> Acesso em: 15 março 2016.

_____. Comunidade pobre ao redor do Castelão assistiu à 'elite' desfilar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 junho 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1472042-comunidade-pobre-ao-redor-do-castelao-assistiu-a-elite-desfilar.shtml> > Acesso em: 15 março 2016.

_____. Neymar, o carneiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 julho 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1481189-eliane-brum-neymar-o-carneiro.shtml> > Acesso em: 15 março 2016.

_____. Cleto Pinto é o 'dono' do microfone até a seleção começar coletiva na Granja. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 junho 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1473242-cleto-pinto-e-o-dono-do-microfone-ate-a-selecao-comecar-coletiva-na-granja.shtml> > Acesso em: 15 março 2016.

_____. O insustentável peso da camisa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 julho 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1485656-eliane-brum-o-insustentavel-peso-da-camisa.shtml> > Acesso em: 16 março 2016.

_____. O dia em que a casa foi expulsa da casa. **El País**, São Paulo, 14 set 2015. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/14/opinion/1442235958_647873.html > Acesso em: 10 abril 2016.

_____. O pescador sem rio e sem letras. **El País**, São Paulo, 16 fev 2015. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html > Acesso em: 10 abril 2016.

_____. Vítimas de uma guerra amazônica. **El País**, São Paulo, 22 set 2015. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html > Acesso em: 10 abril 2016.

_____. Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve. **El País**, São Paulo, 24 nov 2014. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/24/opinion/1416832282_033103.html > Acesso em: 25 janeiro 2016.

_____. Como se fabricam crianças loucas. **El País**, São Paulo, 17 março 2014. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/17/opinion/1395072236_094434.html > Acesso em: 25 janeiro 2016.

_____. Um negro em eterno exílio. **El País**, São Paulo, 31 agosto 2015. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/opinion/1441035388_761260.html > Acesso em: 25 janeiro 2016.

_____. Morrendo em primeira pessoa. **El País**, São Paulo, 03 agosto 2014. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/03/opinion/1438613579_409808.html > Acesso em: 25 janeiro 2016.

_____. Quando a periferia será o lugar certo, na hora certa?. **El País**, São Paulo, 19 agosto 2015. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/17/opinion/1439819813_934995.html > Acesso em: 25 janeiro 2016.

_____. O morto que denunciou o repórter. **El País**, São Paulo, 08 junho 2015. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/08/opinion/1433772930_534514.html> Acesso em: 25 janeiro 2016.

_____. Kaique e os rolezinhos: o lugar de cada um. **El País**, São Paulo, 20 junho 2014. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/20/opinion/1390219331_005511.html > Acesso em: 28 janeiro 2016.

_____. Nós, os humanos verdadeiros. **El País**, São Paulo, 17 fev 2014. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/17/opinion/1392640036_999835.html > Acesso em: 28 janeiro 2016.

_____. A delicadeza dos dias. **El País**, São Paulo, 05 jan 2015. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/opinion/1420458928_791039.html > Acesso em: 28 janeiro 2016.

_____. O vírus letal da xenofobia. **El País**, São Paulo, 13 outubro 2014. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/13/opinion/1413206886_964834.html> Acesso em: 28 janeiro 2016.

_____. Mãe, onde dormem as pessoas marrons?. **El País**, São Paulo, 22 junho 2015. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html> Acesso em: 28 maio 2017.

_____. O que lembraremos antes de esquecer?. **El País**, São Paulo, 27 abril 2015. Disponível em: <
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/27/opinion/1430135661_736719.html> Acesso em: 05 junho 2017.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Eu e tu**. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALADO, Vanda; SILVA, M. T.; TRAQUINA, Nelson. **A problemática VIH/Sida como notícia**: Elementos para uma teoria da notícia. ed. 1. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

CAMPOS, A. Gurgel. Os Megaeventos Esportivos e os Mecanismos Econômicos de Gestão Imagética: corpos e imagens na Copa do Mundo FIFA de 2014. In: MARQUES, J.Carlos (Org). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

CANAVILHAS, João. **WebJornalismo**: Considerações gerais sobre o jornalismo na web. Publicado em 2001. Disponible en: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>> Acesso em: 10 janeiro 2017.

_____. **Webnotícia: Propuesta de Modelo Periodístico para la www**. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: Livros Labcom, 2007.

_____. Contribution to an Online Journalism Language: Multimedia Grammar. In Eugenia Siapera and Andreas Veglis (Ed.). **The Handbook of Global Online Journalism**. West Sussex: WileyBlackwell, 2012.

_____. Calidad de la información periodística en Internet. In Flores Vivar, J.M. y Esteve Ramírez, F. (Ed). **Periodismo Web 2.0**. Madrid: Editorial Fragua, 2009.

CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

CASALS, María Jesús. Retórica y estilo en el periodismo digital. In Ladevéze, L.N (Ed.). **Periodismo en la red**: géneros, estilos y normas. Madrid: Editorial Universitas, 2015.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.(Org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

_____. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas tres ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUARTE, Adriano. O acontecimento. In: Traquina, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

EDO, Concha. **El lenguaje periodístico en la red**: del texto al hipertexto y del multimedia al hipermídia. Publicado em 2001. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/viewFile/ESMP0101110079A/12817>>. Acesso em: 10 de janeiro 2017.

_____. El periodismo en una sociedad interconectada. In Ladevéze, L.N (Ed.). **Periodismo en la red**: géneros, estilos y normas. Madrid: Editorial Universitas, 2015.

_____. **Periodismo informativo e interpretativo**: el impacto de Internet en la noticia, las fuentes y los géneros. CS Comunicación Social ediciones y publicaciones, Sevilla, 2003.

ESPINOSA, Pastora. Opinión en la era digital: lenguaje, géneros y estilo. In Flores Vivar, J. (Ed.). **Reinventar el periodismo y los medios**: apuntes sobre el estado del arte en la construcción del ciberperiodismo. Madrid: Editorial Fragua, 2010.

FLORES VIVAR, Jesús. **Nuevos modelos de comunicación, perfiles y tendencias en las redes sociale**. Comunicar, núm. 33, vol. VXII, Huelva. Págs. 73-81, 2009.

_____. Introducción. In Flores Vivar, J.M. y Esteve Ramírez, F. (Ed). **Periodismo Web 2.0**. Madrid: Editorial Fragua, 2009.

FLORES VIVAR, J. Hacia una reinención del Periodismo y los Medios. In Flores Vivar, J. (Ed.). **Reinventar el periodismo y los medios**: apuntes sobre el estado del arte en la construcción del ciberperiodismo. Madrid: Editorial Fragua, 2010.

FLORES VIVAR, J.; AGUILAR, C. La construcción del Ciberperiodismo en función a estrategias digitales y nuevos perfiles profesionales. In Flores Vivar, J. (Ed.). **Reinventar el periodismo y los medios**: apuntes sobre el estado del arte en la construcción del ciberperiodismo. Madrid: Editorial Fragua, 2010.

FLORES VIVAR, Jesús; CEBRIAN HERREROS, Mariano. Redes sociales, folksonomías e inteligencia colectiva en el desarrollo de la información periodística en internet. In: VERÓN LASSA, José Juan; SABÉS TURMO, Fernando. **La investigación en periodismo digital**: algunos trabajos desde el ámbito universitario, 2011.

GASTALDO, E. A Copa de 2014, Entre o Fascínio das Ruas e o Fascismo dos Craques; In: MARQUES, J.Carlos (Org). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GROGER, Renato Fontes. A narrativa jornalística e o diálogo da alma. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do. **Copas do Mundo**: o que elas nos ensinam sobre o Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

_____. **O que é Sociologia do Esporte**. Sao Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL et al. Copa de 2014 e Idolatria: narrativas sobre o jogador Neymar antes do Mundial. In: MARQUES, J.Carlos (Org). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

HERREROS, C.M. **Información multimídia**: soportes, lenguaje y aplicaciones empresariales. Madrid: Pearson Educación, 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento na cultura. Sao Paulo: Perspectiva, 2008.

KÜNSCH, Dimas. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

_____. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

_____. Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão. **Líbero** (FACASPER), v. Ano X, p. 51-59, 2007.

_____. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Líbero** (FACASPER), v. 17, n. 34, p. 111-122, jul./dez. de 2014.

_____. Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare** (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, p. 43-54, 2005.

_____. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero** (FACASPER), v. 12, n. 24, p. 41-50, dez. de 2009.

_____. Saber, afeto e compreensão: epistemologia da comunicação e dialogia. **Líbero** (FACASPER), v. 14, n. 27, p. 31-42, jun. de 2011.

_____. Teoria compreensiva da Comunicação. In: Künsch, D. A. e BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.

_____. Narrativas Jornalísticas e Reconstrução do Cosmos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. **Anais ... Brasília: INTERCOM**, 2006. p. 1-16.

KÜNSCH, Dimas (et al.). **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. São Paulo: UNI, 2016.

KÜNSCH, Dimas (et al.). **Jornalismo Contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, G. F., BRITO, P. D., MANSI, V. R. (Org.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Plêiade, 2014.

KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

KÜNSCH, D. A. e BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008.

LADEVÉZE, L.N (Ed.). **Periodismo en la red**: géneros, estilos y normas. Madrid: Editorial Universitas, 2015.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6. ed., Record, Rio de Janeiro, 2005.

LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo de outro homem**. Trad. por Pergentino S. Pivatto e outros. Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

_____. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo Fin-de-siéclo**. São Paulo: Scritta, 1993.

_____. **Ser jornalista**: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I) São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Editora Paulus, São Paulo, 2004.

_____. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação (Nova Teoria da Comunicação – Volume II) São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2002.

_____. **Para entender a Comunicação**: contatos antecipados com a Nova Teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MARQUES, José Carlos. O Mito Construído, Destruído e Restituído – O Caso Cíclico de Ronaldo Fenômeno. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. p. 1-16.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª. Ed. – revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARTINEZ, Luis Miguel. Nuevo escenario, nuevos médios, viejas ideas. In: Flores Vivar, J.M. y Esteve Ramírez, F. (Ed). **Periodismo Web 2.0**. Madrid: Editorial Fragua, 2009.

MARTINO, Luís Mauro. O desafio epistemológico de compreender o outro. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

_____. A compreensão como método. In: KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, G. F., BRITO, P. D., MANSI, V. R. (Org.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Plêiade, 2014

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

_____. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Povo e personagem**. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.

_____. Trajetória dos sentimentos solidários, virtude inerente à Comunicação Social. In: KÜNSCH, Dimas. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

_____. O invisível à luz da experiência e da compreensão. In: KÜNSCH, Dimas (et al.). **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. São Paulo: UNI, 2016.

MEDINA, Sinval. Travessia para o futuro. In: MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

_____. **O método 5**: a humanidade da humanidade. 2ª ed. Porto Alegre: Suina, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Ciencia con consciencia**. Barcelona: Anthropos, 1984.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de et al. **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. **Folha de São Paulo**, Caderno "Mais!", de 6 de março de 2005, pA-5.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PEREIRA, Camila; LOVISOLO, Hugo. 1938: O nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do; (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 1995.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en internet**. Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 2008.

_____. Análisis comparativo de cibermedios: Lavanguardia.es, Elmundo.es y Elpaís.es. In SALAVERRÍA, R. (Ed.). **Cibermedios: el impacto de internet en los medios de comunicación en España**. Sevilla: CS Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2005.

SALAVERRÍA, R.; CORES, R. Géneros periodísticos en los cibermedios hispanos. In SALAVERRÍA, R. (Ed.). **Cibermedios: el impacto de internet en los medios de comunicación en España**. Sevilla: CS Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Vega, 1993.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 1999.

STEPHENS, Mitchell. **Uma história das comunicações: dos tantãs aos satélites**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair et al. Os debates sobre memória e história. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.(Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**: a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

_____. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Vega, 1993.

URETA, Larrondo A. Cibergêneros para la profundización informativa y el diálogo: reportaje, crónica, entrevista y otros. In: Ladevéze, L.N (Ed.). **Periodismo en la red**: géneros, estilos y normas. Madrid: Editorial Universitas, 2015.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. A notícia como desacontecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. **Revista Comunicação Midiática** (Online), Bauru/SP, V.10, N.3, pp.135-150, set/dez. 2015. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/667/327>> Acesso em: 27 novembro 2017.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Sensibilidade, dialogia e afetos no jornalismo: articulações para ampliação do horizonte de compreensão do Outro. **Revista Razón y Palabra**, V.20, N.93, pp.333-345, abril/junio 2016. Disponível em: <<http://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/21/61>> Acesso em: 27 novembro 2017.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. O desacontecimento em narrativas esportivas: análise das produções jornalísticas de Eliane Brum sobre a Copa do Mundo de 2014. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 13 N.1, pp.56-67, janeiro/junho 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n1p56/32817>> Acesso em: 27 novembro 2017.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Intersubjetividade e reconhecimento do Outro na narrativa de Eliane Brum. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v.19, p.211 – 220, 2017. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.192.06/6211>> Acesso em: 27 novembro 2017.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d’água, 2000.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Tabelas *Corpus* em função do expediente narrativo

Tabela 1 – Copa do Mundo 2014; jornal Folha de São Paulo

Amostra total: 19 registros

Produção Jornalística	Expediente
Bem perto da Granja Comary, o Teresópolis FC luta pela vida	Narrativo-descritivo
Membro da classe C torce pela seleção sabendo que Copa não é para ele	Narrativo-descritivo
Fortaleza no pé: garoto dribla a morte e joga Copa das crianças de rua	Narrativo-descritivo
Comunidade de ciganos vence preconceito ao torcer pelo Brasil	Narrativo-descritivo
O PM e o militante	Narrativo-descritivo
Cônsul da Colômbia em Fortaleza chega ao jogo após longa travessia	Narrativo-descritivo
Comunidade pobre ao redor do Castelão assistiu à ‘elite’ desfilar	Narrativo-descritivo
Sem casa, na casa da seleção	Narrativo-descritivo
Neymar, o canino	Narrativo-descritivo
Torcedores veem jogo pela TV, dentro do Castelão, após terem o ingresso furtado	Narrativo-descritivo
A bunda do Hulk	Narrativo-descritivo
Cléo Pinto é o ‘dono’ do microfone até a seleção começar coletiva na Granja	Narrativo-descritivo
Em Teresópolis, torcedores buscam um lugar no espetáculo da Copa	Narrativo-descritivo
Zona Controlada	Argumentativo
Deus e o diabo na terra do gol	Argumentativo
O Brasil do eu acredito	Argumentativo
O insustentável peso da camisa	Argumentativo
Dilma, a vaia e o feminino	Argumentativo – El País
Sobre Zuñiga, Neymar e macacos	Argumentativo – El País

(Fonte: Tayane Abib)

Tabela 2 – A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum; revista Época*Amostra total: 64 registros*

Produção Jornalística	Expediente
A escrivaninha xerife	Argumentativo Vozes
Elas não são gays	Narrativo-descritivo
Vida de clichê	Argumentativo Vozes
O doping dos pobres	Argumentativo Significados
A grande aventura	Argumentativo Vozes
Qual é a sua história?	Argumentativo Vozes
O depressivo na contramão	Argumentativo Vozes
Lula, o filho do Barretão	Argumentativo Significados
O bebê alien	Argumentativo Vozes
O perigo da história única	Argumentativo Vozes
Porca gorda	Argumentativo Significados
Pedófilo é gente?	Narrativo-descritivo
A mãe órfã	Argumentativo Vozes
Dois andares abaixo do meu	Argumentativo Vozes
Desconhece-te a ti mesmo!	Argumentativo Vozes
A boneca inflável de cada um	Argumentativo Vozes
A vida se faz nas marcas	Argumentativo Vozes
Palavras em busca de adoção	Argumentativo Vozes
Uma história de luz	Narrativo-descritivo
“Nada é só bom”	Argumentativo Vozes
As mães não deveriam morrer	Argumentativo Vozes

Espelho, espelho não meu	Argumentativo Vozes
Dilma-lá!	Argumentativo Significados
A realidade da fantasia	Argumentativo Vozes
Tapas e beijos	Argumentativo Significados
Qual é o tamanho de Lula?	Argumentativo Significados
Na pele do outro	Narrativo-descritivo
A melhor pior praia do mundo	Argumentativo Vozes
A vítima indigesta	Argumentativo Vozes
Como eu encontro a poesia?	Argumentativo Vozes
Parto com prazer	Argumentativo Vozes
Bebês censurados	Argumentativo Significados
Se a Amazônia é nossa, por que não cuidamos dela?	Argumentativo Significados
O amor que sabe do tempo e do vento	Argumentativo Vozes
Meu filho, você não merece nada	Argumentativo Significados
A prisão de identidade	Argumentativo Significados
Quem tem medo de Dilma Dinamite	Narrativo-descritivo
A vida dos mortos	Argumentativo Vozes
A dura vida de um ateu em um Brasil cada vez mais evangélico	Argumentativo Vozes
Você consegue viver sem drogas legais?	Narrativo-descritivo
Pedro e João: a história de dois meninos gays e uma infância devastada	Narrativo-descritivo
Por que amamos tanto Lisbeth Salander	Argumentativo Vozes
Me chamem de velha	Argumentativo Vozes
Enfim, a emancipação masculina	Argumentativo Significados

Não, a vida não começa aos 40	Argumentativo Vozes
Aventuras de uma filha no quarto dos pais	Argumentativo Vozes
Eike Batista, um superpai?	Argumentativo Significados
Chega de torturar mulheres	Narrativo-descritivo
A volta do Brasil Grande que pensa pequeno	Argumentativo Significados
É possível obrigar um pai a ser pai?	Argumentativo Significados
A imprensa que estrupa	Argumentativo Significados
A rainha má e o terror de envelhecer	Argumentativo Significados
Por que a imagem da vagina provoca horror	Argumentativo Vozes
Quem está com Lula e Maluf na foto (além de Haddad)?	Argumentativo Significados
Chester prefere pagar pelo sexo	Argumentativo Significados
Não atirem no Coringa!	Argumentativo Vozes
Você quer ser pessoa ou paciente?	Argumentativo Significados
Doutor Advogado e Doutor Médico: até quando?	Argumentativo Significados
Um embrulho de papel brilhante	Argumentativo Vozes
Decretem nossa extinção e nos enterrem aqui	Argumentativo Significados
A dor dos filhos	Argumentativo Vozes
Memória é tanto lembrar quanto esquecer	Argumentativo Vozes
Perdão, Aaron Swartz	Argumentativo Vozes
A menina quebrada	Narrativo-descritivo

(Fonte: Tayane Abib)

Tabela 3 – Colunas Eliane Brum 2014; *El País* Brasil*Amostra total: 24 registros*

Produção Jornalística	Expediente
A maldição do amianto	Narrativo-descritivo
Kaique e os rolezinhos: o lugar de cada um	Argumentativo Significados
“Preencha todos os meus buracos”	Argumentativo Vozes
Nós, os humanos verdadeiros	Argumentativo Significados
Escutem o louco	Argumentativo Significados
Como se fabricam crianças loucas	Narrativo-descritivo
A ditadura que não diz seu nome	Argumentativo Significados
A potência de Adelir	Narrativo-Descritivo
O aborto na fogueira eleitoral	Argumentativo Significados
Denunciados pela linguagem	Argumentativo Significados
É possível morrer depois da Internet?	Argumentativo Significados
A não vítima	Narrativo-descritivo
Vagão rosa, para não ser encoxada	Argumentativo Significados
Limites da linguagem	Narrativo-Descritivo
O mundo da gente morre antes da gente	Argumentativo Vozes
Os Silva são diferentes	Argumentativo Significados
A não gente que vive no Tapajós	Narrativo-descritivo
Diálogos sobre o fim do mundo	Narrativo-Descritivo
O vírus letal da xenofobia	Argumentativo Significados
O longo dia seguinte	Argumentativo Significados

Romana e o bilionário do amianto: a dor que não prescreve	Narrativo-descritivo
Belo Monte: a anatomia de um etnocídio	Narrativo-descritivo
Aos que defendem a volta da ditadura	Narrativo-descritivo
Antiautoajuda para 2015	Argumentativo Vozes

(Fonte: Tayane Abib)

Tabela 4 – Colunas Eliane Brum 2015; *El País* Brasil*Amostra total: 28 registros*

Produção jornalística	Expediente
“Vamos precisar de um balde maior”	Argumentativo Significados
O pescador sem rio e sem letras	Narrativo-descritivo
Os índios e o golpe na Constituição	Argumentativo Significados
Belo Monte, empreiteiras e espelinhos	Argumentativo Significados
O dia em que a casa foi expulsa de casa	Narrativo-descritivo
Vítimas de uma guerra Amazônica	Narrativo-descritivo
A lama	Argumentativo Significados
A ‘safada’ que ‘abandonou’ seu bebê	Argumentativo Vozes
Um negro em eterno exílio	Narrativo-descritivo
Quando a periferia será o lugar certo, na hora certa?	Argumentativo Significados
No Brasil, o melhor branco só consegue ser um bom sinhozinho	Narrativo-descritivo
ECA DO B	Argumentativo Vozes
Mãe, onde dormem as pessoas marrons?	Argumentativo Vozes
Para Brasília, só com passaporte	Argumentativo Significados
O morto que denunciou o repórter	Argumentativo Significados
Meu confronto com a polícia de Alckmin	Narrativo-descritivo
Nota sobre os protestos	Argumentativo Significados
É política sim, Geraldo	Argumentativo Significados
Humilhar e ignorar professor pode, ferir e sufocar não	Argumentativo Significados
A mais maldita das heranças do PT	Argumentativo Significados
Eduardo Cunha, o nosso vilão do Batman	Argumentativo Significados
Por quem rosna o Brasil	Argumentativo Significados
Parabéns, atingimos a burrice máxima	Argumentativo

	Significados
O que lembraremos antes de esquecer	Argumentativo Vozes
Morrendo na primeira pessoa	Argumentativo Vozes
A boçalidade do mal	Argumentativo Significados
A delicadeza dos dias	Argumentativo Vozes
Em defesa da desesperança	Argumentativo Significados

(Fonte: Tayane Abib)

APÊNDICE B – Entrevistas com profissionais do jornal *El País*

Entrevista

23 de janeiro de 2017

Óscar Curros

Jornalista. Tradutor do português ao espanhol no *El País*.

Licenciado em Jornalismo e Master em Cooperación Internacional, ambos pela Universidad de Santiago de Compostela.

Mestrado em Gestão de Comunicações Estratégicas pela Universidade de São Paulo e em Educação em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília.

Quanto ao processo de tradução, como é a dinâmica de seu trabalho como tradutor das colunas de Eliane Brum ao *El País*: a logística, os prazos, as etapas e sua interação com a jornalista?

O material que deve ser traduzido é enviado para três partes: a redação brasileira, a coordenação de tradução e o tradutor, no caso eu. Inicialmente, a tradução das colunas da Eliane Brum era feita por quem estivesse disponível, mas depois eles perceberam que era melhor ter um tradutor que tivesse um compromisso, porque a coluna é difícil. Eu mesmo, às vezes, me vejo sem saber o que fazer, mesmo tendo experiência na área. Porque essa tradução é muito particular e junta dois aspectos que não são muito compatíveis: tempo curto e tradução literária. É preciso amadurecer os conceitos, pensar. Normalmente, quando você traduz poesia, e os textos da Eliane tem algumas nuances bem poéticas, você pode amadurecer o processo, ter um fôlego maior. E aqui é uma tradução contra o relógio. É praticamente uma tradução oral, como se ela estivesse falando e eu estivesse fazendo a interpretação ao vivo. Com o tempo, o *El País* foi aceitando que eu entregasse a coluna no dia seguinte, por conta da própria extensão do material. Um texto de quatro mil palavras não tem como ser traduzido no mesmo dia. Às vezes eu preciso desacelerar, mandar um e-mail para Eliane para tirar alguma dúvida. E eles entenderam essa dinâmica. Eu e a Eliane temos essa afinidade no cuidado com a língua, com os conceitos diferentes, então isso tem funcionado.

Eu penso que o processo de tradução implica, em um primeiro momento, ler atentamente e interpretar, e, depois, traduzir e transpor. Nessas etapas, muitas decisões importantes precisam ser tomadas e, inclusive, autorizadas pela autora, ela vê todo material que é traduzido. Como muita coisa está alinhada já, ela deixa o material nas

nossas mãos hoje em dia, sobretudo por conta do projeto Clínica de Cuidado. Mas, no início, a gente alinhou muito, eu tenho até um glossário. Inicialmente, eu tinha começado a fazer um glossário só da Eliane Brum e um glossário só das matérias do El País, porque eu já sabia que a autora tem muita especificidade. Então é preciso ter o glossário em dois níveis: em termos de jornalismo, o que seria o glossário jornalístico, como se fosse o nível 1, que seria o uso mais ou menos padrão da língua jornalística, e aí tem o nível 2, que é o nível da autora, porque ela às vezes usa conceitos muito específicos que precisam ser preservados. Aquilo que faz parte da cultura, seja brasileira, seja espanhola, seja jornalística, está nesse primeiro nível. O nível 2 é como a autora, por cima desse processo, sobrevoa e maneja essa linguagem. O trabalho terminológico com a Eliane é muito importante, porque ela trabalha muito os conceitos, de uma forma muito lúcida, e ela desvenda muitas coisas por meio dos conceitos, ela não só nomeia. Às vezes ela desconstrói primeiro, e aí depois ela vai construir uma outra coisa. Às vezes ela passa mil, duas mil palavras desconstruindo, para, depois, só lá frente, dizer sobre o que ela vai falar.

A dinâmica da tradução também é um processo de desconstrução: a gente lê o texto original, a gente vê os diferentes extratos culturais e, com a validação da autora, faz a tradução. Tem elementos que são da cultura brasileira, do âmbito político, do âmbito econômico, jurídico, e a gente tem que ver todos esses níveis e ter uma compreensão de tudo isso, para depois fazer a transposição em função do gênero jornalístico, ou o que seja, e em função também da adaptação do material para a Espanha, pensar em como isso funciona em espanhol. Às vezes é preciso mudar o título para soar melhor no espanhol, e a própria Eliane entende isso.

A Eliane é muito presente neste processo e também conhece muito sobre tradução, por todo seu interesse pela linguagem e pelo cuidado com as palavras. E pela leitura das colunas a gente vai se familiarizando com esse estilo dela, as suas constantes, os aspectos mais recorrentes. Quanto mais ela entra na linguagem da conotação, mais do que da denotação, quanto mais ela entra na linguagem figurada, mais a gente tem que lançar mão da capacidade de interpretação na tradução. É preciso observar os termos e usos que se repetem, porque tem um significado para estar ali, e se não você não preserva isso, ela identifica. Ela sabe até as vírgulas do texto que ela escreve e percebe isso também na tradução.

Então esse é um trabalho muito reflexivo. Você pode jogar no Google Translate e ter uma versão do material, mecânica e técnica. Mas é preciso analisar tudo em conjunto,

por uma perspectiva macro, mais ampla. A maior parte dos tradutores não faz esse trabalho reflexivo, consciente, metalinguístico. E como sou jornalista, tenho uma perspectiva mais específica, consigo estabelecer outra forma de tratar o material. Como eu trabalho com prazo, preciso cumprir rápido, mas eu gosto de fazer de uma forma mais reflexiva. Digamos que a Eliane é para traduzir mastigando, não é para traduzir sem mastigar. Porque já que você está fazendo, aproveite e aprenda, questione e veja como se aplica em diferentes âmbitos de sua vida.

A respeito do jornalismo de Eliane Brum, quais são suas considerações sobre as colunas, isto é, suas impressões acerca do estilo narrativo de Brum?

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, com elementos de opinião, ou ensaios, e até metarelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Então coluna, nesse caso, é quase como dizer romance. O romance é um gênero que cabe tudo, e muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora. Mas o formato da coluna, eu sempre falo: ‘é uma coluna, são várias colunas ou é o templo inteiro?’.

Porque, algumas vezes, como a coluna do Carlos Moore, por exemplo, que tinha mais ou menos umas oito mil palavras, era como se fosse um capítulo de livro. E, de fato, naquela coluna, ele tinha acabado de apresentar um livro, e as perguntas que ela fazia para ele se aprofundavam em questões que não estavam colocadas tão profundamente no próprio livro. Então você vê que ela vai além de um livro numa coluna. Que gênero é esse? Isso sim nasceu com a internet, porque só a internet dá liberdade para ela fazer este tipo de coisa. E ela é consciente disso. É uma escolha consciente dela, muito clara. E deve haver uma relação entre a articulação desses gêneros nessas chamadas colunas e o interesse do *El País*, principalmente do *El País* Espanha.

É muito importante lembrar também que ela é uma autora de língua portuguesa, e daí o valor de analisar o processo de tradução: de onde nasce o texto, como ele nasce em português, qual é a perspectiva dele e como isso é transformado na hora de traduzir. Porque quando ela escreveu para o *The Guardian*, ela também escreveu em português brasileiro, e tinha uma tradutora inglesa que fazia as versões para o jornal. Então está

claro que ela se sente muito mais à vontade escrevendo em português, de alguma forma flui muito mais o texto dela, que é um texto muito engajado, muito comprometido com a vida dela, do que escrever em inglês ou espanhol, sendo que ela tem conhecimento dessas línguas, então ela até poderia, de alguma forma, tentar escrever em espanhol ou inglês. Mas, talvez, com isso, se perdessem nuances importantes do texto. Eu creio que ela deve fluir muito mais em português, é uma questão de língua nativa, de cultura, de trato da linguagem. Talvez pelos textos dela serem muito ligados à pessoa dela.

E isso é uma questão muito evidente na escrita dela: a vida dela está profundamente ligada à sua produção jornalística, assim como os vários projetos dela também se cruzam e se misturam. É a quebra definitiva da objetividade, é o envolvimento total. No material de Belo Monte, isso fica muito claro, são colunas cheias de análises psicológicas, cada vez mais aprofundadas. Ela fala das consequências psicológicas da construção da usina nos personagens. Nesse caso, não é só subjetividade, mas é também intervenção no meio social em que ela está inserida. Com isso, é muito difícil identificar a voz da autora e a voz narrativa, a própria Eliane coloca essa dificuldade, conscientemente.

A Eliane faz um jornalismo muito consciente, a escolha das palavras é muito consciente e tem uma razão de ser. Quando ela escolhe usar o termo refugiados, ou massacre ao invés de confronto, no caso das colunas sobre a PM, tudo isso é muito significativo, não é casual ou aleatório. Nós estamos falando de uma autora que pegou uma citação do novo prefeito de São Paulo, João Doria, para o Geraldo Alckmin e desenvolveu uma coluna inteira raciocinando sobre o político e a obra que ele citou. É um nível muito consciente de uso da palavra, dos conceitos, de análise, do mundo da linguagem.

Na sua escrita tudo se entrelaça profundamente. É tudo muito complexo e muito coerente, são muitos elementos e contextos. A coluna sempre tem um tema principal ou um tema que é destacado pelo título, e depois tem os assuntos secundários que, na verdade, e na maioria das vezes, estão quase par a par com o principal. As análises estão muito conectadas.

O que pode dizer sobre a projeção ou o alcance internacional dos textos de Eliane Brum?

A Eliane Brum é uma voz muito ouvida e muito significativa dentro do Brasil, com uma trajetória própria muito marcante. E esse material tem sido aproveitado e traduzido para

as outras versões do *El País*, a América e a Espanha. Mas a tradução que eu faço é claramente para o *El País* Espanha, muito claramente, uma escolha consciente do jornal desde o começo. De alguma forma, agora a Eliane se situa em um território novo, uma nova fronteira. É um deslocamento grande, uma autora brasileira que é traduzida, principalmente, para o âmbito da Espanha, por conta do espanhol da Espanha, mas que depois circula para o espanhol global. E o fato de ela ter publicado no The Guardian indica uma evidência da projeção internacional que ela tem. E, com certeza, o fato de ela publicar no *El País* teve uma importância chave nessa escolha do The Guardian.

Mas uma dificuldade que a gente tem, no caso da Eliane, é que o trabalho dela foi concebido para o Brasil, para o público brasileiro, então o *El País* foi atrás da projeção que ela tinha, mas ainda seus textos são concebidos em sua maioria para o público brasileiro. Têm algumas exceções, alguns textos que são concebidos com caráter universal. Na etapa do *El País*, eu vejo que ela começou a demonstrar mais um lado filosófico, e psicológico também. Com exceção desses textos, ou do cubano Carlos Moore, que já tinha um perfil muito universal, os textos são muito direcionados para o público brasileiro. Então tem sempre essa tensão: de um lado, é interessante que ela mantenha o foco no Brasil, que ela seja uma autora brasileira, porque qualquer pessoa que queira se aproximar do Brasil tem aí uma voz brasileira, e de outro lado tem o fato de ela já estar sendo publicada em espanhol e, portanto, chegar ao mundo inteiro de fala hispana, que muitas vezes tem interesse em assuntos diversos, não só em assuntos ligados ao Brasil.

Então eu acho que essa é a tensão que vai gerar ou não alguma mudança ao longo do tempo, nos próximos anos. Porque até agora a Eliane Brum era uma autora de muito sucesso, reconhecida também internacionalmente, mas principalmente no Brasil. Pela observação informal que a gente faz, não se compara a autoridade e o sucesso que ela tem dentro do Brasil com o que ela tem internacionalmente, principalmente na América Latina, porque os países de fala hispana tem assuntos muito específicos de discussão, e ela ainda não entrou nisso, pelo menos não 100%. E isso provavelmente é uma das questões que será preciso observar. Porque, no máximo, as colunas são feitas com pequenas adaptações para o público de língua espanhola, pequenos detalhes que podem ser difíceis de compreender nesse âmbito e que são explicados de uma forma sutil, esse tipo de pequenas adaptações culturais, não uma macro adaptação da escrita para direcionar ao público ibero-americano.

Nesse sentido, eu acho que o conceito de Refugiados de Belo Monte é um conceito ponte, porque conecta Brasil, Espanha e Europa, é um conceito transnacional. Dentro dos eixos temáticos que a Eliane Brum tem, como mulher, história brasileira, violência, política, entre outras, essa questão de Belo Monte se destaca como um eixo temático que agrega várias dessas áreas. E essas histórias humanas tem um grande potencial. Uma população ribeirinha deslocada por uma usina, e que passou por uma situação, do ponto de vista humano, terrível, difícil. E essa terminologia pode estar conectada com a própria questão dos refugiados que estão atravessando o Mediterrâneo, tentando entrar em países da Europa, e que estão passando por uma situação semelhante. Então nesse caso se vê uma conexão temática muito grande.

Eu suponho que essa relação deve ter sido crucial para o texto da Eliane sobre os refugiados de Belo Monte ter sido publicado também em uma edição da revista *El País Semanal* da Espanha, em 2016. Aí houve um despertar, de contato entre diferentes situações, diferentes contextos socioculturais. Acho que o que mais interessou nessa questão foi a literatura do real, do cotidiano, histórias de vida. E muito com as contribuições de Lilo Claretto, que é algo que ela fazia muito na Revista *Época*, essa correspondência também na parte fotográfica. Dentro dos múltiplos assuntos abordados por ela, a reportagem com histórias de vida e com o interesse humano foi o que chegou até a mídia impressa, sendo, de um lado, uma questão característica do Brasil, de Belo Monte, e sendo de outro lado um assunto universal. Mas interessa a brasilidade dela, assim como o potencial desses assuntos de se tornarem universais.

Foi difícil para ela publicar essa reportagem, porque no caso do *El País Semanal*, o espaço é reduzido. Eu acho que uma coluna que inicialmente pode ter tido, facilmente, quatro mil palavras, ficou reduzida a 25% disso. Isso para a Eliane Brum é ter que pegar a essência da essência, é quase como pegar só a espinha de um peixe, porque não dava para colocar mais nada. Foi sofrido, tanto para ela escolher os fragmentos do texto e reconstruir a história de forma coerente só com essas informações, quanto para traduzir, porque era muito condensado e alguns conceitos são difíceis de comunicar em espanhol. Então essa condensação traz novos desafios, porque quando você tem mais espaço, você pode de certa forma explicar, fazer mais paráfrases, etc. Mas quando o texto é reduzido, e com uma linguagem muito específica, porque é uma linguagem daquele território da Amazônia, daquela cultura, etc., fica mais complicado. Mas teve um resultado muito interessante, porque aí o projeto ganhou a estrutura que tem hoje.

Entrevista

24 de janeiro de 2017

Antonio Jiménez BarcaJornalista e escritor. Diretor do *El País* Brasil.

Licenciado em Filología Hispánica pela Universidad Autónoma de Madrid.

Autor dos livros *Deudas Pendientes* y *La botella del naufrago***Que balance pode fazer da trajetória de quase quatro anos do *El País* no Brasil?**

A redação começou muito pequena, quase insignificante. Tínhamos muito poucos leitores, e ninguém nos conhecia. Hoje, temos uma redação de 14 jornalistas e dois correspondentes, um no Rio de Janeiro e outro em Brasília. Já somos o sexto jornal brasileiro em audiência, em internet. E temos subido de audiência, há quase três anos, quase ininterruptamente. Atingimos o êxito maior em agosto passado, com o processo de *Impeachment*, mas creio que foi um período que todos os jornais cresceram. De toda forma, o importante é que em cada mês temos uma audiência maior que o mês anterior. Toda equipe é brasileira e as produções também são para atender a demanda local. Algumas matérias do espanhol são traduzidas para o português, quando a gente acha que pode ser interessante para o público brasileiro. Do mesmo jeito, matérias do Brasil também são traduzidas e enviadas para a edição de Espanha ou América. Na verdade, somos um jornal meio brasileiro, meio internacional.

O que poder dizer sobre o trabalho de Eliane Brum ao jornal *El País*?

A Eliane escreve um artigo a cada duas semanas e ninguém sabe do que ela vai falar. Ela é quem escolhe a matéria do artigo e pronto, a gente publica. Normalmente, ela escolhe sempre. O que eu gostaria de ressaltar das matérias da Eliane Brum é que ela tem um jeito de fazer artigo muito original. Porque não é uma coluna de opinião, não é uma reportagem, não é uma crônica, mas é tudo junto. O jeito de escrever dela é muito pessoal. Por exemplo, a última coluna que ela escreveu sobre a morte do seu pai. É uma matéria muito pessoal, que ela extrapola depois para fazer uma matéria sobre o sistema de saúde brasileiro. E o sistema de saúde brasileiro é muito parecido com o da Argentina, Colômbia, etc., e ela fala também de uma coisa que acontece na Espanha,

que é essa coisa da impessoalidade dos médicos, de que você não pode decidir como quer morrer.

Ela chegou a ter um estilo próprio. O artigo é uma mistura de muitos gêneros jornalísticos, e no final ficou um gênero Eliane Brum. É isso que eu acho que o público gosta. E ela também tem umas posturas ideológicas, políticas muito claras. Eu acho que no Brasil assim não é tão comum encontrar. Ela é uma colunista, por assim dizer, deste tipo de esquerda, que você encontra muito na Europa, em França, por exemplo, em Espanha, em Itália. Mas eu acho que é mais difícil encontrar em Brasil.

E eu também posso dizer que ela é muito exigente com os textos dela, quando a gente coloca os textos dela na web. Ela envia não só os textos, ela envia os destacados, ela envia o título, quando a gente tem que colocar a foto, onde a gente tem que colocar a foto, os links. Ela é muito cuidadosa com isso. Tem um monte de colunistas que não faz isso, que envia o texto por borda e você coloca tudo. Mas ela não, ela é muito exigente com os textos dela, e mesmo depois de publicar os textos, ela liga muitas vezes porque alguma coisa ficou errada, mesmo para corrigir o texto depois de publicado. Se alguma coisa ficou errada, ela mesma corrige... Nossa, ela é muito escrupulosa com os textos dela.

E acredita que há uma demanda do público por este tipo de conteúdo, de análises mais aprofundadas, contextualizadas?

Com certeza. Eu acho que a principal valia da Eliane Brum, além da ideologia, que você pode gostar ou não, é esse jeito de escrever de um jeito muito pessoal. Ela faz uma coluna que é Eliane Brum, o gênero é Eliane Brum. E os textos dela são sempre muito complexos, extensos. Eu acho que a Eliane Brum é uma boa razão para refutar as pessoas que dizem que em internet você não lê muito, não lê textos longos. Eu me lembro de dois artigos dela que foram muito, muito lidos: “A mais maldita das heranças do PT” e “Parabéns, atingimos a burrice máxima”. Esses textos foram muito lidos, muito compartilhados. O *facebook* bombou com os artigos da Eliane Brum. Aparentemente, parece um contrassenso.

O que eu quero dizer é que a Eliane consegue demonstrar que as pessoas não só leem textos curtos na internet. Isso é um mito, eu acho que não é verdadeiro. As pessoas, na internet, leem artigos longos e artigos curtos, depende do interesse, do que aquilo

desperta. Ela demonstrou que, aparentemente, esse contrassenso não é um contrassenso, é diretamente uma mentira, não é assim.

O que pensa do alcance internacional dessas colunas, com a tradução do material para as edições da América e da Espanha?

Eu acho que 95% das matérias das Eliane são matérias muito brasileiras. Ela escreve de um jeito muito, muito brasileiro e escolhe assuntos sempre brasileiros. Então eu acho que o interesse em publicar em outras edições depende dessa questão da atualidade. Ano passado, por exemplo, com toda a realidade do *Impeachment*, do PT, da Dilma, da corrupção, da Petrobrás, o Brasil era um país que estava na manchete de todos os jornais. Então, a gente tem uma colunista muito boa, original, e é interessante o que ela fala, pois ela fala de um país que está na manchete de todos os jornais. E a atualidade brasileira é muito importante, é algo que interessa muito em Espanha e na América Latina. A gente tem quatro edições na internet: a edição catalã, que é só para a Cataluña, depois a edição espanhola, em América e a edição em português, em Brasil. Qual é a projeção internacional da Eliane Brum? Eu não tenho como avaliar, mas eu acho que os artigos dela são muito lidos na edição da América, porque é uma edição muito próxima da realidade brasileira, sobre o qual ela tem muito que dizer. Em português, ela é muito lida e muito conhecida, e eu acho que o grau de conhecimento que se tem dela fora do Brasil também deve ser bom.

No Brasil, não se abre a página para comentários. Em Madrid, a redação é muito grande, no Brasil, é muito pequena. Então se você abre a páginas para os comentários, você tem que ter uma pessoa para avaliar, para fazer a moderação desses comentários. Então, no Brasil, a repercussão se avalia no *facebook*, que é onde você tem os comentários abertos.

Sobre a publicação da reportagem ‘Refugiados en su propio país’, na revista *El País Semanal*, da Espanha, como foi o processo?

A Eliane foi para Belo Monte, fez a reportagem com a população ribeirinha, e depois a gente fez duas versões em espanhol dessa reportagem. Uma, a versão mais longa, foi publicada em internet, na edição da Espanha e da América. E, depois, fizemos uma

edição mais curta para o *El País Semanal*. Eu acho que foi a própria Eliane que cortou para deixar com 2.000, 2.500 palavras. A Eliane cortou e depois fizemos a tradução.

Ela perguntou para a gente se interessava esse artigo de Belo Monte, porque tinham algumas despesas que o jornal ajudou a cobrir. E eu liguei para o *El País Semanal* para dizer: ‘olha, aqui tem uma matéria muito boa, que vocês podem aproveitar no *El País Semanal*’. Então eu enviei para eles o artigo e eles acharam a matéria boa para publicar.

Entrevista

30 de janeiro de 2017

Andrea Rizzi

Redator-chefe da editoria de Internacional do *El País Espanha*.

Licenciado em Direito pela Università degli Studi di Roma 'La Sapienza'. Mestre em Direito da União Europeia pelo Institut d'Études Européennes, de Brussels. Mestre em Jornalismo pela Escuela de Periodismo *El País* - Universidad Autónoma de Madrid

Quais considerações pode fazer sobre o interesse do *El País* em expandir suas atuações à América Latina e ao Brasil?

Esta es una línea estratégica prioritaria de *El País*, la expansión de nuestras actividades en América Latina es una prioridad absoluta. Estamos invirtiendo fuerzas en ello, estamos expandido las redacciones, tenemos cada vez más periodistas trabajando en el continente, y estamos muy motivados en intentar ofrecer a los lectores del continente, tanto en habla de castellano, como en Brasil, en portugués, un producto periodístico que nos distingue y que creemos que hasta nos fortalezca, que junte una información internacional, una información económica sólida, una mirada global del mundo que, bueno, creemos que podremos ofrecer con cierta fortaleza y siendo competitivos con medios locales que pensamos que no siempre, digamos, ofrecen este tipo de producto periodístico a los lectores, en muchos países de Latino América. Y, entonces, pues, las tapas están decididas y en tiempos difíciles para el periodismo, el diario está haciendo un esfuerzo muy importante al aumentar su fortaleza, para informar mejor los países latino americanos y para llevar a los lectores latino americanos la información que producimos en otros continentes, sea política, o cultural o económica. Esta es una

prioridad absoluta para nosotros ahora mismo. No tengo con detalles las estadísticas y los datos de trafago, de audiencia, pero es evidente que hay una progresión muy importante, y en Brasil de forma especial, a lo largo del tiempo, desde que iniciarán las operaciones hay habido un aumento y estamos entre los periódicos más leídos en Brasil.

Como é o diálogo com a redação na América e no Brasil e o aproveitamento do material produzido nessas redações?

Nosotros tenemos aquí en Madrid una persona que es una suerte de, digamos, *liaison officer*, una oficial de enlace que prácticamente mantiene el contacto con nuestros periodistas en América Latina y que, por un lado, se ocupa de hacer aquí la edición impresa del diario que se publica en Latino América, y que por el otro, trabaja conmigo y que me ayuda a tener el radar sobre toda nuestra producción informativa en el continente latino americano, incluido el Brasil. En el día a día, en general es ella que me comenta el, digamos, menú de las historias más interesantes que se producen allí, ella tiene contacto directo y me lo transmite a mí. Cuando se trata de historias especialmente relevantes, pues, bueno, yo mismo entro en contacto con los corresponsales afuera, con los principales delegados para intentar ayudar cuál es el enfoque de las informaciones y eso es el funcionamiento que tenemos. Y luego, pues, ellos obviamente mantienen un contacto estrecho con las que facturan la edición de América, que es la que gestiona la *homepage* América del diario y que tiene sede en la capital del México. Aquí, en Madrid, tenemos yo, seis redactores para la vertiente digital, cinco redactores para la parte del papel, hay dos becarios, y luego son tres personas para la edición americana en papel.

Como se dá o processamento do material externo, de outros países, e especificamente das colunas de Eliane Brum?

Entiendo que lo que ocurre con las columnas de Eliane es que la redacción de Brasil las envía a traducir, la traducen al castellano, y luego, pues, ellos mismos o los compañeros que están en México, que es nuestra principal redacción en América Latina, lo editan y lo publican online. Eso no pasa por aquí en Madrid. Todo el material de Opinión de América no pasa por aquí. Nosotros tenemos una vertida de trabajo, que es América, que tiene una estructura propia y que tiene incluso ya un responsable, que se llama

director de América, que es Luis Prados, que tiene una serie de colaboradores de opinión específicos. Entonces, en el caso de Eliane, ella es originalmente una colaboradora de *El País* Brasil, que luego se traduce al español, pero, digamos, dentro de la vertical de *El País* América. Y así hay otros también columnistas que escriben al español y que se publican directamente desde América sin pasar bajo el control o la edición de Madrid. En cambio, los columnistas del resto del mundo que escriben para la sección nos gestionamos nosotros. Es cómo se la columna de Eliane estuviese encuadrada en la edición de América.

Tem alguma impressão sobre o interesse da Espanha e dos espanhóis por conteúdos brasileiros e latino-americanos?

Yo creo que la opinión pública española tiene un nivel de interés en la situación de Latino Americana bastante alto, obviamente mucho más alto que otros países europeos, debido a los lazos históricos y lingüísticos que unen este país con el continente. Eso dicho, pues, bueno, nosotros hacemos ese esfuerzo periodístico por muchos motivos y no es solo y exclusivamente para hablar a los españoles, por lo que por Latino América, sino también en gran medida para hablar a los latinos americanos, de Latino América, y para hablar a los latinos americanos del resto del mundo, pues creemos que no hay tantos diarios en Latino América que, desde el país que sea, hable con profundidad todo lo que ocurre en la región, no hay quizá tantos diarios colombianos que hablen a fondo de Argentina, como de México, como de Brasil y como de Chile, y al resto del mundo. Entonces, nuestra apuesta es en este sentido. Hay una oferta de periodismo propio, como en el caso de la edición en Brasil, junto con la traducción del periodismo de calidad que hacemos en otras partes.

Entrevista

01 de fevereiro de 2017

Thiago Ferrer MoriniRepórter do *El País* Espanha.Licenciado em Ciências Políticas e Administração pela Universidad Complutense de Madrid. Mestre em Jornalismo pela Escuela *El País*– Universidad Autónoma de Madrid.**O que representa o jornal *El País* na Espanha?**

O *El País* surge como uma iniciativa empresarial já antes da morte do Franco. Não se pode entender a imprensa madrileña sem entender o que foi a Guerra Civil e o que representou Franco na história da Espanha. Quer dizer, a evolução da imprensa em Madrid passou por duas mudanças drásticas. Durante a Guerra Civil, a maioria dos jornais foram encoutados pelo governo, e depois da Guerra Civil, todos os jornais de Madrid, menos dois, fecharam. Toda a imprensa, digamos, não franquista, passou às mãos do governo e o governo distribuiu a imprensa entre as diferentes facções que apoiaram Franco durante a Guerra. Essa imprensa era, então, toda ela extremamente partidária. Dos dois ou três jornais que restaram abertos antes da Guerra, só um continua aberto hoje, quer dizer, só um jornal de Madrid está funcionando desde antes de 1939: é o ABC, em geral o jornal mais conservador e monárquico de Madrid. Essa foi a primeira revolução da imprensa em Madrid. A segunda revolução foi antes e durante a morte do Franco. Você soma a mudança da opinião pública do país com o fato de que, como no Brasil, a imprensa vespertina estava perdendo forças, então foram fechando todos os jornais da cidade, até que restaram dois ou três. Isso quer dizer que, da imprensa de Madrid que saía à rua em 1976, no momento da saída do *El País* ao mercado, creio que só resta o *El País*, ABC e os jornais esportivos. Então foram mudanças muito grandes e muito drásticas.

O objetivo do *El País*, da empresa fundadora, que continua sendo a mesma até hoje, era fazer o primeiro jornal espanhol moderno. O jornal se inspira e toma muito do *El Sol*, um jornal muito sério e de referência da imprensa espanhola, que existia antes da guerra. Era um jornal muito profissional, muito culto e que fazia renúncia completa do sensacionalismo. Por exemplo, não tinha reportagens de tourada. E esse compromisso com a modernidade continua hoje. É muito interessante porque o *El País* também, até

hoje, não dá informação sobre Boxe, por exemplo. A obsessão do *El País* foi ser um jornal profissional, porque a imprensa de Madrid tinha sido muito ideológica, sempre. A ideia era, definitivamente, ter os valores europeus fundamentais – democracia, liberdade de mercado -, mas com uma gestão profissional. E é por isso que se manteve até agora, enquanto outras iniciativas parecidas terminaram sem prosperar. Então o *El País* apelava para uma intelectualidade progressista, que não se sentia representada no regime de Franco, e também não era exatamente de partido. Apelava, digamos, a classes políticas liberais e progressistas do país. Imediatamente, ou quase imediatamente, se transformou em um jornal de referência dentro da esquerda espanhola não comunista, quer dizer, tanto o Partido Social, como outros partidos progressistas de menor importância. E, em muitos sentidos, essa identificação com o partido socialista continua hoje, não dentro da estrutura do jornal, porque, insisto, não era para ser um jornal partidário, mas a identidade coletiva que o jornal tem é uma identidade coletiva de centro-esquerda muito ligada com o Partido Socialista. E é por isso também que qualquer conflito que tenha com o Partido Socialista, como aconteceu faz uns meses com o Pedro Sánchez, quando o jornal fez um editorial muito crítico sobre ele, gera muito mais controvérsia que qualquer relação com outro partido. Hoje o *El País* é um jornal liberal, com defesa à economia de mercado, à democracia e os princípios europeus.

Como vê o interesse de expansão do jornal à América Latina e ao Brasil?

Desde o começo, o jornal tem uma vocação latino-americana muito forte. Nos anos 1980, se abriu a edição mexicana, que chega até a ser impressa em papel, e com o crescimento da internet, a presença física do jornal na América Latina tem aumentado, tanto em Washington, como no México, que teve sua redação digital em 2008 ou 2009, em 2013 foi o Brasil e, agora, neste último ano, foram Bogotá e Buenos Aires. Os objetivos são dois: primeiro, garantir uma presença no mercado latino-americano, que é um mercado muito mais importante que o espanhol em número de leitores, que é a métrica que se usa na comercialização de produto em internet, e, em segundo, garantir essa vocação de jornal global, em espanhol e em português.

A dificuldade desse processo é levar esses valores que fomentaram o crescimento do jornal sem cair na tentação, natural, de ter uma atitude neocolonial de “vamos ensinar os latino-americanos como fazer jornal”. E é uma atitude que é difícil de confrontar, mas

que deve ser confrontada e, eu acredito, que está fazendo grandes esforços, com a incorporação de mais pessoas e mais jornalistas latino-americanos. Em novembro de 2016, eu estive na redação do Brasil, foi uma visita rápida, mas minha percepção fundamental é de que é uma redação muito jovem e muito profissional. Talvez ainda haja uma expansão para outros países, a depender do tamanho dos mercados, eu imagino que só restam mais dois mercados suficientemente fortes para merecer uma expansão, que são Chile e Peru. No Chile, especificamente, tem um fator adicional, que pode ser ou não positivo para o *El País*, que é o conservadorismo da imprensa chilena – no sentido que tem um mercado sem explorar, mas você também pode ter a hostilidade manifesta dos jornais frente a uma invasão estrangeira na imprensa.

O que pensa da imprensa latino-americana, quais são suas impressões?

Na minha opinião, a imprensa latino-americana, e eu vou falar especialmente da que eu conheço que é a imprensa brasileira, tem dois males principais: o classismo e o provincianismo. O provincianismo é evidente quando você vê que não existe um jornal nacional brasileiro, quer isto, todos os jornais, mesmo aqueles que levam no nome, são jornais mentalmente muito locais. Quero dizer, mesmo que O Globo tenha vocação nacional, tenha vocação de ser um jornal nacional, não deixa de ser um jornal extremadamente carioca. Depois, está o classismo. A imprensa brasileira está muito orientada para as classes sociais de onde vem o leitor e de onde vem o anunciante. Cito um exemplo: a cobertura da imprensa carioca com as chuvas, enchentes e deslizamentos de terra na região serrana do Rio, há uns quatro ou cinco anos. Tiveram diferentes deslizamentos de terra no estado do Rio e morreram 25 pessoas. A imprensa carioca, nesse dia, abriu com uma arquiteta, que tinha sido uma das 25 vítimas, mas era a única que o leitor podia identificar como própria, portanto, ela foi a chamada.

Então, tem também um fator, isso eu digo como uma impressão pessoal, que pode tem levado à expansão do *El País*: essa perspectiva de uma imprensa que tem uma preocupação com a sociedade como um todo, e não apenas com o leitor, e essa perspectiva, eu acredito, que é parte importante do sucesso que está tendo o *El País* na hora de obter leitores. Porque, eu acredito, que, no Brasil, a própria redação é consciente que na cobertura política e econômica não tem como competir com os grandes grupos midiáticos, porque a sucursal em Brasília tem só duas ou três pessoas, e a maioria da redação de São Paulo é muito jovem, não tem, digamos, essa experiência ou esse peso

para fazer uma cobertura política e econômica em profundidade. Em compensação, a parte que a imprensa brasileira tende a descuidar mais, quer dizer, o que aqui a gente chama de Sociedade, que são os temas sociais relevantes – saúde, educação, direitos humanos, direitos das mulheres -, que aqui a gente cobre há 30 anos ou mais, a gente trouxe essa experiência para cobrir os temas brasileiros, com uma equipe muito dedicada e muito boa, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo, e que está dando um ponto de vista diferente sobre esses temas, sobre temáticas que a imprensa brasileira não cobre, e está chamando a atenção do leitor – tendo uma resposta muito boa. Alguns desses temas sociais têm chegado a estar entre os artigos mais lidos, não só do *El País* Brasil, senão do *El País* como um todo, tendo em conta que o público da página do *El País* na web é, majoritariamente, hispano falante.

E de onde vêm essa sensibilidade, ou esses princípios? O jornal tem um livro de estilo que não é só como um *guide book*, como se tem na maioria dos veículos, que basicamente explica como escrever o que, mas que também têm os princípios fundacionais do jornal, como se devem cobrir determinados temas, qual o ponto de vista que o jornal deve ter em determinados assuntos... E esses princípios, digamos, estão bem interiorizados para quem trabalha aqui e, ainda que o livro não tenha sido traduzido, eu digo que esse espírito está presente na redação do Brasil.

Uma das chaves desse livro de estilo é a Escola. O jornal tem uma própria escola de jornalismo que funciona no prédio mesmo da redação e, como tal, oferece a possibilidade de um curso completo dentro do jornal. O estudante conta com todos os recursos do jornal para fazer o seu projeto e, portanto, ele acaba interiorizando os princípios fundacionais do jornal, não é como chegar com uma forma de trabalho já estabelecida. E que eu saiba, pelo menos um dos jornalistas da redação de São Paulo fez o curso aqui, fez um ano de prática em Madrid

E como tem sido o posicionamento do jornal frente às mudanças impulsionadas pela Internet e à cultura digital?

A resposta do *El País* à internet foi muito errática ao longo da história do jornal, quer dizer, começou como uma divisão completamente diferenciada do jornal impresso, com uma redação separada do jornal. Com o tempo, tem se produzido uma integração das redações digitais e de papel, que já estava se concluindo em 2013. Na verdade, o jornal ainda está decidindo como fazer as coisas. Está fazendo muitos esforços para encontrar

o público na internet, com iniciativas como o *facebook*, *facebook live*, *instant articles*, uma seção dedicada a encontrar, processar e difundir conteúdos virais e aproveitar essa corrente para encontrar tráfego, uma aposta bem mais forte no vídeo. Eu não sei quantas dessas iniciativas vão ter sucesso ao longo prazo. Para mim, e para o jornal, o importante é criar conteúdos bons.

Isso agora é uma opinião pessoal. Eu fiz, faz uns dois anos, uma entrevista com o diretor geral do Bertelsmann Music Group, BMG, uma companhia de discos alemã, que tinha uma parceria de 50/50 com a Sony para produzir discos. Eles tomaram uma decisão, bem arriscada, de vender para a Sony o negócio físico do disco e ficar só com a gestão dos direitos musicais. Ele me disse uma coisa que ficou bem gravada: “olha, agora uma canção se distribui pelo rádio, rádio internet, diferentes plataformas digitais, screaming, iTunes, disco, disco de vinil, uma complexidade imensa. Mas, a gente não tem que tratar dessa complexidade, a gente só tem que abastecer essa complexidade de música”. Eu acredito que se tem um negócio que parece com o negócio jornalístico, com a venda de jornais físicos, é o negócio do disco, quer dizer, é um negócio que todo mundo diz saber fazer, que fez muito dinheiro vendendo o suporte físico, que se sustenta tanto em jovens promessas como em estrelas, que é conteúdo que todo mundo quer, todo mundo gosta, e que a internet virou de cabeça para baixo criando muito conteúdo ruim, muito conteúdo ilegal e acabou com o modelo de negócio que vinha antes de. Então, para mim, não se vai deixar de fazer jornalismo como não se deixou de fazer música.

A ideia é procurar um modelo de negócio. Eu acredito que o que nós sabemos fazer melhor aqui é jornalismo escrito e jornalismo visual, gráfico, mas, por cima de tudo, jornalismo escrito e jornalismo bem documentado. Esse tipo de jornalismo vai continuar tendo público, mas, para obter esse modelo de negócio, vão ser necessárias decisões bem complicadas, mas eu acredito que o fim do negócio de distribuição do jornal e de venda em suportes, tanto físico, quanto em internet, quer dizer, eu acredito que, a longo prazo, a própria existência de uma página web não vai ser prioritária para nenhum jornal, porque o público já está chegando no conteúdo por outros canais, cada vez mais importantes. E eu acredito que o jornal vai ter que focar seu tempo, sua energia e seus talentos em criar esse conteúdo de primeira qualidade para outras empresas de distribuição, que são as que vão buscar uma nova forma de fazer negócio com essa distribuição e, conseqüentemente, as vendas.

Quanto à dinâmica de produção jornalística na internet, as implicações na redação, as necessidades ou não de adaptação, como percebe este cenário?

Tem gente que diz que é preciso uma linguagem diferente para a internet, mas o problema aqui, creio eu, é que o modelo de negócio de imprensa na internet, que é uma adaptação de publicidade na internet, se vê jogado em direção da imprensa popular, pelo simples motivo que, agora mesmo, o único critério de sucesso ou fracasso na hora de vender um espaço ao anunciante é o número de usuários únicos, não há uma segmentação – só para conteúdos muito específicos, como no caso imobiliário, mas é muito minoritário. Então, tem gente que diz isso, e tem uma iniciativa do jornal nessa direção, mas, eu acredito aí tem também outro fator. Um jornalista está a favor de influir, de ter repercussão, e é por isso que há uma rejeição ao modelo fechado de comercialização, eu acredito. Mas, um jornal como esse é um jornal de elite, é um jornal para um público de elite, não pode escapar dessa ideia. Como você contrasta isso com o que eu disse anteriormente que brasileiro é muito classista? Há de ser fazer um produto não orientado ao que o leitor quer, mas orientado ao que o leitor precisa, quer dizer, eu estou pensando em um público concreto que valora a informação bem elaborada e orientada de maneira que pode até contrastar ou chocar com os seus interesses pessoais e, o que é mais importante, pode incluir conteúdo que ele não quer, mas que pode achar interessante. O jornal deve, então, não se orientar, não ser passivo ao que o leitor pede em primeira mão, mas oferecer ao leitor um pacote completo, e esse é o pacote que é comercializado, com uma série de informações recolhidas, processadas e trabalhadas por uma redação profissional, com o objetivo de oferecer ao leitor um pacote de conteúdo. Então isso é um produto de elite. Agora o jornal tem, acredito eu, 75 milhões de usuários únicos. Você não consegue 75 milhões de leitores com vontade de pagar por essa classe de produto, pode ser que você consiga uma centésima parte disso, 750 mil – mas, não só esses 750 mil estão dispostos a pagar pelo produto, mas além do mais, o jornal pode ter a informação sobre esse leitor disposto a pagar e, com isso, dar esse valor agregado na hora de comercializar.

Esse produto que eu estou falando, esse produto de elite, a configuração do seu texto pode ser parecida ao velho jornalismo. Se você fizer um texto orientado para a internet, para obter o maior número de leitores possível, é claro que o texto não vai poder ser do mesmo jeito, com a mesma formalidade e a mesma longitude que tem o texto jornalístico normal. Agora mesmo, no jornal, a gente está fazendo as duas coisas: Verne, que é uma seção com essa classe de conteúdos exclusivos para a internet, que faz

textos muito informais, muito gráficos e muito visuais, e as seções mais tradicionais, como a minha, de Negócios, que faz esse texto mais elaborado, ainda que compreensivo para o leitor geral.

A respeito dos recursos hipermídia, a ideia é que eles devem ser um objetivo, mas dentro da coluna vertebral que oferece o texto. Se não há, a não ser que seja uma galeria de fotos, não tem força interna. Então, a tentação que, às vezes acontece, mas não é a maioria dos casos, é dar aos conteúdos multimídia um peso próprio, como se tivesse. Isso para mim é um erro. Para mim, esses esforços devem se dedicar a produtos que façam do texto escrito melhor, mais completo.

O que pode dizer sobre a questão da profundidade, tendo em vista as colunas de Eliane Brum ao *El País*?

Na Espanha, existe essa diferença quanto ao gênero coluna. A coluna espanhola é uma coluna mesmo, quer dizer, normalmente não é um bloco grande, como é no Brasil, mas é uma coluna mesmo, devido ao próprio formato tabloide dos jornais espanhóis, então estamos falando de um texto com 400 ou 500 palavras. Mas, a respeito da própria profundidade, um texto de opinião depende de quem opina e depende de quem lê. Se alguém, como é o caso da Eliane Brum, escreve textos mais extensos, de mais de cinco mil palavras, e tem leitores, não há inconveniente. Mas, acho que isso vem de uma tradição brasileira, acho que tem o fator cultural. A cultura espanhola geral, mas a madrilenha em especial, é uma cultura direta, muito objetiva. É instintivo, uma atitude que se manifesta na conversação, no nosso contato com as fontes, e na forma de escrever. E esse apreço, digamos, pelo ser direto, também está transmitido nos textos informativos do *El País*.

Entrevista

06 de fevereiro de 2017

Joaquín Petit Sánchez

Jornalista.

Chefe de sessão da revista *El País Semanal*.**Qual é a proposta do *El País Semanal* e como é a dinâmica produtiva da revista?**

Nosotros en *El País Semanal* buscamos las parcelas de la realidad que nos interesan, que tienen que ver con las historias que van más allá de la inmediaticidad de la noticia, es decir, que la forma en sí misma va más allá de la noticia. Buscamos una historia excepcional, que suele tener un componente humano importante, y eso es lo que mueve a una publicación como esa a estar buscando realidades diversas al largo y al ancho del planeta. Siempre con un foco especialmente puesto en América Latina porque eso es, desde la fundación del diario *El País*, el objeto primordial que conforma la idea iberoamericana que un periódico como *El País* descende, es decir, lo insisto en América como un valor añadido para *El País* y, por extensión, para *El País Semanal*, que no deja de ser un brazo armado dentro del propio diario.

El País Semanal, además de llevar la misma marca del periódico *El País*, es la versión de largo recorrido del propio periódico, es un lugar dónde se ubican las historias que complementan la mirada que *El País* da hasta el mundo y hasta América Latina, desde un punto de vista más expandido, por un periodismo de investigación y con un tiempo para conformar lo que se hay considerado reportaje, lo que se ha configurado el motor de la revista *El País Semanal*: la gran crónica, el reportaje de autor sobre el terreno y las investigaciones que permiten ir, como decía antes, más allá de la noticia inmediata y que acaban agrupando elementos que tienen que ver con historias humanas, historias excepcionales, por tanto, historias que permiten contar en un formato largo a un autor sobre el terreno y a un fotógrafo que puede retratar esa realidad en un formato de magazine, que en periódico, pues, sería más complicado de ilustrar, puesto que las historias no suelen tener ni tanta distancia ni recorrido, ni en texto e ni imagen.

Eso se complementa en día de hoy, también es cierto, con la mirada que *El País Semanal* lleva a cabo en la web, que es el complemento o es, digamos, el entorno natural de un periódico como *El País* que es primordialmente digital. Es decir, en la web, esas historias que además componen la publicación en papel se complementan con

foto galerías, con enlaces de otras publicaciones, con un entramado que nos permite también considerar la opción de vídeo como elemento narrativo que complementa reportajes, que forma parte del propio periodismo que *El País Semanal* hace desde imagen, audiovisual, documental, que tanto lida con el espíritu de la revista.

En este sentido eso es el general que ayuda un poco a entender, creo, cómo funcionamos, de una parte buscando nosotros y de otra parte los colaboradores en distintas partes del mundo. Vemos sus propuestas en la redacción, que las valora y que lleva a cabo un proceso de examinar, de elegir, de concretar, qué es lo que finalmente puede tener un interés determinado para nuestros lectores. Eso se lleva a cabo en primero lugar desde el punto de vista puramente periodístico, es decir, qué es lo que puede tener un interés cuándo lo publique la revista, entonces tenemos que nos poner en la situación de que puede interesarle al lector leer cuando queda publicado un reportaje en un número concreto, y por otra parte haciendo también un trabajo de memoria histórica de lo que *El País Semanal* ha publicado sobre los siguientes contenidos, es decir, se hace años ya se trató una realidad concreta en la revista y si fue ampliamente divulgada, no volvemos a ella, a esa misma realidad, en un lugar determinado y en unas circunstancias concretas, a no ser que tenemos algo nuevo a abordar.

Entonces que también, por otra parte, hace muy interesante el propio trabajo de una revista como a nuestra, porque hay muchos contenidos y muchos personajes que ya han formado parte de nuestro imaginario colectivo y, por extensión, de nuestros lectores.

Un ejemplo muy fácil quizá de comprender es un gran personaje como Robert Redford, que ya ha salido varias veces en el diario y en *El País Semanal*, probablemente en una de las primeras publicaciones de entrevistas internacionales que había, hace 40 años, en diario y en *El País Semanal*, con lo cual su presencia hace sido probablemente muy constante a los lectores de *El País Semanal*, que han sabido mucho, sino todos sobre Robert Redford. Y a no ser que haga algo nuevo que contar sobre él, que por ejemplo si quiera a contar a los lectores de *El País Semanal* que él deja al cine, pues, es complicado que volvamos otra vez a entrevistarle, y por extensión eso vale para todos contenidos.

Si ya hemos contado una realidad, y permanece igual, pues es difícil que la revisitemos. Pero, por ejemplo, así como estuvimos en las primeras tareas de la reconstrucción del tsunami de Japón, que devastó la costa oriental, y estuvimos siguiendo como era el primer trabajo de reconstrucción, hemos vuelto años después para saber que había sido de todo aquello, y ahí sí que se había algo nuevo a contar, un hecho mucho nuevo a

contar y, a eso poniendo marcha además un dispositivo de personas que han colaborado en hacer un vídeo en 360°, en realidad virtual, que ha sido uno de los ítems que ha complementado la historia de *El País Semanal* y la reciente celebración de los 40 años del diario *El País* que se cumplió año pasado. Tanto el diario *El País* como *El País Semanal* en 2016 han cumplido 40 años de historia, nacieran prácticamente a la par, primer el diario y luego *El País Semanal* meses más tarde. Creo que esa es una idea, una pequeña fotografía de cómo funciona *El País Semanal*, de que se pone en *El País Semanal* y de cómo entronca con la tradición de periodismo que *El País* desciende.

Específicamente sobre a publicação da reportagem “Refugiados en su próprio país”, da jornalista brasileira Eliane Brum, na revista *El País Semanal*, o que pode dizer do interesse do jornal por um conteúdo como esse?

En el caso concreto de este reportaje, se ha llevado a cabo el mismo procedimiento que se lleva a cabo en la publicación de historias o reportajes en *El País Semanal*. La oportunidad e interés es la zona concreta de donde ocurría que, además de ser América Latina, es en concreto Brasil, uno de los países más estimulantes de producción de información, de evolución de los últimos años, y que conformaba además el componente que todo grande reportaje o historia que merezca la pena ser contada reúne. Al fin y al cabo, es estar contando algo que se está surgiendo a un grupo de personas que se ven afectadas por un hecho concreto. Digamos que este reportaje reunía todos esos ingredientes que, aunados a la forma de funcionar de *El País Semanal*, hicieran posible la publicación de la historia.

Es una mirada en torno a una realidad que es de alto contenido periodístico por el propio drama que se pone para las personas afectadas. Eso siempre conecta con cualquier persona con sensibilidad, y yo creo que teniendo en cuenta también, insisto, los intereses que hay entre ambos países y la manera de intentar intersección políticos, económicos o culturales y, por supuesto, sociológicos, además del dialogo de culturas que hay entre informaciones e economías de ambas, yo creo que eso afecta en una mirada puesta de manera indudable, porque es de interés y de relevancia pública.

Quais considerações pode fazer sobre o interesse dos espanhóis por pautas brasileiras?

Asertivamente, yo creo que el interés de los españoles por asuntos brasileños y latinos es innegable. El interés de *El País* Semanal no solo hay que mirarlo desde el punto de vista de España, yo quiero insistir siempre en que nosotros al final estamos presentes en toda América, y nuestra presencia es a través de la red de corresponsales enormes y, en caso de Brasil, de una oficina propia, con periodistas sobre terreno que van contando la actualidad para una edición que se publica exclusivamente en lengua brasileña. Eso quiere decir que el interés es total y absoluto. Si me preguntas la mirada desde aquí, de España, desde el punto de Europa, hace allá, sobre las noticias, yo tengo una apreciación personal, obviamente porque no es finalista y no ha me basado en hechos concretos, es que yo creo que la mirada es absolutamente relevante para el lector que está ubicado aquí. Hay también una cantidad importante de españoles viviendo en Brasil y de lazos que unen ambas naciones y culturas con lo cual todo lo sugiere que hay un interés público y relevancia.

Entrevista

03 de fevereiro de 2017

Luis Prados de la Escosura

Diretor do *El País* América.

Licenciado em Filologia Hispánica pela Universidad Complutense de Madrid.

Mestre em Jornalismo pela Escuela EL PAÍS – Universidad Autónoma de Madrid.

Como é o diálogo entre as redações do *El País*, especificamente com a redação do Brasil, e como é o processamento das colunas de Eliane Brum desde o México?

Las vías de comunicación entre las redacciones de *El País* en Madrid y en México con la de Sao Paulo son las habituales: Mail, Whatsapp, Slack, teléfono celular y fijo. A través de esos medios los responsables de la edición intercambian previsiones informativas, sean noticias urgentes, entrevistas, reportajes o tribunas de opinión, etc, con los colegas de Brasil. Normalmente se establece una hora de recepción bien por el cierre del periódico, bien por su oportunidad de publicación en la web. Otras veces se solicitan las notas una vez que se ven publicadas en la edición correspondiente. Es un intercambio de ida y vuelta, que exige a todos seguir la actualidad del continente americano y particularmente de Brasil. Acerca de las

columnas de Eliane Brum, en el caso de América se publican con la periodicidad que ella publica, es decir, dos veces al mes.

Por que é interessante para o jornal contar com o tipo de abordagem de Eliane Brum, quer dizer, por que publicar este tipo de conteúdo também em outras edições do *El País*?

Porque Eliane tiene una escritura muy personal y su escritura es tan brasileña que trasciende las fronteras. Ella cuenta Brasil de una manera que ha conseguido interesar a mucha gente en otros países tratando temas que no suelen estar en la agenda convencional de los medios o de las columnas habituales que se leen en prensa. Las columnas de Eliane son originales y globales al tiempo que locales. Por otra parte, un periódico global como *El País* debe buscar nuevas referencias literarias y servir de puente entre diferentes culturas periodísticas.

Acredita que há uma demanda do público por textos mais aprofundados e de contextualização, mesmo na internet, onde alguns dizem que parece haver uma preferência dos usuários por leituras mais rápidas, por textos mais visuais?

Creo que hay demanda para textos de calidad fundamentalmente. Si un texto está bien escrito y es interesante no importa su longitud. Es más, muchas veces textos aparentemente muy largos y profundos tienen mayor éxito de público que otros más breves. En el periodismo anglosajón un texto largo (The Big Read como hace Financial Times, por ejemplo) se entiende como sinónimo de calidad. En periodismo las supuestas reglas tienen muchas excepciones.

Entrevista

28 de maio de 2015

Raquel SecoResponsável pela web do *El País* Brasil.

Licenciada em Jornalismo pela Universidad de Santiago de Compostela.

Mestre em Jornalismo pela Escola *El País*– Universidad Autónoma de Madrid.**O que pode dizer das colunas de Eliane Brum ao *El País* e de sua publicação nas outras edições do jornal?**

A gente conhecia a Eliane, sabia que escrevia colunas interessantes, a dúvida era se, pelo menos a minha dúvida, as pautas que ela escolhia iam conseguir transladar ela pra fora, nem sempre é tão fácil transladar uma coluna que é de interesse no Brasil para um espanhol, colombiano, argentino. Mas o jornal também tinha interesse em aproveitar o máximo possível das colunas da Eliane e depois a verdade é que os leitores aceitaram super bem, desde a primeira coluna a recepção dos leitores foi muito boa. Uma coisa interessante das colunas da Eliane é que são bem mais compridas do que textos no on-line. Existe um pensamento no jornalismo on-line de que o leitor não lê textos compridos, de que o tempo de atenção é mais limitado e com as colunas da Eliane na verdade a gente confirmou que não é assim. Agora não lembro qual foi o tamanho da maior coluna da Eliane que a gente já publicou, mas acho que seria umas 5000 palavras, que é algo muito, muito grande para o que a gente normalmente publica. Os textos no *El País* geralmente são no máximo de 1.500 palavras para uma reportagem normal, e no final de semana fica um pouco mais amplo. Mas eu pessoalmente achava um texto bem comprido para publicar na internet, e a gente confirmou que os leitores leem mesmo assim. Leem os artigos de 1000 palavras, mas também leem os de 5000 palavras.

Na verdade as colunas da Eliane, mais do que colunas, eu acho que são ensaios. Ela faz reportagens, ensaios, em que mistura colunas de opinião com reportagens, eu não conheço muitos colunistas que façam isso, que usam esse estilo. Eu acho que ela é bem inovadora. Eu não tenho uma referência de colunistas brasileiros com a repercussão da Eliane no exterior. No *El País*, temos alguns colunistas, cientistas políticos, políticos que escrevem colunas com a gente, mas não temos um como a Eliane

Nem todos os primeiros artigos eram traduzidos para o espanhol, a ideia era traduzir, mas sem uma ideia fixa, mas depois quando vimos que tinha interesse também fora do Brasil os artigos dela e que a gente conseguia traduzir, primeiro aqui na redação e depois com tradutores externos, aí foi que a gente começou a traduzir. Inicialmente demorávamos mais em traduzir, nós mesmos fazíamos na redação, era bem complicado porque os artigos da Eliane são bem compridos e às vezes são pautas bem brasileiras, em que não bastava só traduzir, mas também editar e acrescentar para que um espanhol ou um latino-americano que fala espanhol consiga entender. Então, no início era algo feito aqui na redação e depois conseguimos um tradutor fixo que trabalha na mesma equipe que traduz os textos para o português. Aí já começamos a demorar menos dias para publicar.

APÊNDICE C – Entrevista com investigadores da Espanha

Entrevista

29 de janeiro de 2017

Roberto Herrscher

Jornalista, repórter especializado em cultura, sociedade e meio ambiente.

Diretor do Mestrado em Jornalismo BCN_NY, organizado pela IL3-Universitat de Barcelona e pela Universidade de Columbia em Nova York.

Licenciado em Sociología pela Universidad de Buenos Aires e Mestre em Jornalismo pela Columbia University.

Autor dos livros *El arte de escuchar*, *Periodismo narrativo* y *Los viajes del Penélope*.

Como vê a presença de uma jornalista brasileira, no caso, Eliane Brum, na mídia espanhola, tendo textos traduzidos e publicados na edição Espanha e América do *El País*?

A mí me parece, hace mucho tiempo, antes de los años 2000, me dé cuenta que Brasil y América Latina, pero también pasa entre Portugal y España, son dos mundos que dialogan muy poco. Por eso me parece que en este caso, por ejemplo, la forma que Eliane Brum y *El País* están publicando las crónicas y las columnas es un paso importante y necesario, porque estábamos dando de espalda, el mundo de habla española y el mundo lusófono. Entonces eso es una de las cosas que me parecen importantes de este diálogo. Hay realmente poco conocimiento, pocas traducciones, estamos muy atrasados en la traducción de la llamada no ficción. Se traduce más o menos novelas, pero libros de crónica y de periodismo narrativo, muy poco.

Me parece que la traducción de textos es excepcional al periodismo. En general, el único idioma de donde hay una continua traducción de textos periodísticos es obviamente el inglés. Pero en otros idiomas es muy raro, muy excepcional que haya, en sobre todo con gente que cuenta historias. Hay, de vez en cuando, de grandes intelectuales, de políticos, tiene que ver con gente de poder o con grandes referencias intelectuales. Hay muy, muy poco de portugués. Por eso yo creo, que en todos los casos en que hay traducción de idiomas exóticos, y todos los idiomas son exóticos menos el inglés, tiene que ver con el lugar que tiene y con lo especial, o única o buena que es la voz de esta persona.

Yo tengo un capítulo en “Periodismo Narrativo” sobre Oriana Fallaci. Antes de internet, en los años 70, todos los diarios traducían la entrevista de Oriana Fallaci, y eso tenía

que ver con los temas y con los personajes que entrevistaba, pero principalmente tenía que ver con el prestigio, el saber... no era solamente qué dijo Kissinger, o Arafat, sino qué conversación hubiera con Oriana Fallaci. En cierta forma, en otra época, son mucho pocos los periodistas que son traducidos, y ahora hablo específicamente del caso de español. Solo de los pocos casos, podría mencionar a Kapunscinski. Es un caso extrañísimo de alguien que escribe en polaco. Ahora se han traducido mucho los libros de Svetlana Alexievich, de ruso, pero pasa exclusivamente porque, digamos, se lo merece, y de todos los premios Nobeles inmediatamente sacan publicaciones y, en muchos casos, lo suben mucho las ventas, es un momento. Con ella, lo creo que nosotros periodistas hemos adoptado como nuestra heroína, porque es muy buena. Esto fue un momento del Nobel y ahora nuevos libros de ella son traducidos y ya todos los leen, porque tienen que saber qué escribió el premio Nobel, sino por la calidad de su obra. Y con Eliane Brum yo creo que esta en este pequeño grupo de gente que es traducida y consumida en otro idioma, y que no es en inglés. Entonces eso é algo que me parece importante, de este diálogo que tiene a ver con la voz y el talento de Eliane, y que también me parece que es importante tu investigación, para avanzar este dialogo necesario.

O que pode dizer sobre as narrativas de Eliane Brum, quais são suas impressões?

Hay una cosa de ella, de que como viene de una tradición de periodismo narrativo en Brasil, de lo cual no sé mucho, pero, es muy interesante el tema y la forma como tiene sido recibida en España y en América Latina, como una voz importante de un lugar de dónde no venían voces así, narrativas y de no ficción. Y, sin embargo, Brasil es como un continente entero, es muy interesante para nosotros desde siempre. Yo no soy ningún experto, no hay estudiado para nada, pero, como un lector, me gusta y me atrae leerla. Nunca ha investigado para tener una opinión fundada o una clase sobre su obra. Pero me parece muy interesante como es reconocible para un lector de periodismo narrativo en español lo que ella hace. Son como caminos para léelos, pero tienen una forma de pensar y de mirar que impactan y que llegan.

A mí me llamo mucho a atención cuándo, en un congreso, alguien contó la forma como ella hace este otro tipo de periodismo. Seguramente no sé la historia, la anécdota. Era un acto político importante y ella se puse a contar a partir de una persona anónima. Me llamó atención porque hay dos ejemplos muy parecidos que yo pongo en el libro

“Periodismo narrativo”. Uno en la introducción, sobre un discurso de una periodista en Haití, que es una cosa muy conocida. Ella no va al funeral de un ministro... el chofer le dice que no le pueda llevar, que contracte a otro, porque él va al entierro del chofer del ministro. Del mismo atentado donde murió el ministro, murió el chofer. Entonces, ella le pide al chofer que la lleve al entierro de su amigo, el chofer, en un barrio pobre, y en barro, e allí empieza otra forma de mirar la realidad en Haití. Otra es la historia de Kapuscinski, el día que llegaron los zapatistas en México, en 2001. Y otra es la forma como describe Svetlana Alexievich, en la introducción de las Voces de Chernóbil. No es los acontecimientos que interesan, sino la vida. No los hechos, sino la vida que hay en los hechos, la vida de la gente.

O que pensa das relações entre jornalismo, narrativa e internet, em termos de resgate de profundidade, extensão dos textos e o próprio interesse dos leitores por esse tipo de conteúdo?

Desde el comienzo de la arte de la narración, la duración de los textos tiene que ver con el camino a que uno, como escritor o como periodista o como director de cine, invita al lector. Siempre ha habido caminos cortos y caminos largos. Es absurdo el pensar que el periodismo sólo puede ser corto. Yo creo que eso es una idea que impulsivas los gerentes y directores de marketing, que en su vida elegirán un texto periodístico corto. Yo creo que en el periodismo se aplica lo mismo que la ficción: hay ahí historias que se cuentan en dos páginas, y hay ahí historias que se cuentan en 600 páginas. Si lo que tienes es una historia de dos páginas, no hace ningún sentido extenderte. Pero hay ahí se antes vas decirme de quién vas a hablar y qué mundo me vas a abrir para que yo entienda y me transforme.

Tengo la impresión de que internet no cambia eso, porque también ahora la gente está leyendo textos más largo y libros, y vendo películas y series en la pantalla, ya que casi todo se puede consumir en la pantalla... Primero, las nuevas generaciones están dispuestas. No es que no leen a largo en la pantalla pero sí lo leen en una revista en papel o en un libro. Es que no lo leen. Y los que leen están dispuestos a leerlo en cualquier formato. Y depende del camino que uno le propone al lector. Si el lector dice ‘sí esto es un camino largo, pero yo quiero seguir hasta el final’, como pasa con los textos de Eliane, yo creo que no hay problema. El gran problema es la falta de confianza de los periodistas en que nosotros mismo hacemos, de los jefes, y el problema también

es la falta de dinero. En los nuevos medios digitales, no están en la limitación de páginas, o que sale más caro imprimir una revista con más página. Aquí cuesta lo mismo poner en una revista digital algo de mil caracteres o algo de diez mil. Pero el problema es que cuesta mucho investigar, viajar y acumular el conocimiento e información y un tiempo en que no estás escribiendo y editando eso, en vez de hacer otras cosas, y la nueva economía de los medios no paga eso. Entonces, las revistas digitales sienten que el público quiere textos largos, los encargan, pero no los paga. Y entonces lo que sales son cosas que son demasiado largas para la investigación que tienen que es poca, porque, obviamente como mucha plata, no es matemático, no es automático que se haga un texto muy bueno. Muchas veces, yo estoy viendo, y acabo en este momento de terminar de leer mil páginas del ganador del premio nacional de periodismo en Chile, que hay muchas cosas que son demasiado largas para la investigación que tienen...Se el trabajo de investigación, de escritura y sobre todo de edición te requiere un texto largo y bueno, lo se leería y no sonaría largo. Si tú piensas en los libros largos mejores que ha leído, no parecían demasiado largos, porque no podría dejarlos. Eso mismo tiene que pasar con una buena crónica.

E quanto ao gênero coluna e à possibilidade de conjugar diferentes formatos em um mesmo texto, como parece ocorrer nas produções de Eliane Brum?

Yo creo que hay algunos géneros que se llaman igual y que no tienen tanto problema de denominación y de descripción en distintas traducciones, inclusive en el mismo caso del idioma español. Pero hay otros, y columna es uno y crónica es otro, que son géneros que no significan lo mismo en todos lados. Yo creo que las columnas de Eliane se parecen un poco más a la tradición norte americana de la mezcla de crónica, opinión, explicación y ensayo, que a lo que es habitualmente columna. En España, la típica columna es muy cortita y tiene muy poco de lo que en América Latina se llama reporteria. Las fuentes son cosas leídas, no cosas reporteadas en la calle. En cambio, en caso de Eliane, yo creo que son más crónicas ensayísticas, basado en muchas de las cosas que yo he leído. Sus columnas no son como las típicas columnas españolas, y tal vez eso tiene de interesante, que ella viaja y cuenta sus viajes, y muchas veces son más do que en América Latina se identificaría como la crónica. Por ejemplo, dos de los principales y de los más famosos cronistas de América Latina, el mexicano Juan Villoro y el argentino Martín Caparrós, sus textos se llaman crónicas pero son como las

columnas de Eliane Brum, porque tienen mucho de mirada personal, de opinión, de contexto, junto con el relato de ir a un lugar y ver lo que pasa.

Por eso, en este sentido yo creo que, digamos, la apertura de *El País* a Eliane es paralela a la apertura de *El País* a los cronistas latinoamericanos. Incluir columnistas como Leila Guerriero, que está en el centro de la crónica latinoamericana, y ya viene dentro de esa introducción de América Latina, y es como la voz brasileña dentro de unas voces en *El País* de España, que vienen de Argentina o de México, o Colombia.

Porque leyendo Eliane Brum aquí, se nota que es una voz latinoamericana. Creo que la apertura a lo que hace ella viene también con la apertura que permite reconocer asuntos latinoamericanos. Es internet pero también es algo que en algunos círculos en las grandes ciudades ya existía, de una mirada hasta lo que pasa en Latino América. Siento que en España todavía obviamente se mira mucho Europa. Hubo un largo período donde España estaba entrando en Europa, entrando en Unión Europea, los primeros veinte años de la democracia en España eran mirar principalmente Europa. Y ahora yo siento que en siglo XXI hay tal vez una vuelta a mirar la América Latina. Ahora es un camino de ida y vuelta. Hay un interés, tal vez de los medios que publican cosas más culturales. Hay gente como ella que contribuye mucho a ese diálogo, con los pueblos de habla española.

Como está o cenário de jornalismo narrativo na Espanha atualmente? Há práticas que se podem comparar ao que faz Eliane Brum no Brasil?

Hay algo de esto, pero no hay mucho. Yo creo que lo más parecido es algo que hace un periodista que es poco conocido en Madrid, porque es Barcelona, y porque hay escrito en la Vanguardia, se llama Bru Rovira. Después, hay algunas cosas así, pero distintas con intentar entender hechos históricos desde las crónicas y los ensayos, y lo que hace Javier Cercas. Hay otro también, Gavi Martínez, esos son los que viven en Catalunya. En las últimas décadas, el diario que miraba como símbolo del periodismo más literario era *El País*, entonces hay un poco la idea de que los periodistas que hacen eso son solo los que están en este círculo, porque además *El País* tiene el editorial donde se publican, la radio donde se entrevistan, y el diario tiene su columna...Y de esos, a mí, como maestro de la forma de mirar de otra manera la realidad, los que me gustan, me gustan mucho Juan José Mijas, Antonio Muñoz Molina, Henri Gonzales... Ahora están

patrocinando en *El País* algunos jóvenes, que son como nuevos valores, y me parece que lo que hacen es principalmente Opinión.

El problema es que en el periodismo español, y todavía hoy, se supone que el camino de escribir con noticias duras, con una forma sin estilo, al escribir literario es el camino que va de la información a la opinión. Entonces, la idea es que se tu va a la calle, y cuenta lo que pasa allí, lo cuentas de una forma tosca, poco literaria. En cambio, si se tu pones a escribir cosas bonitas, literarias, es que no hay salido de tu escritorio, y juegas con las palabras y piensas, imaginas... Pero la carne básica del nuevo periodismo norte americano y de la crónica latinoamericana que es salir a la calle, mojarse con la lluvia, embarrarse los zapatos y escribir literario, aquí no. Él que sale a la calle es el joven que está empezando, que no sabe cómo escribir. Y, una vez que su estilo ya es reconocido, ya no sale más a la calle. Tal vez es una cosa simplista y cruel.

Entrevista

13 de fevereiro de 2017

Pedro Sorela Cajiao

Jornalista, colunista durante quatro anos no *El País* Espanha.

Professor Titular de Jornalismo na Universidad Complutense de Madrid.

Escritor de diversos romances, livros jovens, contos e ensaios, entre eles: *El sol como disfraz* y *El otro García Marquez, los años difíciles*.

O que pode contar de sua experiênciã como jornalista, incluindo seu trabalho como colunista no *El País*?

Más que periodista, yo me considero un escritor. Y mi trabajo como columnista en *El País*, además de reportero, camina en este sentido. De hecho, esa fue una larga lucha, yo creo que fue el primero que le permitirán hacer lo que llamo de periodismo literario. Como era al mismo tiempo periodista, escritor y profesor, yo siempre tuve la idea de que los periódicos tenían que tener dos cosas. Una forma de experimentación de nuevas formas, porque yo creo que las viejas formas están caducas y hay que renovarlas, la prueba es la crisis de credibilidad de los medios, como en Estados Unidos. Ayer, vi en las estadísticas que solo el 15% de la gente cree en la credibilidad de los medios. Entonces hay que reconquistar ese público con nuevas lenguajes, esa es una revolución que se está testando desde el pos Guerra Mundial. Pero, al mismo tiempo, tampoco caer

en lo que si entiende por el viejo periodismo literario europeo de toda la vida. Tiene que ser un híbrido. En que consiste ese híbrido, ese es algo muy difícil de determinar. Yo creo que lo están haciendo muy bien en Latino América, es decir, escritores como Lela Guerreiro, como Juan Villoro, están intentando hacer. Lo que pasa es que el problema es de lenguaje, porque lo que los latinoamericanos llaman de nueva crónica, en España no es crónica, es decir, lo que los latinoamericanos llaman de crónica es lo que nosotros llamamos de reportaje, básicamente.

Lo que quiero decir es que tienen los periódicos que tener experimentación. Por ejemplo en mi experiencia como experimentador, desde el principio me dejaron libre. Yo dijo 'quiero un espacio en dónde contar las historias, incluso ficticias, incluso introduciendo metáforas, incluso introduciendo el rompimiento de la realidad pero para hablar de la realidad'. Y me dejaron hacerlo. Pero tan pronto me fue en el periódico y en cuatros años ya había llegado al topo, porque yo, como escritor, vi que, quisiera o no quisiera, en el periódico siempre había un techo, un techo en qué, cuándo está, no se podría romper. Y si tú eres un escritor novelista realista, en el periódico puedes hacerlo, pero si tú eres un escritor que reclama otros tipos de instrumentos, en el periódico ya no puedes estar. Y estar conviviendo con los dos lenguajes en la cabeza era muy difícil para mí. Entonces me terminé marchando, porque en mi espacio en *El País* lo terminaran publicando lo de siempre, que es el artículo de opinión. Dejó de ser un espacio de experimentación, de nuevos lenguajes, para siempre hacer artículos de opinión. Y básicamente esos nuevos narradores latinoamericanos, lo que están haciendo es información de toda la vida con un poco más de libertad formal. Yo creo que el gran desafío es ese, es decir, cómo hacer. Pero yo todavía creo que se tiene que ir más allá, hay que ir al símbolo, hay que ir al rompimiento de la realidad. Yo tengo una página en internet y, de vez en cuando, y yo voy a hacer más, escribo el tipo de contenido a que me refiero aquí, por lo que pasa es que lo puedo hacer eso en una página personal, pero no en un periódico. En mi penúltimo artículo, trato de una enfermedad contemporánea que es la incapacidad de ver el nuevo. Estamos tan acostumbrados a ver el tópico, todo se mueve por caminos tan trillados que ya somos incapaces de ver el nuevo, e eso ya no es más noticia. De eso trataba mi artículo, una reflexión por atrás de una metáfora.

Como vê o gênero coluna e pode indicar algum jornalista espanhol que se aproxime da prática de Eliane Brum?

Tradicionalmente, yo veo una gran diferencia, grosso modo, pero con excepciones, entre la tradición española y la tradición sobretodo norte americana. En Estados Unidos, las columnas son informativas, los periodistas son informativos. Por ejemplo, en el Washington Post, Paul Woodward, uno de los periodistas de *Watergate*, tiene una columna informativa dónde da información privilegiada, incluso tiene reporteros a su disposición. Entonces, la columna es ese espacio privilegiado para un reportero, para que dé información calificada, es como un periódico dentro de un periódico. En tanto que en la tradición española, grosso modo, es lo que Juan Marsé llamo de una escritura sonajero, que no importa mucho lo que diga, pero el importante es que suene. En España, la tradición es sobre todo de columnas sonora, en dónde al periodista no se le pide que dé información privilegiada, sino opinión. En España, creo que hay un periodista que se aproxima de ese estilo que me ha comentado, que es Pedro Simón, del diario El Mundo. Él tiene muy esos ojos a los alternativos, de la gente de la calle.

O que pode comentar sobre a internet e a relação do jornalismo com este novo ambiente, isto é, as mudanças na linguagem e na estrutura, as demandas do usuário?

Yo creo que Internet está ahí para quedarse, no hay forma de volver, eso está ahí, se acabó, y yo creo que todavía es muy pronto para sacar conclusiones sobre internet. Yo creo que está en proceso de transformación, y va a estar en proceso de transformación siempre. No soy técnico, pero sospecho que estamos en las orígenes de una revolución tecnológico cuyo final yo lo no veré y tú tampoco. Todos los días hay algo nuevo, e ese es un gran desafío para el periodismo clásico y contemporáneo, es decir, como adaptarse a eso, y por eso están cerrando medios en todas las partes del mundo. Al mismo tiempo creo que es una gran oportunidad, y se empiezan a ver luces de periódicos interesantes, estrictamente digitales. Por ejemplo, en España, creo que son interesantes el Español, el Confidencial, la Estrella Digital, periódicos que están haciendo ciertos ruidos.

Cuánto a los cambios generados por internet, la propia cuestión de la escritura y del interese del lector en la pantalla, yo creo que la pelea no está en internet, la pregunta está en los sistemas educativos, la pregunta está en los colegios. A mí me parece que no es que la gente no lea, pero que se está produciendo algo muy peligroso que es la desconexión entre palabra e idea. Este es un proceso bastante complejo. La conexión

entre la palabra y el concepto, eso se está perdiendo. Y también la capacidad de evocación de la palabra, es decir, que se vea la imagen evocada por la palabra.

Yo creo que los profesores, los colegios, la educación se han dejado comer la tostada, se han dejado ganar la partida por parte de internet. Todo el mundo quería adaptarse rápidamente al internet, y eso ha sido un pésimo negocio. Yo creo que es el colegio de donde hay que sostener el fuerte, dónde hay que mantener la conexión del estudiante con la palabra, con el pensamiento, con la imaginación. Yo soy profesor e veo como los estudiantes van teniendo cada vez más una mentalidad de clique. Y me vuelvo loco, me esfuerzo mucho en enseñarles que tienen que razonar, poner junto, que unir con el segundo, con el tercero y construir un discurso. Porque si no es clique clique. Lo que llamo atención es que es preciso conectar, entrelazar y formar un discurso. Entonces, la pelea no es en internet, la pelea es fuera de internet, es en las escuelas. Y en España esta pelea está completamente perdida. La gente no es consiente, el Ministerio de la Educación no es consiente. En España estamos en un proceso de atomización federalista, entonces cada región, los catalanes, los bascos, los andaluces, los galegos, hacen por su cuenta, tienen sus planos educativos, no hay un plan conjunto, no hay una integración, un desastre total. En mi facultad, lo que intento es mantener que los alumnos tengan un contacto, porque se está plegando algo muy grave. Creo que esa es una enfermedad contemporánea, la literalidad, que es una enfermedad típica de la sociedad de la imagen, completamente agravada por la civilización de internet. Lo importante actualmente es que se tenga likes.

Creo que eso es completamente peligroso para el periodismo. Cuando veo que la tercera noticia de la portada de un periódico es 'Fulanito de tal respondió...' o la crónica política reproduciendo los tuítes de los políticos, yo pienso 'No, hombre no', es una crónica sobre política, no los likes. Lo que quiero decir es que no hay investigación, hay una especie de rendimiento, de redención, porque los periodistas por su vez están interesados en likes, y los periódicos están pidiendo que tengan cuentas en twitter, y que tengan seguidores...la batalla no es esa. La gente quiere carne, quiere densidad, no lo quiere tonterías. Creo que hay que apostar por eso.

E quanto à formação acadêmica dos estudantes nas faculdades de jornalismo?

Lo cerraría la facultad de periodismo, porque es muy mala y está hecha de profesores interesados en dar historia, filosofía, economía... Yo creo que el periodismo debería ser

un máster, después de una licenciatura de lo que sea, lo que hacen muchos periódicos, de alguna manera, que es sobre la base de alguna licenciatura, en historia, en idioma, en derecho, en matemática o en medicina, uno o dos años de formación periodística. El oficio se aprende, lo importante son los libros que tienen abajo, son lo que hay estudiado. En España, los grandes periódicos tienen sus propios másteres y contratan gente que ellos han formado, aún que actualmente casi no contraten. El escenario periodístico es terrible.

Tem algo a dizer sobre a mirada do *El País* à América Latina e ao Brasil?

La edición brasileña no conozco en absoluto, pero conozco algo de la edición mexicana porque estuve indo al México en la época en que la apuesta era México, hace veinte años. Lo que puedo decir es que el simple hecho de un periódico de genética, de estructura, de esqueleto extremadamente europeo como *El País* llegar en América ya es una revolución, porque son dos modos de hacer periodismo completamente distintos, incluso el formato del periódico, la forma de determinar las noticias...ya en sí mismo es una revolución.